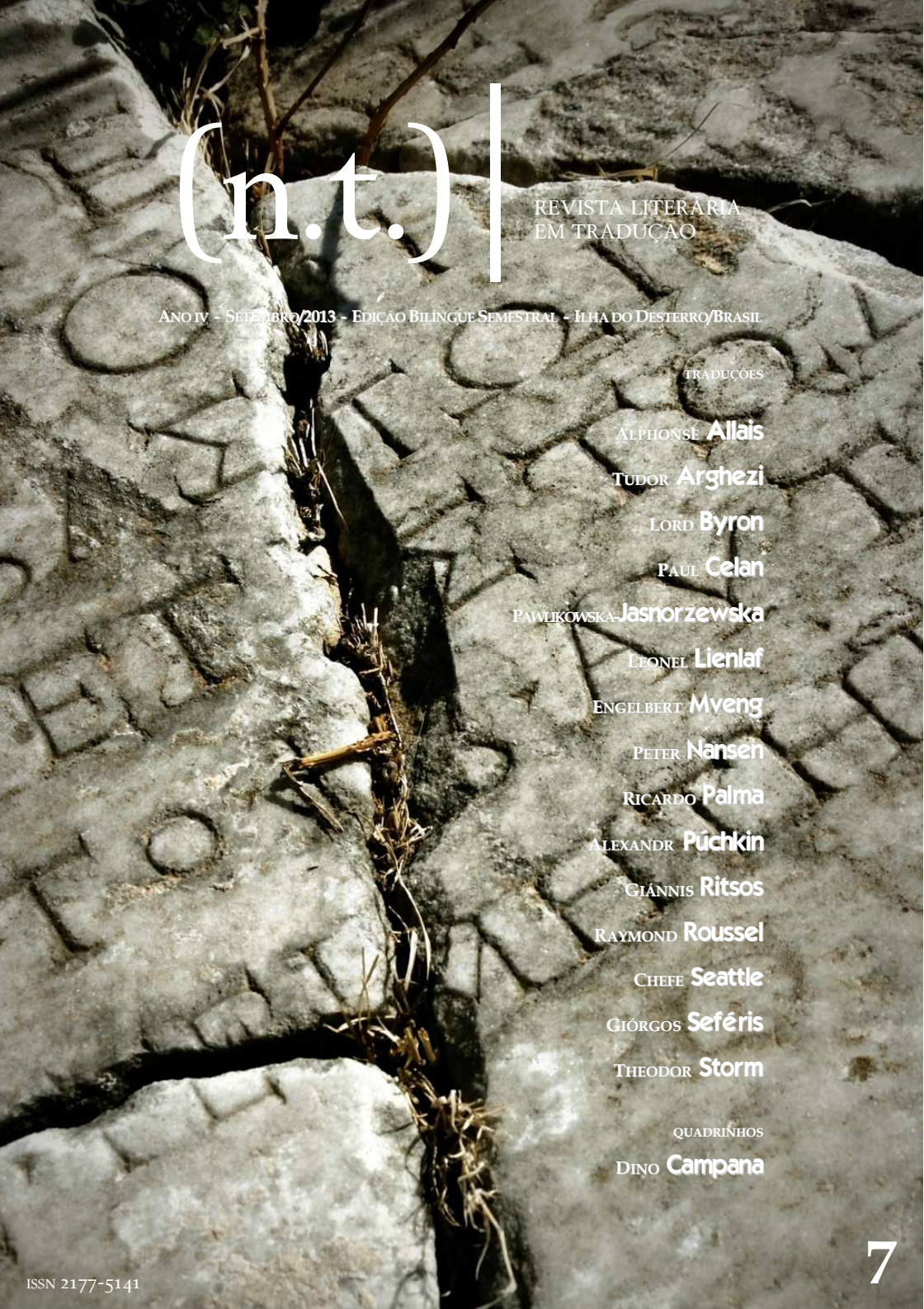


(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO IV - SETEMBRO/2013 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - ILHA DO DESTERRO/BRASIL

TRADUÇÕES

ALPHONSE **Allais**

TUDOR **Arghezi**

LORD **Byron**

PAUL **Celan**

PAWLIKOWSKA-**Jasnorzewska**

LEONEL **Lienlaf**

ENGELBERT **Mveng**

PETER **Nansen**

RICARDO **Palma**

ALEXANDR **Púchkin**

GIÁNNIS **Ritsos**

RAYMOND **Roussel**

CHEFE **Seattle**

GIÓRGOS **Seféris**

THEODOR **Storm**

QUADRINHOS

DINO **Campana**

ISSN 2177-5141

7

tradução
μετάφραση
ترجمه
ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
ითარგმნა
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canɟı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 4, n. 7, set. 2013
Multilingue
Editada por Gleiton Lentz
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Calaméo; Dropbox; Scribd
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

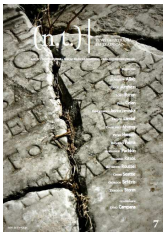
Indexada no Latindex e Sumários.org
Licenciada na Creative Commons

INTRO

“Tive um sonho que em tudo não foi sonho!”

Lord Byron

EDITORIAL



www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

ASSISTÊNCIA E CONSULTORIA
Fedra Hinojosa

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

AGRADECIMENTOS
[originais e fac-símiles]
Gallica Bibliothèque
Biblioteca Nac. de Portugal
Ed. Cultura & Barbárie

[diretos de tradução]
Leonel Lienlaf

Desde o século XIX, historiadores e linguistas, através da observação de similaridades e diferenças sistemáticas entre vários idiomas que se desenvolveram no Vale do Indo e na Europa continental, têm buscado encontrar uma origem comum para as línguas indo-europeias que, segundo estudos recentes, se originaram de um mesmo idioma conhecido como protoindo-europeu, denominado PIE. Falado por volta de 4500 a 2500 a.C., por um povo que viveu nas estepes ao norte do Mar Negro até o vale abaixo do rio Danúbio, dele não se conservou registro escrito, sendo incluso sua pronúncia desconhecida. Tal constatação, de um hipotético ancestral linguístico, levou ao questionamento sobre qual teria sido o seu som.

No intuito de elucidar o parentesco entre as línguas e sua evolução, em 1868 o linguista alemão August Schleicher (1821-1868), com base no vocabulário protoindo-europeu, compôs uma fábula chamada "As ovelhas e os cavalos", também conhecida como a Fábula de Schleicher, na tentativa de reconstituir sua pronúncia fonética. Desde então, outras versões surgiram, já que o experimento iniciado por Schleicher é progressivo e a fábula periodicamente revista, o que permite uma compreensão sempre atualizada de como teria sido o som desse extinto idioma. E como existe um desacordo entre os estudiosos acerca das origens do PIE, nenhuma versão, de fato, é considerada definitiva, embora cada nova que surja se baseie nas informações mais recentes sobre sua reconstrução, resultado de um século e meio de estudo.

Entre os linguistas atuais, encontra-se o professor do Dep. de Linguística da University of Kentucky, Andrew Byrd, que recentemente apresentou sua versão de um texto traduzido ao protoindo-europeu. A gravação, publicada este ano na versão online da revista americana *Archaeology*, oferece-nos uma ideia de como nossos antepassados possivelmente falavam há cerca de seis mil anos. Byrd apresentou também sua versão para "O Rei e o Deus", outra parábola em protoindo-europeu criada pelos linguistas Eric P. Hamp (1920) e Subhadra Kumar (1939-2009) em meados dos anos 1990, reconstruída a partir do *Rigveda*, uma antiga coleção de hinos em sânscrito védico que, presume-se, teria preservado registros da tradição oral que datam do 2º milênio a.C

Foi a partir dessa *proto*língua que se originou uma centena de idiomas e dialetos, entre os quais, o grupo helênico, que inclui o grego, cujo alfabeto surgiu independente das escritas lineares minoicas e a partir de uma variante semita, seguido das línguas itálicas, incluindo o latim, cujo alfabeto evoluiu a partir do grego, mas antes do alfabeto etrusco, e, por fim, seus descendentes, as línguas românicas, em cujo grupo se encontra o português, surgido por volta do VIII e desenvolvido a partir do século XI.

E para ilustrar esse processo histórico, nada mais pertinente que apresentar uma seleção de poetas e escritores traduzidos ao português que, no conjunto, representam doze idiomas distintos, de diferentes ramos linguísticos, e que compõem o presente número da (n.t.).

Iniciamos a seção de abertura “Poesia Seleta” com o poeta mapuche Leonel Lienlaf e a seleção trilíngue *A nova saída do sol* | *We Tripantu*, tradução de Alexis Mariel Vidal Cabezas, seguido pelo poeta grego Giórgos Seféris e o poema *Solstício de verão* | *Θερινό ηλιοστάσι*, traduzido por Théo de Borba Moosburger; o russo Alexandr Púchkin e seus *Três poemas de amor* | *Три поэмы о любви*, tradução de Oleg Almeida; o camaronês de escrita francesa Engelbert Mveng, com A *Oferenda* | *L'Offrande*, tradução de Pablo Simpson; a polonesa Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, na seleção *A amante do piloto* | *Kochanka lotnika*, tradução de Olga Kempińska; e o romeno Tudor Arghezi, em *Testamento e outros poemas* | *Testament și alte poezii*, tradução de Raul Passos.

À continuação, na rubrica “Drama”, Miguel Sulis traduz o escritor grego Giánnis Ritsos e o poema dramático *Ismene* | *Ισμηνη*, enquanto Fernando Klabin, nas páginas da “Prosa poética”, traduz o romeno Paul Celan, na seleção intitulada *Dimensão romena* | *Dimensiunea românească*, e Luciano Dutra verte o dinamarquês Peter Nansen e o poema em prosa *O diário de um apaixonado* | *En forelskets dagbog*. Já em “Crônicas”, apresentamos *Três tradições peruanas* | *Tres tradiciones peruanas*, do escritor Ricardo Palma, na tradução de Ademir Demarchi.

Em “Contos & excertos”, iniciamos a seção com os franceses Alphonse Allais, na seleção de *Histórias gatonegrescas* | *Histoires chatnoiresques*, tradução de Fedra Rodríguez Hinojosa, e Raymond Roussel, na tradução do 5º capítulo do romance *Locus Solus*, vertido por Fernando Scheibe. Depois, apresentamos o conto *Quando as maçãs estão maduras* | *Wenn die Äpfel reif sind*, do escritor alemão Theodor Storm, tradução de Greice Bauer; o Sūtra do Sábio e do Tolo | ༎མཛངས་བླུན་ཞེས་བྱ་བའི་མདོ༎, traduzido por Giuliano Proença; e a *Oratória ameríndia: discursos para a sobrevivência* | *Amerindian Oratory: speeches for survival*, seleção de textos com Chefe Seattle, Casaco Vermelho e Urso em Pé, na tradução de Scott Ritter Hadley.

Na seção “Memória da tradução”, republicamos, ao lado dos respectivos originais, as célebres traduções de Castro Alves inseridas no volume de poesias *Espumas Flutuantes*, de 1870, e que incluem poemas de Byron, Victor Hugo e Abigaíl Lozano. E na seção de encerramento, Aline Daka apresenta o quadrinho literário ambientado em Bolonha, “A jornada de um neurastênico”, baseado no homônimo poema em prosa do *maudit* italiano Dino Campana, traduzido por Gleiton Lentz.

Por fim, deixamos o leitor à presença dessas muitas vozes literárias que reclamam não só épocas e cosmovisões distintas, mas também idiomas e raízes distintas, das expansivas línguas românicas às geograficamente apartadas, como o tibetano e o mapudungun. E se se confirma que a maioria desses idiomas possui um antepassado linguístico comum, como é o caso do protoindo-europeu, saberemos, então, que parte dessas vozes literárias que ecoam no nosso presente foram, desde sempre, o legado daquele mesmo hipotético idioma outrora falado por nossos ancestrais, e em cujo cenário a tradução sempre representou a ponte. Assim, os ciclos parecem se cumprir, pois enquanto uma época se *transmuta* em outra, uma língua *traduz* a outra.

Boa *leitura* e *literatura* sem fronteiras! ■

Os editores

Desterro, novembro de 2013.

(n.t.) | 7º

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados aos autores e tradutores.

Licenciada na Creative Commons, Licença Internacional 3.0

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

A nova saída do sol | We Tripantu . . 09
texto de Leonel Lienlaf
tradução de Alexis Mariel Vidal Cabezas

Solstício de verão | Θερινό ηλιοστάσι . . 49
texto de Giórgos Seféris
tradução de Théo de Borba Moosburger

Três poemas de amor | Три поэмы о любви . 78
texto de Alexandr Púchkin
tradução de Oleg Almeida

A Oferenda | L'Offrande 87
texto de Engelbert Mveng
tradução de Pablo Simpson

A amante do piloto | Kochanka lotnika . . 98
texto de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska
tradução de Olga Kempińska

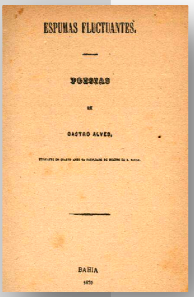
Testamento e outros poemas | Testament și alte poezii . 127
texto de Tudor Arghezi
tradução de Raul Passos

DRAMA
DRAMA
DRAMA

Ismene | Ισμηνη 141
texto de Giánnis Ritsos
tradução de Miguel Sulis

PROSA
PROSA
PROSA

Dimensão romena | Dimensiunea românească . 181
texto de Paul Celan
tradução de Fernando Klabin


ESPUMAS FLACTUANTES.

POESIAS

DE

CASTRO ALVES.

BAHIA

MEMÓRIA DA TRADUÇÃO

Traduções de *Espumas Flutuantes* . 317
textos de Lord Byron, Victor Hugo e Abigaíl Lozano
tradução de Castro Alves

O diário de um apaixonado | En forelskets dagbog . 190
texto de Peter Nansen
tradução de Luciano Dutra

CRÔNICA
CRÔNICA
CRÔNICA

Três tradições peruanas | Tres tradiciones peruanas . 201
texto de Ricardo Palma
tradução de Ademir Demarchi

CONTO
CONTO
CONTO
CONTO
CONTO

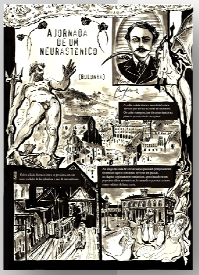
Histórias gatonegrescas | Histoires chatnoiresques . 216
texto de Alphonse Allais
tradução de Fedra Rodríguez Hinojosa

Locus Solus (Capítulo V) | **Locus Solus** (Chapitre V) . 243
texto de Raymond Roussel
tradução de Fernando Scheibe

Quando as maçãs estão maduras . . . 275
Wenn die Äpfel reif sind
texto de Theodor Storm
tradução de Greice Bauer

Sūtra do Sábio e do Tolo | ||མཛངས་བླུན་ཞེས་བྱ་བའི་མདོ|| . 286
texto (*jātaka*)
tradução de Giuliano Proença

Oratória ameríndia: discursos para a sobrevivência . 297
Amerindian Oratory: speeches for survival
textos de Chefe Seattle, Casaco Vermelho e Urso em Pé
tradução de Scott Ritter Hadley



QUADRINHOS

A jornada de um neurastênico . 337
La giornata di un nevrastenico
texto de Dino Campana
quadrinhos de Aline Daka
tradução de Gleiton Lentz

INDEX 349

poesia seleta

(n.t.)|Bolonha

A NOVA SAÍDA DO SOL

LEONEL LIENLAF

O TEXTO: A presente seleção de poemas foi extraída a partir dos dois primeiros livros do poeta mapuche Leonel Lienlaf. Ligadas fortemente à oralidade, são canções-ponte que formam uma única estrutura bilíngue acoplada, em *mapudungun* e espanhol, mediante as quais o poeta busca refletir sobre o fogo, os sonhos dos ventos entre as araucárias, os sussurros entre as montanhas e os sinais de seus antepassados. Expressa liricamente as raízes de uma realidade mapuche anunciando, ao mesmo tempo, essa mesma realidade em espanhol.

Textos traduzidos: Lienlaf, L. *Pewma dungu/Palabras soñadas*. Santiago: LOM, 2003; e *Se ha despertado el ave de mi corazón*. Santiago: Universitária, 1989.

Agradecimentos: ao poeta Leonel Lienlaf, pela concessão dos direitos de tradução.

O AUTOR: Leonel Lienlaf nasceu em 1969, na comunidade de Alepue, atual Chile. Faz parte de uma geração de poetas bilíngues que escrevem simultaneamente em *mapudungun* e espanhol, autor dos volumes *Se ha despertado el ave de mi corazón* (1989) e *Pewma dungu/Palabras soñadas* (2003) e tradutor da antologia *Voces Mapuche/Mapuche Dungu*, editada pelo Museu de Arte Pré-colombiana de Santiago do Chile, em 2002. Dedica-se à pesquisa de temas relacionados à cultura mapuche, especialmente à literatura oral, além de ter participado como roteirista e narrador em uma série de documentários sobre conflitos mapuche. Seus poemas já foram traduzidos para o sueco, catalão, francês, inglês e alemão.

A TRADUTORA: Alexis Mariel Vidal Cabezas nasceu em Alto Palena, Chile. É estudante de linguística da Friedrich-Schiller Universität, em Jena, na Alemanha. Formada em Letras e Literaturas Alemãs pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente escreve seu trabalho de mestrado sobre Lexicologia e lexicografia bilíngue.

Contato: alexismariel@gmail.com

WE TRIPANTU

"Ayeken kümemew... feley ta ñi mongen,
feley ta ñi nütram, fewla umagtuan."

LEONEL LIENLAF

CHOLKIÑMANGEY ÑI FURI

Küla ruchi küpay malon,
küla ruchi inanentufi-in,
welu feula ka küpay,
pepi kewatulayayin
pu winka tralkatumkey.

Llumiyin inche mawida,
kalli amupe iñ piuke
wenu mapu umagtualu,
kalli umagtuple wanglenmew
kom tüfachy mapu.

We kanchatufuy ñi kuwü
alün tralka kontupaeiñmew
tungey ñi fücha casikeyem
ka inchin wülelngeiñ.

Cholkiñmangey ñi fury
katrüñmangey ñi lonko
iñ fücha wapo casikeyem

ka banderanmangey
ñi trülke-fury
ina ñi lonko
koriontukuñmangen.

Amuleiñ ngümanmew piukemew
iñ mollfüñ witruwey mapumew,
müchayke wüñokintun
ñi koriontukunielchy lonko,
epechy dungualu trokifiñ
wüelu ñiküfkülen amuley.

MANKEAN ÑI DUNGU

Kuifimelmu
nagpay ñi namun
tüfachi kuramew
kompay ñi ül kürüfyengu.

Anükünowün kachill lafken,
adkintuenew rayen kura,
rofüluwiyu.

Dakin ñi piuke,
adkünon ñi lonko
Kúme lelituam nagün antü,
ka püram wanglen.
Umagtuken
lafken pewmamu ina nepeken
challwa nepenmu.

Ayeken kümemew,
ngümaken mawünmew
feley ta ñi mongen,
feley ta ñi nütram,
fewla umagtuan.

WENUMAPU LEUFÜ

Wenumapu leufü
umagtuy rangin rüpü
kallfüwenu leufüko
witru-witrungey.
Feymew füchakecheyem
ka müñetukey tüfachi mapu
ñi lifkomew,
wenuko
kiñe alengechi trafuya,
kiñe chokon trafuyamew.

Ti leufü umagkünowi
Wenumapu leufü kanchatumekey.

MÜLEN

Mülen ülkantun güñüm-reke
anülen kürüfmew
gürkentun rayenkechi,
koreke amulen
tüfachi mongen leufümew
chumechi ñi trüfkün
ñi piuke amulen,
trefkün mongen femngey.

Pewmangen
kuifike pülli tüfamew umagtulu
ñi füchakecheyem ñi pewmangen
rakiduamünmu umagtulu
wüñoael kiñe antü
tüfachi aiñ mapumew
fey anüy doy ayeple wanglen,
miawi kake rüpü püke,
fey kimi chew ñi miawün.

RÜPU

Lefün wenuntumeael
ñi füchake cheyem
ñi ñamkülechi dungu.
Kuyem-mew,
mawidamew,
allkü-ngenochi dungu allküfin
gürken piukeme w
llegpachi antümew
ñi krüf-ngeam pülli
wech-wechngechi dungumew.

Lefün wenuntumeael ñi pewma
ñi piuke ñi pewma
ñi küme neyen-ngeam
tüfachi mapumew.

KA-WÜN

Kiñe aliwen ñi newen
ñi newenuwi
aliwen-uwen inche.
Kimün wüla
chemew ñi llaskülen.
Ngüman ina ñi chaninmew
ñi folilmew.
Kiñe epe-lalechi güñüm
umagtumekey ñi ruwmew
kürüf lelitupefilu
ñi patrigülmaetew
ñi müpü.
Inche aliwen-uwen
aliwen-ngefuy ñi newen.

PEWMA

Trafuya pewman
ngürü wanküyawün
inche ruka
¿chumyawimi ngürü? – pifin
welu ad elulaenew
wankümu ta llumi.

¿chemew llumimi ngürü?
wirarütufin
wac wac pienew
ina lef nepen
wekun lifmekerkefuy ta wün

Alüpu
kiñe ngürü trokifiñ
ngümayawi
mawidantuple.

BAILE SAGRADO

Wüñoy lafken
wenuntuwi tren-tren lelfunmew
wente kura
elmey ñi dungu

Pürumekey
wenu filu
Küyen pürun

Nagmapu
pürumekey lafken
Kay-kay pürun nentuy

Deuma gütrüfnaküm-uwtuy
antu
Alüpu
ka mapupüle
Kalfukura
Pewmayawi.

MANKEAN

Alú mapu wallomen
kiñe adngenochi kurra dunguenew,
anülefuyu
kiñe fücha winkulmew trokifun

feynga pefiin
rüpu reke nagnagngey
kurüke filu
inaw inawi yengün
Apokony lafkenmew yengün
– Wüdayalu mapu –
pinmu nagi yengün

Lladkün nepen ta lamngen
feinew
adkintulepan fachi
lafkenpüle.

PALIN

Leliturkey pu manke
nagün antü
wente pewen
ina ti kürüf
Küpalerkey ñi düngu
ñi müpun düngu

Pürumerkey pu alwe
aliwen triwe püle
kachill trayen mülelu
Machi pewmarkey anay
pürumeken tromu
wente ñi wecharuka

Ketranmew ta
pilkun kürüf
kewañmakefi
willi kürüf
ñi pewma.

NGILLAÑMAWÜN

Ale pelon kontupaenew
fachi lifkelechi punmew
we nenetun ñi dungu
ñi kompayam ñi pülli

lien ka keluntukuwmu
fürenmanienew ñi ad
chumafun
kay nga nienoli küme takue
chumafun ngepe
piutufuy ñi piuke

Femechi ta witralepan
fücha pun ta ni ad lelituam
kuifike kona
chew lelituwlu
feichimu witralepan
rangi pun may pu lonko
eimún ta wenu mapu
umgtulelu
eimün may
witranpüramayan ñi piuke
ka ñi pewma
pipingepan rel tachi pichi ko
mongen ko ta pikefuimün
mongelmuan ñi pülli
güñümreke ta lelituan
kom fachi mapu
ka dünguafin ta ngürü
kelluaenew ñi rupumew

küla piuke nga nietuan
fachi rangipunmew
pingepan nga
wenu mapu lelfün pu lonko.

WE TRIPANTU

Kuifitulen ta leufü,
nepelkeinmew tachi liwen,
wünotualu antü
kiñe trekan achawüll tuwalu –
pikey pu che
wuñoalu antü, wuñoalu antü
ülkantunmu nagpay trayen

Trayen ñi ülmew
allkütukefi-in ñi füchake-cheyem ñi ñütram.
Feyengün ñi pülli nepelpake-inmew fachi wariamew.
Mongelein petu-weripantu akuy
mongelein petu!
wirarümekei fachi wariamew

Kachill kütral tayül-tumekey machi,
ko-reke füch kullmaenew ñí piuke,
rehuemew foye lelituenew.
kuifike che ñi pülli
pürupürungey wente Kütral.

Nepemüm nepemüm
wirarümekey chucao trayenmew.
Küpaley wün, Küpaley wün
wirarünmu miawi walfemew tregül.
Trayenmew witrukoumeayu papai
ngenko liftuay iñ wedake pewma.

WE TRIPANTU

"Es así mi existir, es así mi palabra
y las aguas me continúan cantando."

LEONEL LIENLAF

LE SACARON LA PIEL

Tres veces vino el malón
tres veces lo rechazamos
pero ahora viene otra vez
y no podemos luchar.
El winka está disparando.

Escondámonos debajo de la montaña
y que se vaya nuestro espíritu
a dormir sobre la tierra
y que sobre las estrellas
se duerma todo este campo.

Cuando recién descansaba mi mano
muchas armas nos rodearon
tomando a nuestro Cacique
mientras a nosotros nos golpeaban.

Le sacaron la piel de su espalda
y le cortaron su cabeza.
¡A nuestro valiente Cacique!

y la piel de su espalda
la usaron de bandera
y su cabeza me la amarraron a la cintura.

Vamos llorando y nuestra sangre
riega la tierra.
De rato en rato bajo la mirada
a la cabeza que llevo en la cintura
y me parece que ya va a hablar
pero continúa en silencio.

EL SUEÑO DE MANKEAN

Hace muchos pasos atrás
(cuando estos años aun no se soñaban)
bajaron mis pies en un segundo.
Bajaron un día
con el suave canto de la brisa
a buscar el beso de la piedra.

Cerca de la madre de las aguas
me miró la piedra en flor
y en el choque incesante de las olas
me abrazó su espíritu.

Acaricié entonces mi corazón
y encendí con fuego mi camino
para vigilar el sueño del sol
y el baile de las estrellas.

Mi risa es el sol del mediodía,
mis lágrimas las vertientes,
mi dormir es el descanso del amor
y mi despertar la vida de los peces.

Es así mi existir,
es así mi palabra
y las aguas me continúan cantando.

EL RÍO DEL CIELO

El gran río del cielo
se ha dormido a la mitad del camino
y en sus aguas se refrescan
las almas de mis antepasados.
En el río del cielo se baña la tierra;
en sus aguas claras,
aguas altas,
en una noche constelada, con luna,
o en una noche de frío.

El río se ha quedado dormido,
está descansando,
esperando las aguas de nuestras almas.

El gran río del cielo duerme y me espera.

ESTOY

Estoy suspendido en el aire
como el canto de los pájaros
como el olor de las flores
que llena los espacios.
Voy como agua
por este río de vida
hacia el gran mar de lo que
no tiene nombre.

Yo soy la visión
de los antiguos espíritus
que durmieron en estas pampas.
Soy el sueño de mi abuelo
que se durmió pensando
que algún día regresaría
a esta tierra amada.
Él se fue de viaje
más allá
del horizonte de los sueños.

CAMINO

He corrido a recoger en las llanuras,
en la playa,
en la montaña,
la expresión perdida de mis abuelos.
He corrido a rescatar
el silencio de mi pueblo
para guardarlo en el aliento
que resbala sobre mi cuerpo
latiendo,
haciendo vibrar mis venas
sobre el sol que se levanta
sobre las altas cordilleras
para que el espíritu sea viento
entre el vacío de las palabras.

He corrido a recoger el sueño
de mi pueblo
para que sea el aire respirable
de este mundo.

TRANSFORMACIÓN

La vida del árbol
invadió mi vida
comencé a sentirme árbol
y entendí su tristeza.
Empecé a llorar por mis hojas,
mis raíces,
mientras un ave
se dormía en mis ramas
esperando que el viento
dispersara sus alas.
Yo me sentía árbol
porque el árbol era mi vida.

PEWMA

En mis sueños de anoche
un zorro
cantaba bajo mi casa
¿Qué haces ahí?
le preguntó mi voz
detrás de su canto
me ocultó su rostro.

¿Por qué te escondes?
le grité desde mi cama
wac wac
fue su respuesta.

Desperté sobresaltado
afuera
el día comenzaba a dibujarse.

Lejos oí,
un zorro me pareció
llorar por las montañas.

BAILE SAGRADO

El mar ha vuelto
elevándose gruesa
sobre el solitario cerro tren-tren
y sobre las piedras
va dejando su palabra

Bailan las culebras,
allá arriba
esperando a la luna,

Bailan las olas allá abajo,
esperando el rocío de kai-kai.

Y el sol cae pesado
sobre su espalda

Tras la hilera de piedras
Kalfukura sueña.

MANKEAN

Recorrí muchos lugares
buscando el secreto de la tierra
me contaba en mis sueños
una piedra sin rostro.

Sentados
sobre una gran montaña
mirábamos.
Caminos de culebras negras
iban cayendo hacia el mar

por eso desperté triste hermana
y he venido hasta esta playa
a caminar
sobre las olas.

PALIN

Los ojos de los manke
miraron el atardecer desde las araucarias
y el viento de la noche
trajo su aleteo sobre el campo de juegos
Saltan los espíritus
sobre los laureles del estero.
Mientras la gran machi canta,
las nubes
bailan sobre su casa

Afuera entre las siembras
el viento norte
desafía los sueños del viento sur.

NGUILLAÑMAWÜN

En esta noche limpia,
esconde sus emociones
la luna
Me mira
detrás de la plata fría
porque recién he sacado mi palabra
para que entre mi espíritu.

Plata y colores de tierra
protegen mi corazón, mi alma
así estoy de pie
para ver el rostro de la noche profunda
donde se miraron los antiguos guerreros

En esta tierra raíz,
en esta media noche
donde mis pies reposan
grandes jefes,
ustedes que duermen en la tierra de arriba,
eleven mi corazón y mis sueños,
porque frente a sus esteros voy cantando.
Esteros
en que revivirá mi espíritu
para mirar como los pájaros
esta tierra
y los animales
recorrerán mi camino

En esta media noche
tendré tres corazones
estoy diciendo ya
grandes jefes de las pampas de arriba.

WE TRIPANTU

Hace años,
que el canto del río nos despierta
en este amanecer
y vuelve el sol
con sus pasos de gallo sobre los cerros

Sobre el rocío del canelo
mis antepasados vuelven
y a orillas del fogón
la machi escucha
el murmullo del viento
sobre el rewe

Despierten, despierten
grita el chucao desde la vertiente.
el amanecer – el amanecer
anuncian los treiles en el valle
ya es hora de cantar junto al agua papay.
Ngenko nos limpiará de los malos sueños.

A NOVA SAÍDA DO SOL

"É assim meu existir, é assim minha palavra
e as águas continuam cantando para mim."

LEONEL LIENLAF

TIRARAM SUA PELE

Três vezes veio o saqueio
três vezes o recusamos
mas agora vem outra vez
e não podemos lutar.
O *winka*[1] está disparando.

Escondamo-nos sob a montanha
e que nosso espírito vá
dormir sobre a terra
e que sobre as estrelas
este campo inteiro durma.

Quando minha mão recém descansava
muitas armas nos rodearam
tomando o nosso Cacique
enquanto nos batiam.

[1] Palavra usada para nomear os conquistadores espanhóis do séc. XVI que usurparam as terras dos mapuche. Designa também o chileno não mapuche; ladrão. (n.t.)

Tiraram a pele de suas costas
e cortaram sua cabeça.
Ah! Nosso valente Cacique!
E a pele de suas costas
usaram-na como bandeira
e sua cabeça amarraram-me à cintura.

Seguimos chorando e nosso sangue
rega a terra.
De tempos em tempos baixo o olhar
à cabeça que levo na cintura
e parece que ela logo vai falar
mas continua em silêncio.

O SONHO DE MANKEAN[2]

Há muitos passos atrás
(quando estes anos ainda não se sonhavam)
meus pés baixaram num segundo.
Baixaram um dia
com o suave canto da brisa
para buscar o beijo da pedra.

Perto da mãe das águas
a pedra em flor me olhou
e no choque incessante das ondas
seu espírito me abraçou.

Acariciei então meu coração
e acendi com fogo o meu caminho
para vigiar o sonho do sol
e a dança das estrelas.

Meu riso é o sol do meio-dia,
minhas lágrimas as vertentes,
meu dormir é o descanso do amor
e meu despertar a vida dos peixes.

É assim meu existir,
é assim minha palavra
e as águas continuam cantando para mim.

[2] Mito mapuche do litoral, com versões variadas, em que um jovem se torna pedra e um deus do mundo inferior, ou é levado para viver no fundo do mar enquanto seus parentes são compensados com toda sorte de frutos do mar. (n.t.)

O RIO DO CÉU

O grande rio do céu
dormiu na metade do caminho
e em suas águas se refrescam
as almas dos meus antepassados.
No rio do céu se banha a terra;
em suas águas claras,
águas altas,
em uma noite estrelada, com lua,
ou em uma noite de frio.

O rio dormiu,
está descansando,
esperando as águas de nossas almas.

O grande rio do céu dorme e me espera.

ESTOU

Estou suspenso no ar
como o canto dos pássaros
como o aroma das flores
que preenche os espaços.
Vou como água
por este rio da vida
para o grande mar do que
não tem nome.

Eu sou a visão
dos antigos espíritos
que dormiram nos pampas.
Sou o sonho do meu avô
que dormiu pensando
que algum dia regressaria
a esta terra amada.
Ele foi de viagem
mais além
do horizonte dos sonhos.

CAMINHO

Corri para recolher nas planícies,
na praia,
na montanha,
a expressão perdida dos meus avós.
Corri para resgatar
o silêncio do meu povo
para guardá-lo no alento
que desliza sobre meu corpo
pulsando,
fazendo vibrar minhas veias
sobre o sol que se levanta
sobre as altas cordilheiras
para que o espírito seja vento
entre o vazio das palavras.

Corri para recolher o sonho
do meu povo
para que seja respirável
o ar deste mundo.

TRANSFORMAÇÃO

A vida da árvore
invadiu minha vida
comecei a sentir-me árvore
e entendi sua tristeza.
Comecei a chorar por minhas folhas,
minhas raízes,
enquanto uma ave
dormia em meus ramos
esperando que o vento
dispersasse suas asas.
Eu me sentia árvore
porque a árvore era minha vida.

PEWMA[3]

Em meus sonhos de ontem à noite
uma raposa
cantava sob minha casa
O que fazes aí?
minha voz perguntou
detrás do seu canto
seu rosto me ocultou.

Por que te escondes?
da minha cama gritei
wac wac
foi sua resposta.

Despertei em sobressalto
lá fora
o dia começava a se desenhar.

Longe ouvi,
uma raposa imaginei
chorar pelas montanhas.

[3] Sonho; espírito que se manifesta em sonhos, para o bem ou mal de quem sonha. (n.t.)

BAILE SAGRADO

O mar voltou
elevando-se agitado
sobre o solitário monte *tren-tren*[4]
e sobre as pedras
vai deixando sua palavra

Dançam as cobras,
lá em cima
esperando a lua,

Dançam as ondas lá embaixo,
esperando o rocio de *kai-kai*[5].

E o sol cai pesado
sobre suas costas

Após a correnteza de pedras
Kalfukura[6] sonha.

[4] Montes mitológicos erguidos pela serpente da terra para salvar os mapuches dos ataques da serpente do mar, que provoca maremotos e cataclismos; deram origem ao arquipélago de Chiloé. (n.t.)
[5] A serpente do mar, animal mitológico que vive no fundo dos mares, inimiga dos homens, os quais busca exterminar fazendo subir as águas, e também de Tren Tren, a serpente da terra, aliada dos homens. (n.t.)
[6] Kalfukura (Pedra Azul) foi um grande *toki* ou chefe guerreiro mapuche que, ao unificar dezenas de caciques e tribos na região das salinas pampeiras, criou uma confederação indígena que durou cerca de 40 anos. (n.t.)

MANKEAN

Percorri muitos lugares
buscando o segredo da terra
contava-me em meus sonhos
uma pedra sem rosto.

Sentados
sobre uma grande montanha
olhávamos.
Caminhos de cobras negras
iam caindo em direção ao mar

por isso despertei triste, irmã
e vim até esta praia
para caminhar
sobre as ondas.

PALIN[7]

Os olhos dos *manke*[8]
viram o entardecer desde as araucárias
e o vento da noite
trouxe seu adejar sobre o campo dos jogos
Pulam os espíritos
sobre os louros do esteiro.
Enquanto a grande *machi*[9] canta,
as nuvens
dançam sobre sua casa

Lá fora entre a plantação
o vento norte
desafia os sonhos do vento sul.

[7] Jogo tradicional mapuche com finalidades religiosas ou desportivas, similar ao *hockey*. (n.t.)
[8] Condor (n.t.)
[9] Autoridade religiosa, conselheira e protetora, figura ritual encarregada dos assuntos espirituais na cultura mapuche. (n.t.)

NGUILLAÑMAWÜN[10]

Nesta noite limpa,
esconde suas emoções
a lua
Olha-me
detrás da prata fria
porque recém tirei minha palavra
para que meu espírito entre.

Prata e cores da terra
protegem meu coração, minha alma
assim estou de pé
para ver o rosto da noite profunda
onde se olharam os antigos guerreiros

Nesta terra raiz,
nesta meia-noite
onde meus pés repousam
grandes chefes,
vocês que dormem na terra de cima,
elevem meu coração e meus sonhos,
porque frente a seus esteiros vou cantando.
Esteiros
nos quais meu espírito reviverá
para olhar como os pássaros
esta terra
e os animais
percorrerão meu caminho

Nesta meia-noite
terei três corações
estou dizendo agora
grandes chefes dos pampas de cima.

[10] Espécie de *Nguillatun* ou rito de fertilidade, petição e agradecimento mapuche. O *Nguillañmawün* é coletivo, feito para solicitar o apoio de forças protetoras. (n.t.)

WE TRIPANTU[11]

Faz anos,
que o canto do rio nos desperta
neste amanhecer
e volta o sol
com seus passos de galo sobre as colinas

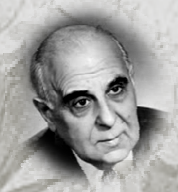
Sobre o orvalho da canela
meus antepassados voltam
e à beira do fogão
a *machi* escuta
o murmúrio do vento
sobre o *rewe*[12]

Despertem, despertem
grita o *chucao*[13] da vertente.
o amanhecer – o amanhecer
anunciam os *treiles*[14] no vale
já é hora de cantar junto à água *papay*[15].
Ngenko[16] nos limpará dos maus sonhos.

[11] A nova saída do sol ou o ano novo mapuche; ritual celebrado ao amanhecer do solstício de inverno austral; dia sagrado que marca o término e início de um novo ciclo. (n.t.)
[12] Árvore sagrada, símbolo da *machi*, onde repousam os espíritos. (n.t.)
[13] Ave característica da região sul do Chile, muito comum entre Valdivia e Chiloé; agoureiro dos viajantes, seu canto anuncia a sorte de quem o escuta. (n.t.)
[14] Uma das aves mais comuns em território chileno, conhecida também como *Queltehue* ou Quero-quero. (n.t.)
[15] Mulher anciã, termo respeitoso e carinhoso para se referir às mulheres. (n.t.)
[16] Espírito protetor da água, segundo a cosmovisão mapuche, na qual se distinguem vários *Ngenko*, os quais recebem nome e características específicas de acordo com o tipo de água que protegem; podem se transformar em pessoas, animais, pedras e plantas. (n.t.)

SOLSTÍCIO DE VERÃO

GIÓRGOS SEFÉRIS



O TEXTO: *Três poemas ocultos* (*Τρια Κρυφά Ποιήματα*) é a última obra poética publicada em vida por Seféris. Redigida em versos livres e editada em 1966 (cinco anos antes da morte do autor), é composta por três partes: "Sobre um raio de inverno" (*Πάνω σε μια χειμωνιάτικη αχτίνα*), "Em cena" (*Επί σκηνής*) e "Solstício de verão" (*Θερινό ηλιοστάσι*) – esta última aqui traduzida. Embora possam ser lidos de maneira independente, esses três poemas relacionam-se, constituindo um todo narrativo, por assim dizer. Caracterizam-se pelo recorrente uso de imagens míticas e pelo tom simbólico e, por vezes, pessimista da dicção poética de Seféris. Aqui se tem uma síntese magistral de sua poesia: o drama existencial em sua essência trágica, expresso com imagens atemporais e universais, e, não obstante, arraigadas na tradição grega.

Texto traduzido: Σεφερης, Γ. *Ποιήματα.* Αθήνα: Ίκαρος, 1998 (1974).

O AUTOR: Giórgos Seféris (1900-1971) nasceu na ainda predominantemente grega Esmirna (hoje İzmir, Turquia). Sua família mudou-se para a Grécia em 1914, antes da catástrofe de 1922, que marcou o fim do helenismo na Anatólia. Estudou direito e seguiu carreira diplomática. Sua obra é caracterizada por uma espécie de contemplação amargurada da ruína e por um constante sentimento de exílio (sentimento que marcou sua vida). Muitos o consideram um poeta difícil, mas, apesar disso, é notável a simplicidade formal de seus versos: é, talvez, um poeta impermeável ao discurso crítico. Influenciado pelo simbolismo francês, cultivou sua expressão nas entranhas do vernáculo neogrego, explorando, como poucos, as possibilidades do demótico. Ganhou o prêmio Nobel de literatura (1963).

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é tradutor e professor de grego (antigo e moderno) e islandês. Formou-se em Letras (grego clássico) pela UFPR e concluiu o mestrado em Estudos da Tradução pela UFSC, onde atualmente cursa doutorado. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e do islandês. Para a (n.t.) já traduziu *Elegias e Sátiras*, de Kóstas Karyotákis.

ΘΕΡΙΝΟ ΗΛΙΟΣΤΑΣΙ

"Στὸ γλυκοχάραμα τῆς μέρας εἶδα τὰ
χείλια ποὺ ἄνοιγαν φύλλο τὸ φύλλο."

_____

ΓΙΩΡΓΟΣ ΣΕΦΕΡΗΣ

Α΄

Ὁ μεγαλύτερος ἥλιος ἀπὸ τὴ μιὰ μεριὰ
κι ἀπὸ τὴν ἄλλη τὸ νέο φεγγάρι
ἀπόμακρα στὴ μνήμη σὰν ἐκεῖνα τὰ στήθη.
Ἀνάμεσό τους χάσμα τῆς ἀστερωμένης νύχτας
κατακλυσμὸς τῆς ζωῆς.
Τ᾽ ἄλογα στ᾽ ἁλώνια
καλπάζουν καὶ ἱδρώνουν
πάνω σὲ σκόρπια κορμιά.
Ὅλα πηγαίνουν ἐκεῖ
καὶ τούτη ἡ γυναῖκα
ποὺ τὴν εἶδες ὄμορφη, μιὰ στιγμὴ
λυγίζει δὲν ἀντέχει πιὰ γονάτισε.
Ὅλα τ᾽ ἀλέθουν οἱ μυλόπετρες
καὶ γίνουνται ἄστρα.

Παραμονὴ τῆς μακρύτερης μέρας.

Β΄

Ὅλοι βλέπουν ὁράματα
κανεὶς ὡστόσο δὲν τ᾽ ὁμολογεῖ·
πηγαίνουν καὶ θαρροῦν πὼς εἶναι μόνοι.
Τὸ μεγάλο τριαντάφυλλο
ἤτανε πάντα ἐδῶ
στὸ πλευρό σου βαθιὰ μέσα στὸν ὕπνο
δικό σου καὶ ἄγνωστο.
Ἀλλὰ μονάχα τώρα ποὺ τὰ χείλια σου τ᾽ ἄγγιξαν
στ᾽ ἀπώτατα φύλλα
ἔνιωσες τὸ πυκνὸ βάρος τοῦ χορευτῆ
νὰ πέφτει στὸ ποτάμι τοῦ καιροῦ –
τὸ φοβερὸ παφλασμό.

Μὴ σπαταλᾶς τὴν πνοὴ ποὺ σοῦ χάρισε
τούτη ἡ ἀνάσα.

Γ΄

Κι ὅμως σ᾽ αὐτὸ τὸν ὕπνο
τ᾽ ὄνειρο ξεπέφτει τόσο εὔκολα
στὸ βραχνά.
Ὅπως τὸ ψάρι ποὺ ἄστραψε κάτω ἀπ᾽ τὸ κῦμα
καὶ χώθηκε στὸ βοῦρκο τοῦ βυθοῦ
ἢ χαμαιλέοντας ὅταν ἀλλάζει χρῶμα.
Στὴν πολιτεία ποὺ ἔγινε πορνεῖο
μαστροποὶ καὶ πολιτικιὲς
διαλαλοῦν σάπια θέλγητρα·
ἡ κυματόφερτη κόρη
φορεῖ τὸ πετσὶ τῆς γελάδας
γιὰ νὰ τὴν ἀνεβεῖ τὸ ταυρόπουλο·
ὁ ποιητὴς
χαμίνια τοῦ πετοῦν μαγαρισιὲς
καθὼς βλέπει τ᾽ ἀγάλματα νὰ στάζουν αἷμα.
Πρέπει νὰ βγεῖς ἀπὸ τοῦτο τὸν ὕπνο·
τοῦτο τὸ μαστιγωμένο δέρμα.

Δ΄

Στὸ τρελὸ ἀνεμοσκόρπισμα
δεξιὰ ζερβὰ πάνω καὶ κάτω
στροβιλίζονται σαρίδια.
Φτενοὶ θανατεροὶ καπνοὶ
λύνουν τὰ μέλη τῶν ἀνθρώπων.
Οἱ ψυχὲς
βιάζουνται ν᾽ ἀποχωριστοῦν τὸ σῶμα
διψοῦν καὶ δὲ βρίσκουν νερὸ πουθενά·
κολνοῦν ἐδῶ κολνοῦν ἐκεῖ στὴν τύχη
πουλιὰ στὶς ξόβεργες·
σπαράζουν ἀνωφέλευτα
ὅσο ποὺ δὲ σηκώνουν ἄλλο τὰ φτερά τους.

Φυραίνει ὁ τόπος ὁλοένα
χωματένιο σταμνί.

Ε΄

Ὁ κόσμος τυλιγμένος στὰ ναρκωτικὰ σεντόνια
δὲν ἔχει τίποτε ἄλλο νὰ προσφέρει
παρὰ τοῦτο τὸ τέρμα.
Στὴ ζεστὴ νύχτα
ἡ μαραμένη ἱέρεια τῆς Ἑκάτης
μὲ γυμνωμένα στήθη ψηλὰ στὸ δῶμα
παρακαλᾶ μία τεχνητὴ πανσέληνο, καθὼς
δυὸ ἀνήλικες δοῦλες ποὺ χασμουριοῦνται
ἀναδεύουν σὲ μπακιρένια χύτρα
ἀρωματισμένες φαρμακεῖες.
Αὔριο θὰ χορτάσουν ὅσοι ἀγαποῦν τὰ μυρωδικά.

Τὸ πάθος της καὶ τὰ φτιασίδια
εἶναι ὅμοια μὲ τῆς τραγωδοῦ
ὁ γύψος τοὺς μάδησε κιόλας.

ΣΤ΄

Κάτω στὶς δάφνες
κάτω στὶς ἄσπρες πικροδάφνες
κάτω στὸν ἀγκαθερὸ βράχο
κι ἡ θάλασσα στὰ πόδια μας γυάλινη.
Θυμήσου τὸ χιτῶνα ποὺ ἔβλεπες
ν᾽ ἀνοίγει καὶ νὰ ξεγλιστρᾶ πάνω στὴ γύμνια
κι ἔπεσε γύρω στοὺς ἀστραγάλους
νεκρός –
ἂν ἔπεφτε ἔτσι αὐτὸς ὁ ὕπνος
ἀνάμεσα στὶς δάφνες τῶν νεκρῶν.

Ζ΄

Ἡ λεῦκα στὸ μικρὸ περιβόλι
ἡ ἀνάσα της μετρᾶ τὶς ὧρες σου
μέρα καὶ νύχτα·
κλεψύδρα ποὺ γεμίζει ὁ οὐρανός.
Στὴ δύναμη τοῦ φεγγαριοῦ τὰ φύλλα της
σέρνουν μαῦρα πατήματα στὸν ἄσπρο τοῖχο.
Στὸ σύνορο εἶναι λιγοστὰ τὰ πεῦκα
ἔπειτα μάρμαρα καὶ φωταψίες
κι ἄνθρωποι καθὼς εἶναι πλασμένοι οἱ ἄνθρωποι.
Ὁ κότσυφας ὅμως τιτιβίζει
σὰν ἔρχεται νὰ πιεῖ
κι ἀκοῦς καμιὰ φορὰ φωνὴ τῆς δεκοχτούρας.

Στὸ μικρὸ περιβόλι δέκα δρασκελιὲς
μπορεῖ νὰ ἰδεῖς τὸ φῶς τοῦ ἥλιου
νὰ πέφτει σὲ δυὸ κόκκινα γαρούφαλα
σὲ μιὰν ἐλιὰ καὶ λίγο ἁγιόκλημα.
Δέξου ποιὸς εἶσαι.
Τὸ ποίημα
μὴν τὸ καταποντίζεις στὰ βαθιὰ πλατάνια
θρέψε το μὲ τὸ χῶμα καὶ τὸ βράχο ποὺ ἔχεις.
Τὰ περισσότερα –
σκάψε στὸν ἴδιο τόπο νὰ τὰ βρεῖς.

Η΄

Τ᾽ ἄσπρο χαρτὶ σκληρὸς καθρέφτης
ἐπιστρέφει μόνο ἐκεῖνο ποὺ ἤσουν.

Τ᾽ ἄσπρο χαρτὶ μιλᾶ μὲ τὴ φωνή σου,
τὴ δική σου φωνὴ
ὄχι ἐκείνη ποὺ σ᾽ ἀρέσει·
μουσική σου εἶναι ἡ ζωὴ
αὐτὴ ποὺ σπατάλησες.
Μπορεῖ νὰ τὴν ξανακερδίσεις ἂν τὸ θέλεις
ἂν καρφωθεῖς σὲ τοῦτο τ᾽ ἀδιάφορο πρᾶγμα
ποὺ σὲ ρίχνει πίσω
ἐκεῖ ποὺ ξεκίνησες.

Ταξίδεψες, εἶδες πολλὰ φεγγάρια πολλοὺς ἥλιους
ἄγγιξες νεκροὺς καὶ ζωντανοὺς
ἔνιωσες τὸν πόνο τοῦ παλικαριοῦ
καὶ τὸ βογκητὸ τῆς γυναίκας
τὴν πίκρα τοῦ ἄγουρου παιδιοῦ –
ὅ,τι ἔνιωσες σωριάζεται ἀνυπόστατο
ἂν δὲν ἐμπιστευτεῖς τοῦτο τὸ κενό.
Ἴσως νὰ βρεῖς ἐκεῖ ὅ,τι νόμισες χαμένο·
τὴ βλάστηση τῆς νιότης, τὸ δίκαιο καταποντισμὸ
τῆς ἡλικίας.

Ζωή σου εἶναι ὅ,τι ἔδωσες
τοῦτο τὸ κενὸ εἶναι ὅ,τι ἔδωσες
τὸ ἄσπρο χαρτί.

Θ΄

Μιλοῦσες γιὰ πράγματα ποὺ δὲν τά ΄βλεπαν
κι αὐτοὶ γελοῦσαν.

Ὅμως νὰ λάμνεις στὸ σκοτεινὸ ποταμὸ
πάνω νερά·
νὰ πηγαίνεις στὸν ἀγνοημένο δρόμο
στὰ τυφλά, πεισματάρης
καὶ νὰ γυρεύεις λόγια ριζωμένα
σὰν τὸ πολύροζο λιόδεντρο –
ἄφησε κι ἂς γελοῦν.
Καὶ νὰ ποθεῖς νὰ κατοικήσει κι ὁ ἄλλος κόσμος
στὴ σημερινὴ πνιγερὴ μοναξιὰ
στ᾽ ἀφανισμένο τοῦτο παρὸν –
ἄφησέ τους.

Ὁ θαλασσινὸς ἄνεμος κι ἡ δροσιὰ τῆς αὐγῆς
ὑπάρχουν χωρὶς νὰ τὸ ζητήσει κανένας.

Ι΄

Τὴν ὥρα ποὺ τὰ ὀνείρατα ἀληθεύουν
στὸ γλυκοχάραμα τῆς μέρας
εἶδα τὰ χείλια ποὺ ἄνοιγαν
φύλλο τὸ φύλλο.

Ἔλαμπε ἕνα λιγνὸ δρεπάνι στὸν οὐρανό.
Φοβήθηκα μὴν τὰ θερίσει.

ΙΑ΄

Ἡ θάλασσα ποὺ ὀνομάζουν γαλήνη
πλεούμενα κι ἄσπρα πανιὰ
μπάτης ἀπὸ τὰ πεῦκα καὶ τ᾽ Ὄρος τῆς Αἴγινας
λαχανιασμένη ἀνάσα·
τὸ δέρμα σου γλιστροῦσε στὸ δέρμα της
εὔκολο καὶ ζεστὸ
σκέψη σχεδὸν ἀκάμωτη κι ἀμέσως ξεχασμένη.

Μὰ στὰ ρηχὰ
ἕνα καμακωμένο χταπόδι τίναξε μελάνι
καὶ στὸ βυθὸ –
ἂν συλλογιζόσουν ὡς ποῦ τελειώνουν τὰ ὄμορφα νησιά.

Σὲ κοίταζα μ᾽ ὅλο τὸ φῶς καὶ τὸ σκοτάδι ποὺ ἔχω.

ΙΒ΄

Τὸ αἷμα τώρα τινάζεται
καθὼς φουσκώνει ἡ κάψα
στὶς φλέβες τ᾽ οὐρανοῦ τ᾽ ἀφορμισμένου.
Γυρεύει νὰ περάσει ἀπὸ τὸ θάνατο
γιὰ νά ΄βρει τὴ χαρά.

Τὸ φῶς εἶναι σφυγμὸς
ὁλοένα πιὸ ἀργὸς καὶ πιὸ ἀργὸς
Θαρρεῖς πῶς πάει νὰ σταματήσει.

ΙΓ΄

Λίγο ἀκόμη καὶ θὰ σταματήσει ὁ ἥλιος.
Τὰ ξωτικὰ τῆς αὐγῆς
φύσηξαν τὰ στεγνὰ κοχύλια·
τὸ πουλὶ κελάηδησε τρεῖς φορὲς τρεῖς φορὲς μόνο·
ἡ σαύρα πάνω στὴν ἄσπρη πέτρα
μένει ἀκίνητη
κοιτάζοντας τὸ φρυγμένο χόρτο
ἐκεῖ ποὺ γλίστρησε ἡ δεντρογαλιά.
Μαύρη φτερούγα σέρνει ἕνα βαθὺ χαράκι
ψηλὰ στὸ θόλο τοῦ γαλάζιου –
δές τον, θ᾽ ἀνοίξει.

Ἀναστάσιμη ὠδίνη.

ΙΔ΄

Τώρα,
μὲ τὸ λιωμένο μολύβι τοῦ κλήδονα
τὸ λαμπύρισμα τοῦ καλοκαιρινοῦ πελάγου,
ἡ γύμνια ὁλόκληρής της ζωῆς·
καὶ τὸ πέρασμα καὶ τὸ σταμάτημα καὶ τὸ πλάγιασμα
καὶ τὸ τίναγμα
τὰ χείλια τὸ χαϊδεμένο δέρας,
ὅλα γυρεύουν νὰ καοῦν.

Ὅπως τὸ πεῦκο καταμεσήμερα
κυριεμένο ἀπ᾽ τὸ ρετσίνι
βιάζεται νὰ γεννήσει φλόγα
καὶ δὲ βαστᾶ πιὰ τὴν παιδωμή –

φώναξε τὰ παιδιὰ νὰ μαζέψουν τὴ στάχτη
καὶ νὰ τὴ σπείρουν.
Ὅ,τι πέρασε πέρασε σωστά.

Κι ἐκεῖνα ἀκόμη ποὺ δὲν πέρασαν
πρέπει νὰ καοῦν
τοῦτο τὸ μεσημέρι ποὺ καρφώθηκε ὁ ἥλιος
στὴν καρδιὰ τοῦ ἑκατόφυλλου ρόδου.

SOLSTÍCIO DE VERÃO

"No doce alvorecer do dia eu vi os lábios
se abrindo pétala por pétala."

GIÓRGOS SEFÉRIS

I

O maior sol de um lado
e do outro a lua nova
longínquos na memória como aqueles seios.
Entre eles, abismo da noite estrelada
dilúvio da vida.
Os cavalos nas eiras
galopam e suam
sobre corpos dispersos.
Tudo acaba aí
até esta mulher
que já viste bela, um instante
dobra-se, não suporta mais, ajoelhou-se.
Tudo os moinhos trituram
e vira estrelas.

Véspera do dia mais longo.

II

Todos têm visões
porém ninguém admite;
vão e pensam que estão sós.
A grande rosa
esteve sempre aqui
ao teu lado, no fundo do sono
tua e desconhecida.
Mas só agora que teus lábios a tocaram
nas pétalas mais recônditas
sentiste o denso peso do dançarino
caindo no rio do tempo –
o terrível marulho.

Não desperdices o sopro
que esta respiração te deu.

III

Contudo, neste sono
o sonho decai tão facilmente
no pesadelo.
Como o peixe que cintilou sob a onda
e meteu-se na turgidez do fundo
ou um camaleão quando muda de cor.
Na cidade que virou bordel
proxenetas e meretrizes
anunciam atrativos podres;
a moça trazida pelas ondas
veste o couro da vaca
para o touro montá-la;
o poeta
é alvejado de insultos por vadios
enquanto vê as estátuas pingarem sangue.
Tens que sair deste sono;
desta pele açoitada.

IV

No desperdício demente
de um lado e outro, em cima e embaixo
redemoinhos de lixo.
Finas fumaças fúnebres
dissolvem os membros das pessoas.
As almas
têm pressa em deixar os corpos
sedentas e sem achar água em parte alguma;
grudam aqui grudam ali ao léu
pássaros em visgueiras;
debatem-se em vão
até que não erguem mais as asas.

Míngua o lugar cada vez mais
cântaro de barro.

V

O mundo envolto nos lençóis entorpecentes
nada mais tem a oferecer
além desta meta.
Na noite quente
a sacerdotisa murchada de Hécate
com seios desnudos no alto do terraço
implora por um plenilúnio artificial, enquanto
duas servas infantes que bocejam
mexem num caldeirão de bronze
amavios aromáticos.
Amanhã quantos amam os perfumes vão fartar-se.

A paixão e os adornos dela
são iguais aos da trágica
neles o gesso já desfolhou.

VI

Embaixo nos loureiros
com tristes flores brancas, loendros,
embaixo na rocha espinhenta
e o mar de vidro aos nossos pés.
Lembra-te da túnica que vias
abrir-se e escorrer sobre a nudez
e que caiu em volta dos tornozelos
morta –
se caísse assim este sono
em meio aos louros dos mortos.

VII

O álamo no pequeno jardim
seu respirar mede as tuas horas
dia e noite;
clepsidra enchida pelo céu.
Em poder da lua as suas folhas
arrastam passos negros no muro branco.
Na fronteira são raros os pinheiros
e depois mármores e clarões
e pessoas tal qual são plasmadas as pessoas.
O melro, porém, gorjeia
quando vem beber
e tu escutas, de vez em quando, o canto da rola.

No pequeno jardim dez passos
podes ver a luz do sol
despejar-se sobre dois cravos vermelhos
uma oliveira e uma parca videira.
Aceita quem és.
O poema
não o submerjas nos plátanos profundos
nutre-o com a terra e a rocha que tens.
O que mais for –
cava no mesmo lugar para achar.

VIII

O papel branco é duro espelho
devolve só o que tu eras.

O papel branco fala com a tua voz,
tua própria voz
não a que te agrada;
é música tua a vida
que tu dissipaste.
Pode ser que a reconquistes se é o que queres
se te cravares nesta coisa indiferente
que te lança para trás
lá de onde partiste.

Viajaste, viste muitas luas muitos sóis
tocaste vivos e mortos
sentiste a dor do moço forte
e o gemido da mulher
a tristeza da criança imatura –
tudo o que sentiste se amontoa infundado
se não confias neste vazio.
Talvez encontres aí tudo o que julgaste perdido;
o viço da mocidade, o justo naufrágio
da idade.

Tua vida é tudo o que deste
este vazio é tudo o que deste
o papel branco.

IX

Falavas de coisas que não viam
e eles riam.

Contudo, remares no rio escuro
águas acima;
seguires no caminho ignoto
às cegas, teimoso
e buscares palavras enraizadas
como oliveira calejada –
deixa que riam.
E almejares que também o outro mundo habite
na solidão sufocante de hoje
e neste presente extinto –
deixa-os.

O vento marinho e o frescor da aurora
existem sem que ninguém tenha pedido.

X

No instante em que os sonhos se cumprem
no doce alvorecer do dia
eu vi os lábios se abrindo
pétala por pétala.

Rutilou uma foice fina no céu.
Temi que os ceifasse.

XI

O mar que denominam placidez
embarcações e velas brancas
brisa de pinheiros e o Monte de Égina
respiração resfolegante;
a tua pele deslizava na pele dela
fácil e quente
pensamento quase impensado e no ato esquecido.

Mas no raso
um polvo fisgado esguichou tinta
e no fundo –
se pensasses até onde vão as belas ilhas.

Eu te olhava com toda a luz e a escuridão que tenho.

XII

O sangue agora se agita
à medida que o ardor intumesce
nas veias do céu inchado.
Busca passar pela morte
para encontrar a alegria.

A luz é um pulso
cada vez mais lento e mais lento
parece que vai parar.

XIII

Mais um pouco e o sol estancará.
O exotismo da aurora
bafejou as conchas secas;
o pássaro cantou três vezes três vezes só;
o lagarto na pedra branca
fica imóvel
observando a relva torrada
por onde escorreu a serpente.
Uma asa negra arrasta uma fenda profunda
no alto da cúpula do azul –
vê, abrirá.

Dores de ressurreição.

XIV

Agora,
com o vaticínio do chumbo derretido
a rutilação do mar de verão,
a nudez da vida inteira;
e o passar e o parar e o deitar
e o sobressaltar
os lábios o velo acariciado,
tudo busca se queimar.

Como o pinheiro ao meio-dia
dominado pela resina
tem pressa em gerar chamas
e não aguenta mais a tortura –

chamou as crianças para recolherem as cinzas
e as semearem.
O que passou, passou certo.

E até o que não passou
deve queimar
neste meio-dia em que o sol se pregou
no coração da rosa de cem pétalas.

TRÊS POEMAS DE AMOR

ALEXANDR PÚCHKIN

O TEXTO: Amplamente conhecidos na Rússia, os *Três poemas de amor* fazem parte do currículo escolar e universitário de Púchkin. Os traços característicos do clássico estilo puchkiniano – simplicidade da construção sintática, leveza da métrica e precisão da rima – são neles bastante perceptíveis.

Texto traduzido: Пушкин, Александр Сергеевич. *Собрание сочинений в десяти томах*. Том 2. Москва, 1959.

O AUTOR: Considerado o criador da língua russa moderna e o maior poeta russófono de todos os tempos, Alexandr Púchkin (1799-1837) nasceu em Moscou. Descendente de uma família nobre, estudou no famoso Lycée de Tsárskoie Seló (Vila Czarina) que formava a elite do Império Russo (1811-1817). Estreou como poeta aos 15 anos de idade. Livre-pensador e autor de textos satíricos, foi exilado no Sul da Rússia (1820-1824) e na fazenda Mikháilovskoie, que pertencia à sua família. Ao voltar do exílio, por ordem do imperador Nikolai I, que pretendia ser o "censor pessoal" do poeta, viveu em Moscou, participando da campanha militar contra a Turquia no Cáucaso (1829) e radicando-se, ao fim, em São Petersburgo. Foi eleito membro da Academia Russa (1833). Editou a revista literária *O contemporâneo* (1836). Além dos poemas (*Ruslan e Liudmila*, *A fonte de Bakhtchissarai*, *Ciganos*, entre outros), criou o célebre "romance em versos" *Evguêni Onêguin*, diversas obras dramáticas (*Boris Godunov*, *Pequenas tragédias*) e prosaicas (*Contos de Bêlkin*, *A dama de espadas*, *A filha do capitão*). Morto em duelo pelo aventureiro francês Georges D'Anthès, entrou na história como "o sol da poesia russa".

O TRADUTOR: Oleg Almeida (1971, Bielorrússia) é poeta e tradutor, sócio da União Brasileira de Escritores (UBE/São Paulo). Autor dos livros de poesia *Memórias dum hiperbóreo* (2008, Prêmio Internacional Il Convivio de 2013) e *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas* (2011, Prêmio Literário Bunkyo de 2012) e de numerosas traduções do russo (*Crime e castigo*, *Diário do subsolo* e *O jogador* de Fiódor Dostoiévski; *Pequenas tragédias* de Alexandr Púchkin, entre outras) e do francês (*O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa* de Charles Baudelaire, entre outras). Para a (n.t.) já traduziu Mikhail Kuzmin, Velimir Khlêbnikov, Vsêvolod Gárchin, Pierre Louÿs e Vladímir Soloviov. Mais informações: www.olegalmeida.com.

Три поэмы о любви

"Я вас любил: любовь ещё, быть может,
В душе моей угасла не совсем."

Александр Пушкин

***

Я помню чудное мгновенье:
Передо мной явилась ты,
Как мимолётное виденье,
Как гений чистой красоты.

В томленьях грусти безнадежной,
В тревогах шумной суеты,
Звучал мне долго голос нежный
И снились милые черты.

Шли годы. Бурь порыв мятежный
Рассеял прежние мечты,
И я забыл твой голос нежный,
Твои небесные черты.

В глуши, во мраке заточенья
Тянулись тихо дни мои
Без божества, без вдохновенья,
Без слёз, без жизни, без любви.

Душе настало пробужденье:
И вот опять явилась ты,

Как мимолётное виденье,
Как гений чистой красоты.

И сердце бьётся в упоенье,
И для него воскресли вновь
И божество, и вдохновенье,
И жизнь, и слёзы, и любовь.

***

На холмах Грузии лежит ночная мгла;
Шумит Арагва предо мною.
Мне грустно и легко; печаль моя светла;
Печаль моя полна тобою,
Тобой, одной тобой... Унынья моего
Ничто не мучит, не тревожит,
И сердце вновь горит и любит – оттого,
Что не любить оно не может.

***

Я вас любил: любовь ещё, быть может,
В душе моей угасла не совсем;
Но пусть она вас больше не тревожит;
Я не хочу печалить вас ничем.
Я вас любил безмолвно, безнадежно,
То робостью, то ревностью томим;
Я вас любил так искренно, так нежно,
Как дай вам Бог любимой быть другим.

TRÊS POEMAS DE AMOR

"Amei-vos. Meu amor talvez subsista
No fundo de minha alma, bem ou mal."

ALEXANDR PÚCHKIN

***

Eu lembro o divinal instante
Em que te vi, bela criatura,
Minha miragem fulgurante,
Meu gênio da veraz candura.

Nas aflições que eu defrontava,
Na azáfama de cada dia,
Com tua voz me confortava,
Tuas feições em sonhos via.

Os anos transmudaram minhas
Quimeras velhas a seu gosto,
E eu me esqueci da voz que tinhas,
Do teu miraculoso rosto.

Enclausurado num recanto,
Às escondidas eu vivia,
Sem crença, sem amor, sem pranto:
A vida míngua me fazia.

Para consolo da alma amante,
Tornaste tu, bela criatura,

Minha miragem fulgurante,
Meu gênio da veraz candura.

E o coração bate inspirado,
E para mim ressuscitou
A crença; o pranto arrebatado
Está a rolar; o amor voltou.

***

A escuridão noturna jaz
Nos altos montes georgianos.
O Aragva[1] suas águas traz,
Ruidosa. Tristes são, mas lhanos
Meus sonhos. A tristeza luz,
E, vendo-te por toda a parte,
Carrego minha doce cruz
De não poder deixar de amar-te.

[1] Aragva (atualmente Arágvi): rio situado na parte oriental da Geórgia. (n.t.)

***

Amei-vos. Meu amor talvez subsista
No fundo de minha alma, bem ou mal.
Contudo não temais que eu nele insista:
Não quero que vos aflijais com tal.
Amei, desesperado de ciúme,
Com toda a timidez que um homem tem,
Mas tão sincero como queira o nume
Que vós sejais amada por outrem.

A Oferenda

Engelbert Mveng

O texto: "L'Offrande" é o último poema do livro *Balafon*, publicado por Engelbert Mveng em 1972. Dividido em dez partes, evoca um dos momentos mais importantes da liturgia católica, que corresponde ao instante em que são trazidos ao altar o pão e o vinho, pouco antes da prece eucarística. No poema de Mveng, a panela de barro de sua mãe, como um fruto pesado e escarlate, parece recuperar esses símbolos cristãos, embora transportados para o universo africano, com suas tribos esfomeadas, "meios-dias etiópicos" e tantãs.

Texto traduzido: Mveng, Engelbert. *Balafon*. Éditions CLE, Yaoundé (Cameroun), 1972.

O autor: Engelbert Mveng nasceu em Enam-Ngal, próximo à capital Iaundê, da República dos Camarões, em 1930. De formação católica, foi seminarista em Djuma, na República Democrática do Congo, antes de seguir para a Bélgica onde estudou Filosofia. Ligado à ordem jesuíta, voltou à Europa posteriormente para continuar seus estudos em Teologia e ordenar-se padre em 1963. De retorno aos Camarões, Mveng foi um ativo intelectual católico, autor de *Théologie, libération et cultures africaines* (1996) – livro no qual descreveu o processo de colonização da África como um holocausto – e de uma *História dos Camarões* (1963). Em 1995, foi assassinado em sua residência.

O tradutor: Pablo Simpson nasceu no Rio de Janeiro. É poeta, autor de *Mitologias* (2003). Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, pós-doutor em Literatura Geral e Comparada pela Université Paris III - Sorbonne Nouvelle/ Fondation Maison des Sciences de l'Homme, organizou e traduziu *O Rumor dos cortejos, poesia cristã francesa do século XX* (Editora da Unifesp, 2013). É professor do Departamento de Letras Modernas da Unesp/Ibilce.

L'OFFRANDE

"Ma mère avait une marmite d'argile rare,
D'argile rouge comme le sang de la race."

ENGELBERT MVENG

I

Ma mère avait une marmite
D'argile fine,
D'argile tendre,
D'argile vierge,
Ma mère avait une marmite d'argile rouge
Qu'ont façonnée
Les doigts effilés du potier de la tribu.

II

Ma mère avait une marmite d'argile
Rouge comme le pur sang des fils de la tribu,
Une marmite aux flancs ronds comme les flancs du monde ;
Et léchèrent sa lèvre compacte
Les flammes à la langue acérée,
— Non pas la soudaine flambée des parasoliers sucés par le soleil
Ni le crépitement parfumé des bambous, —
Mais la lente incandescence des braises d'acajou,
Mais le chant rouge du feu
Dans l'encens érythréen des colonnes d'okoumé.

III

Ma mère avait une marmite
À la lèvre compacte et nette,
Aux flancs ronds,
Ronds comme un fruit mûr sur ses deux mains tendues,
Un fruit lourd,
Et plein,
Et vermeil,
Dessous la frondaison des mains de la tribu...
... Une marmite :...
Sur sa lèvre le couchant chantait le pétillement des foyers rallumés
La lune de retour,
Et sur le front luisant des marmots réunis
La danse précoce des étoiles.

IV

Et la faim peuplait de légendes
Les lèvres fines,
Les lèvres tendres,
Les lèvres vierges,
Les lèvres compactes,
Les lèvres desséchées par la torride pesanteur des midis éthiopiques
Et de rêves,
Et d'attentes,
Et d'espoirs... peuplait le jour mourant
Le cœur rassemblé de mon village.

V

Ma mère avait une marmite
D'argile rare,
D'argile rouge comme le sang de la race,
Une marmite à la lèvre compacte et nette,
Aux flancs ronds comme les flancs du monde,

Comme un fruit mûr
Sur qui saignait la splendeur du jour mourant de la tribu,
De la tribu rassemblée depuis l'aube du monde.

VI

Dieu vint à passer...
Sur la nappe de lin fin,
Sur le marbre luisant comme la glace des marchands,
Derrière les colonnes de topaze,
Les lambris d'or,
Les franges lourdes des rubis de Couschân...
Pas une place,
Une humble place vide pour la marmite de ma mère...
Dieu vint et s'arrêta.
Les routes d'Emmaüs avaient couvert de poussière brune ses pieds de bronze
Et ses pas chantaient les noms de mon pays,
Les noms d'Esingang, de Mekom, d'Abiedë,
Et l'humble nom d'Enam-Ngal,
Comme une détonation vespérale sur la lèvre mélodieuse des tams-tams.

VII

Dieu vint.
Il s'arrêta.
Car la faim peuplait sa lèvre desséchée des noms de mon pays...
Mais sur la nappe de lin fin,
Sur le marbre luisant comme la glace des marchands,
Derrière la futaie des colonnes
Constellée des gemmes de Couschân,
Pas une humble place pour la marmite de ma mère.

VIII

Lors sur les deux mains de mon Dieu,
Entre le ciel et la terre,

Sur le firmament de ses mains ouvertes sans limites,
Et couvrant de leur ombrage
Les pistes qui montent de Jéricho à Sion,
Et les peuples cernant les bords de ses Jourdains,
Et les foules massées sur la grève, le soir,
Et les tribus affamées, nourries des Cinq pains innombrables dans ses mains,
Lors sur les deux mains de mon Dieu,
Lourdes de nos infirmités,
Rouges de tous les cœurs saignant sur lui nos misères,
Mains tendues,
Mains ouvertes,
Mains vides comme la natte solitaire au soleil déployée,
Ma mère a déposé la marmite d'argile,
Le vase de terre rouge et de limon,
À l'horizon de ses Yeux,
Au niveau de Son Cœur
Face à ce Cœur de flamboyant...

IX

Et monte l'incendie,
Et cerne l'incendie la marmite d'argile,
Et court la flamme sur sa lèvre nette et dense,
Et sur ses flancs ronds comme les flancs du monde,
Dans sa chair,
Dans ses veines,
Dans son sein creux,
Dans l'abîme de son sein attendant Sa plénitude
La flamme monte comme monte l'aurore.

X

Tout s'est tu.
... Fruit mûr sur la table de ses mains,
Globe rouge dans le firmament de ses mains déployées,
À l'horizon de son Cœur,

À l'horizon de sa Bouche...
Tout n'est plus que silence...
... Et chante la marmite,
Les marmites de ma mère,
SUR LA LÈVRE DE DIEU.

A OFERENDA

"Minha mãe tinha uma panela de argila rara,
De argila vermelha como o sangue da raça."

ENGELBERT MVENG

I

Minha mãe tinha uma panela
De argila fina,
De argila tenra,
De argila virgem,
Minha mãe tinha uma panela de argila vermelha
Feita pelos
Dedos finos do oleiro da tribo.

II

Minha mãe tinha uma panela de argila
Vermelha como o puro sangue dos filhos da tribo,
Uma panela de flancos redondos como os flancos do mundo;
E lamberam seu lábio[1] compacto
As chamas de língua afiada,
– Não a chama súbita das musangas[2] sugadas pelo sol
Nem os estalidos perfumados dos bambus, –

[1] Lábio (*Lèvre*), nesse contexto, pode significar "bordas" ou "aberturas". É, contudo, uma imagem com várias repercussões ao longo do poema. (n.t.)
[2] Gênero de árvore das florestas tropicais da África do oeste e central. (n.t.)

– Mas a lenta incandescência das brasas de acaju,
Mas o canto vermelho do fogo
No incenso eritreu das colunas de *okoumê*[3].

III

Minha mãe tinha uma panela
De lábio compacto e claro,
De flancos redondos,
Redondos como um fruto maduro em suas mãos estendidas,
Um fruto pesado,
E pleno,
E escarlate,
Sob a folhagem das mãos da tribo...
... Uma panela: ...
Em seu lábio o crepúsculo cantava a crepitação dos fogos reacesos
A lua de volta,
E na fronte brilhante dos meninos reunidos
A dança precoce das estrelas.

IV

E a fome povoava de lendas
Os lábios finos,
Os lábios ternos,
Os lábios virgens,
Os lábios compactos,
Os lábios secos pelo tórrido peso dos meios-dias etiópicos
E de sonhos,
E de esperas,
E de esperanças... povoava o dia que morre
O coração reunido de minha aldeia.

[3] Madeira de uma árvore do Gabão. (n.t.)

V

Minha mãe tinha uma panela
De argila rara,
De argila vermelha como o sangue da raça,
Uma panela de lábio compacto e claro,
De flancos redondos como os flancos do mundo,
Como um fruto maduro
Sobre o qual sangrava o esplendor do dia agonizante da tribo,
Da tribo reunida desde o alvorecer do mundo.

VI

Deus apareceu...
Sobre a toalha de linho fino,
Sobre o mármore luzente como o espelho dos mercadores,
Atrás das colunas de topázio,
Dos lambris de ouro
Das franjas pesadas dos rubis de Couschân[4]...
Sem lugar,
Um humilde lugar vazio para a panela de minha mãe...
Deus veio e se deteve.
As estradas de Emaús haviam coberto de poeira marrom seus pés de bronze
E seus passos cantavam os nomes de meu país,
Os nomes de Esingang, de Mekom, de Abiedë[5],
E o humilde nome de Enam-Ngal,
Como uma detonação vesperal no lábio melodioso dos tantãs.

VI

Deus veio.
Ele se deteve.

[4] Referência ao rei Couschân-Rischataïm, da Mesopotâmia, que estendeu seu poderio até o oeste do rio Eufrates (atual Iraque). As riquezas (pedras) ganharam o seu nome, conforme indicado em Jó 28-19: "Não se iguala ao topázio de Cush,/ nem se compra com o ouro mais puro." (n.t.)

[5] Referência a várias localidades próximas de Enam-Ngal, cidade natal do autor onde se encontra uma importante missão católica. (n.t.)

Pois a fome povoava seu lábio ressequido pelos nomes de meu país...
Mas sobre a toalha de linho fino,
Sobre o mármore luzente como o espelho dos mercadores,
Atrás do bosque das colunas
Constelado por gemas de Couschân,
Nenhum lugar humilde para a panela de minha mãe.

VIII

Então sobre as duas mãos de meu Deus,
Entre o céu e a terra,
Sobre o firmamento de suas mãos abertas sem limites,
E cobrindo com sua sombra
As trilhas que sobem de Jericó a Sião,
E os povos cercando as bordas de seus Jordãos,
E as multidões amontoadas nas margens, à noite,
E as tribos esfomeadas, alimentadas com Cinco pães incontáveis de suas mãos,
Então sobre as duas mãos de meu Deus,
Pesadas com nossas enfermidades,
Vermelhas com todos os corações sangrando sobre ele nossas misérias,
Mãos estendidas,
Mãos abertas,
Mãos vazias como a toalha solitária estirada ao sol,
Minha mãe pôs a panela de argila,
O vaso de terra vermelha e de lodo,
No horizonte de seus Olhos,
Na altura de Seu Coração,
Diante desse Coração de *flamboyant*...

IX

E sobe o incêndio,
E envolve o incêndio a panela de argila,
E corre a chama sobre seu lábio claro e denso,
E sobre seus flancos redondos como os flancos do mundo,
Em sua carne,

Em suas veias,
Em seu seio oco,
No abismo de seu seio à espera de Sua plenitude
A chama sobe como sobe a aurora.

X

Tudo se calou.
... Fruto maduro sobre a mesa de suas mãos,
Globo vermelho no firmamento de suas mãos estendidas,
No horizonte de seu Coração,
No horizonte de sua Boca...
Tudo não é mais que silêncio...
... E canta a panela,
As panelas de minha mãe,
SOBRE O LÁBIO DE DEUS.

A AMANTE DO PILOTO

MARIA PAWLIKOWSKA-JASNORZEWSKA

O TEXTO: O título da presente seleção de Pawlikowska-Jasnorzewska foi tomado de um daqueles poemas que, para dizer o erótico, confrontam vigorosamente a temática idílica da flora campestre com a imagem sexuada da máquina. Composta de poemas provenientes de diferentes volumes, tais como *Pocałunki* (*Beijos*, 1926), *Jedwab naturalny* (*Seda natural*, 1932), *Dancing. Karnet balowy* (*Dancing. Um carnê de baile*, 1927), *Profil białej damy* (*O perfil da dama branca*, 1930) e *Krystalizacje* (*Cristalizações*, 1937), a seleção foi motivada sobretudo pela atenção à articulação do erotismo e da tonalidade irônica. Essa combinação, estimulada na poesia de Pawlikowska-Jasnorzewska pelo gosto da forma breve e pela aceleração rítmica, típica do futurismo, produz um efeito muito particular de intensidade e desenvoltura, às quais ainda se acrescenta um amálgama inconfundível do sentimental, à beira do kitsch, e do abjeto.
Texto traduzido: Pawlikowska-Jasnorzewska, Maria. *Wybór wierszy.* Warszawa: Czytelnik, 1985.

A AUTORA: Conhecida como a Safo polonesa, a poeta Maria Pawlikowska-Jasnorzewska (1891-1945), filha do pintor Wojciech Kossak, cresceu em uma casa frequentada por artistas: seu irmão era pintor e sua irmã escritora. Duas vezes divorciada, transformou o sobrenome, composto dos nomes do segundo e do terceiro marido, um oficial da aviação, no principal nome da poesia erótica polonesa. A partir de seu primeiro volume, *Niebieskie migdały* (*Amêndoas azuis*), de 1922, as experiências de línguas estrangeiras, de suas múltiplas viagens e das poéticas das vanguardas são empregadas para dizer a intensidade de suas experiências amorosas.

A TRADUTORA: Olga Kempińska possui graduação e mestrado em Filologia Românica pela Uniwersytet Jagielloński de Cracóvia e doutorou-se em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atualmente é professora de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Sua experiência como tradutora, que envolve prosa, poesia e ensaios, começou em 2000, com a tradução de trechos de livros premiados na Edição Polonesa do Prêmio Goncourt.

KOCHANKA LOTNIKA

"I ustami tylko poznaję, żeś ty nie ty..."

MARIA PAWLIKOWSKA-JASNORZEWSKA

WYBRZEŻE

Meduzy rozrzucone niedbale,
muszle, które piasek grzebie,
i ryba opuszczona przez fale
jak moje serce przez ciebie.

Pocałunki (1926)

LA PRÉCIEUSE

Widzę cię w futro wtuloną,
wahającą się nad małą kałużą,
z chińskim pieskiem pod pachą, z parasolem i z różą...
I jakżesz ty zrobisz krok w nieskończoność?

Pocałunki (1926)

OFELIA

Ach, długo jeszcze poleżę
w szklanej wodzie, w sieci wodorostów,
zanim nareszcie uwierzę,
że mnie nie kochano, po prostu.

Pocałunki (1926)

ŚLEPA

Ślepa jestem. Oślepiona majem.
Nic nie wiem prócz, że pachną bzy.
I ustami tylko poznaję,
żeś ty nie ty...

Pocałunki (1926)

KURZE ŁAPKI

I już kurze łapki na skroni?
Ach, czas jak gdacząca kura
o zabłoconych pazurach
przebiegł po białych płatkach okwitłej jabłoni.

Pocałunki (1926)

titanic

tańczyli sny wachlarze brylantowe tęcze
ktoś komuś szeptał w tańcu: tak – na śmierć i życie –
wszedł steward rzekł i wszyscy stanęli jak wryci:
ladies and gentelmen
danger

Dancing. Karnet balowy (1927)

TO NIE BYŁO WSZYSTKO

Nie, to nie było wszystko, moi drodzy –
Jeszcze wam więcej pokażę.
To były tylko fiołki, stokrotki przy drodze...
Nie widzicie po mojej twarzy?

Jeszcze mi z serca wyrośnie kwiat dziki,
nie znany w żadnym języku –
o płatkach ze słońca, a słupkach z muzyki –
z zapachem podobnym do krzyku! –

Tak, to nie było wszystko, moi drodzy.
Patrzałam właśnie do lustra.
To były tylko fiołki, stokrotki przy drodze –
Nie widzicie po moich ustach?

Wiersz opublikowany w czasopiśmie

KOCHANKA LOTNIKA

Patrzę z ziemi ku tobie, leżąc w polnym rowie,
rozłożywszy ramiona wśród szałwii i mięty,
gdy zgrzytającym wieńcem owijasz mi głowę,
lotniku, ty przez niebo porwany mój święty.

Jak farys, sam z orłami w niebieskiej pustyni,
możesz mi stamtąd wrócić groźny i zmieniony. – –
Nadlecieć niespodzianie, z niewiadomej strony
i nakryć mnie skrzydłami, nie wiedząc, co czynisz.

Profil białej damy (1930)

SYPIALNIA

Sypialnią jesteś, malowaną w tęczę,
niebo banalne,
małżeński plafonie!
Wielka sypialnia
i serca szalone!
Samolot komar
w mrocznym kącie brzęczy...

Surowy jedwab (1932)

JESIEŃ

Zardzewiałe róże jesieni
patrzą w przestrzeń białą od deszczu –
deszcz niebo przyszywa do ziemi
tysiącem ściegów i dreszczów. –

I wszystko psuje się, paczy,
cieknie, zgnilizną broczy,
lecz nie na zawsze, z rozpaczy –
ale na krótko, z rozkoszy.

Surowy jedwab (1932)

AKACJE

Z gęstwy białych akacji,
jakby z dusznej stacji,
wagony otumanień
w różne jadą strony.
W górze szarzeje księżyc –
wisi, zasuszony,
jak mucha, rozhuśtana
w sieciach grawitacji.

Surowy jedwab (1932)

RÓŻE DLA SAFONY

IV
Safo z puchem nad wargą,
Safo fiołkowłosa,
Gdy jej Eros serce przeszył na wskroś,
Zapatrzona w Plejady wschodzące w niebiosach,
Nazwała go:
GLUKUPIKROS...

Krystalizacje (1937)

O NIEJ

Bosko śmieszna Miłości!
Potworze, kaleko!
Skrzydła rwą cię ku górze!
Piersią dążysz za niemi,
Zapatrzona wysoko, daleko!
Lecz twoje ciężkie biodra
I twoje stopy kurze
Trzymają cię przy ziemi...
I niebu się nie oddasz,
I ziemia cię nie zmoże,
Smutnooki, słodkousty potworze!

Krystalizacje (1937)

AKWATYKI

V
Wodo, marszczona w zefirowe plisy,
Podobna egipskiej szacie!
Światła prędkie, srebrzyste jak świergot skowrończy!
O kalie dzikie, irysy,
Wy, co się zaczynacie tam, gdzie ja się kończę...

Krystalizacje (1937)

A AMANTE DO PILOTO

"*Minha boca é a única a saber que você não é você...*"

MARIA PAWLIKOWSKA-JASNORZEWSKA

BEIRA-MAR

Águas-vivas deixadas à mercê,
o enterro de areia das conchas,
e um peixe largado pelas ondas
como meu coração por você.

Pocałunki (1926)

LA PRÉCIEUSE

Vejo você em peles envolta por completo,
hesitando perante uma pequena poça,
com um cachorrinho chinês sob o braço, um guarda-chuva e uma rosa...
E como vai dar esse passo para o perpétuo?

Pocałunki (1926)

OFÉLIA

Ah, muito tempo ainda vou ficar
na rede de algas, na água límpida,
antes de enfim acreditar
que simplesmente não fui querida.

Pocałunki (1926)

CEGA

Cega estou. Maio me cegou.
Só sei dos lilases em flor.
Minha boca é a única a saber
que você não é você...

Pocałunki (1926)

PÉS DE GALINHA

As têmporas já enrugadas?
Ah, o tempo, essa carcarejante galinha
com suas unhas enodoadas
percorreu as pétalas de uma macieira florida.

Pocałunki (1926)

titanic

dançavam sonhos leques arco-íris alumiados
alguém sussurrava para alguém: sim – para sempre –
entrou o steward disse e todos ficaram parados
ladies and gentelmen
danger

Dancing. Karnet balowy (1927)

NÃO FOI TUDO

Não, não foi tudo, meus caros –
Eu mais ainda lhes mostro.
Só as violetas, as margaridas do campo...
Não dá para ver no meu rosto?

Ainda me crescerá do coração uma flor selvagem,
ausente de todas as línguas –
com pétalas de sol, pistilos musicais –
e com um cheiro igual a um grito! –

Sim, não foi tudo, meus caros.
Olhei no espelho agora.
Só as violetas, as margaridas do campo –
Não dá para ver na minha boca?

Poema publicado em revista

A AMANTE DO PILOTO

Olho você da terra, deitada na grama,
braços esticados entre a sálvia e a menta,
coroar-me a fronte com um halo de ruído,
piloto, meu santo pelo céu atraído.

Como um mouro, só com as águias no azul deserto,
você pode voltar selvagem, mudado. – –
Descer de repente, de qualquer lado
e cobrir-me com asas, sem saber o que está fazendo.

Profil białej damy (1930)

QUARTO

Pintado em arco-íris, você é o quarto,
ó céu banal,
teto de casal!
Um quarto espaçoso
e corações loucos!
Um mosquito avião
zumbe num escuro canto...

Surowy jedwab (1932)

OUTONO

As rosas de outono enferrujadas
olham o espaço branco de chuva –
a chuva o céu com a terra costura
com mil suturas e arfadas. –

E tudo decai, estraga,
escorre, putrefação secreta,
mas não em um longo penar doloroso –
e sim em um breve instante de gozo.

Surowy jedwab (1932)

ACÁCIAS

De um tufo de acácias,
como uma estação abafada,
os vagões embriagados
partem para todos os lados.
No alto envelhece a lua –
suspensa, ressecada,
como uma mosca, balançando
nos fios da gravidade.

Surowy jedwab (1932)

ROSAS PARA SAFO

IV
Safo com penugem acima do lábio,
Safo com cabelo violáceo,
Quando seu coração Eros atravessou,
Olhando as Plêiades ascendendo no alto,
Chamou-o:
GLUKUPIKROS...

Krystalizacje (1937)

SOBRE ELA

Ó Paixão ridícula divina!
Monstro, enfermidade!
As asas te arrastam para cima!
O peito queria segui-las,
Mirando a imensidade!
Mas teus quadris pesados
E teus pés de galinha
Prendem-te a terra... Nem ao céu te darás,
Nem a terra te renderás,
Ó Monstro de doce boca e de olhos desolados!

Krystalizacje (1937)

AQUARELAS

V
Ó água, enrugada com rajadas de vento,
como uma roupa egípcia!
Luzes velozes, fúlgidas como um canto de cotovia!
Ó calas-brancas, ó íris,
Que começais onde eu findo...

Krystalizacje (1937)

TESTAMENTO E OUTROS POEMAS

TUDOR ARGHEZI

O TEXTO: Inédita em língua portuguesa, a poesia de Tudor Arghezi é considerada de difícil apreensão até mesmo para nativos da língua romena. Em seus versos coexistem elementos tipicamente simbolistas com imagens características da realidade e do imaginário romenos – ingredientes amalgamados por uma escritura altamente pessoal e temperados pelo uso pontual de arcaísmos. Em Arghezi, a poesia do banal e do áspero é forjada com maestria e alardeia uma inspiração peculiar. "Testament" é a profissão de fé do poeta e o poema que abre o seu primeiro volume, *Cuvinte Potrivite*, no qual figuram também "Seara", "Restituiri" e "Oseminte Pierdute". "Flori de Mucigai" é o testemunho de seus meses no cárcere.

Texto traduzido: Arghezi, T. *Versuri*. Bucureşti: Fundaţia Regală pentru Literatură şi Artă, 1943.

O AUTOR: Um dos principais nomes da poesia romena, Tudor Arghezi (1880-1967), escritor de extrema versatilidade, dedicou-se também ao teatro, à prosa e à literatura infantil. Contudo, é sua obra poética, caracterizada por uma linguagem original, que constitui um dos balizadores da literatura da Romênia e que o converteu num dos cânones das letras daquele país. Espírito herético, foi profundamente influenciado pelo Simbolismo e pela estética baudelairiana. Muitos de seus versos estão embebidos das convicções políticas que lhe renderam longos meses de detenção, durante os quais escreveu alguns de seus poemas mais célebres, como "Flori de Mucigai". Foi membro da Academia Romena.

O TRADUTOR: Raul Passos é catarinense, diplomado em Composição e Regência pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e mestrando em interpretação pianística pela Universidade Nacional de Música de Bucareste (Romênia). É também tradutor de romeno e francês e dedica-se paralelamente à poesia. Além de Arghezi, traduz o romeno Octavian Goga e poesia de caráter místico-esotérico. Mantém um blog dedicado às relações Brasil-Romênia (http://raulpassos.blogspot.com.br/). Seu primeiro livro de poemas, *O Beijo da Madrugada*, encontra-se no prelo.

TESTAMENT

ŞI ALTE POEZII

"Nu-ţi voi lăsa drept bunuri, după moarte,
Decât un nume adunat pe-o carte."

TUDOR ARGHEZI

TESTAMENT

Nu-ţi voi lăsa drept bunuri, după moarte,
Decât un nume adunat pe-o carte.
În seara răzvrătită care vine
De la străbunii mei până la tine,
Prin râpi şi gropi adânci,
Suite de bătrânii mei pe brânci,
Şi care, tânăr, să le urci te-aşteaptă,
Cartea mea-i, fiule, o treaptă.

Aşeaz-o cu credinţă căpătâi.
Ea e hrisovul vostru cel dintâi,
Al robilor cu saricile, pline
De osemintele vărsate-n mine.

Ca să schimbăm, acum, întâia oară,
Sapa-n condei şi brazda-n călimară,
Bătrânii-au adunat, printre plăvani,
Sudoarea muncii sutelor de ani.
Din graiul lor cu-ndemnuri pentru vite
Eu am ivit cuvinte potrivite

Şi leagăne urmaşilor stăpâni.
Şi, frământate mii de săptămâni,
Le-am prefăcut în visuri şi-n icoane.
Făcui din zdrenţe muguri şi coroane.
Veninul strâns l-am preschimbat în miere,
Lăsând întreagă dulcea lui putere.
Am luat ocara, şi torcând uşure
Am pus-o când să-mbie, când să-njure.
Am luat cenuşa morţilor din vatră
Şi am făcut-o Dumnezeu de piatră,
Hotar înalt, cu două lumi pe poale,
Păzând în piscul datoriei tale.

Durerea noastra surdă şi amară
O grămădii pe-o singură vioară,
Pe care ascultând-o a jucat
Stăpânul, ca un ţap înjunghiat.
Din bube, mucegaiuri şi noroi
Iscat-am frumuseţi şi preţuri noi.
Biciul răbdat se-ntoarce în cuvinte
Si izbăveste-ncet pedepsitor
Odrasla vie-a crimei tuturor.
E-ndreptăţirea ramurei obscure
Ieşită la lumină din pădure
Şi dând în vârf, ca un ciorchin de negi,
Rodul durerii de vecii întregi.

Întinsă leneşă pe canapea,
Domniţa suferă în cartea mea.
Slova de foc şi slova făurită
Împărechiate-n carte se mărită,
Ca fierul cald îmbrăţişat în cleşte.
Robul a scris-o, Domnul o citeşte,
Făr-a cunoaşte că-n adâncul ei
Zace mania bunilor mei.

SEARĂ

Un păianjen, ca un neg,
Umblă lung în şase peri.
Abia-l vezi şi e întreg
Cu nevoi şi cu dureri.

Vine de la munca lui,
Nu se-nşală de picior,
Îl aşteaptă, colo-n cui,
Casa prinsă de urcior.

Nu mă vede, nu mă are,
Nu mă ştie de nimic.
De ce-oi fi atât de mare?
De ce-i el atât de mic?

RESTITUIRI

N-au mai rămas prea multe de-nvins şi de ştiut.
Şoseaua se strâmtează, cărările se-mbină.
Le simţi apropiate din ce în ce mai mult,
Ca spiţele din roată, crăpate de lumină.

Ne-apropiem. Văzduhul miroase-a vechi prin noapte,
Flori vechi răsar de-a-pururi cu vechile lumini.
Un abur slab se cerne, un cer spoit cu lapte,
Departe-n orizonturi, se naşte prin tulpini.

E-o insulă? un munte? o apă? un deşert?
De ce-ar sfârşi-n pustie călătoria noastră?
Ne-a mai rămas s-ajungem, acolo, poate-un sfert
Din calea străbătută, jos verde, sus albastră.

Să ne oprim? Un cântec ne vine de la han.
E vinul bun şi patul adânc şi tu eşti dulce.
Şi-ai vrea, învăluită în părul tău bălan,
Pe jaruri carnea noastră, de vie, să se culce.

Nu. Mână crâncen, timpul tu sparge-l cu potcoava,
S-apropiem vecia mai repede de noi.
Păstrează-ţi sărutarea, ca florile otrava,
Ca să o dăm ţărânii întreagă înapoi.

OSEMINTE PIERDUTE

Iubirea noastră a murit aici.
Tu frunză cazi, tu creangă te ridici.

Atât amar de ani e de atunci!
Glicină tu, tu florile-ţi arunci.

A mai venit de-atuncea să v-asculte,
Voi plopi adânci, cu voci şi şoapte multe?

Voi aţi rămas întorşi tot spre apus,
Voi creşteţi toţi de-apururea în sus.

N-o mai zăriţi, din vârfuri, nicăieri?
Ştiţi voi ce vorbă este vorba „ieri"?

La poartă, umbr-aceluiaş stejar.
Mă rog, intrând, de domnul grădinar.

Fântâna curge, ca şi-atunci, mereu.
Tu curgi, fântână, pe trecutul meu.

Şi toate sunt precum le-am cunoscut,
Rămase-aşa, ca dintru început.

I-am spus că vreau să caut un mormânt,
Pe care l-am săpat, de mult, cântând.

Şi mi-a răspuns că nu e în grădina lui.
E-adevărat. Nu este mormântul nimănui.

FLORI DE MUCIGAI

(Domnului Al. Rosetti)

Le-am scris cu unghia pe tencuială
Pe un părete de firidă goală,
Pe întuneric, în singurătate,
Cu puterile neajutate
Nici de taurul, nici de leul, nici de vulturul
Care au lucrat împrejurul
Lui Luca, lui Marcu şi lui Ioan.
Sunt stihuri fără an,
Stihuri de groapă,
De sete de apă
Şi de foame de scrum,
Stihurile de-acum.
Când mi s-a tocit unghia îngerească
Am lăsat-o să crească
Şi nu a mai crescut −
Sau nu o mai am cunoscut.

Era întuneric. Ploaia bătea departe, afară.
Şi mă durea mâna ca o ghiară
Neputincioasă să se strângă
Şi m-am silit să scriu cu unghiile de la mâna stângă.

TESTAMENTO

E OUTROS POEMAS

"Não vou te deixar bens quando eu morrer:
Meu nome sobre um livro é o que vais ter."

TUDOR ARGHEZI

TESTAMENTO

Não vou te deixar bens quando eu morrer:
Meu nome sobre um livro é o que vais ter.
Uma noite rebelde se desdobra
Desde os meus ancestrais e em ti deságua.
Pelos abismos e gargantas d'água,
Um cortejo antigo, como uma cobra,
Rasteja. Eles esperam que os levantes:
És jovem, filho, e este livro vem de antes.

Repousa este livro com fé à cabeceira.
Este livro – que é vossa escritura primeira –
Dos servos traz mantos carregados sem fim
Das ossadas que se derramam sobre mim.

Para que pudéssemos, pela primeira vez,
Converter em pena a enxada e em tinteiro o torquês,
Por entre o rebanho os antigos semearam
O suor do lavor dos séculos que passaram.
Com suas vozes para o gado talhadas
Esculpi as palavras adequadas

E os berços dos feitores por nascer.
E em mil e uma semanas a remoer
Em ícones e sonhos eu as transformei –
De farrapos, botões e coroas tramei.
O enérgico veneno em mel foi transformado,
E o seu poder incólume vai preservado.
Com frio vagar, desenredei a humilhação
Para envergá-la em súplica e na maldição.
As cinzas dos meus mortos ao fogo tomei
E um Deus de pedra com elas representei
– Domínio alteroso, que dois mundos concebeu,
Ele guarda os cumes daquilo que há de ser teu –.

Nossas dores, amarga e surda, conciliadas
Num distinto arrabil então foram cantadas
E o seu som, tendo-o ouvido, fez se contorcer
O suserano, como um bode apunhalado.
De feridas, mofo e lama fiz nascer
A beleza esquiva e o valor incriado.
O chicote aturado soergue-se em palavras
Para vir libertar, algoz clemente,
Dos nossos crimes a cria vivente.
E, perfilando-se, os ramos lúgubres
Vão-se erguendo da floresta fúnebre
E culminam em luz, qual cacho de tumores,
No fruto de todos os séculos de dores.

Deitada preguiçosamente no divã
A menina sofre lendo o livro com afã.
A letra de fogo e a letra forjada – vê! –
No livro, em pares, ei-las portanto casadas,
Como o ferro quente nas pinças abraçadas.
O vassalo o escreveu, o Senhor o lê,
Sem saber que em suas grotas abissais
Jaz a loucura dos meus ancestrais.

ENTARDECER

Uma aranha, qual verruga,
Marcha longe e com rigor.
Basta vê-la e não refuga
Nem carências e nem dor.

Ela vem de seu ofício,
Não hesita na sua trilha.
Lá em cima a espera, propício,
O lar feito na vasilha.

Não me vê, nem dá por mim,
– Quem eu sou não vale a pena –.
Por que sou tão grande assim?
Por que ela tão pequena?

RESTITUIÇÕES

O que há por conquistar e saber vai minguando.
Os caminhos se estreitam, os atalhos convergem.
Qual raios de uma roda, ou fios de luz que emergem,
Tu o sentes cada vez mais perto, aproximando.

O ar cheira velho à noite. Chegamos mais perto.
Com luzes ancestrais, flores brotam na fonte.
Nascendo em meio aos troncos, longe no horizonte
– O céu tingido em branco –, um vapor surge incerto.

Seria um monte? Ou lago? Um deserto? Uma ilha?
Por que terminaria em pó nossa jornada?
O azul e o verde imperam ao longo da estrada.
– Talvez ainda nos reste um pouco dessa trilha...

Paramos aqui? Um canto vem da estalagem!
E desejas que, sendo bons a cama e o vinho,
Deitemos, atada em teu cabelo de linho,
A nossa carne de vinha em brasa selvagem.

Não. Toma a ferradura! Rompe o tempo e a vida!
Para a eternidade o caminho é tão pequeno.
Guarda para depois teu beijo de veneno
Aos camponeses qual relíquia devolvida.

OSSOS PERDIDOS

Aqui jaz nosso amor – aqui, nesse lugar.
Tu, folha, cais; e galho tu hás de levantar.

Nas amarguras de tantos anos imersa,
Tu, glicínia, em flores ora estás dispersa!

Então vieram, profundos, escutar também,
Com vozes e murmúrios, álamos de além?

Permaneceis voltados todos para o poente.
Cresceis todos também para o alto eternamente.

Não mais a vedes nalgum lugar, das alturas?
Sabeis o que a palavra "ontem" traz de agruras?

No portal, está a sombra do mesmo sobreiro
Que vai entrando, qual altivo jardineiro.

A fonte corre, como outrora, incessante.
No meu passado, como a fonte, vais constante.

E tudo permanece como eu conheci,
Exatamente igual, como no início eu vi.

Disse-lhe que uma campa eu estava procurando
– Tumba que há muito tempo eu cavei cantando.

"No meu jardim não hás de encontrá-la porém".
É verdade. Não é o sepulcro de ninguém.

FLORES DE MOFO

(ao senhor Al. Rosetti)

Escrevi com a unha no gesso
Na frisa oca de um muro espesso,
No breu, na solidão,
Com poderes estranhos à mão.
Não eram de touro, leão ou de abutre sequer
Que trabalharam juntos no mister
De Lucas, de Marcos e de João.
São versos sem estação,
Versos de sepultura,
De sede de água pura
E de fome de cinza,
Os versos de hoje ainda.
Quando se desgastou minha unha angelical
Deixei que crescesse igual
Porém não pôde mais crescer –
Ou eu não a soube reconhecer.

Estava escuro. Lá fora, ao longe, a chuva que se desgarra.
Doía-me a mão como uma garra
Incapaz de se recolher...
E com as unhas da mão esquerda me obriguei a escrever.

drama

(n.t.) | Praga

ISMENE

GIÁNNIS RITSOS

O TEXTO: *Ismene* é um dos mais encenados – e mais apreciados pelo público – dos dezessete monólogos dramáticos ou cênicos que compõem a "Quarta Dimensão". Todos discorrem à guisa de revelação de um personagem, geralmente mítico, frente a um ouvinte silencioso. Neste monólogo é retomado o esboço mítico da Antígone de Sófocles, centrado numa ciografia de sua irmã, Ismene, da casa dos Labdácidas.

Texto traduzido: Ριτσος, Γ. *Ποιήματα: Τέταρτη Διάσταση* (1956-1972)*, τόμος στ'*. Αθήνα: Κέδρος, 2001.

O AUTOR: Giánnis Ritsos (1909-1990) nasceu no Peloponeso e é considerado com um dos cinco grandes poetas gregos do século XX. Publicou mais de cem coleções poéticas, além de contos, obras teatrais, estudos, diários de cárcere e traduções. Ativista de esquerda e membro da resistência durante a Segunda Guerra Mundial, foi encarcerado em campos de concentração nas ilhas de Limnos, Agios Efstratios, Samos, Makrónissos e Gyaros, como dissidente político. Seu poema "Epitáfio" foi queimado publicamente aos pés da Acrópole e sua poesia banida. Foi laureado com o Prêmio Lênin da Paz e a Coroa Dourada das Noites de Poesia de Struga.

O TRADUTOR: Miguel Sulis é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu *Epigramas*, de Rufinos, *Poemas Inacabados*, de Kaváfis, e *outro nascimento*, de Forugh Farrokhzad.

Contato: mikhsulis@gmail.com

ΙΣΜΗΝΗ

"Θαρρώ πως κάθε δόξα στηρίζεται σε πάμπολλες παρεξηγήσεις
κι οπωσδήποτε στην άρνηση της ζωής."

ΓΙΑΝΝΗΣ ΡΙΤΣΟΣ

(Ένας νεαρός αξιωματικός της φρουράς είχε ζητήσει να γίνει δεκτός απ' τη Δέσποινα του αρχοντικού. Ο πατέρας του δούλευε από παιδί στα κτήματά τους κ' είχε γίνει κάτι σαν άνθρωπος του σπιτιού. Τώρα, γέροντας πια κι άρρωστος, στέλνει το γιό του μ' ένα καλάθι φρούτα και μια γλάστρα βασιλικό, να φέρει τα σεβάσματά του και τον αποχαιρετισμό του στην τελευταία απόγονο της μεγάλης ξεκληρισμένης φαμίλιας. Η άδεια δόθηκε. Ο νεαρός αξιωματικός, με την εφαρμοστή στολή του, εύρωστος, όμορφος, με την καθάρια ελληνική εγκαρδιότητα της αγροτικής καταγωγής του, αλλά και μ' έναν εμφανή γενικό αισθησιασμό – ασφαλώς καλλιεργημένον απ' την επαφή του με τους ανθρώπους της πόλης κι απ' την αργία των στρατώνων – μοιάζει ιδιαίτερα συγκινημένος, κολακευμένος και ερωτικά σχεδόν ταραγμένος μπροστά στην ευγενική αρχόντισσα την έντονα βαμμένη και σφιγμένη στον κορσέ της, που διατηρεί ωστόσο την αόριστη χάρη μιας μακρινής, σβησμένης ομορφιάς. Εκείνος αφήνει αδέξια στο πάτωμα το καλάθι και τη γλάστρα σα νάκανε κάτι ανάρμοστο και μεταβιβάζει το μήνυμα του πατέρα του. Του προσφέρει κάθισμα απέναντι στο παράθυρο. Τον ρωτάει για την υγεία του πατέρα του, για τα κτήματα. Εκείνος μιλάει ατέλειωτα για τη ζωή στους αγρούς, για τις σοδειές, τα δέντρα, τα ποτάμια, τ' άλογα, τις αγελάδες. Εκείνη, παρ' ότι αφηρημένη, επιδεικνύει υπερβολικό ενδιαφέρον για όλα, παρατηρώντας τα δυνατά, άβολα χέρια του πάνω στα γόνατά του. Όμορφο ανοιξιάτικο δειλινό. Το φως μπαίνει απ' το ανοιχτό παράθυρο αχνορόδινο. Αργότερα γυρίζει στο πορτοκαλί, στο βιολετί, στο μενεξελί, ώς το βαθυγάλαζο. Απ' τον κήπο ακούγονται τα πουλιά. Στιγμές-στιγμές, κάποια ανταύγεια απ' τα βαριά κοσμήματά της περνάει στα έπιπλα, στο μεγάλο καθρέφτη, στα τζάμια ή στο πρόσωπο του νέου. Άξαφνα, εκείνος σωπαίνει. Βραδιάζει. Μια ανεξήγητη σιγαλιά κι αναμονή. Κ' ίσως γι' αυτό αρχίζει να μιλάει τώρα εκείνη σαν για να γεμίσει το κενό ή ν' αποτρέψει την προσέγγιση κάτι άπρεπου κι αναπότρεπτου ωστόσο):

Νάρχεστε πότε-πότε· – αυτό μου δίνει ευχαρίστηση. Εδώ πέρα
ο χρόνος είναι αργός· τίποτα πια δεν έρχεται ή δε φεύγει,
εκτός απ' τη συνηθισμένη αυτή φθορά στο ξύλο των επίπλων,
στα καδρόνια της στέγης, στα πατώματα, στις σκάλες,
στους σοβάδες, στα σκεύη, στις κουρτίνες, στους ρεζέδες –
αργή φθορά, μια σιωπηλή σκουριά, προπάντων στα χέρια και στα πρόσωπα.

Τα μεγάλα ρολόγια στους τοίχους σταμάτησαν – κανείς δεν τα κουρντίζει·
κι αν κάποτε στέκομαι μπροστά τους, δεν είναι για να δω την ώρα,
μα το ίδιο μου το πρόσωπο, καθρεφτισμένο στο γυαλί τους,
περίεργα, άσπρο, γύψινο, απαθές, σαν έξω απ' το χρόνο,
ενώ στο σκοτεινό τους βάθος οι σταματημένοι δείχτες,
πίσω ακριβώς απ' το είδωλό μου, είναι ένα ασάλευτο νυστέρι
που πια δεν έχει ν' ανοίξει ένα τραύμα, δεν έχει
να μου αφαιρέσει τίποτα – φόβο ή ελπίδα, αναμονή κι αδημονία.

Αυτή η αργή αυστηρότητα πολλαπλασιάζει την απόσταση
από μένα σε μένα, απ' τη μια κίνηση στην άλλη,
απ' τη μια θύμηση στην άλλη. Ένας ολόκληρος μήνας θα χρειαστεί
να περάσεις απ' τόνα δωμάτιο στ' άλλο. Μια αόριστη ομίχλη
στέκεται ανάμεσα στα πάντα. Πολλές φορές, τα χειμωνιάτικα πρωινά,
κάθομαι εδώ, πίσω απ' τα τζάμια και κοιτάω φιλικά την απόσταση· στο βάθος
τυχαίνει κάποιος να περνάει καμμιά φορά, ατμισμένος,
μια απρόσωπη, άσαρκη κηλίδα – κι ούτε επιχειρείς να την προσδιορίσεις
ούτε σε νοιάζει πού θα πάει – εδώ ή εκεί – το ίδιο κάνει...
Τα δέντρα
άυλα κι αυτά. Κείνες τις ώρες, αν κάποιος ξυλοκόπος
δοκίμαζε με το πελέκι του να κόψει μιαν ιτιά, ένα κυπαρίσσι,
ούτε ήχος ούτε ξύλο ούτε πελέκι.
Αυτή η ωραία αοριστία
είναι η μοναδική πραγματικότητα – φτιάχνει από μένανε μια ξένη
μακρινή κι άτρωτη σχεδόν, όπως εκείνη η κηλίδα στην ομίχλη,
και χαίρομαι αυτή την ελαφρότητα, μ' όλο που τη φοβούμαι κάπως.

Αν βγάλω τούτα τα βραχιόλια, αν λύσω τη νύχτα τα μαλλιά μου,
αν λύσω τα κορδόνια απ' τα σαντάλια μου, προπάντων αν βγάλω
ετούτα τα βαριά περιδέραια, που μου κρατούν το λαιμό σα χαλκάδες,
θαρρώ πως θα φύγω προς τα πάνω, θα εξαερωθώ. Δε θα τόθελα.
Ίσως γι' αυτό τα φορώ. Με στερεώνουν κατά κάποιο τρόπο,
παρ' ότι μ' ενοχλούν συχνά· – τα φορώ και στον ύπνο μου, σα νάμαι
ένα σκυλί που εγώ η ίδια τόχω δέσει μπρος σε μια πεσμένη πόρτα.

Μια τάφρος σιωπής – όπως είπατε – το τριγυρίζει αυτό το σπίτι,
σεβάσμια ή όχι – ας έλειπε. Εδώ κάπου, ίσως κ' εντός μου,
υπάρχει ένας στενόμακρος διάδρομος χωρίς φεγγίτες
χωρίς φανάρια, χωρίς πόρτες, – δε βγάζει πουθενά· μυρίζει
σάπιο σανίδι, σκόνη, μούχλα, κατσαρίδες, παλιωμένο χρόνο·
άνθρωποι αμίλητοι περνάνε κουβαλώντας σπασμένες καρέκλες,
μεγάλα ξύλινα κιβώτια, κάδρα, πανάρχαιους καθρέφτες –

Κάποτε πέφτει ένα κρύσταλλο, μια πρόκα ή το κατάχλωμο χέρι
μιας ελαιογραφίας στρατάρχου, ή μια ανθοδέσμη μενεξέδες
απ' τα διάφανα, λεπταίσθητα χέρια μιας ζωγραφισμένης δέσποινας, –
κανείς δε σκύβει να τα πάρει· μήτε φαίνονται άλλωστε
μέσα σ' αυτή την κατευναστική μονιμότητα της σκιάς, όπου όλα
έχουν περάσει στην αρμοδιότητα του ανεκμετάλλευτου, του ανέκφραστου
ή της σιωπής ή και των ποντικών.
Το μόνο που ακούγεται
είναι το βήμα των ποντικών (καθόλου το ροκάνισμά τους –
αυτά τα πράγματα δεν έχουν πια πυκνότητα, δε ροκανίζονται), μονάχα
το συρτό βήμα τους στους τοίχους και στο σώμα μας
ή μάλλον μες στο σώμα μας.
Κ' είναι μια ωραία ασχολία
να παρακολουθείς αυτή την αθόρυβη κατάρρευση
σ' ένα κενό τόσο βαθύ (χωρίς βάση και τέλος)
που σου γεννάει μιαν αίσθηση απεραντοσύνης,
κάτι σαν τις μεγάλες έννοιες που ονοματίζουμε περίφανα:
ελευθερία, αθανασία, αιωνιότητα και διάφορες άλλες.

Όχι, λοιπόν, κατάρρευση – μια κι όλα αυτά δεν έχουν από πού και πού να πέσουν· –
ένας αδέσμευτος μετεωρισμός, περίπου κάτι φτερωτό, σαν τα πουλιά, π.χ.,
που ανεβοκατεβαίνουν ή και ακινητούν μες στα φτερά τους· θάλεγα
μια ακίνητη πτήση μέσα στην απόλυτη, ευγενική ματαιότητα,
μια ύστατη ισορροπία – η ύστατη ελαφρότητα
όλης της ύλης – άρα και του θανάτου.
Γι' αυτό με βλέπετε τόσο χαρούμενη –
αν λέγεται τούτο χαρά: η έλλειψη κάθε σκοπιμότητας,
κάθε φιλοδοξίας – μια εξαίσια νάρκη χειμερία
μ' ακέρια τη συνείδηση του ψύχους, και μάλιστα μ' ένα αίσθημα οίκτου
για κείνους που υποφέρουν απ' το κρύο, που συζητούν για το κρύο,
που κουκουλώνονται μ' ένα σωρό φανέλες, πανωφόρια, κουβέρτες
για να προφυλαχτούν. Ω, αυτή η αστεία φροντίδα της προφύλαξής μας –
όλο προφύλαξη, προφύλαξη απ' το κρύο, απ' τη ζέστη, απ' την πείνα, τη δίψα,

απ' την αρρώστια, απ' το λάθος, απ' το θάνατο· και μήτε που το βάζει ο νους μας
ότι το κρύο ανεβαίνει από μέσα μας, κι ούτε μπορείς τελικά να το αποφύγεις.

Βεβαίως, λίγη φωτιά στο τζάκι, το χειμώνα, κάτι αξίζει· –
πάντοτε μ' ενδιέφεραν οι φλόγες με τις εύκαμπτες χορευτικές κινήσεις,
με τους πολύχρωμους, ασώματους αγγέλους, με τις σκιές τους
στο ταβάνι, στους τοίχους· – η σκιά του μεγάλου αργαλειού ή της ανέμης,
η σκιά μιας κιθάρας που κρέμεται στο στύλο· και περισσότερο απ' όλα,
αν είναι σώματα γυμνά – μεγεθυσμένες οι σκιές των μελών τους
επάνω στο ίδιο τους το σώμα, σαν ένα άλλο σώμα
μελανό κ' ερυθρό· – η σκιά του στήθους κάτω απ' το στήθος
με τη θηλή υπογραμμισμένη· η σκιά του στόματος μέσα στο στόμα·
εκείνη η τρομερή σωματική βεβαιότητα, η εξαίσια εχθρότητα,
όπως ορθώνονται τα μέλη, και μετά το ευγενικό τους λύγισμα
μέσα σε μια βαθειά κατάνυξη, κι όχι ταπείνωση. Το λύγισμα
είναι θαρρώ το μέτρο του ύψους. Οι πάντα φοβισμένοι
δεν έχουν τη δύναμη (καθώς, λόγου χάρη, η αδελφή μου) να σκύψουν,
και το ύψος τους είναι μονάχα μια παγωμένη ακαμψία.
Ποια η περιφάνεια τους λοιπόν; Ποια η αρετή τους;

Ω, η αδελφή μου ρύθμιζε τα πάντα μ' ένα π ρ έ π ε ι ή δ ε ν π ρ έ π ε ι,
λες κ' είταν πρόδρομος εκείνης της μελλοντικής θρησκείας
που χώρισε τον κόσμο στα δυο (στον εδώ και στον πέρα), που χώρισε
το ανθρώπινο σώμα στα δυο, πετώντας το απ' τη μέση και κάτω.

Πολύ τη λυπόμουν. Παρά λίγο να βλάψει και μένα. Αν την δοξάσανε τόσο
είταν γιατί τους γλύτωσε απ' το να πράξουν το ίδιο. Στο πρόσωπό της
τιμήσαν τη δική τους αντίθεση νεκρή· – αυτοσυχωρέθηκαν,
αθωώθηκαν και ησύχασαν.
Αν είχε ζήσει, ω, σίγουρα,
θα την είχαν μισήσει. Μοναδική της σκέψη
είταν ο θάνατος. Και τώρα λέω: μια κ' ήξερε
ότι δεν είταν τρόπος να τον αποφύγει, αντί να τον προσμένει
αργά, βαριά, γερνώντας ανωφέλευτα, προτίμησε
να τον προλάβει, να τον προκαλέσει μάλιστα, στ' όνομα
μιας πονηρής κ' ιταμής γενναιοφροσύνης, αντιστρέφοντας το φόβο
όλης της ζωής και της επιθυμίας της σε ηρωισμό,αντιστρέφοντας
τον ίδιο της αναπότρεπτο θάνατο σε μιαν ευτελή αθανασία,
ναι, ναι, ευτελή, παρ' όλη της την εκτυφλωτική λαμπρότητα. Πώς το άντεξε, θε μου,
αυτή η αιώνια φοβισμένη, ώς το θυμό, η αιώνια τρομαγμένη
μπροστά στο φαΐ, μπροστά στο φως, μπροστά στα χρώματα,

μπροστά στο δροσερό, γυμνό νερό;
Ποτέ της
δεν άφησε τον Αίμονα να της αγγίξει το χέρι. Πάντα μαζεμένη
σάμπως για να μη χάσει τίποτε, αναδιπλωμένη στον εαυτό της,
με τόνα χέρι της χωμένο στο μανίκι του άλλου,
με την πλάτη κολλημένη στον τοίχο, με τα φρύδια σμιγμένα,
πρόθυμη μόνο να παρασταθεί σ' όλες τις δυστυχίες,
νιώθοντας ίσως περηφάνεια για τη δυστυχία της – ποια δυστυχία;

Ποτέ της δε φόρεσε ένα κόσμημα· ώς και τον αρραβώνα της
τον καταχώνιασε σ' ένα σεντούκι, περιφέροντας
τη σκοτεινή αλαζονεία της μες στις νεανικές παρέες μας,
επισείοντας πάνω απ' τα γέλια μας το σκυθρωπό της βλέμμα
σα γυμνό ξίφος ματαιότητας.
Κι αν, κάποτε,
έκανε να βοηθήσει στο τραπέζι, να φέρει ένα πιάτο, μιαν υδρία,
θαρρείς πως κουβαλούσε στις παλάμες της ένα γυμνό κρανίο
και τ' ακουμπούσε ανάμεσα στους αμφορείς. Κανείς πια δε μεθούσε.

Μια νύχτα, παίζοντας, αγόρια και κορίτσια, πάνω στο χορό, κάποιος
είχε την έμπνευση ν' αλλάξουμε ρούχα – να φορέσουν τ' αγόρια γυναικεία
κ' εμείς αντρικά. Κ' είτανε μια παράξενη πληρότητα, μια αδέξια ελευθερία
μέσα σ' αυτή την αλλαγή, – σαν ξένοι στον εαυτό μας και ταυτόχρονα
σωστοί και ειλικρινείς. Μονάχα η αδελφή μου
έμεινε με τα μαύρα ρούχα της, στη γωνιά, πετρωμένη,
επιτιμητική κι αντιπαθητική. Κατεβήκαμε γρήγορα τις σκάλες,
βγήκαμε έξω στον κήπο, σκορπίσαμε. Τα κορίτσια,
ντυμένα αντρικά, είταν πιο θαρρετά απ' τα αγόρια. Κ' είχε φεγγάρι –
ένα μεγάλο φεγγάρι σαν ταψί. Απ' τα παράθυρα ερχόταν
η μουσική διϋλισμένη απ' τα φυλλώματα.
Ο Αίμων
Φορούσε το δικό μου φόρεμα κ' είταν τόσο δικός μου
που χόρεψα μέσα στο συντριβάνι και τα νερά κρουνελίζαν
στα μαλλιά μου, στους ώμους μου, στα μάγουλά μου,
σα νάκλαιγα – λέει· ώσπου πάγωσα ολόκληρη κ' ένιωσα νάχω γίνει
ένα άγαλμα επίχρυσο του ίδιου του εαυτού μου, φωτισμένο απ' το φεγγάρι,
άντικρυ στα τυφλά μάτια του πατέρα. Αυτό το ρίγος μου επανέρχεται ακόμη.

Τότε είτανε που εχάθη για τρεις μέρες η αδελφή μου.
Θαρρώ πως είχε καταφύγει στου πατέρα σας. Αυτός μας την έφερε
πάνω σ' ένα μουλάρι. Στο σαμάρι του κρέμονταν ανάποδα

δυο λευκές κότες κ' ένας κόκκορας πολύχρωμος· – μούκανε εντύπωση
η άνεση που είχαν στην αντεστραμμένη εκείνη στάση, – μήπως κούραση;
μήπως υποταγή; γλυκειά σοφία του αναπότρεπτου; Εκείνη ούτε τα προσεξε.

Η αδελφή μου θαρρείς και ντρεπόταν που είταν γυναίκα. Ίσως αυτό
νάταν η δυστυχία της. Κ' ίσως γι' αυτό να πέθανε. Καθένας μας ίσως
θάθελε νάναι κάτι άλλο απ' ό,τι είναι. Άλλος τ' αντέχει περισσότερο ή λιγότερο,
άλλος καθόλου. Η μοίρα, καθώς λένε, μας δένει μες στον κύκλο του ακατόρθωτου
να τριγυρνάμε γύρω-γύρω στο πηγάδι, όπου μέσα του μένει
κλεισμένο, σκοτεινό, αξεδιάλυτο το πρόσωπό μας. Η αδελφή μου
αρνιόταν να παραδεχτεί και να υπακούσει, – αλύγιστη η απελπισμένη.

Ωστόσο, κάποιο μεσημέρι του καλοκαιριού, που όλοι κοιμόνταν,
την ώρα που κατέβαινα ξυπόλυτη τη σκάλα, την είδα
μπρος στο κελλάρι της τραπεζαρίας, με μια γαβάθα πετιμέζι στην ποδιά της,
να τρώει μεγάλες κουταλιές μουλιασμένο ψωμί. Γύρισα κ' έφυγα.
Ακούστηκαν μεμιάς τα τζιτζίκια που φώναζαν στον κήπο. Δε με είδε.

Ποτέ δεν της τόπα. Δεν έμαθε. Πολύ τη λυπόμουν.
Πεινούσε κ' εκείνη (και τόξερε). Μπορεί και ν' αγαπούσε. Δεν το ανεχόταν
να σκύψει μπρος στην ίδια της επιθυμία, που δεν είταν, βέβαια,
δικό της έργο, δική της εκλογή. Μόνο το θάνατό της, – όχι·
μόνο την ώρα και τον τρόπο του θανάτου της μπορούσε να διαλέξει.
Κι αλήθεια, διάλεξε. Κ' εκείνο της το «ἄκλαυτος, ἄφιλος»,
ιδίως εκείνο το «ἀνυμέναιος», είταν η μόνη της ομολογία,
η πρώτη ωραία ταπεινωσύνη της, η μόνη θηλυκή της γενναιότητα,
η τελευταία και μόνη της ειλικρίνεια, που έτσι σα να δικαίωσε κάπως
την πικραμένη υπεροψία της. Αυτό τη συχώρεσε στα μάτια μου.

Κ' εκείνο τ' άλλο – όταν ανοίξαμε κάποτε το βάζο με το πετιμέζι
και τόβραμε μισοάδειο, (όλοι κοιτούσαν παραξενεμένοι)
μια κοκκινίλα ανέβηκε στα μάγουλά της. Εγώ κοίταζα αλλού. Στα παράθυρα
η μέρα είταν κάτασπρη και δύσκολη, τόσο που ευχήθηκα μέσα μου
την τύφλωση όλων για όλα. Κ' ένιωσα, πρώτη μου φορά, πως ο θάνατος
δεν είναι μαύρος, αλλά άσπρος – δεν μπορείς να κρυφτείς. Δυο υπηρέτριες
τιμωρήθηκαν για κείνη την κλοπή. Θαρρώ πως από τότε
είχε αποφασισμένο πια το θάνατό της, – παραμόνευε, περίμενε.

Είχε τρομάξει η ανήμπορη την αμαρτία – ποια αμαρτία; –
γιατί τάχα αμαρτία η συμφωνία με την επιθυμία μας; Ποτέ της
δεν είταν η αδελφή μου τόσο ωραία, όσο νεκρή· εγώ μόνη μου

της έβαψα έντονα τα μάγουλα (μπορεί και να θυμήθηκα
εκείνο της το ερύθημα μες στην τραπεζαρία, μπροστά στο βάζο),
της έβαψα τα χείλη, βυσσινιά, και τα μάτια κατάμαυρα, τεράστια
με καμένο φελλό (ποτέ της δε βαφόταν). Της φόρεσα
πενταπλά περιδέραια να κρύψω το σημάδι του λαιμού της,
τα σκουλαρίκια εκείνα με τους δυο γυμνούς ερωτιδείς, δαχτυλίδια, βραχιόλια,
και μια φαρδειά, χρυσή πόρπη στη ζώνη της. Έτσι, βαμμένη, στολισμένη,
είχε αποχτήσει μια παράξενη ομοιότητα μ' εμένα.
«Πώς μοιάζει της Ισμήνης», είπε σιγά ένα κορίτσι. Τώρα
είχε παραιτηθεί απ' τις τρομερές της αποφάσεις, απ' τους ηθικούς κανόνες,
απ' όλες τις ανώητες αντρικές φιλοδοξίες και ιδεοληψίες. Πεθαμένη,
είχε γίνει επιτέλους γυναίκα.
Και πλάι της ο μνηστήρας της
γυμνός – (πώς γίνεται, με τόση ακρίβεια, μες απ' το θάνατο,
να διακρίνουμε το κάλλος του σώματος; – ίσως
γατί ευωδιάζαν τα πορτοκαλάνθια που τους είχαν ραντίσει)
κι αυτή η γαμήλια νεότητα, ολοκληρωμένη κι απροστάτευτη – απόρθητη –

Κανείς σχεδόν δεν πρόσεχε το λείψανο της Ευρυδίκης. Οι γυναίκες
αργούσανε πολύ να σαβανώσουν τον Αίμονα, επιμέναν
να του πλένουν προσεχτικά πάλι και πάλι ένα-ένα τα δάχτυλα
στα πόδια και στα χέρια, τις μασκάλες, τα στήθη, τα σκέλη,
κ' η κίνησή του μαλακή (καθώς τον γύριζαν) της εγκατάλειψης,
ή μάλλον της παράδοσης, μου θύμισε κείνη τη νύχτα στον κήπο,
το μεγάλο φεγγάρι, το νερό που μ' έβρεχε· – θάθελα πάλι
να το φορέσω τα ρούχα μου, – δεν τόλμησα. Μια πεταλούδα
πορτοκαλιά με μαύρες βούλλες μπήκε απ' το παράθυρο
και στάθηκε στο φύλο του. Τότε οι γυναίκες βάλαν μονομιάς τους θρήνους
και τον έντυσαν γρήγορα. Τότε έγινε στ' αλήθεια νεκρός.

Έξω, στο περιστύλιο, ακούστηκε ο άγριος βόγγος του Κρέοντα
κ' η κλαγγή του σπαθιού του υπογραμμίζοντας τη σιωπή των φρουρών του.

Αναρωτιέμαι κάποτε μήπως και γεννηθήκαμε μόνο και μόνο
για να παραδεχτούμε απλώς πως θα πεθάνουμε. Ωστόσο, στα διαλείμματα
αυτής της άδικης ερώτησης κινείται η ζωή μας.
Ο Αίμονας
είχε μακρήνει απ' όλους· δεν ανήκε πια στην αδελφή μου
μήτε στους φίλους του. Μια μεγάλη ησυχία, σχεδόν μια ικανοποίηση –
αυτή η ανεπανόρθωτη φυσική στέρηση· – μια γαλήνια βεβαιότητα:
κανένας πια δεν μπορεί να μας πάρει αυτό που δεν υπάρχει·

η μνήμη το κρατάει ακέριο σε βαθειά αποκλειστικότητα
και μάλιστα εφαρμόζοντάς το κάποτε στους άλλους. Έχετε κάτι απ' τον Αίμονα –
αυτή τη συστολή που φέρνει η δύναμη κ' η ακεραιότητα· ιδίως το πηγούνι
μ' αυτή την αυλακιά στη μέση.
Τα βράδια που κάθομαι δω μέσα,
δεν ξέρω γιατί κελαϊδάνε ακόμη τα πουλιά στον κήπο· – ίσως γι' αυτό –
για την καινούργια αυλακιά του αλετριού –
Οι νεκροί, ξέρετε,
πιάνουνε πάντοτε πολύ τόπο· – όσο μικροί κι ασήμαντοι,
μεγαλώνουν μεμιάς· γεμίζουν ολόκληρο το σπίτι· δε βρίσκεις
μια γωνιά να σταθείς. Ακόμη κ' η μητέρα,
τόσο σεμνή, συγκρατημένη πάντα της, αθόρυβη,
έχει αποχτήσει τώρα μια εξουσία απαραβίαστη
στ' ανθοδοχεία, στα σκεύη της μαγειρικής, στ' ασπρόρουχα,
στα πιο κλειστά παραπετάσματα, στις ώρες του απόβραδου,
όταν αρχίζει να βρέχει, και το μακρύ βελονάκι της
θαμποφέγγει προβαίνοντας απ' το παλιό κανίσκι της των εργοχείρων –
αυτή 'ναι η θέση της μητέρας, το ύφος της μητέρας,
η στάση της, η σκέψη της – όλα είναι τώρα των νεκρών.

Κάποτε στέκομαι μπροστά σ' έναν καθρεφτη
για να χτενίσω τα μαλλιά μου. Το κρύσταλλο ολόκληρο
είναι γεμάτο απ' το σώμα τους. Μονάχα κάτω απ' τη μασκάλη τους,
καθώς ανοίγουν τα τεράστια χέρια τους σε μια χειρονομία απαγόρευσης,
πιάνω στιγμιαία ένα μικρό, στριμωγμένο κομμάτι του προχώπου μου
ή τόνα μάτι μου σα νάμαι μονόφθαλμη. Πάνω στα σκαλοπάτια
έμεναν κάθε πρωί τα σκονισμένα χνάρια
απ' τα γυμνά, μεγεθυσμένα πέλματά τους. Είταν δύσκολο
ν' ανέβω ή να κατέβω, μην πατήσω πάνω τους.
Ώσπου, μια μέρα,
άκουσα ν' ανεβαίνει ο νέος μας κηπουρός δυο-δυο τα σκαλοπάτια –
«Κυρία, Κυρία, ανθίσαν τα γαρύφαλλα», φώναζε, λαχάνιαζε
κ' είταν έτοιμος να κλάψει σχεδόν. Στάζανε τα μαλλιά του
φρεσκοβρεγμένα. Είταν Μάης. Κατέβηκα γρήγορα τη σκάλα.

Τα γαρύφαλλα τόντι είχαν ανθίσει. Είταν εκεί το συντριβάνι.
Βγάλαμε τα κλουβιά τα καναρίνια στο πεζούλι του κήπου,
τους πλύναμε τα φλιτζανάκια, αλλάξαμε νερό, βάλαμε καναβούρι·
προγευματίσαμε κάτω απ' τα δέντρα. Είχε ζεστάνει η μέρα.
Πέρασα στα μαλλιά μου ένα γαρύφαλλο. Το ψωμί είταν νόστιμο.

Ίσως κ' εκείνα τα γαρύφαλλα να τάχε στείλει ο πατέρας σας. Ήξερε
πως αγαπούσα τα λουλούδια. Πάντα του, σαν ερχόταν στην πόλη,
μούφερνε στο μαντίλι του, μαζί με νοτισμένο χώμα
πατάτες από άγρια κυκλάμινα. Με βοηθούσε στο φύτεμα.
Θαρρώ πως θ' ανθίζουν ακόμη στο πάνω μέρος του κήπου. Αν θα θέλατε
μπορούμε κάποτε να πάμε να δούμε.
Να του πείτε
πως πάντα τον θυμούμαι· τίποτα δεν έχει αλλάξει εντός μου,
τίποτα, ναι, – κι αυτό 'ναι το πικρό, την ώρα που όλα αλλάζουν
έξω και γύρω μας – σπίτια κι αμάξια, πρόσωπα και χέρια και όπλα,
χτενισιές και φορέματα και τα καπέλα που φορούσαμε –

Θυμάμαι τότε τους απογευματινούς μας περιπάτους με τ' αμάξι –
εκείνα τα καπέλα μας όλο λουλούδια, κέρινα κεράσια, στάχυα,
κ' εκείνες οι μακριές κορδέλες που ανεμίζανε πίσω μας, πέρα,
αγγίζοντας πότε-πότε τ' αυτιά μας σα φιλικά χαλινάρια
που τα τραβούσε ανάλαφρα ο αέρας, αναγκάζοντάς μας
να κρατάμε το πρόσωπο ψηλά, τραβώντας και το δέρμα μας στα μάγουλά μας,
προς τα πίσω, βαθιά, σ' ένα μεγάλο χαμόγελο (μπορεί και ν' αντιγράφαμε
αθέλητά μας τ' άλογα της άμαξας), – γαλάζιες, ρόδινες και κίτρινες κορδέλες,
πολύχρωμες ρίζες – σα νάμαστε τάχα ουράνια δέντρα,
ελεύθερα δέντρα κινούμενα.
Κ' η εσάρπα της μητέρας
φτεροκοπούσε ακόμη πιο μακριά σαν ένα διάφανο μαβί πουλί πελώριο.

Σαν έβγαινε ο αποσπερίτης, δεν ξέρω πώς, μου φαινότανε
πως άλλαξε μεμιάς ο θόρυβος απ' την εσάρπα της·
γινόταν έτσι κάπως δυσοίωνος. Μ' έπιανε φόβος
μην τυλιχτεί στο λαιμό της και την πνίξει, μη την τυλίξει ολόκληρη
όπως σπαργάνωναν παλιά τους νεκρούς.
Γυρίζαμε σπίτι,
βιαζόμαστε ν' ανάψουμε τις λάμπες, να κάνουμε κάτι.
Οι δυο φανοστάτες της εισόδου φρουρούσαν τον πυλώνα. Αργότερα,
πούβγαινε το φεγγάρι, είταν όμοιο με πόρπη μιας αόρατης ζώνης
και πάνω του έτρεμε η σκιά ενός κύκνου ή πιθανόν η εσάρπα της μητέρας.

Ο μικρός αδελφός μου είχε μανία με τις πόρπες· είχε μαζέψει
μια ολόκληρη συλλογή απ' αυτές, διαφόρων εποχών, αντρικές, γυναικείες,
από φαρδιούς πολεμικούς ζωστήρες ή από παλιές λεπτεπίλεπτες ζώνες –
περίεργα σχήματα, περίεργα σχέδια, περίεργες παραστάσεις
ανθρώπων, θεών, πουλιών, τεράτων.

Μια φορά μου τις έδειξε.
Έλαμπαν με ποικίλες λάμψεις το φθινοπωριάτικο εκείνο ηλιοβασίλεμα.
Δεν κατάλαβα τίποτα. Εκείνος μου εξηγούσε, μου εξηγούσε
σαν κάτι νάθελε να κρύψει· κάτι μου έμενε ανεξήγητο,
κι αυτό ακριβώς μούχε αρέσει. Ίσως κ' εκείνος αυτό να επιδίωκε,
δηλαδή ν' αναδείξει το ανεξήγητο. Η κυρίαρχη λάμψη
είταν ένα βαθύ βυσσινί καθώς το αίμα, ή χαλκοπράσινο
καθώς τα σπλάχνα του ανθρώπου. Μα εκείνο που μούμεινε πιότερο απ' όλα
είταν μια αίσθηση από ακμαία σώματα, γυμνά, μετά την κίνησή τους
ν' αφαιρέσουν ανυπόμονα τη ζώνη τους. Όταν του τόπα, θύμωσε. (Μα μήπως
υπάρχει τίποτα στον κόσμο πιο ανεξήγητο, πιο ασύλληπτο
από το τόσο απτό – κ' ίσως γι' αυτό, – το τόσο ευμετάβολο ανθρώπινο σώμα;)

Αυτός είταν που πήγε στους Αργείους. Η αδελφή μου τούχε αδυναμία.
Αυτός κ' εκείνη είταν απόλυτοι, εύθικτοι, άδικοι. Θέλω να πω
είχαν μια αντίληψη πολύ προσωπική της δικαιοσύνης. Δεν έβλεπαν
και το δίκιο των άλλων ή τη γενική αδικία. Έτσι χαθήκανε
κι αυτοί και οι άλλοι. Όμως τις πόρπες τις κρατώ· κ' είναι το μόνο
που απομένει απ' αυτόν. Κι όπως έμαθα αργότερα,
τις είχε συγκεντρώσει από ζώνες νεκρών. Αυτή η πληροφορία
δεν άλλαξε την πρώτη μου αίσθηση καθόλου, απεναντίας την υπογράμμισε.

Παράξενο, – μέσα σ' όλες αυτές τις αλλαγές, τις ταραχές, τις ανακατατάξεις, όπως λένε,
να μένει μόνον, ξεχωρίζοντας καθάρια πάνω απ' όλους τους θανάτους,
το ανθρώπινο σώμα, ανυπεράσπιστο, ανίδεο, αμετάπειστο, εξαίσιο. Θαρρώ
πως μόνο κάλλος είναι η άγνοια· μόνη αρετή η νεότητα· –
πόσο κρατάει κι αυτή; πόσο κρατάμε; Ανανεώνεται, θα πείτε,
με τις ερχόμενες γενιές· – όχι για μας, όχι για μας – ποια, λοιπόν, η ανανέωση;

Θυμάμαι όταν σηκώναν τ' αποφάγια απ' το τραπέι – κόκκαλα, ψωμιά, κουκούτσια,
το μάτι μου έπαιρνε κρυφά, ξέρετε, εκείνες τις μαλαματένιες σπείρες
ελαστικές, μαγνητικές – τις φλούδες των πορτοκαλιών – σα νάθελαν
να ξαναπάρουν το σχήμα τους. Μια αρχαία κραυγή μου ανέβαινε στο στόμα
«μη· μη·», – δεν έλεγα τίποτα· κοιτούσα. Πετούσαν τις φλούδες
πίσω απ'τη μάντρα του προαύλιου. Δε σας συμβαίνει και σας πότε-πότε;
Μια κρατημένη κραυγή. Κ' οι νύχτες μύριζαν πορτοκαλόφλουδα.

Ευχαριστήστε τον πατέρα σας εκ μέρους μου για τα όμορφα δώρα του.
Περαστικά του. Καλές ώρες περάσαμε στα κτήματα –
τα μόνα ωραία μας καλοκαίρια. Εκεί γνωριστήκαμε
με τ' άλογα, τα πλατάνια, τα νερά, – μπορώ να πω και με τ' αστέρια. Εκεί μάθαμε

τα ονόματα των φυτών και των πουλιών – μελισσουργούς, καρδερίνες, κοτσύφια· –
μου φέρανε κάποτε μια πέρδικα σ' ένα καλάθι· σε λίγες μέρες πέθανε
έτσι ανεξήγητα όπως πεθαίνει ένας άνθρωπος. Την έθαψα
κάτω απ' τις δυο μηλιές. Δεν μπόρεσα να κλάψω. Φωνάζαν πιο πέρα
τ' αγόρια που λουζόνταν στο ποτάμι. Σε λίγο, έτσι γυμνά, μουσκεμένα,
καβάλλησαν τ' άλογα ξεσέλλωτα και χάθηκαν στο δάσος.

Ίσως ανάμεσά τους νάσαστε κ' εσείς. Εμένα δε μ' άφηναν.
Εμένα με μαθαίναν χωριστά ιππασία, σ' έναν περιφραγμένο χώρο
με τσουκνίδες, ξερόχορτα, μολόχες. Είταν όμορφα τότε.
Μ' άρεσε ξέχωρα ο τρύγος. Τα πάντα ευωδιάζανε μούστο,
το σπίτι, ο αέρας, το νερό, τα ρούχα, τα παράθυρα. Κοιτούσα
τα πόδια εκείνων που πατούσαν τα σταφύλια, κόκκινα, ολοκόκκινα,
σάμπως βαμμένα με αίμα σε μια ψεύτικη μάχη
που δεν της έλειπε ωστόσο μια ωραία αγριότητα. Κ' έλεγα στη μητέρα:
«θα πρέπει οι γυναίκες τους να τους γλείψουν τα πόδια
μην πάει χαμένος τόσος μούστος». Κ' η μητέρα γελούσε.

Κείνα τα βράδια είταν πολύ μεγάλα. Ολάκερη η πλάση
μοσκοβολούσε σαν παχύρρευστη μουσταλευριά. Μυριάδες αστέρια
πασπάλιζαν τις στέρνες με λεπτή κανελόσκονη. Ένα άλογο
χλιμίντριζε μέσα στον ύπνο μας.
Το άλογο του Αίμονα, ξέρετε,
όταν χάθηκε εκείνος, δεν το κούνησε απ' τον τάφο του.
Εγώ του πήγαινα τροφή, νερό, τούδινα ζάχαρη μες στην παλάμι μου· –
δεν τα δοκίμασε. Σε μια βδομάδα πέθανε κι αυτό. Μετά ησυχάσανε τα πάντα.
Μοιράσαμε τα ρούχα τους. Κλειδώσαμε τις κάμαρές τους. Κανένας
δεν έλεγε πια τ' όνομά τους. Σκεπάσαμε και τους καθρέφτες.

Μπορεί να σας είπε ο πατέρας σας τι δύσκολα χρόνια περάσαμε.
Τι κατάλαβαν, θε μου, τι κέρδισαν; – Σκοτούρες, σκοτούρες, καθήκοντα,
άσκοποι ηρωισμοί· – μεγάλες πόρτες άνοιγαν, έκλειναν στο ίδιο σκοτάδι·
γύψινα, χάλκινα, μαλαματένια, βελουδένια προσωπεία,
πονηρίες, κολακείες, μεταμφιέσεις, – να κρυφτούν από ποιον;
από τον εαυτό τους; απ' τους άλλους; απ' τη μοίρα; Κ' η αδηφαγία της δόξας –
θαρρώ πως κάθε δόξα στηρίζεται σε πάμπολλες παρεξηγήσεις
κι οπωσδήποτε στην άρνηση της ζωής – τι να την κάνεις;

Ένας άνθρωπος φώναζε κάτω απ' τις πέτρες – ίσως και μέσα μας –
φώναζε, φώναζε· κανένας δεν άκουγε· βιάζονταν
να πάνε – πού; – να κάνουν – τι; Δεν είχαν μιαν ώρα δική τους

να γδυθούν, να πλαγιάσουν, να ονειρευτούν μες στο ίδιο τους το σώμα,
να κοιταχτούν μόνο στα μάτια των άλλων – τι να δουν εκεί μέσα;
ίσως εκείνο που ήθελαν, καθόλου εκείνο που είσαν.
Μια μέρα,
μπήκε μες στην τραπεζαρία ένα πουλί. Σάστισαν όλοι·
δεν ήξεραν τι ν' απαντήσουν, μ' όλο που κανείς δεν τους ρωτούσε· θύμωσαν·
«διώχτε το, διώχτε το», φώναζαν· σηκώνονταν απ' τις καρέκλες τους, κουνούσαν τα χέρια τους·
έσπασαν δυο ποτήρια· το πουλί βγήκε απ' το παράθυρο·
σκυμμένοι οι υπηρέτες μαζεύαν τα γυαλιά· – τους πρόσεξα:
μονάχα αυτοί χαμογελούσαν – ξέραν το πουλί· τους έκλεισα το μάτι
και χαμογέλασα μαζί τους. Πάντοτε οι αθώοι (δε νομίζετε;)
έχουν ύφος ενόχου. Το ξέρετε κ' εσείς – είμαι βεβαία.

Ποτέ δε μ' εγκατέλειψε ο φόβος μη με καθίσουν μια μέρα στο θρόνο.
Μόνον αυτοί που φοβούνται τον εαυτό τους επιδιώκου τ' αξιώματα, ή, μάλλον,
αυτοί που μισούν τη ζωή και τους ανθρώπους. Δεν θα μ' άρεσε διόλου
νάμαι περίβλεπτη, να μην έχω έναν ίσκιο, μια θέση
σε μια δική μου μυστική περιοχή, να βγάλω αργά τα σαντάλια μου,
να παίξω τα κλειδιά των συρταριών μου με ξέγνοιαστο χέρι, αφημένο
έξω από το κρεββάτι μου.
Ο καημένος ο πατέρας – πάντα τον θυμάμαι –
είχε ένα πρόσωπο σα συσπασμένο χέρι, γαντζωμένο
σ' ένα μεγάλο μαύρο παραπέτασμα, για να το ρίξει· τόσο που κάποτε λέω
ίσως και νάταν καλό που τυφλώθηκε – ίσως έτσι τουλάχιστον να μπόρεσε
να δει προς τα μέσα του, να θυμηθεί λίγο-λίγο
εκείνα που δεν είχε δει· κ' ίσως έτσι, στ' αλήθεια, να τα είδε· γιατί ώς τότε
έβλεπε την αυταρχική μορφή του (φυσικά, κολακευμένη) μες στα βλέμματα
των φοβισμένων υπηκόων του· – κ' εκείνους κ' εκείνον
από παιδί πολύ τους λυπόμουν.
Ασήκωτο βάρος, νομίζω,
να κυβερνάς και να προστάζεις. Και πάντα, στο τέλος, καθένας
κυβερνιέται απ' αυτό που κυβερνά· – χώρια η απέραντη κείνη υποψία
προς όλους και προς όλα, – ένας ίσκιος πουλιού να περάσει στην αίθουσα
τυχαία την ώρα του λιογέρματος, είναι ένα τιναγμένο μαχαίρι
καμωμένο από αθόρυβο μέταλλο. Για τούτο οι τύραννοι
γίνονται μέρα με τη μέρα όλο πιο τύραννοι. Όταν ο κόσμος
έχει το φόβο σου είτε την ανάγκη σου, ποτέ δεν ξέρεις τι σου ετοιμάζει.

Καλύτερα, λοιπόν, μήτε να κυβερνάς μήτε να κυβερνιέσαι (πώς να γίνει;) –
φτάνει η κυβέρνια αυτή που μας σφραγίζει πριν απ' τη γέννησή μας· φτάνει
ο θάνατος που μας παραμονεύει· – μ' αυτόν εξοικειώνεσαι κάπως·

τα ενδιάμεσα πια χάνουν την αιχμηρότητά τους. Χαλαρώνει το σώμα,
ξεθωριάζει το χρώμα στα μαλλιά, στα παράθυρα, στα μάτια,
ξεσφίγγει η παλάμη, όπου μέσα της είχαν αποθέσει
ένα μεγάλο, σκληρό, χρυσό νόμισμα, κι όλη η ζωή μας
είταν μια σύσπαση για να κρατήσουμε τούτο το νόμισμα, ένας φόβος
μη και μας πέσει, μην το χάσουμε· αχρηστευόταν τόνα μας χέρι,
αχρηστευότανε η μισή ζωή μας, ολόκληρη η ζωή μας.

Τώρα ξεσφίχτηκε από μόνο του το χέρι, παραδόθηκε·
το νόμισμα έπεσε· μας το πήραν. Μόνο που μέσα στην παλάμη
μένει βαθύ το χάραγμα από κείνο το ατέλειωτο σφίξιμο. Η σαρκα
μαλάκωσε, γαλήνεψε. Μπορείς πια να σαλεύεις
ελεύθερα και τα δυο σου τα χέρια. Μπορείς να βαδίζεις
κινώντας άφοβα τ' άδεια σου χέρια μέσα στο άδειο –
μια αργή, ελαφρά κωπηλασία μες στο υπέροχο άσκοπο, ώσπου
ένα άλλο νόμισμα χάλκινο να σου βάλουν ανάμεσα στα δόντια.

Κακά 'ν' τα ψέματα – πούλεγε κι ο πατέρας σας. Μες στο μαλακωμένο ετούτο σώμα,
μένει παντοτεινά σκληρή, αμετάπειστη η επιθυμία· κ' η αίσθηση εκείνη
μιας αδικαιολόγητης αργοπορίας. Συχνά οι γυναίκες, τέτοιες ώρες,
αγκαλιάζουν τ' αγάλματα, φιλούν το πέτρινο στόμα τους, ονειρεύονται
πως πλαγιάζουν μαζί τους. Αν έτυχε ποτέ σας να δείτε τα χείλη
των αγαλμάτων βρεγμένα, είναι απ' το σάλιο ερημωμένων γυναικών. Η μνήμη
είναι, βέβαια, ένα κάποιο καταφύγιο. Όμως κι αυτή εξαντλείται,
της χρειάζονται νέες παραστάσεις, έστω τυχαίες, έστω ξένες.

Έχω διαλέξει τούτο το παράθυρο. Σκυμμένη δω πέρα, μισή μέσα, μισή έξω,
κοιτάζω, θυμάμαι. Δεν μου ανήκει τίποτα. Μια μεγάλη ησυχία.
Αρχίζω πάλι να παρατηρώ τα δέντρα, τα πουλιά, τα χρώματα,
τα πόδια των κυνηγών που γυρνούν με το σούρπωμα· – τόσο ελεύθερη αισθάνομαι·
κάτι έχουν να μου πουν, να μου εκμυστηρευτούν. Κάποτε, ντρέπομαι
γι' αυτή μου την καινούργια τρυφερότητα – παιδικότητα μάλλον –
που εγκαθίσταται άθελά μου στα χείλη μου, έτσι κάπως
σαν ένα χελιδόνι σε μια πεσμένη στέγη.
Παράξενο, αλήθεια –
πώς καταλάγιασε κείνος ο θόρυβος, – δε σ' άφηνε τίποτε ν' ακούσεις –
πώς έσβησε απόμακρα. Είμαι τάχατε εγώ; Είμουν εγώ; Κόσμος ανέβαινε, κατέβαινε, τότε,
κάτι έλεγε ο ένας στ' αυτί τ' αλλουνού, – σπασμωδικές κινήσεις,
πολιτικοί, στρατιωτικοί, διπλωμάτες, – ω, τι άνθρωποι αποτρόπαιοι, θε μου,
σαν αποστηθισμένοι, αριθμημένοι, επαναλαμβανόμενοι. Δεν ήξερες τι μήνας, τι ώρα, τι χρόνος.

Πόλεμοι, επαναστάσεις, αντεπαναστάσεις (πόσες φορές ξανάγιναν τα ίδια), –
σωρός οι στάχτες στις πλατείες απ' τις φωτιές που ανάβαν
για τις μεγάλες γιορτές ή τους νεκρούς – ίδια στάχτη·
κάποτε καίγανε κι αυτούς που λίγο πριν τους ονομάζαν ήρωες.
Τα φύλλα της δάφνης είχαν χάσει εντελώς το νόημά τους.

Έκλεινες τα μάτια σα νάκλεινες μια πόρτα σ' ένα ξένο σπίτι,
να μη δεις, να μη σκέφτεσαι. Δολοπλοκίες, δωροδοκίες, προδοσίες·
οι πιο εύκαμπτοι στη ραχοκοκκαλιά στέκονταν πάντα ψηλότερα·
Θηβαίοι, Αργείοι, Κορίνθιοι, Σπαρτιάτες, Αθηναίοι – ποιοι διοικούσαν, στ' αλήθεια; –
μια μυστική εξουσία σα νακινούσε από μακριά τα νήματα·
έβγαιναν προσωπιδοφόροι τα μεσάνυχτα με δυνατά κλεφτοφάναρα·
ένα πρόσωπο, που τόξερες, γινόταν άξαφνα μια άσπρη αστραπή ή ένας γδούπος·
οι άνθρωποι μες στο φόβο σα νάσμιγαν πάλι.
Ένα απόγευμα,
ψηλά, από τη σοφίτα ενός φτωχού σπουδαστή, ακούστηκε φλάουτο. Οι γυναίκες
μαζεύτηκαν κάτω στο δρόμο, γονάτιζαν, κλαίγανε. Ο τρελλός, ξεκούμπωτος,
χτυπούσε με μια πέτρα το στήθος του· «μάνα μου, μάνα μου», φώναζε·
«μάνα μου, να πεθάνω, να πεθάνω», φώναζε·
πέρασε ένα καμιόνι σκεπασμένο· όλοι σκορπίσανε· το φλάουτο σώπασε·
ο τρελλός ούρησε καταμεσίς του δρόμου. Οι άνθρωποι χωρίσανε πάλι
αγνώριστοι, σφιγμένοι, ξένοι.
Μα είμουν νέα τότε,
τόσο νέα που δεν τόξερα καν. Ξεχνούσα εύκολα. Στο παράθυρο εκείνο
απόμεινε κρεμάμενο, αλαφροσαλεύοντας, δεμένο με σπάγγο,
ένα μικρό τριαντάφυλλο. Τόσο μόνο. Ξεράθηκε κ' εκείνο.

Χτυπούσαν οι καμπάνες· σώπαιναν. Άνθρωποι εφτάναν, φεύγανε, τρέχαν.
Κάποτε πιάνανε καταρρακτώδεις βροχές· πλημμύριζαν οι στέρνες μες στα σπίτια·
έλεγες όλα θα τα πάρει το νερό, θα τα τραβήξει στη θάλασσα, θα τα ξεπλύνει.
Έβγαινε πάλι ο ήλιος· στέγνωναν· δεν άλλαζε τίποτα. Ο κήπος
έκανε τον αθώο· λάμπαν τα γαρύφαλλα. Πάνω απ' τον κήπο
κροτούσαν τα τυπογραφεία, οι γραφομηχανές. Ίδιοι άνθρωποι μ' άλλα προσωπεία,
κουρντισμένοι, ξεκούρντιστοι, μπαίναν στις αίθουσες, καθόνταν
μπρος σε μεγάλα, μαύρα, αστραφτερά, δικαστικά τραπέζια,
τα χέρια τους είταν μεγάλες, άπληστες, λυμφατικές αράχνες,
ξετύλιγαν ρουλά χαρτιά· διάβαζαν· έγραφαν· σφράγιζαν·
έστελναν άλλα χαρτιά· χειρονομούσαν· άνοιγαν διάπλατα το στόμα,
φωνή, κραυγή δεν έβγαινε – μια μαύρη τρύπα στον αέρα·
μπορεί και να φωνάζαν «ζήτω» ή «κάτω» – δεν ξεχώριζα τίποτα·

μόνο ένας φόβος ξεχώριζε· δεν ήξερα τότε γιατί· απορούσα
πώς μπορεί να φοβούνται οι μηχανές, τα τραπέζια, οι καρέκλες,
το στόμα του καπνοδόχου, το μισοτελειωμένο κρασί στο ποτήρι,
η ψημένη κότα στην πιατέλα, ένα πιρούνι υψωμένο πάνω απ'το πιάτο –
κ' έμενε εκεί παγωμένο.
Κάτι όμορφοι αγγελιαφόροι καταφτάναν·
ανοίγαν κ' εκείνοι το στόμα τους· ήχος δεν έβγαινε·
μα είταν αλλιώς αυτοί· λαχανιάζαν· μας άρεσε
εκείνο το λαχάνιασμά τους· φαινόταν κ' η γλώσσα τους
κόκκινη, κατακόκκινη, σα νάταν πολύ καλοκαίρι με ποτάμια και δέντρα.

Έστελναν τότε και φωνάζαν τον τυφλό γέρο-μάντη. Ένα γλυκό παιδόπουλο
τον κρατούσε απ' το χέρι. Μεγαλόπρεπος, παμπόνηρος, ωραίος,
με τη μακριά γενειάδα του ώς τα γόνατα, με τα άδεια μεγάλα του μάτια
(θαρρούσα πως υποκρινόταν τον τυφλό και πως τα γένεια του είταν ψεύτικα)
με τη δεσποτική του ράβδο, – απόπνεε νηνεμία, μακαριότητα, πληρότητα·
γνώριζε – λέγανε – τη γλώσσα των πουλιών, της φωτιάς, της σιωπής, των ανέμων·
ένα περιστέρι καθόταν στον ώμο του.
Η αδελφή μου τον φοβόταν,
κρυβόταν πίσω απ' τη ράχη του ή πήγαινε στ' άλλο δωμάτιο
κ' είμουν βεβαία πως από κει θα κρυφάκουγε. Εγώ τον αγαπούσα. Μια μέρα
μούπιασε το πηγούνι, μου σήκωσε το πρόσωπο. «Θάσουνα πιο όμορφη – μου είπε –
αν είσουν αγόρι». «Είμαι», του είπα. Γελάσαμε
κ' οι δυο σαν συνένοχοι. Οι άλλοι οργίζονταν μαζί του
σα νάφταιγε αυτός για όσα τους μέλλονταν. Χτυπούσε το ραβδί του κ' έφυγε.
Πίσω του μέναν κάτι πούπουλα μαύρα, λευκά ή χρυσορόδινα.

Για λίγο γινόταν μια μεγάλη σιωπή, σαν όλα νάχαν χάσει
τη σημασία τους και το βάρος τους. Μια γαλήνια χαλάρωση
σερνόταν πίσω απ' τα γόνατα. Κανένας δεν έδιωχνε
τη γάτα πούχε ανέβει στο τραπέζι και μασούσε ένα ψάρι. Στα τζάμια του παράθυρου
το φως χυνόταν υπόλευκο, πεπλατυσμένο. Κι αμέσως μετά
χτυπούσαν ξέφρενα τα τύμπανα. Μια σάλπιγγα πάνω στο φρούριο
και μια άλλη απέναντι, μες απ' τα λιόδεντρα. Τις νύχτες
ανάβανε φωτιές από λόφο σε λόφο. Πυρσοφόροι περνούσαν,
μια οπή τεράστια ανοιγόταν στο σκοτάδι· διακρινόταν το χάος. Και πάλι
η νύχτα κρυβόταν μες στη νύχτα. Όλοι κρυβόνταν. Δεν καταλάβαινα τίποτα.

Πότε μας βάζαν ν' απαγγείλουμε κάτι ποιήματα μπροστά σε ξένους.
Εμείς, τα παιδιά, δε θέλαμε. Κλαίγαμε. Πότε να προσφέρουμε
Μιαν ανθοδέσμη σ' έναν άσκημο, αδύνατο γέρο με ψεύτικες μασέλες. Πότε

μας βγάζαν κ' εμάς στον εξώστη να χαιρετίσουμε τα πλήθη. Πότε μας κρύβαν
κάτω στα υπόγεια με τα μεγάλα κιούπια. Κοιτούσαμε τις αράχνες·
έσταζε το κερί· παίρναμε τις ζεστές σταγόνες· φτιάχναμε
λαγούς, αλέτρια, βάρκες ή γυμνά ανθρωπάκια. Πότε μας στέλναν,
νύχτα, με συνοδεία, κοντά στον πατέρα σας.

Δεν προφταίναμε να βγάλουμε τα σαντάλια μας, να σεργιανίσουμε στη χλόη,
να κόψουμε μόνες ένα μήλο. Μας έπαιρναν πάλι.
Άλλαζαν οι σημαίες στα φρούρια, στα δημόσια κτίρια. Ποιος νίκησε τάχα; Ποιος νικήθηκε;
Οι καβαλλάρηδες πηδούσαν απ' τ' άλογα, βγάζαν τις σέλλες,
τις κουβαλούσαν στο διάδρομο· κάθονταν στα σκαμνιά· βγάζαν τις ζώνες τους·
βγάζαν τις μπότες τους. Τα πόδια τους είταν μεγάλα.
Μύριζαν πέυκο και τραγίλα. Οι γυναίκες προφασιζόνταν τις συναχωμένες·
έσφιγγαν το μύλο του καφέ μπροστά στο παράθυρο, ώσπου να βγει το φεγγάρι.

Τότε, νομίζω, κατέβαιναν οι αλεπούδες κ' οι λύκοι απ' το δάσος.
Έλαμπε ολόκληρη η νύχτα σαν ασβεστωμένη.
Το ποτάμι στεκόταν· δεν έτρεχε. Οι πέτρες είταν άσπρες.
Μπρος στα κρεββάτια χάσκαν οι μεγάλες μπότες των ιππέων.
Ο πιο μικρός ζεσταινόταν· γδύθηκε ολόκληρος·
πέρασε πίσω απ' την κουρτίνα· η κουρτίνα φωτιζόταν.
Μαλαματένια φύλλα πέφταν στις ταράτσες. Οι πετεινοί φωνάζαν.

Τότε περίπου τυφλώθηκε ο πατέρας. Μονομιάς όλα γίνηκαν
κόκκινα, κατακόκκινα με πράσινες βούλλες,
κόκκινα και τα πιάτα με μια τρύπα στη μέση. Λίγο αργοτερα,
ακούστηκαν και πάλη οι σάλπιγγες. Οι άντρες τιναχτήκαν απ' τον ύπνο τους,
ζώνονταν τα σπαθιά τους, πηδούσανε στ' άλογα. Ένας ίσκιος πελώριος
απόμενε στο προαύλιο – ίσως νάταν απ' τ' ορθρινό φεγγάρι,
ίσως από το φτερωτό μαρμάρινο λιοντάρι του πανάρχαιου πύργου.

Οι θέσεις τους επάνω στα κρεββάτια μέναν για λίγο ζεστές. Μετά κρυώνανε.
Εκεί κουλουριαζόνταν οι γυναίκες και κλαίγαν. Η αδελφή μου
Μέρα τη μέρα αδυνάτιζε· γινόταν πιο σκληρή· χλώμιαζε·
απόφευγε τον Αίμονα και μένα. Έβγαινε μόνη τ' απογεύματα.
Ίσως να πήγαινε ώς τις πύλες των Θηβών, ίσως και να κουβέντιαζε
με κείνη τη λιοντόκορμη γυναίκα. Τα μάτια της σε κάρφωναν

με δυο παγωμένα ερωτήματα, κι ας μη σε κοιτούσε.
Φανερό πως περίμενε κάτι έκτατο. Τις νύχτες δεν κοιμόμασταν.

Τα σεντόνια πέφταν στο πάτωμα. Πολλές φορές έκανα πως κοιμάμαι·
την παρακολουθούσα – πλαγιασμένην πιο κει σε ασάλευτη ένταση. Μια νύχτα
το φεγγαρόφωτο είχε εισδύσει στο δωμάτιο, την έλουζε ώς τη μέση·
την είδα να κινεί τα φωτισμένα δάχτυλά της σα χορεύτρια, σαν ιέρεια,
σα νάπλεκε ένα αόρατο σκοινί, σα νάγραφε αριθμούς στον αέρα·
κάτι μετρούσε – ίσως τα χρόνια της (ή μήπως την ανυπαρξία;)
ύστερα τάφερε γύρω στο λαιμό της, τ' άφησε εκεί ασημένια,
και μονομιάς τινάχτηκε σα να τρόμαξε. Σηκώθηκε,
πήρε την άσπρη δαντελένια ομπρέλα της μητέρας, την άνοιξε
και κάθησε κάτω της, συμμαζεμένη στο κρεββάτι, σαν για να προφυλαχτεί
απ' το φεγγάρι ή απ' τους ίσκιους της νύχτας. Έμοιαζε έτσι
σα νάταν όλη τρυπημένη από μικρούς ασημογάλανους μαιάνδρους.

Μα ίσως στο μεταξύ να με είχε πάρει ο ύπνος. Όταν άνοιξα τα μάτια μου
Είδα τα μαντεμένια πόδια των κρεββατιών πανίσχυρα, τριχωτά, κτηνώδη.
Άκουσα που περνούσε ο σταμνάς για τη δουλειά του. Κοίταξα απ' το παράθυρο.
Στο δρόμο είταν άδεια πακέτα από τσιγάρα, σημαιούλες, χαρτοπετσέτες, φυσίγγια.
Πίσω απ' τα κυπαρίσσια φαινόταν η μάντρα του μαρμαράδικου
μ' έναν τεράστιο χάλκινο ιππέα. Μια μέρα
ακούστηκε ένας τρομερός θόρυβος. Μες στην τραπεζαρία,
καταμεσίς στο τραπέζι με το πρόγευμα, είχε πέσει
ο μεγάλος πολυέλαιος. Μπορούσες πια να περιμένεις τα πάντα.

Δεν έμειναν παρά κομμάτια κρύσταλλο και λάμψεις. Στην πόρτα
στέκονταν δυο πανύψηλοι κουτσοί με δεκανίκια.
Οι υπηρέτριες τους έδιωξαν. Οι άντρες είχαν φύγει.
Όλος ο κόσμος άδειασε μεμιάς. Οι γυναίκες δε βάφονταν.
Σέρναν αργά τις παντόφλες τους. ξεχνούσαν ν' ανάψουν τις λάμπες.
Κάνανε το σταυρό τους πίσω απ' τα μαλλιά τους. Οι τσουκνίδες μεγάλωναν στους κήπους.
Μες στον κισσό είχαν κρύψει τα κλειδιά. Τ' άλογο του πατέρα, γερασμένο,
εξαφανίστηκε ένα βράδι. Δεν ξαναγύρισε. Κάποιο παλιό του πέταλο
το κρέμασαν στην πόρτα της αποθήκης. Το σκοινί του
το δέσαν σε δυο δέντρα για τα ρούχα της μπουγάδας.

Στιγμές-στιγμές, μέσα στη γενική αναστάτωση, γινόταν
μια τεράστια σιωπή, τρομερά διάφανη. Τα πάντα αποκτούσαν
μιαν άλλη οπτική και ηχητική, ένα άλλο ενδιαφέρον,
εκείνο το γεμάτο αδιαφορία. Τα κοιτούσες κατάματα· τ' άκουγες.
Οι κόττες μπαίναν στο νεκροταφείο, σκάλιζαν όλη μέρα·
έκαναν κάτι θεόρατα αυγά, όπου τύχει, μες στις μαργαρίτες,
κάτω απ' το δεντρολίβανο, στο δρόμο ή στις καρέκλες. Ένα αόρατο χέρι

αφαιρούσε ένα-ένα τα μεγάλα σκουριασμένα καρφιά από τις πόρτες.
Οι μύγες ξύπναγαν νωρίς, χτυπούσαν δυνατά τα τζάμια.

Έξω απ' τα τείχη πληθαίναν οι νεκροί. Είμουνα πάντα περίεργη
για τους νεκρούς· – όχι προσπάθεια εξοικείωσης με το θάνατο
ούτε και συμφιλίωσης. Κάποτε ξέφευγα την επιτήρηση
της μητέρας και των παιδαγωγών· σκαρφάλωνα στο φρούριο· κοίταζα
μες απ' τις πολεμίστρες· – κουβαλούσαν τους νεκρούς σε χειραμάξια, σε φορεία, σε σκάλες·
άλλοι απομέναν πλαγιασμένοι κάτω στην πεδιάδα, σε όμορφες στάσεις,
ήσυχοι, νέοι, ωραίοι, πλάι στα σκοτωμένα άλογά τους. Τους έβλεπα
χωρίς καθόλου θλίψη, – ωραίοι, σαν ταγμένοι στον έρωτα.
Ώσπου ήρθαν οι δικοί μας νεκροί· και μεμιάς μεγαλώσαμε.

Είδα την αδελφή μου στην αυλή τα χαράματα – σημαδεμένη απ' τη μοίρα –
κατάχλωμη. Τα χέρια της, το φόρεμά της, τα μαλλιά της όλο χώματα.
Τ' αγιάζι το πρωινό μας περόνιαζε. Τρέμαμε. Η μέρα κατέβαινε
απέραντα άσπρη, διάτρητη με μαύρα κοράκια.

Τι κατάλαβαν, θε μου, τι κέρδισαν; Τα άλλα τα ξέρετε.
Δεν απόμεινε τίποτα. Μόνο η πέτρινη Σφίγγα πάνω στο βράχο
έξω απ' τις πύλες των Θηβών, αδιάφορη, απερίσπαστη –
δε θέτει πια ερωτήματα. Κόπασε ο μάταιος θόρυβος. Άδειασε ο χρόνος.
Μια ατέλειωτη Κυριακή με κλεισμένα παράθυρα. Απίστευτο
τα βράδια του καλοκαιριού να ποτίζουν ακόμη τους κήπους.

Μια τάφρος σιωπής – όπως είπατε. Κοιτάχτε, βγήκε το φεγγάρι.
Ακούγεται έξω και το συντριβάνι. Δεν το ακούτε; Τα χέρια σας
διατηρούν ακόμη τους ωραίους ρόζους της αγροτικής δουλειάς. Ελπίζω
να μη μείνετε μονίμως στο στρατό. Σαν λήξει η θητεία σας
επιστρέψτε στα κτήματα, κοντά στον πατέρα σας. Η πόρτα ετούτη
οδηγεί κατευθείαν στο διαμέρισμά μου. Ο διάδρομος που βγάζει στο νότο
δε φρουρείται ποτέ. Χτυπήστε εφτά φορές. Μεσάνυχτα. Θα σας ανοίξω.
Θάθελα να σας δώσω κάτι μικροπράματα για τον πατέρα σας.

Κάτι κουστούμια του Αίμονα – τάχω κρατήσει στη ντουλάπα –
θα σας πηγαίνουν μια χαρά φαντάζομαι. Και το καινούργιο του ξίφος,
από χρυσάφι, ελεφαντόδοντο, ρουμπίνια, – δεν πρόφτασε
να το ζώσει στη μέση του. Είναι όμορφη η νύχτα. Προσέχτε τη σκάλα.

(Έχει σκοτεινιάσει. Μπαίνει στο διαμέρισμά της ενώ ακούγονται ακόμη τα βήματα του νεαρού αξιωματικού στη σκάλα. Ζητάει ψηλαφητά τα σπίρτα στο μικρό τραπέζι. Ανάβει και τα τρία κεριά στο κηροπήγιο. Χτυπάει τον κρεμασμένο, μετάλλινο δίσκο. Έρχεται η Τροφός. «Δε θα δειπνήσω απόψε», λέει. «Δε θα σε χρειαστώ. Μπορείς να πλαγιάσεις. Α, ναι, φέρε μου ένα ποτήρι νερό. Και να κουρντίσεις κείνο το εκκρεμές στην αίθουσα. Το ξεχάσαμε. Πάρε και κείνο το καλάθι με τα φρούτα. Τη γλάστρα βάλ' την στο παράθυρο». Σε λίγο της έφερε το νερό. Έφυγε. Ησυχία. Κλειδώνει και τις δυο πόρτες. Ακούγεται τώρα και το ρολόι από δίπλα. 9. 9 και τέταρτο. 10. 10 και μισή. Μπροστά στον καθρέφτη. Ξεβάφεται. Γδύνεται. Πεσμένα στήθη. Σημάδια απ' το σρίξιμο του κορσέ στην κοιλιά. Οι δαχτυλιές του χρόνου στους μηρούς. 11. Βγάζει τα περιδέραια. Το δέρμα κάτω απ' το σαγόνι, χαλαρό, κρεμασμένο. 11 και τέταρτο. Παίρνει το κηροπήγιο στ' αριστερό της χέρι. Πλησιάζει στον καθρέφτη. Με τον παράμεσο του δεξιού χεριού τραβάει το δέρμα κάτω απ' τα μάτια. Ο βολβός θολός μ' ένα λεπτό δίχτυ κόκκινες φλέβες. Φέρνει τώρα τα δάχτυλά της στα βαμμένα μαλλιά. Οι ρίζες άσπρες. Έκφραση ναυτίας στο ακίνητο πρόσωπο. Τραβηγμένες οι άκρες των χειλιών. 11 και μισή. Αρχίζει να βάφεται. Ντύνεται μ' ένα κόκκινο φόρεμα. Φοραέι τα κοσμήματα. Ξαπλώνει στην κόκκινη, βελουδένια πολυθρόνα, αντίκρυ στον καθρέφτη. Κλείνει τα μάτια. 12. Εφτά χτυπήματα σιγανά στην πόρτα. Σιωπή. Και πάλι εφτά χτυπήματα, πιο δυνατά. Σιωπή. Και πάλι τα χτυπήματα. Ύστερα τίποτα. Μεγάλη σιωπή. Το ποτήρι γυαλίζει. Σηκώνεται. Πλησιάζει στον καθρέφτη. Βάφεται πάλι. Άσπρη σα γύψος. Τα μάτια πελώρια, κατάμαυρα. Ένα γύψινο προσωπείο. Αλλάζει. Φοράει ένα φόρεμα της αδελφής της, κλειστό, ριχτό, πτυχωτό, καστανόχρωμο. Βάζει μια ζώνη με φαρδειά πόρπη. Ανοίγει το συρτάρι του κομοδίνου. Κάτι πιάνει. Με τη ράχη γυρισμένη στο κηροπήγιο και στον καθρέφτη, πίνει με μικρές διακεκομμένες γουλιές το νερό, σα να παίρνει ασπιρίνες. Ξαπλώνει στο κρεββάτι ντυμένη και με τα σαντάλια της. Ακίνητη. Ήσυχη. Κλείνει τα μάτια. Χαμογελάει. Κοιμήθηκε; Απ' την πλαϊνή αίθουσα ακούγεται το ρολόι).

ISMENE

"Creio que cada glória se apoia em muitíssimos equívocos
e impreterivelmente na negação da vida."

GIÁNNIS RITSOS

(Um jovem oficial da guarda pedira para ser recebido pela Senhora do palácio. Seu pai trabalhava desde criança em seus campos e tornara-se algo como uma pessoa da casa. Agora, já velho e enfermo, envia seu filho com um cesto de frutas e um vaso de basilicão, para levar seus respeitos e sua despedida à última descendente da grande família arruinada. A permissão foi dada. O jovem oficial, com sua farda justa, vigoroso, belo, com a pura cordialidade grega de sua descendência campesina, mas também com uma evidente sensualidade – seguramente cultivada pelo seu contato com pessoas da cidade e pelo ócio dos quartéis – parece especialmente comovido, lisonjeado e quase eroticamente atordoado frente à gentil aristocrata, intensamente pintada e apertada em seu espartilho, que mantém, todavia, a indefinida graça de uma distante, apagada beleza. Ele deixa desastradamente no chão a cesta e o vaso como se fizesse algo inadequado e participa a mensagem de seu pai. Ela oferece-lhe assento frente à janela. Pergunta-lhe sobre a saúde de seu pai, sobre os campos. Ele fala interminavelmente sobre a vida nos campos, sobre as colheitas, as árvores, os rios, os cavalos, as vacas. Ela, embora distraída, demonstra interesse exagerado em tudo, observando as fortes, desajeitadas mãos sobre os joelhos dele. Belo ocaso primaveril. Pela janela aberta, entra a luz de um tom rosa claro. Depois se volta ao laranja, ao púrpura, ao violeta, até o azul escuro. Do jardim escutam-se os pássaros. Volta e meia algum reflexo de suas volumosas joias passa aos móveis, ao grande espelho, às vidraças ou ao rosto do jovem. De repente ele se cala. Anoitece. Um inexplicável silêncio e espera. E talvez por isso comece a falar ela agora, como se para preencher o vazio ou para impedir a aproximação de algo impróprio e, todavia, inevitável):

Vem de vez em quando; isso me dá gosto. Aqui
o tempo é lento; nada mais vem ou vai,
além dessa costumeira ruína na madeira dos móveis,
nas aguieiras do telhado, nos pisos, nas escadas,
nos estuques, nos utensílios, nas cortinas, nas dobradiças –
lenta ruína, uma silenciosa escoriação, principalmente nas mãos e nos rostos.

Os grandes relógios nas paredes pararam – ninguém lhes dá corda;
e se por vezes fico à sua frente, não é para ver a hora,
mas meu próprio rosto, espelhado em seus vidros,
curiosamente branco, gípseo, apático, como se fora do tempo,
enquanto em seus fundos sombrios os ponteiros parados,
exatamente atrás de minha imagem, são uma imóvel lanceta
que não tem mais nenhuma ferida para abrir, não tem
nada a remover de mim – medo ou esperança, espera e impaciência.

Essa lenta austeridade multiplica a distância
de mim a mim, de um movimento a outro,
de uma lembrança a outra. Será necessário um mês inteiro
para passar de um quarto a outro. Uma neblina indefinida
se impõe entre todas as coisas. Muitas vezes, nas manhãs invernais,
sento-me aqui, atrás das vidraças, e olho amistosamente a distância; ao fundo
acontece de passar alguém alguma vez, fumegado,
uma mancha sem rosto, sem carne – e nem tentas defini-la
nem te importa aonde vai – aqui ou lá – dá no mesmo...
As árvores,
também elas imateriais. Nessas horas, se algum lenhador
experimentasse cortar com seu machado um salgueiro, um cipreste,
nem som nem madeira nem machado.
Essa bela indefinição
é a única realidade – faz de mim uma estranha
distante e quase invulnerável, como aquela mancha na neblina,
e alegro-me com essa leveza, embora a tema um pouco.

Se eu tirar esses braceletes, se soltar à noite meus cabelos,
se soltar os cordões de minhas sandálias, sobretudo se tirar
esses pesados colares, que me prendem o pescoço como correntes,
creio que irei para cima, evaporarei. Não gostaria.
Talvez por isso os use. De alguma forma me fixam,
embora me incomodem amiúde; – mesmo em meu sono uso-os, como se fosse
um cachorro que eu mesma amarrei frente a uma porta caída.

Um fosso de silêncio – como disseste – circunda esta casa,
Respeitável ou não – que faltasse. Aqui algures, talvez dentro de mim,
existe um oblongo corredor sem trapeiras
sem lampiões, sem portas, – não leva a lugar nenhum; cheira
tábua podre, pó, mofo, baratas, tempo envelhecido;
pessoas caladas passam carregando cadeiras quebradas,
grandes caixas de madeira, quadros, antiquíssimos espelhos –

Às vezes cai um cristal, um prego ou a lívida mão
de uma oleografia de marechal, ou um ramalhete de violetas
das transparentes, delicadas mãos de uma senhora pintada, –
ninguém se curva para tomá-los; aliás, nem aparecem
nessa aplacadora imutabilidade da sombra, onde tudo
passou à pertinência do inutilizado, do inexpressivo
ou do silêncio ou também dos ratos.
A única coisa que se ouve
é o passo dos ratos (nem mesmo seu roído –
essas coisas não têm mais densidade, não se roem), só
seu passo corrediço nos muros e em nossos corpos
ou talvez dentro de nossos corpos.
E é uma bela ocupação
acompanhar essa insonora ruína
em uma lacuna tão profunda (sem base e fim)
que te nasce uma sensação de imensidão,
algo como as grandes noções que nomeamos orgulhosos:
liberdade, imortalidade, eternidade e diversas outras.

Não, então, ruína – já que tudo não tem de onde ou para onde cair; –
uma incontida suspensão, talvez algo alado, como os pássaros, p.ex.,
que sobem e descem ou imobilizam-se em suas asas; diria
um voo imóvel na completa, nobre futilidade,
um último equilíbrio – a última leveza
de toda a matéria – portanto também da morte.
Por isso me vês tão alegre –
se isso se chama alegria: a falta de toda intencionalidade,
toda ambição – uma sublime hibernação
com incólume a consciência do frio, e aliás uma sensação de piedade
por aqueles que sofrem com o frio, que conversam sobre o frio,
que se enrolam com um monte de flanelas, sobretudos, cobertas
para se prevenir. Ah essa preocupação ridícula de nossa prevenção –
tudo é prevenção, prevenção do frio, do calor, da fome, da sede,

da doença, do erro, da morte; e nem se nos ocorre
que o frio sobe de dentro de nós, e que nem podes, enfim, evitá-lo.

Decerto um pouco de fogo na lareira, no inverno, algo vale; –
sempre me interessaram as flamas com seus movimentos dúcteis, dançantes,
com seus anjos coloridos, incorpóreos, com suas sombras
no teto, nas paredes; – a sombra do grande tear ou da dobadoura,
a sombra de uma cítara pendurada na coluna; e mais do que tudo,
se há corpos nus – aumentadas as sombras de seus membros
sobre seus próprios corpos, como um outro corpo
negro e rubro; – a sombra do peito sob o peito
com o mamilo sublinhado; a sombra da boca dentro da boca;
aquela terrível certeza corpórea, a sublime inimizade,
quando se levantam os membros, e depois seu gentil curvar-se
em meio a um profundo remorso, e não humilhação. Curvar-se
é, creio, a medida da grandeza. Os sempre amedrontados
não têm a força (como, por exemplo, minha irmã) para inclinar-se,
e sua grandeza é tão somente uma rigidez congelada.
Qual o seu orgulho, então? Qual a sua virtude?

Ah, minha irmã regulava tudo com um p o d e ou n ã o p o d e,
como se fosse precursora daquela religião futura
que dividiu o mundo em dois (no aqui e no além), que dividiu
o corpo humano em dois, jogando-o fora da cintura para baixo.

Tinha-lhe muita pena. Por pouco não me prejudicou. Se a glorificaram
foi porque os salvou de cometer o mesmo. Em seu rosto
honraram sua própria oposição morta; – autoperdoaram-se,
inocentaram-se e tranquilizaram-se.
Certamente, se tivesse sobrevivido, ah,
odiá-la-iam. Seu único pensamento
era a morte. E digo agora: uma vez que soube
que não havia maneira de evitá-la, ao invés de esperá-la
lenta, pesadamente, curvando-se inutilmente, preferiu
alcançá-la, provocá-la aliás, em nome
de uma maliciosa e insolente magnanimidade, revertendo o medo
de toda a sua vida e desejo em heroísmo, revertendo
sua própria morte inevitável em uma indecorosa imortalidade,
sim, sim, indecorosa, apesar de todo o seu brilho ofuscante. Como aguentou, meu deus,
até o ódio essa eterna amedrontada, a eterna aterrorizada
com a comida, com a luz, com as cores,
com a água fresca, nua?

Nunca
deixou que Hémon tocasse-lhe a mão. Sempre contraída
como se para não perder nada, redobrada em si,
com uma de suas mãos enfiada na manga da outra,
com as costas coladas na parede, com as sobrancelhas franzidas,
solícita apenas para assistir a todos os infortúnios,
sentindo talvez orgulho de sua infelicidade – que infelicidade?

Nunca usou uma joia; até mesmo sua aliança
enfurnou em um baú, perambulando
sua arrogância sombria com nossas jovens companhias,
agitando sobre nossos risos seu olhar carrancudo
como nua lâmina de vaidade.
E se, às vezes,
fazia menção de ajudar na mesa, trazer um prato, uma jarra,
era como se carregasse em suas palmas um crânio nu
e o deixasse entre as ânforas. Ninguém mais se embriagava.

Uma noite, brincando, meninos e meninas, na dança, alguém
teve a inspiração de trocarmos as roupas – os meninos vestirem as femininas
e nós as masculinas. E era uma estranha plenitude, uma desajeitada liberdade
nessa mudança, – como estranhos a nós mesmos e ao mesmo tempo
corretos e sinceros. Somente minha irmã
ficou com suas roupas negras, no canto, petrificada,
repressora e antipática. Descemos rápido as escadas,
saímos ao jardim e nos dispersamos. As meninas,
vestidas de homem, eram mais ousadas que os meninos. E havia lua –
uma grande lua como uma forma. Das janelas vinha
a música filtrada pelas folhagens.
O Hémon
vestia a minha roupa e era tão meu
que dancei no chafariz e a água jorrava
nos meus cabelos, nos meus ombros, na minha face,
como se eu chorasse –; até que congelei por inteiro e senti que me tornara
uma estátua dourada de mim mesma, iluminada pela lua,
em frente aos olhos cegos do pai. Esse arrepio ainda me vem.

Foi então que desapareceu por três dias minha irmã.
Creio que fugira para a casa de teu pai. Ele a trouxe para nós
sobre uma mula. Em sua albarda penduradas de cabeça pra baixo
duas galinhas brancas e um galo bem colorido; – impressionou-me

o conforto que tinham naquela posição reversa, – talvez cansaço?
talvez submissão? doce sabedoria do inevitável? Ela nem reparou.

Minha irmã parece que se envergonhava de ser mulher. Talvez este
fosse o seu infortúnio. E talvez por isso morresse. Cada um de nós talvez
gostaria de ser algo distinto do que é. Alguém suporta mais ou menos,
outro, nada. A moira, como dizem, amarra-nos no ciclo do inexequível
a dar voltas ao redor do poço, onde dentro fica
fechado, sombrio, inextricável, nosso rosto. Minha irmã
negava-se a aceitar e obedecer, – inflexível, desesperada.

Entretanto, em algum meio-dia de verão, quando todos dormiam,
na hora em que descia descalça as escadas a vi
frente à cava da sala de jantar, com uma gamela de xarope de mosto em seu colo,
comendo grandes colheradas de pão macerado. Dei a volta e saí.
De repente se ouviam as cigarras que gritavam no jardim. Não me viu.

Nunca lhe disse. Não soube. Tinha-lhe muita pena.
Ela também tinha fome (e sabia). Talvez amasse. Não aguentava
curvar-se frente a seu próprio desejo, que não era, certamente,
obra sua, escolha sua. Somente sua morte, – não;
somente a hora e maneira de sua morte cabia-lhe escolher.
E em verdade, escolheu. E aquele seu "sem choro, sem amigos",
especialmente aquele "sem himeneu"[1], era sua única confissão,
sua primeira bela humilhação, sua única bravura feminina,
sua última e única sinceridade, que talvez assim justificasse
sua arrogância amarga. Isto a perdoou ante meus olhos.

E aquela outra vez – quando abrimos a jarra com o xarope de mosto
e a encontramos meio vazia, (todos olhavam surpreendidos)
uma vermelhidão subiu a suas bochechas. Eu olhava alhures. Nas janelas
o dia estava branquíssimo e difícil, tanto que desejei comigo mesma
a cegueira de tudo e de todos. Poucas rosas imbecis despontavam
do jardim até o caixilho. E senti, pela primeira vez, que a morte
não é negra, mas branca – não podes te esconder. Duas empregadas
foram castigadas por aquele roubo. Creio que desde então
já havia decidido a sua morte, – espreitava, esperava.

Aterrorizara-se a incapaz com a hamartia – que hamartia? –
por que seria hamartia a sinfonia com o nosso desejo? Nunca

[1] Sófocles, Antígone, 876. (n.t.)

esteve tão bela a minha irmã como quando morta; eu sozinha
pintei-lhe intensamente as bochechas (talvez me lembrasse
daquele seu rubor na sala de jantar, frente à jarra),
pintei-lhe os lábios de marasquino, e os olhos de preto retinto, enormes
com cortiça queimada (nunca se pintava). Vesti-lhe
colares quíntuplos para esconder a marca em seu pescoço,
aqueles brincos com os dois pequenos érotes nus, anéis, pulseiras,
havia adquirido uma estranha semelhança comigo.
"Como parece a Ismene", disse baixinho uma menina. Agora
abdicara de suas terríveis decisões, dos cânones éticos,
de todas as imbecis ambições e obsessões masculinas. Morta,
tornara-se finalmente mulher.
E a seu lado seu pretendente
nu – (como pode, com tanta exatidão, na morte,
distinguirmos a beleza do corpo? – talvez
porque perfumavam as flores de laranjeira que lhes haviam borrifado)
e esta nupcial juventude, completa e indefesa – inexpugnável –

Quase ninguém reparou na relíquia de Eurídice. As mulheres
demoravam para amortalhar o Hémon, insistiam
em lavá-lo cuidadosamente de novo e de novo, um por um os dedos
dos pés e das mãos, as axilas, o peito, os membros
e seu movimento suave (enquanto o giravam) do abandono,
ou provavelmente da entrega, lembrou-me daquela noite no jardim,
a grande lua, a água que me molhava; – de novo gostaria
de vesti-lo com minhas roupas, – não ousei. Uma borboleta
laranja com manchas negras entrou pela janela
e parou sobre seu sexo. Então as mulheres começaram de uma vez os trenos
e vestiram-no rapidamente. Então se tornou verdadeiramente morto.

Fora, no peristilo, ouviu-se o selvagem gemido de Creonte
e o tinido de sua espada sublinhando o silêncio de seus guardas.

Pergunto-me às vezes se nascemos só e tão só
para simplesmente admitir que morreremos. Todavia, nos intervalos
desta injusta pergunta move-se a nossa vida.
Hémon
afastara-se de todos; não pertencia mais a minha irmã
nem a seus amigos. Uma grande tranquilidade, quase uma satisfação –
esta irreparável privação física; – uma serena certeza:
ninguém mais nos pode tomar aquilo que não existe;
a memória o mantém incólume em profunda exclusividade

e às vezes o aplicando aliás aos outros. Tens algo do Hémon –
essa sístole que traz a força e a plenitude; especialmente o queixo
com esse sulco no meio.
Nas noites em que me sento aqui dentro,
não sei por que ainda gorjeiam os pássaros no jardim; – talvez por isso –
pelo novo sulco da charrua –
Os mortos, sabes,
sempre ocupam muito lugar; – mesmo pequenos e insignificantes,
crescem de repente; enchem toda a casa; não achas
um canto para parar. Até mesmo a mãe,
tão modesta, sempre comedida, silenciosa,
adquirira agora um poder inviolável
nos vasos de flores, nos instrumentos de culinária, nas roupas brancas,
nos reposteiros mais fechados, nas horas do crepúsculo,
quando começa a chover, e sua longa agulhinha
brilha ofuscante avançando de seu mais velho cesto de artesanatos –
este é o lugar da mãe, o tom da mãe,
sua posição, seu pensamento – agora tudo é dos mortos.

Às vezes fico parada frente a algum espelho
para pentear meus cabelos. Todo o cristal
está cheio do corpo deles. Só abaixo de sua axila,
quando abrem suas enormes mãos em um gesto de proibição,
pego momentaneamente um pequeno, apertado pedaço de meu rosto
ou um de meus olhos como se fosse zarolha. Sobre as escadarias
ficavam cada manhã as pegadas empoeiradas
de suas plantas nuas aumentadas. Era difícil
subir ou descer, sem lhes pisar em cima.
Até que, um dia,
ouvi o nosso novo jardineiro subir de dois em dois degraus –
"Senhora, Senhora, floresceram os cravos", gritava, ofegava
e estava quase pronto para chorar. Pingavam seus cabelos
recém molhados. Era Maio. Desci rápido a escadaria.

Os cravos de fato haviam florescido. Lá estava o chafariz.
Tiramos as gaiolas e os canários ao socalco do jardim,
lavamos suas xicrinhas, trocamos a água, colocamos sementes de cânhamo;
tomamos o desjejum sob as árvores. O dia havia esquentado.
Passei um cravo em meus cabelos. O pão estava saboroso.

Talvez teu pai houvesse mandado aqueles cravos. Sabia
como eu amava as flores. Sempre, quando vinha à cidade,

trazia-me em seu lenço, junto com terra úmida,
bulbos de ciclames silvestres. Ajudava-me a plantar.
Creio que devam florescer ainda na parte de cima do jardim. Se quiseres
poderíamos ir vê-los alguma vez.
Diz-lhe
que sempre me lembro dele; nada mudou dentro de mim
nada, sim, – e isso é o amargo, na hora em que tudo muda
fora e ao redor de nós – casas e carros, rostos e mãos e armas,
penteados e vestidos e os chapéus que usávamos –

Lembro-me de nossos passeios com o carro de então –
aqueles nossos chapéus cheios de flores, ceráceas cerejas, espigas,
e aquelas longas fitas que esvoaçavam atrás de nós, além,
tocando-nos de vez em quando as orelhas como rédeas amigas
que o vento suavemente puxava, obrigando-nos
a manter o rosto erguido, puxando-nos a pele às bochechas
para trás, profundamente, em um grande sorriso (talvez copiássemos
involuntariamente os cavalos da carroça), fitas azuis, rosas e amarelas,
raízes multicores – como se fôssemos acaso árvores celestes,
livres árvores móveis.
E a echarpe da mãe,
adejava ainda mais longe como um pássaro anil transparente, imenso.

Quando surgia a estrela da tarde, não sei como, parecia-me
que mudava de súbito o barulho de sua echarpe;
era como algo de mau agouro. Tomava-me o medo
que se enrolasse em seu pescoço e sufocasse-a, que se lhe enrolasse inteira
como enfaixavam antigamente os mortos.
Voltávamos para casa,
corríamos para acender as lâmpadas, fazer algo.
Os dois postes de luz na entrada guardavam o pilão. Mais tarde,
quando saía a lua, era qual a fivela de um cinto invisível
e sobre ele tremulava a sombra de um cisne ou quiçá a echarpe da mãe.

Meu irmão pequeno tinha mania com fivelas; havia juntado
toda uma coleção delas, de diferentes épocas, masculinas, femininas,
de largos cinturões marciais ou de antigas cintas delicadas –
curiosas formas, curiosos desenhos, curiosas representações
de pessoas, deuses, pássaros, monstros.
Uma vez me mostrou.
Brilhavam com diversos lampejos naquele pôr do sol de outono.
Não entendia nada. Ele explicava-me, explicava-me

como se quisesse ocultar algo; algo ficava-me inexplicável,
e isso justamente me havia agradado. Talvez ele pretendesse isso,
ou seja, evidenciar o inexplicável. O lampejo dominante
era um marasquino profundo como sangue, ou azinhavre
como as entranhas das pessoas. Mas aquilo que me ficou mais do que tudo
foi uma sensação de corpos prósperos, nus, após seu movimento
obliterando impacientes suas vidas. Quando lhe disse, zangou-se. (Mas será
que existe algo no mundo mais inexplicável, mais inconcebível
do que o tão palpável – e talvez por isso – o tão volátil corpo humano?)

Foi ele quem foi aos Argivos. Minha irmã tinha-lhe fraqueza.
Ele e ela eram absolutos, melindrosos, injustos. Quero dizer
tinham uma visão muito pessoal da justiça. Não viam
o justo dos outros ou a injustiça geral. Assim se perderam
eles e os outros. Todavia guardo as fivelas; e é o único
que resta dele. E como descobri mais tarde,
reunira-as de cintos de mortos. Essa informação
não mudou em nada minha primeira sensação, ao invés, a sublinhou.

Estranho, – dentre todas essas mudanças, distúrbios, reordenações, como dizem,
ficar só, destacando-se claramente sobre todas as mortes,
o corpo humano, indefeso, ignaro, irredutível, excelso. Creio
que a única beleza é a insciência; única virtude a juventude; –
quanto ela dura? quanto duramos? Renova-se, dirás,
com as próximas gerações; – não para nós, não para nós – qual é, então, a renovação?

Lembro-me quando levantavam os sobejos da mesa – ossos, pães, caroços,
meus olhos tomavam furtivamente, sabes, aquelas espirais douradas,
elásticas, magnéticas – as cascas de laranjas – como se quisessem
retomar sua forma. Um antigo grito subia-me à boca
"não; não;", – não dizia nada; olhava. Jogavam as cascas
atrás da cerca do adro. Não acontece contigo às vezes?
Um grito contido. E as noites cheiravam a casca de laranja.

Agradece de minha parte a teu pai por seus belos presentes.
Melhoras. Passamos boas horas juntos nos campos –
nossos únicos belos verões. Lá conhecemos
os cavalos, os plátanos, as águas, – as estrelas, posso também dizer. Lá aprendemos
os nomes das plantas e dos pássaros – abelharucos, pintassilgos, melros; –
uma vez me trouxeram uma perdiz em um cesto; em poucos dias morreu
assim, inexplicavelmente, como morre uma pessoa. Enterrei-a
sob as duas macieiras. Não pude chorar. Gritavam mais além

os meninos que se banhavam no rio. Logo, assim nus, molhados,
cavalgaram os cavalos desselados e perderam-se na floresta.

Quiçá estiveste tu também entre eles. A mim não me deixavam.
Ensinaram-me equitação separadamente, em um espaço cercado
com urtigas, ervas secas, malvas. Era belo então.
Gostava especialmente da vindima. Tudo cheirava a mosto,
a casa, o ar, a água, as roupas, as janelas. Olhava
os pés daqueles que pisavam as uvas, vermelhos, encarnados,
como se pintados com sangue em uma pseudobatalha
onde não lhes faltava contudo uma bela selvageria. E dizia para a mãe:
"Suas mulheres terão de lamber-lhes os pés
para não se perder tanto mosto". E a mãe ria.

Aquelas noites eram muito longas. Toda a criação
cheirava como um encorpado bolo de mosto. Miríades de estrelas
polvilhavam as cisternas com fino pó de canela. Um cavalo
relinchava em nosso sono.
O cavalo de Hémon, sabes,
depois que ele se foi, de maneira alguma saía do lado de sua tumba.
Eu levava-lhe comida, água, dava-lhe açúcar em minha palma; –
não experimentava. Em uma semana também ele morreu. Depois tudo se acalmou.
Dividimos suas roupas. Chaveamos seus quartos. Ninguém
dizia mais o nome deles. Cobrimos também os espelhos.

Talvez teu pai te tenha dito que anos difíceis que passamos.
Que entenderam, meu deus, que ganharam? – Aflições, aflições, obrigações,
heroísmos inúteis; – grandes portas abriam, fechavam na mesma escuridão;
gípseas, cúpricas, douradas, aveludadas máscaras,
malícias, lisonjas, disfarces, – esconder-se de quem?
de si mesmos? dos outros? do destino? E a voracidade da glória –
creio que cada glória se apoia em muitíssimos equívocos
e impreterivelmente na negação da vida – o que fazer com ela?

Uma pessoa gritava debaixo das pedras – talvez dentro de nós –
gritava, gritava; ninguém escutava; apressavam-se
para ir – aonde? – fazer – o quê? Não tinham uma hora sua
para se despir, deitar-se, sonhar em seu próprio corpo,
olhar-se em um espelho, olhar algum outro;

olhavam-se somente nos olhos dos outros – que veriam lá dentro?
talvez aquilo que quisessem, de forma alguma aquilo que eram.

Um dia,
entrou um passarinho na sala de jantar. Todos se atordoaram;
não sabiam o que responder, apesar de que ninguém lhes perguntasse; zangaram-se;
"xô, xô", gritavam; levantavam-se de suas cadeiras, agitavam suas mãos;
quebraram dois copos; o passarinho saiu pela janela;
curvados, os serviçais ajuntavam os cacos de vidro; – reparei:
só eles sorriam – conheciam o passarinho; pisquei-lhes o olho
e sorri com eles. Sempre os inocentes (não achas?)
têm ar de culpado. Tu sabes também – estou segura.

Nunca me abandonou o medo de que um dia me sentassem no trono.
Só aqueles que temem a si mesmos ambicionam os cargos, ou, mais,
aqueles que odeiam a vida e as pessoas. Não gostaria nem um pouco
de ser distinta, não ter uma sombra, um lugar
em uma região secreta minha, para tirar lentamente minhas sandálias,
brincar com as chaves de minhas gavetas com mão despreocupada, deixada
para fora de minha cama.
O coitado do pai – sempre me lembro dele –
tinha um rosto como mão crispada, enganchada
em um grande e negro reposteiro, para derrubá-lo; tanto que cheguei a pensar
quiçá fosse bom que ficara cego – talvez assim pelo menos pudesse
ver o seu interior, lembrar-se pouco a pouco
das coisas que não vira; e talvez assim verdadeiramente as visse; pois até então
via sua forma autárquica (naturalmente, lisonjeada) nos olhares
de seus amedrontados súditos; – e deles e dele
muito lhes tinha pena, desde criança.
Peso insuportável, acho,
governar e ordenar. E sempre, no final, cada um
é governado por aquilo que governa; – além daquela imensa suspeita
de tudo e de todos, – uma sombra de um pássaro que passasse na sala
por acaso na hora do ocaso, é uma faca rebelada
feita de metal insonoro. Por isso os tiranos
tornam-se dia a dia cada vez mais tiranos. Quando o mundo
tem medo ou necessidade de ti, nunca sabes o que te prepara.

Melhor, então, nem governar nem ser governado (como pode ser?) –
basta esse governo que nos carimba antes de nosso nascimento; basta
a morte que nos espreita; – com ela te habituas um pouco;
os entremeios perdem já sua acuidade. O corpo relaxa,
desbota a cor dos cabelos, das janelas, dos olhos,
afrouxa a palma, dentro da qual haviam colocado
uma grande, dura, moeda de ouro, e toda a nossa vida

era uma crispação para segurar esta moeda, um medo
de que caísse, de que a perdêssemos; inutilizava-se uma de nossas mãos,
inutilizava-se a metade de nossa vida, toda a nossa vida.

Agora afrouxou sozinha a mão, entregou-se;
a moeda caiu; tomaram-na de nós. Só que dentro na palma
fica profundo o cunho daquele aperto sem fim. A carne
amaciou, sossegou. Já podes mexer
livremente tuas duas mãos. Podes caminhar
movendo intrepidamente tuas mãos vazias em meio ao vazio –
um lento, suave remar em meio ao magnífico sem rumo, até que
coloquem uma outra moeda cúprica entre teus dentes.

É feio mentir – como dizia também o teu pai. Neste corpo amaciado,
resta eternamente duro, inabalado o desejo; e aquela sensação
de uma injustificável demora. Frequentemente as mulheres, em tais horas,
abraçam as estátuas, beijam sua boca pétrea, sonham
que se deitam com elas. Se alguma vez aconteceu de veres os lábios
das estátuas molhados, é da saliva de mulheres desoladas. A memória
é, decerto, uma espécie de refúgio. Mas ela também se esgota,
necessita novas figuras, mesmo que ocasionais, mesmo que estranhas.

Escolhi esta janela. Curvada aqui, metade dentro, metade fora,
olho, lembro-me. Nada me pertence. Uma grande tranquilidade.
Começo de novo a observar as árvores, os pássaros, as cores,
os pés dos caçadores que voltam com o crepúsculo; – tão livre me sinto;
algo têm a me dizer, a me confidenciar. Às vezes me envergonho
dessa minha nova ternura – infantilidade provavelmente –
que se instala involuntariamente em meus lábios, assim mais ou menos
como uma andorinha em um telhado caído.
Estranho, na verdade –
como serenou aquele ruído, – não te deixava ouvir nada –
como se apagou estranhamente. Será que sou eu? Fui eu? Gente subia, descia, então,
um dizia algo ao ouvido d'outro, – movimentos espasmódicos,
políticos, militares, diplomatas, – oh, que gente abominável, meu deus,
como decorados, numerados, repetidos. Não sabias que mês, que hora, que ano.

Guerras, revoluções, contrarrevoluções (quantas vezes se repetiu o mesmo), –
nas praças, montes de cinzas das fogueiras que acendiam
para as grandes comemorações ou para os mortos – a mesma cinza;
às vezes queimavam aqueles que um pouco antes eram chamados de heróis.
As folhas do louro perderam de todo seu sentido.

Fechavas os olhos como se fechasses uma porta em uma casa estranha,
para não ver, não pensar. Conspirações, subornos, traições;
os mais flexíveis na espinha dorsal ficavam sempre mais altos;
Tebanos, Argivos, Coríntios, Espartanos, Atenienses – quem governava, na verdade? –
um poder secreto como que movia os fios de longe;
saíam mascarados à meia-noite com fortes furta-fogos;
um rosto, que conhecias, tornava-se de repente um raio branco ou um estrondo;
as pessoas em meio ao medo como que se uniam de novo.
Uma tarde,
no alto, do sótão de um pobre estudioso, ouviu-se uma flauta. As mulheres
reuniram-se embaixo na rua, ajoelhavam, choravam. O louco, desabotoado,
batia com uma pedra em seu peito; "mãe, mãe", gritava;
"minha mãe, quero morrer, quero morrer", gritava;
passou uma carreta coberta; todos dispersaram; a flauta silenciou;
o louco urinou no meio da rua. As pessoas se dividiram de novo
desconhecidas, apertadas, estranhas.
Mas era jovem então,
tão jovem que nem ao menos sabia. Esquecia fácil. Naquela janela
ficou pendurada, balançando suavemente, amarrada em um cordel,
uma pequena rosa. Tão sozinha. Secou-se também.

Batiam as campanas; silenciavam. Pessoas chegavam, partiam, corriam.
Por vezes tomavam chuvas torrenciais; inundavam as cisternas nas casas;
parecia que a água levaria tudo, arrastaria tudo ao mar, lavaria tudo.
Saía de novo o sol; secavam; nada mudava. O jardim
se fazia de inocente; brilhavam os cravos. Acima do jardim
percutiam as tipografias, as máquinas de escrever. As mesmas pessoas com outras máscaras,
com corda, sem corda, entravam nas salas, sentavam-se
frente a grandes, negras, lampejantes mesas judiciais,
suas mãos eram grandes, insaciáveis aranhas linfáticas,
desenrolavam rolos de papéis; gesticulavam; escancaravam a boca,
voz, grito não saía – um buraco negro no ar;
quiçá gritassem "viva" ou "abaixo" – não distinguia nada;

só um medo se distinguia; não sabia então por que; perguntava-me
como pode que tenham medo as máquinas, as mesas, as cadeiras,
a boca da chaminé, o vinho semiacabado no copo,
a galinha assada na travessa, um garfo elevado sobre o prato –
e ficou lá congelado.
Uns belos mensageiros chegavam;
também eles abriam a boca; som não saía;
mas eles eram distintos; ofegavam; gostávamos

daquele seu ofego; aparecia sua língua
vermelha, um vermelho forte, como se fosse muito verão com rios e árvores.

Enviavam então e chamavam o velho adivinho cego. Um doce menino
segurava-lhe a mão. Imponente, sagacíssimo, belo,
com sua barba longa até os joelhos, com seus grandes olhos vazios
(achava que se fingia de cego e que sua barba era falsa)
com seu cajado despótico, – exalava bonança, beatitude, integridade;
conhecia – diziam – a língua dos pássaros, do fogo, do silêncio, dos ventos;
um pombo estava sentado em seu ombro.
Minha irmã o temia,
escondia-se atrás de suas costas ou ia para outro quarto
e estou certa que de lá ouviria às escondidas. Eu o amava. Um dia
tomou-me o queixo, levantou-me o rosto. "Serias mais bela – disse-me –
se fosses menino". "Sou", disse-lhe. Rimos
os dois como cúmplices. Os outros enfureciam-se com ele
como se ele fosse culpado por tudo o que se lhes destina. Batia seu cajado e partia.
Atrás de si ficavam algumas penugens negras, brancas ou aurirróseas.

Por pouco se fazia um grande silêncio, como se tudo perdera
sua importância e seu peso. Um sereno relaxamento
arrastava-se atrás dos joelhos. Ninguém espantava
a gata que subira na mesa e mastigava um peixe. Nas vidraças da janela
a luz derramava-se esbranquiçada, achatada. E logo depois
batiam desenfreados os tímpanos, uma salpinge acima na fortaleza
e outra em frente, no meio das oliveiras. Às noites
acendiam fogueiras de colina em colina. Tedíferos passavam,
um buraco imenso abria-se na escuridão; distinguia-se o caos. E de novo
a noite escondia-se na noite. Todos se escondiam. Não entendia nada.

Por vezes nos colocavam a recitar alguns poemas frente a estranhos.
Nós, as crianças, não queríamos. Chorávamos. Outras a oferecer
um ramalhete para algum velho feio, magro, com dentaduras postiças. Outras
levavam-nos ao balcão para saudar as multidões. Outras nos escondiam
abaixo nos porões com as grandes talhas. Olhávamos as aranhas;
pingava a vela; pegávamos as gotas quentes; fazíamos
lebres, arados, barcas ou homenzinhos nus. Outras nos enviavam,
à noite, em cortejo, aos campos, perto da casa de teu pai.

Não chegávamos a tirar nossas sandálias, passear na relva,
colher sozinhas uma maçã. Levavam-nos de novo.
Mudavam as bandeiras nos fortes, nos prédios públicos. Quem venceu? Quem foi vencido?

Os cavaleiros pulavam dos cavalos, tiravam as selas,
carregavam-nas no corredor; sentavam-se nos escanos; tiravam seus cintos;
tiravam suas botas. Seus pés eram grandes.
Cheiravam a pinho e bodum. As mulheres se faziam de constipadas;
apertavam o moedor de café frente à janela, até que saísse a lua.

Então, acho, desciam as raposas e os lobos da floresta.
Brilhava toda a noite como se caiada.
O rio parava; não corria. As pedras eram brancas.
Frente às camas, boquiabertas ficavam as grandes botas dos cavaleiros.
O menor estava com calor; despiu-se por inteiro;
passou por detrás da cortina; a cortina era iluminada.
Folhas douradas caíam nos terraços. Os galos cantavam.

Foi mais ou mentos então que o pai ficou cego. De uma, tudo se tornava
vermelho, vermelho-vivo com manchas verdes,
vermelhos também os pratos com um buraco no meio. Pouco mais tarde,
ouviram-se novamente as salpinges. Os homens irromperam de seu sono,
cingiam suas espadas, saltavam nos cavalos. Uma sombra imensa
restava no períbolo – talvez fosse da lua auroral,
talvez daquele marmóreo leão alado da antiquíssima torre.

Seus postos sobre as camas por pouco ficavam quentes. Depois esfriavam.
Lá se enrolavam as mulheres e choravam. Minha irmã
emagrecia dia a dia; ficava mais dura; empalidecia;
evitava o Hémon e a mim. Saía sozinha todas as tardes.
Talvez fosse até os portões de Tebas, talvez conversasse
com aquela mulher com corpo de leão. Seus olhos te pregavam
com duas perguntas congeladas, mesmo que não te olhasse.
Evidente que esperava algo extraordinário. Às noites não dormíamos.

Os lençóis caíam no chão. Muitas vezes fingi que dormia;
observava-a – deitada mais além em inabalável tensão. Uma noite
o luar infiltrara-se no quarto, banhava-a até a cintura;
vi que movia os dedos iluminados como dançarina, como sacerdotisa,
como se tecesse uma corda invisível, como se escrevesse números no ar;
algo contava – talvez os seus anos (ou quiçá sua inexistência?)
depois os trouxe ao redor de seu pescoço, deixou-os lá, prateados,
e de uma irrompeu como que aterrorizada. Levantou-se,
tomou a branca sombrinha rendada da mãe, abriu-a
e sentou-se sob ela, contida na cama, como que para se prevenir

da lua ou das sombras da noite. Parecia assim
como se estivesse toda furada por pequenos meandros azuis prateados.

Mas talvez entrementes me houvesse tomado o sono. Quando abri meus olhos
vi os pés de ferro fundido das camas, fortíssimos, peludos, bestiais.
Ouvi que passava o oleiro indo a seu trabalho. Olhei pela janela.
Na rua havia pacotes vazios de cigarro, bandeirinhas, guardanapos de papel, cartuchos.
Atrás dos ciprestes aparecia o valado da marmoraria
com um enorme cavaleiro de cobre. Um dia
ouviu-se um terrível barulho, desconhecido. Na sala de jantar,
bem no meio da mesa com o café da manhã, caíra
o grande candelabro. Já podíamos esperar de tudo.

Não restou nada além de pedaços de cristal e brilhos. Na porta
estavam parados dois altíssimos coxos com muletas.
As empregadas os enxotaram. Os homens haviam partido.
Todo o mundo esvaziou de repente. As mulheres não se pintavam.
Arrastavam lentamente suas pantufas. Esqueciam de acender as lâmpadas.
Persignavam-se por detrás de seus cabelos. As urtigas cresciam nos jardins.
Em meio à hera esconderam as chaves. O cavalo do pai, envelhecido,
desapareceu uma noite. Não retornou. Uma velha ferradura sua
penduraram na porta do celeiro. Sua corda
amarraram em duas árvores para as roupas da lavanderia.

Por momentos, em meio à perturbação geral, fazia
um monstruoso silêncio, terrivelmente diáfano. Tudo adquiria
uma outra ótica e acústica, um outro interesse,
aquele cheio de indiferença. Olhavas nos olhos; ouvias.
As galinhas entravam no cemitério, ciscavam o dia todo;
punham uns ovos gigantes, onde desse, em meio às margaridas,
sob o alecrim, na rua ou nas cadeiras. Uma mão invisível
eliminava um por um os grandes pregos enferrujados das portas.
As moscas despertavam cedo, batiam forte nas vidraças.

Fora dos muros multiplicavam-se os mortos. Sempre estava curiosa
com os mortos; – não uma tentativa de familiarização com a morte
nem conciliação. Às vezes fugia da custódia
da mãe e dos pedagogos; escalava a fortaleza; olhava
pelas seteiras; – carregavam os mortos em carros de mão, em macas, em escadas;
outros ficavam deitados abaixo na planície, em belas posições,
tranquilos, jovens, belos, ao lado de seus cavalos mortos. Via-os

sem nenhuma tristeza, – como se do batalhão de eros.
Até que vieram os nossos mortos; e de súbito, crescemos.

Vi minha irmã no pátio de madrugada – marcada pela moira –
lívida. Suas mãos, seu vestido, seus cabelos cheios de terra.
A geada matinal nos garfava. O dia descia
infinitamente branco, esburacado com corvos negros.

O que entenderam, meu deus, o que ganharam? O resto tu sabes.
Não sobrou nada. Só a Esfinge pétrea sobre a rocha
fora dos portões de Tebas, indiferente, atenta –
não mais põe questões. Cessou o barulho inútil. Esvaiu-se o tempo.
Um domingo infinito com janelas fechadas. Inacreditável
as noites do verão ainda regarem os jardins.

Uma trincheira de silêncio – como disseste. Olha, saiu a lua.
Ouve-se o chafariz lá fora. Não ouves? Tuas mãos
mantêm ainda os belos calos do trabalho agrário. Espero
que não fiques permanentemente no exército. Quando acabar teu serviço
volta aos campos, para perto de teu pai. Esta porta
conduz direto a meus aposentos. O corredor da saída sul
nunca é guardado. Bate sete vezes. À meia-noite. Abrir-te-ei.
Gostaria de te dar algumas coisinhas, para teu pai.

Alguns trajes do Hémon – guardei-os no armário –
imagino que ficarão muito bem em ti. E sua nova lâmina,
de ouro, marfim, rubis, – não alcançou
cingi-la em sua cintura. Está bela a noite. Cuidado com a escada.

(Escureceu. Entra em seus aposentos enquanto ainda se ouvem os passos do jovem oficial nas escadas. Busca tateando os fósforos na pequena mesa. Acende as três velas no castiçal. Bate o disco de metal pendurado. Vem a Aia. "Não jantarei esta noite", diz. "Não te necessitarei. Podes ir deitar. Ah, sim, traz-me um copo d'água. E dá corda àquele pêndulo na sala que o esquecemos. Toma aquele cesto com as frutas. O vaso coloca-o na janela". Em pouco tempo lhe trouxe a água. Saiu. Tranquilidade. Chaveia as duas portas. Ouve-se agora o relógio da peça ao lado. 9. 9 e quarto. 10. 10 e meia. Frente ao espelho. Despinta-se. Despe-se. Peitos caídos. Sinais do aperto do espartilho no ventre. As dedadas do tempo nas coxas. 11. Tira os colares. A pele, abaixo da mandíbula, flácida, pendurada. 11 e quarto. Toma o castiçal em sua mão esquerda. Aproxima-se do espelho. Com o anular de sua mão direita puxa a pele a-

baixo dos olhos. O bulbo embaçado com uma fina rede de veias vermelhas. Traz agora seus dedos aos cabelos pintados. As raízes brancas. Expressão de náusea em seu rosto imóvel. Puxadas as pontas dos lábios. 11 e meia. Começa a pintar-se. Veste-se com um vestido vermelho. Põe novamente as joias. Estende-se na aveludada poltrona vermelha, defronte ao espelho. Fecha os olhos. 12. Sete batidas suaves na porta. Silêncio. De novo sete batidas, mais fortes. Silêncio. E de novo as batidas. Depois, nada. Um grande silêncio. O copo reluz. Levanta-se. Aproxima-se do espelho. Pinta-se de novo. Branca como gesso. Os olhos enormes, negro retinto. Uma máscara gípsea. Troca-se. Veste um vestido de sua irmã, fechado, confortável, plissado, de cor castanha. Põe um cinto com larga fivela. Abre a gaveta da cômoda. Algo pega. Com as costas voltadas ao castiçal e ao espelho, bebe a pequenos goles descontínuos a água, como se tomasse aspirinas. Deita-se na cama vestida e com suas sandálias. Imóvel. Tranquila. Fecha os olhos. Sorri. Dormiu? Da sala ao lado se ouve o relógio).

prosa poética

(n.t.) | Asunción

DIMENSÃO ROMENA

PAUL CELAN

O TEXTO: Os seguintes textos de prosa poética são menos conhecidos na obra de Celan, pois figuram entre os poucos escritos originalmente em língua romena. Compostos durante o período em que o escritor morou em Bucareste (1945-1947), só vieram à luz em 1987, graças à iniciativa editorial do escritor e tradutor romeno Petre Solomon (1923-1991), amigo próximo de Celan em seu período bucarestino.

Texto traduzido: Solomon, Petre. *Paul Celan, dimensiunea românească*. Bucureşti, Kriterion, 1987.

O AUTOR: Paul Celan (1920-1970), pseudônimo de Paul Antschel, nasceu no seio de uma família judia germanófona na então romena Cernăuți (atual Чернівці ucraniana, antiga Czernowitz do Império Austro-Húngaro), talvez a mais cosmopolita cidade do Leste Europeu, *onde pessoas e livros conviviam*, e cujo perfil foi destruído pelo Nazismo e Comunismo soviético. Após perder os pais no Holocausto e se mudar para Bucareste e Viena, em 1948 se estabeleceu em Paris, onde sua carreira de escritor começou a ser reconhecida, e onde ganhou seu pão com traduções e aulas de alemão. Marcado pela guerra e envolvido na discussão moral quanto ao uso do alemão para se fazer poesia, ganhou notoriedade ao declarar que *nada pode fazer com que um poeta desista de escrever, mesmo que ele seja judeu e que a língua de seus versos seja o alemão*. Na primavera de 1970, se suicidou, atirando-se da ponte Mirabeau, no rio Sena. Celan foi o primeiro escritor de língua alemã a traduzir para o vernáculo de Goethe, em 1956, poemas de Fernando Pessoa – dentre eles, *Tabacaria*.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, morou 16 anos na Romênia. Além de já ter traduzido textos dos Irmãos Grimm, Arthur Koestler, Robert Graves, Georg Trakl e outros, tem procurado difundir no Brasil obras representativas do pensamento e da cultura romenos. Nesse contexto, traduziu *As seis doenças do espírito contemporâneo* (Record, 1999) de Constantin Noica, *Senhorita Christina* (Tordesilhas, 2011) de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero* (Hedra, 2012) de Emil Cioran, *Acontecimentos na irrealidade imediata* (Cosac Naify, 2013) de Max Blecher e *A Barca de Caronte* (É Realizações, 2012) de Lucian Blaga. Para a (n.t.) já traduziu Max Blecher, George Bacovia e Urmuz.

DIMENSIUNEA ROMÂNEASCĂ

"Nu, nimeni n-a ştiut să fâlfâie ca tine în jurul acestei case."

PAUL CELAN

[Fără balustradă]

Fără balustradă, imensele scări pe care urcă şi coboară steagul vaporos al întâlnirii cu tine însuţi, rămân singura coordonată sigură a mişcărilor care mă tentează încă. Fără balustradă, le accept totuşi şi chiar le prefer pentru rarele mele plimbări între Cancer şi Capricorn, când, certat cu anotimpul, inund casa cu dantela neagră a plăcerii de a nu iubi pe nimeni. Tot atât de rar, dar sub un cer interior avertizat cu bagheta, cobor, o roată arzătoare, la marginea extremă a treptelor, până jos de tot, unde părul unei femei ucise de mine mă aşteaptă pentru a mă strangula. Evit pericolul cu o abilitate care nu va trece asupra moştenitorilor mei. Apoi fac cale întoarsă şi, ajuns la treapta de unde am pornit, repet performanţa cu o viteză din ce în ce mai mare şi până la batjocorirea spectaculoasă a coamei de pe treapta finală. Acum − şi numai acum! − sunt vizibil pentru aceia care, duşmănindu-mă de mult, aşteaptă cu înfrigurare deznodământul. Dar neobişnuiţi cu întâmplări de acest fel, ei mă cred balustrada de metal a scării şi, fără a-şi da seama de primejdie, coboară până jos de tot şi deschid în neştire uşa prin care va intra Ilustra Defunctă.

[A sosit, în sfârşit, clipa]

A sosit, în sfârşit, clipa ca în faţa oglinzilor care acoperă pereţii exteriori ai casei în care ţi-ai lăsat pe veci despletită iubita să arborezi, în vârful salcâmului inflorite înainte de vreme, steagul tău negru. Tăioasă, se aude fanfara regimentului de orbi, singurul care ţi-a rămas credincios, îţi pui masca, îţi prinzi dantela neagră de mânecile costumului tău de cenuşă, te urci în copac, faldurile steagului te cuprind, începe zborul. Nu, nimeni n-a ştiut să fâlfâie ca tine în jurul acestei case. S-a lăsat noaptea, pluteşti pe spate, oglinzile casei se apleacă mereu ca să-ţi culeagă umbra, stelele cad şi-ti sfâşie masca, ochii ţi se scurg înspre inima ta în care şi-a aprins frunzele sicomorul, stelele coboară şi ele într-acolo, toate până la cea din urmă, o pasăre mică, moartea, gravitează în jurul tău, iar gura ta visătoare îţi rosteşte numele.

[Erau nopți]

Erau nopţi, când mi se părea că ochii tăi, cărora le desenasem mari cearcăne portocalii, îşi aprind din nou cenuşa. In acele nopți ploaia cădea mai rar. Deschideam geamurile şi mă urcam, gol, pe pervazul ferestrei ca să privesc lumea. Copacii pădurii veneau înspre mine, câte unul, supuşi, o armată învinsă venea să-şi depună armele. Rămâneam nemişcat şi cerul îşi cobora steagul sub care îşi trimisese oştile în luptă. Dintr-un ungher mă priveai şi tu cum stăteam acolo, nespus de frumos în nuditatea mea însângerată: eram singura constelaţie pe care nu o stinsese ploaia, eram Marea Cruce a Sudului. Da, în acele nopți era greu să-ți deschizi vinele, când flăcările mă cuprindeau, cetatea urnelor era a mea, o umpleam cu sângele meu, după ce concediam oştirea duşmană, răsplătind-o cu oraşe şi porturi, iar pantera de argint sfâşia zorile care mă pândeau. Eram Petronius şi din nou îmi vărsam sângele între trandafiri. Pentru fiecare petală pătată stingeai câte o torţă.

Ții minte? Eram Petronius şi nu te iubeam.

[Poate că într-o zi]

Poate că într-o zi, când reabilitarea solstiţiilor va fi devenit oficială, dictată de atrocitatea cu care oamenii se vor încăiera cu copacii marilor bulevarde albastre, poate că în acea zi vă veţi sinucide toţi patru, în acelaşi timp, tatuându-vă ora morţii în pielea frunzoasă a frunţilor voastre de dansatori spanioli, tatuându-vă această oră cu săgeţile timide încă, dar nu mai puţin veninoase ale adolescenţei unui adio.

Poate că voi fi în apropiere, poate că-mi veţi fi dat de veste despre marele eveniment, şi voi putea fi de faţă când ochii voştri, coborâţi în incăperile îndepărtate ale serei în care, în tot timpul vieţii, v-aţi exilat nesiliţi de nimeni, pentru a contempla eterna imobilitate a palmierilor boreali, când ochii voştri vor vorbi lumii despre nepieritoarea frumuseţe a tigrilor somnambuli. Poate că voi găsi curajul pentru a vă contrazice atunci, în clipa când, după atâtea aşteptări infructoase, vom fi găsit un limbaj comun. Depinde de voi, dacă voi stărni, cu degetele resfirate în evantai, boarea uşor sărată a requiemului pentru victimele, primei repetiţii a Sfârşitului. Şi tot de voi depinde dacă îmi voi coborî batista în gurile voastre devastate de focul falselor profeţii, pentru ca apoi, ieşind în stradă, s-o flutur deasupra capetelor concrescute ale mulţimii, la ora când aceasta se adună lângă singura fântână a oraşului pentru a se privi, pe rând, în ultima picătură de apă din fundul acesteia; s-o flutur mereu, tăcut şi cu gesturi care interzic orice alt mesagiu.

De voi depinde. Inţelegeţi-mă.

DIMENSÃO ROMENA

"Não, ninguém soube adejar como tu em torno dessa casa."

PAUL CELAN

[Sem corrimão]

Sem corrimão, a imensa escadaria pela qual sobe e desce a bandeira vaporosa do encontro contigo mesmo é a única coordenada segura dos movimentos que ainda me tentam. Sem corrimão, aceito-os porém e até os prefiro aos meus raros passeios, entre Câncer e Capricórnio, quando, zangado com a estação do ano, inundo a casa com a renda negra do prazer de não amar ninguém. Igualmente raro, mas debaixo de um céu interior advertido por uma batuta, desço, roda ardente, até a margem extrema dos degraus, até lá embaixo, onde os cabelos de uma mulher que matei me aguardam para me estrangular. Evito o perigo com uma habilidade que não será transferida aos meus herdeiros. Em seguida dou meia-volta e, ao chegar ao degrau de onde partira, repito a façanha com uma velocidade cada vez maior, até o espetacular escarnecimento do topo no último degrau. Agora – e só agora! – sou visível àqueles que, há muito me hostilizando, aguardam o desfecho com impaciência. Eles, porém, desabituados a eventos dessa natureza, acham que eu seja o corrimão metálico da escada e, sem se dar conta do risco, descem até lá embaixo e abrem levianos a porta pela qual entrará a Ilustre Defunta.

[Chegou, enfim, o momento]

Chegou, enfim, o momento, diante dos espelhos que revestem as paredes externas da casa em que abandonaste tua amada para sempre destrançada, de hastear, na ponta da acácia que floresceu antes da hora, a tua bandeira negra. Cortante, ouve-se a fanfarra do regimento de cegos, o único que te permaneceu fiel, pões a máscara, prendes a renda negra às mangas do teu terno de cinzas, sobes na árvore, as pregas da bandeira te envolvem, o voo começa. Não, ninguém soube adejar como tu em torno dessa casa. Anoiteceu, flutuas de costas, os espelhos da casa sempre se inclinam para colher tua sombra, as estrelas caem e rasgam tua máscara, teus olhos escorrem rumo ao teu coração em que o sicômoro avermelhou as folhas, as estrelas também descem até ali, da primeira à última, um pássaro menor, morto, gravita em torno de ti, enquanto tua boca sonhadora pronuncia o teu nome.

[Eram noites]

Eram noites em que eu achava que os teus olhos, para os quais desenhara grandes olheiras alaranjadas, acendiam de novo suas brasas frias. Naquelas noites, a chuva caía mais devagar. Abri as janelas e, desnudo, subia no parapeito para observar o mundo. As árvores da floresta vinham até mim, uma a uma, submissas, exército derrotado depondo armas. Permanecia imóvel enquanto o céu baixava o pavilhão sob o qual mandara suas tropas à luta. De um canto, tu também observavas como eu estava ali, indizivelmente belo em minha nudez ensanguentada: eu era a única constelação que a chuva não apagara, eu era o Cruzeiro do Sul. Sim, naquelas noites era difícil abrires tuas veias, quando as chamas me envolviam, a cidadela das urnas era minha, eu a preenchia com o meu sangue, após o que eu mandava embora o exército inimigo, recompensando-o com cidades e portos, e a pantera de prata dilacerava os horizontes que me espreitavam. Eu era Petrônio e, de novo, vertia meu sangue entre rosas. Para cada pétala manchada, apagavas uma tocha.

Lembras? Eu era Petrônio e não te amava.

[Um dia talvez]

Um dia talvez, quando a reabilitação dos solstícios se oficializar, determinada pela atrocidade das pessoas que se altercarão com as árvores das grandes avenidas azuis, naquele dia talvez vocês quatro se suicidem ao mesmo tempo, tatuando a hora da morte na pele frondosa de suas testas de dan-çarino espanhol, tatuando a hora com flechas ainda tímidas, porém não menos venenosas, da adolescência de um adeus.

Talvez eu esteja por perto, talvez vocês me avisem sobre o grande evento, e eu possa estar presente quando os seus olhos, baixos nos aposentos longínquos do anoitecer em que, durante toda a vida, vocês voluntariamente se exilaram para contemplar a eterna imobilidade das palmeiras boreais, quando os seus olhos falarão ao mundo sobre a imorredoura beleza dos tigres sonâmbulos… Talvez eu encontre a coragem de os contradizer, no instante em que, após tantas esperas infrutíferas, teremos encontrado uma linguagem comum. Depende de vocês se eu suscitar, com os dedos dispersos em forma de leque, a brisa levemente salgada do réquiem às vítimas do primeiro ensaio do fim. De vocês também depende se eu mergulhar meu lenço em suas bocas devastadas pelo fogo das falsas profecias, para que depois, tomando as ruas, eu o agite por cima das cabeças aglutinadas da multidão, na hora em que ela se reunir junto ao único poço da cidade para assistir, um por vez, à última gota d'água do seu fundo; para que eu o agite sempre, calado e com gestos que proíbam qualquer outra mensagem.

Depende de vocês. Compreendam-me.

O DIÁRIO DE UM APAIXONADO

PETER NANSEN

O TEXTO: Em "O diário de um apaixonado", que integra o compêndio de contos *Korte veie* ("Caminhos curtos"), o estilo lírico e sensível – por vezes beirando o sentimentalismo, mas também frio e distante, com uma linguagem clássica, refinada e rigorosa em termos de técnica literária – de Peter Nansen se mostra mais desembaraçado e arrojado do que sem suas ficções anteriores e correspondência juvenil, pintando um retrato delicioso da juventude dinamarquesa de 1880 e do conflito entre as tradições conservadoras e as correntes transformadoras da época. Com efeito, a atitude de Nansen se caracteriza por uma forte ambivalência com relação à burguesia e demonstra, com o seu liberalismo radical, uma preferência pela provocação, não obstante o conto em questão denuncie que o autor estava mais profundamente imerso na vida burguesa do que seu temperamento irônico gostaria de admitir.

Texto traduzido: Nansen, P. "En forelskets dagbog." In *Korte veje. Scener og småhistorier*. Copenhague: I.H. Schubothes boghandel, 1890, p. 27-37.

O AUTOR: Peter Nansen (1861-1918) foi jornalista, escritor e diretor literário da Gyldendal, a editora mais importante da Dinamarca. Começou a atuar no jornalismo aos dezoito anos, logo após concluir os estudos secundários. Suas obras literárias incluem *Unge mennesker* ("Os jovens", 1883), *Maria, en bog om kjærlighed* ("Maria – um livro sobre o amor", 1894) e *Guds fred* ("A paz divinal", 1895), além das peças teatrais *Judiths ægteskab* ("As núpcias de Judite", 1898) e *Troskabsprøven* ("Prova de fidelidade", 1899). Após a compilação de suas obras completas em 1908-09, publicou ainda a novela *Hendes elskede* ("Ela e seu amor"), *Eventyr om små og store* ("Aventuras sobre coisas grandes e pequenas") e *Portrætter* ("Retratos"), publicados no ano de sua morte, em 1918. Sua obra mais conhecida, "Maria – um livro sobre o amor", já foi traduzida para o alemão, francês, inglês, polonês, sueco e tcheco.

O TRADUTOR: Luciano Dutra, nascido em 1973 em Viamão (RS) e naturalizado islandês, é bacharel em letras islandesas e estudos de tradução pela Universidade da Islândia (2007), tradutor juramentado islandês-português desde 2009 e pesquisador sobre a imigração islandesa no Brasil. Além de literatura islandesa e nórdica contemporânea, traduz as sagas, obras de ficção compiladas na Idade Média por autores anônimos da Islândia e que influenciaram escritores modernos como Borges, Kundera e Tolkien. Reside atualmente em Reykjavík, Islândia. Para a (n.t.) já traduziu *A viagem jamais esquecida*, de Sigurður Nordal.

EN FORELSKETS DAGBOG

KÆRLIGHEDSVERS I PROSA

"Jeg elsker dig dagen lang, jeg elsker dig
den altfor korte nat."

PETER NANSEN

I

Jeg elsker dig dagen lang, jeg elsker dig den altfor korte nat.

Når jeg ikke holder dig i mine arme, tror jeg, at du flygter bort.

Jeg vil have dig altid, hører du! Jeg vil, at du ikke må være nogen anden kær. Jeg hader, at du taler med nogen anden. Du må ikke være nogen anden nær.

Thi du er min og jeg har ret til dig; du hører min sjæl og mit legem til. Jeg vil have din sjæl og dit legem.

Jeg vil dig i evighed.

II

Med hovedet bøjet, hænderne korslagte på brystet, står du frysende foran spejlet.

Dit blonde hår bundet op fra den dungyldne nakke. Lys over hele dit slanke unge legem.

Det er ikke det døde marmor, du ligner, ikke det gustent syge allabast. Det er levende blomsterkalke, hvide med sartrøde årer.

III

Du piner mig mer end du ønsker, selv når du vil mig ondt. Du er en evig skiften, og jeg vil en evig ro. Du hudfletter mine nerver med din uro. Og din stemme, der skifter som et bygevejr, piner min hjærne.

Hvorfor kan du ikke tale som kilden, ens og sagtmodig? Jeg er angst for hvert ord, du taler; jeg er aldrig sikker.

Du er som svalen, der flyver ud og ind, men aldrig finder ro i sin rede.

IV

Derfor elsker jeg, når du træt synker sammen i mine arme og ser på mig med halvt lukkede øjne, bedende om hvile.

Derfor elsker jeg, når dit hoved lægger sig op til mit bryst og du trækker vejret dybt og godt og slumrer ind, tryg som et barn.

Dine kinder bliver røde i søvnen, din mund åbner sig svagt, og din hånd krammer om min frakke som en barnehånd om vuggens tæppe.

Da bøjer jeg mig ned og kysser den varme friske mund, og jeg ønsker, at du ikke må vågne, men at vi begge må sove ind.

V

Aldrig har jeg elsket dig højere end når du var syg; lå stille hen og var glad ved at holde mig i hånden; blev rolig under min hånds varsomme strygen henover din pande; smiled, skønt du led.

Slog blikket op et kort sekund for at lukke det over mit billed.

VI

Jeg tror, at du elsker mig. Ellers saá du mig ikke. Jeg tror også, at du lyver; thi alle kvinder lyver. Men greb jeg dig i at lyve, gik jeg min vej.

Derfor lægger jeg snarer for din fod og tager dem atter bort.

VII

Om du sagde: „Idag skal Du dø“ - jeg vilde være glad og tage døden, som du gav.

Kun vilde jeg, at du skulde holde mig i hånden, mens mit hjærtes slag blev standsede; du skulde holde mig i hånden, og når du saá, at blikket brast, skulde du dække dødssukket i et kys.

Giv mig døden, men gå ikke fra mig, at jeg skal leve og se dig med en anden! Vide, at du giver dit legem til en andens kærtegn, din stemmes elskovsklang til en anden!

Min kval vilde gnave min sjæl ussel og fejg. Jeg vilde ikke have anden tanke end dig lykkeberuset i en fremmeds arme.

VIII

Jeg kom for at sige dig Farvel; jeg vilde prøve at gøre mig fri. Da stod du så strålende som en forårsdag og lo til mig. Og varmere end nogen tid dvælede dit blik på mig, og din stemme var lys som solskin.

Og dine ord var netop de ord, som jeg elsker; du var mere min, syntes jeg, end nogen tid før.

Jeg kom for at sige dig farvel; jeg vilde være fri. Jeg er bunden, til du slipper mig; og når du slipper mig, er jeg din endda.

IX

Du havde været hos mig.

Jeg hjalp dig i vognen, og du bøjede dit hoved ud gennem vinduet og smilede til mig, mens du rakte mig hånden; og du spurgte: „Er du glad ved mig?“

… Du vidste, at jeg ikke var glad. Men du vidste ikke, at hele min sjæl var én tung, grå bedrøvelse for Dig.

Jeg sover ind med det om aftenen; det knuger mine drømme, så jeg vågner med tyngslen over mig og ikke har lyst til at stå op, men mest kunde ønske at ligge ganske stille hen, uden at tænke.

Thi jeg ser dig altid som jeg saá dig hin aften: kørende bort fra mig, spørgende, mens du forlader mig, om jeg er glad; tvingende mig til at være glad ved dig, når du fra mig går bort til alt det, som ikke er mig, men som er lige imod mig.

Du er min dybe bedrøvelse.

Mit liv tilhører dig og der er intet, jeg lever eller tænker, som jeg ikke lever eller tænker i og med dig. Du er den eneste i mit liv.

Men dit liv er som blomsterfrø, vinden tager og spreder viden om.

Jeg sidder ene og deler i min fantasi alt mit med dig, mens du er langt fra mig, optaget af tusinde fremmede ting. Jeg skulde have hele dit liv, som du har mit, og jeg har kun dine hastige kys og de tanker, som bliver tilovers. Hvergang du kommer til mig, kommer du opfyldt af alt det andet, og hvergang du går fra mig, går du for igen at opfyldes af det.

Du vil både det og mig. Jeg vil dig alene. Og når du, som hin aften, går bort fra mig og spørger, om jeg er glad, da vilde jeg være glad, om noget styrtede ned over os og dræbte os begge.

Dette er den tunge bedrøvelse, som har sænket sig over mig. Jeg ser dit smil, som kører bort og forsvinder, mens jeg er ene.

X

Mindes du en sommernat, vi kørte mellem granbevoksede bakker? Luften var så blød og lun, fyldt med en sød duft af granernes saft.

Du hvilede i min arm, og vi saá op i den dybe mørke stjærnehimmel. Kusken sad rank på sin buk, og hestene travede jævnt og med ensformige hovslag.

Der var ikke anden lyd; rundt om os det uendelige rum og de højtidelige granbakker. Vor vogn var det eneste travle fnug i denne hvilende storhed.

Da krøb du tæt ind til mig og hviskede, med dine arme fast om min hals:

„Vi må holde godt sammen. Se, hvor vi er næsten ingenting. Man må følges med hinanden i hånden for ikke at blive borte og alene.“

Nu er du borte og jeg alene.

O DIÁRIO DE UM APAIXONADO

POEMA DE AMOR EM PROSA

"Eu te amo o dia inteiro, e também te amo
à noite, demasiado curta."

PETER NANSEN

I

Eu te amo o dia inteiro, e também te amo à noite, demasiado curta.

Quando eu não te tenho em meus braços, sinto que estás fugindo de mim.

Quero te possuir sempre, saiba disto! Não quero que te apaixone por mais ninguém. Não quero que conheças mais ninguém.

Porque tu pertences a mim e eu tenho direito a ti. Pertences à minha alma e ao meu corpo. Quero possuir a tua alma e o teu corpo.

Quero-te, por toda a eternidade.

II

Com a cabeça baixa, os braços cruzados sobre o colo, estás diante do espelho, imóvel.

Teus cabelos loiros num coque sobre a penugem dourada da tua nuca. A luz envolve todo o teu corpo esbelto e jovial.

Te pareces não com o mármore inerte nem com o alabastro lívido e enfermiço. Te pareces, sim, com o cálix vivo de uma flor, com os seus veios delicadamente rubros.

III

Me atormentas mais do que desejas, mesmo quando desejas o mal para mim. É a mudança eterna, mas eu desejo a paz eterna. Açoitas os meus nervos com a tua inquietude. E a tua voz cambiante como a chuva atormenta a minha mente.

Por que não sabes falar como uma fonte, mansamente? Cada palavra que enuncias me angustia. E nunca me sinto seguro.

És como a andorinha, que voa para lá e para cá, sem nunca encontrar a paz em seu ninho.

IV

Por isso, adoro quando te atiras exausta nos meus braços e me olhas com os olhos semicerrados, implorando repouso.

Por isso, adoro quando a tua cabeça se aconchega junto ao meu peito e respiras profunda e gostosamente, dormitando segura como uma criança.

Tuas bochechas ficam ruborizadas enquanto dormes, tua boca se abre debilmente e a tua mão agarra o meu casaco como a mão de uma criança agarra o cobertor no berço.

Então, eu me abaixo para beijar a tua boca fresca e cálida, rezando para que não acordes e para que ambos possamos adormecer juntos.

V

Nunca te amei mais do que quando adoeceste e ficaste de cama, feliz em segurar na minha mão, sossegando quando a minha mão zelosa afagava a tua testa e sorrindo, apesar da dor.

Então, abriste um breve instante os teus olhos, apenas para fechá-los em seguida sobre o meu semblante.

VI

Acho que me amas. Caso contrário, nem terias olhos para mim. Mas também acho que me mentes, pois todas as mulheres o fazem. Porém, se eu te flagrasse mentindo, seguiria o meu caminho.

Por isso, ponho armadilhas diante dos teus pés, mas depois volto a tirá-las.

VII

Se ordenasses: "Hoje vais morrer", eu aceitaria alegremente a morte que me causasses.

Apenas desejaria que segurasses a minha mão quando o meu coração estivesse parando de bater. Segurarias a minha mão e, quando visses o meu olhar se apagando, abafarias o suspiro da morte com um beijo teu.

Faze-me morrer, mas não me abandones. Do contrário, hei de ressuscitar e te surpreender com outro. Hei de saber que entregaste o teu corpo às carícias de outras mãos e os teus gemidos de amor a outros ouvidos.

Um tal tormento corroeria a minha alma miserável e covarde. Eu não conseguiria pensar em nada além de ti, ébria de gozo, nos braços de um estranho qualquer.

VIII

Vim para te dizer adeus. Eu queria tentar ser livre. Porém, aqui estavas, radiante com um dia de primavera, e sorriste para mim. O teu olhar se demorou em mim mais caloroso que nunca, a tua voz brilhava como o próprio sol.

Então, disseste precisamente as palavras que adoro. Então, senti que eras minha mais que nunca.

Vim para te dizer adeus. Eu queria me libertar. Só estarei livre quando me soltares. E mesmo quando me soltares, ainda assim seguirei sendo teu.

IX

Tinhas vindo ter comigo.

Depois, te ajudei a subir no coche, e então colocaste a cabeça para fora da janela e sorriste para mim, pegando na minha mão, antes de perguntar: "Estás feliz por mim?"

Sabias que eu não estava feliz. Só não sabias que a minha alma, pesada e cinzenta, era toda tristeza por ti.

À noite, adormeci pensando nisso. E estes pensamentos sufocaram os meus sonhos. Despertei com um peso sobre o meu corpo, sem vontade nenhuma de me levantar, não desejando nada além de ficar ali deitado, tranquilamente, sem pensar em nada.

Por isso, eu sempre te vejo como te vi naquela tarde: afastando-se de mim naquele coche, interrogativa. Perdoa-me se eu fico feliz, se me esforço para ficar feliz por ti enquanto te afastas de mim para ir atrás de tudo o que me é alheio e a mim se opõe.

Tu és a minha profunda tristeza.

A minha vida pertence a ti, e não há nada que eu viva ou pense que eu não viva ou pense em ti e contigo. Tu és a única coisa na minha vida.

Já a tua vida é como o pólen das flores: o vento te leva e te espalha por toda a parte.

Estou aqui sentado, sozinho, e, na minha imaginação, compartilho contigo tudo o que tenho. Mas estás longe de mim, ocupada em mil coisas alheias. Eu devia possuir toda a tua vida, como possuis a minha, mas de ti só tenho o teu beijo apressado e as migalhas das tuas lembranças. Cada vez que me procuras, vens satisfeita de tudo o que me é alheio, e cada vez que te despedes de mim, partes para ir satisfazer outra vez o teu desejo de tudo o que me é alheio.

Desejas a ambas as coisas: a mim e ao que me é alheio. Eu só desejo a ti. E quando tu, como naquela tarde, me deixaste, perguntando se eu estava feliz, eu desejei estar feliz, caso algo despencasse sobre nós e fulminasse a ambos.

Esta é a árdua tristeza que se abateu sobre mim. Vejo o teu sorriso se afastando naquele coche até desaparecer, deixando-me só.

X

Lembra-te de uma noite de verão em que passávamos de coche entre as colinas cobertas de abetos? O ar era tão brando e quente, repleto com o aroma delicado da seiva dos abetos.

Eu te acolhia em meus braços e admirávamos o céu escuro cheio de estrelas. O cocheiro estava sentado na boleia, ereto, e os cavalos trotavam no mesmo ritmo, os cascos batendo tediosamente no solo.

Não se ouvia qualquer outro som. À nossa volta, apenas o espaço infinito e as solenes colinas cobertas de abetos. O nosso coche era a única coisa que se movia naquele cenário grandioso e repousante.

Então, te encolheste, aconchegando-se junto a mim, sussurrando, com os teus braços cingindo o meu pescoço com força: "Precisamos ficar juntos. Vê como não somos quase nada. Temos que seguir juntos, de mãos dadas, para não nos deixarmos, para não ficarmos sozinhos".

Agora, me deixaste, e eis-me aqui, sozinho.

crônica

(n.t.)|Lima

Três tradições peruanas

Ricardo Palma

O texto: esta seleção apresenta três textos criados por Ricardo Palma num gênero a meio caminho entre a narrativa e a crônica, intitulado *Tradições Peruanas*, que contribuíram para a renovação da prosa sul-americana, com uma escrita refinada e irônica em relação à cultura e história do Peru. Em "A cama matrimonial" aponta-se para o curioso aspecto sobre como se davam as relações íntimas numa sociedade regrada pela Igreja na América hispânica, sujeita às ações da Inquisição, tal como ocorreu em Lima, assunto de outro livro de Palma, o ensaio *Anais da Inquisição em Lima,* que está na base das *Tradições*; em "A gruta das maravilhas", destaca-se a intrepidez, coragem e engenho dos guerreiros incas que, em vez de dar volta em torno de um obstáculo, preferiam o desafio de enfrentá-lo construindo pontes, impondo, com isso, seu poderio; em "A *Achirana* do Inca" tem-se o retrato de um monarca e sua relação com os súditos, contrastada pela coragem e sinceridade de uma aldeã que o desafia.

Texto traduzido: Palma, R. "La cama matrimonial"; "La gruta de las maravillas" e "La Achirana del Inca". In. *Tradiciones peruanas completas.* Edición y prólogo de Edith Palma. Madri: Aguilar, 1952, pp. 1142-3; 5-6; 6-7.

Nota: a transcrição destes textos está sendo possível graças ao prêmio obtido pelo tradutor no Edital ProAC N.º 30/2012 - Concurso de Apoio a Projetos de Criação Literária e Tradução no Estado de São Paulo, para traduzir uma seleção das *Tradições Peruanas* de Ricardo Palma.

O autor: Ricardo Palma nasceu em Lima, no Peru, em 1833, e morreu em Miraflores, em 1919. Iniciador do romantismo no Peru, foi escritor, jornalista e político, fundador da Academia Peruana. Foi cônsul no Pará em 1864, senador da República em 1869 e depois encarregado da reconstrução da Biblioteca Nacional, saqueada pelo exército chileno durante ocupação em 1883, onde ocupou o cargo de Diretor por 28 anos, até 1912.

O tradutor: Ademir Demarchi nasceu em Maringá-PR em 1960, mora em Santos-SP. Doutor em Literatura Brasileira, edita a revista *BABEL*, de poesia, crítica e tradução (6 edições), a revista Babel Poética (6 edições, 1.º lugar Programa Cultura e Pensamento do MinC/Petrobrás, 2010) e o selo *Sereia Ca(n)tadora*, de livros artesanais (30 títulos, sendo 7 traduzidos). Publicou os livros de poemas: *Os mortos na sala de jantar* (2007); *Passeios na Floresta* (2007); *Do Sereno que Enche o Ganges* (2007); *Ossos de Sereia* (2010) e *Pirão de Sereia*, obra poética reunida (2012).

Contato: revistababel@uol.com.br

TRES TRADICIONES PERUANAS

"Tal, según la tradición, es el origen de la achirana, voz que significa lo que corre limpiamente hacia lo que es hermoso."

RICARDO PALMA

LA CAMA MATRIMONIAL

Hasta poco después de consumada la Independencia, se habría tenido en Lima por hereje vitando a quien hubiese osado lanzar la idea de que, en la vida íntima del hogar, seria licito al marido dormir en lecho distinto y hasta en habitación diversa al de la conjunta. Separación de cama implicaba tanto como divorcio.

El cuarto destinado para dormitorio del señor y la señora era siempre uno de los más espaciosos de la casa. En el centro, o en uno de los extremos, se alzaba la cama matrimonial, más o menos lujosa en ornamentación y cortinajes. Casi siempre se erguía esta sobre un entarimado de media vara de altura, circundado de una barandilla de madera y con dos o tres tramos. El lecho matrimonial tiene mucho de sacratísimo altar, decían las abuelas, afirmación que no discuto porque se me antoja un tanto pagana.

Entre marido y mujer las quisquillas duraban poquísimas horas. Ningún miembro de la familia se preocupaba por nubecillas, pues sabía que al levantarse al día siguiente lo habrían risueños y bien avenidos. La cama matrimonial era otro abrazo de Maquinhuayo (en el Perú) o de Vergara (en España).

Estupendamente grave habría de ser el motivo de la querella para que, forzados a dormir juntos (pues la separación de lecho habría levantado recio

escándalo en la familia y quizá traslucidose en el vecindario), se diesen mutuamente la espalda o para que la señora armase la tablilla divisoria.

Esto de la tablilla reclama explicación, que daré muy a vuela pluma por lo escabroso del tema. Como en esos tiempos de exagerado misticismo marido y mujer tenían padre confesor, éste les imponía castidad absoluta en Jueves y Viernes Santos; y para evitar que los cónyuges, por el roce de los cuerpos bajo las sabanas, y como estamos revestidos de esta flaca y mala carne, incurriesen en tentación pecaminosa, armábase una tablilla de pulgada y media que dividía en dos la cama desde los pies hasta la almohada. Demás me parece apuntar que el sábado santo, tan luego como en la parroquia repicaban gloria, desaparecía la barrera, que iba a depositarse en el cuartito de los cachivaches hasta el año venidero.

Menos dura me parece la imposición de los antiguos criollos de mi tierra que las que los jesuitas implantaron en sus misiones en el Paraguay. A las cinco en punto de la mañana resonaban cinco campanadas, que en cada matrimonio equivalían a autorización para dar un mordisco a la agridulce manzana del Paraíso. En su manía de reglamentación no excluyeron los loyolistas ni al débito conyugal. Media hora después se repetían las campanadas, y ellos y ellas se encaminaban a trabajar en las plantaciones y demás faenas rústicas a que se les hubiera destinado. Paréceme que con media horita tenían lo suficiente para no incurrir en pecado de gula o glotonería. Ignoro si se compraba bula en los casos de infracción reglamentaria.

Dígase lo que se quiera en contrario; pero eso de la ya desaparecida cama matrimonial despertaba en la familia cierta unción respetuosa por la memoria de los tiempos patriarcales. Ya no volveremos a ver a la chiquillada o chiquillería asaltando por la mañana el lecho de sus padres, ni oír al coro de niños diciendo: "Buenos días papacito; buenos días mamacita" que delicia mayor para los padres que la de ver a los más mimados retozando sobre la colcha?

El novelista Balzac fue quien, a poco más de medio siglo, puso sobre el tapete lo de separación de lecho, y aun de dormitorio, y desde entonces no se ve ya en Lima una sola cama matrimonial de las del antiguo régimen. Y en cuanto a lo de tablilla en Semana Santa, su desaparición implica un triunfo en el terreno de la libertad... de conciencia.

LA GRUTA DE LAS MARAVILLAS

A pocas cuadras del caserío de Levitaca, en la provincia de Chumvibilcas, existe una gruta, verdadero prodigio de la naturaleza, que es constantemente visitada por hombres de ciencia y viajeros curiosos, que dejan su nombre grabado en las rocas de la entrada. Entre ellos figuran los de los generales Castilla, Vivanco, San Román y Pezet, ex-Presidentes del Perú. Desgraciadamente, no es posible pasar de las primeras galerías; pues quien se aventurase a adelantar un poco la planta, moriría asfixiado por los gases que se desprenden del interior.

Ahora refiramos la leyenda que cuenta el pueblo sobre la gruta de las maravillas.

Mayta-Capac, llamado el Melancólico, cuarto inca del Cuzco, después de vencer a los rebeldes de Tiahuanaco y de dilatar su imperio hasta la laguna de Paria, dirigióse a la costa y realizó la conquista de los fértiles valles de Arequipa y Moquegua. Para el emprendedor monarca no había obstáculo que no fuese fácil de superar; y en prueba de ello dicen los historiadores que, encontrándose en una de sus campañas detenido de improviso el ejército por una vasta ciénaga, empleó todos sus soldados en construir una calzada de piedra, de tres leguas de largo y seis varas de ancho, calzada de la cual aún se conservan vestigios. El inca creía desdoroso dar un rodeo para evitar el pantano.

Por los años 1180 de la era cristiana, Mayta-Capac emprendió la conquista del país de los *chumpihuillcas*, que eran gobernados por un joven y arrogante príncipe llamado Huacari. Éste, a la primera noticia de la invasión, se puso al frente de siete mil hombres y dirigióse a la margen del Apurimac, resuelto a impedir el paso del enemigo.

Mayta-Capac para quien, como hemos dicho, nada había imposible, hizo construir con toda presteza un gran puente de mimbres, del sistema de puentes colgantes, y pasó con treinta mil guerreros a la orilla opuesta. La invención del puente, el primero de su especie que se vio en América, dejó admirados a los vasallos de Huacari e infundió en sus ánimos tan supersticioso terror, que muchos, arrojando las armas, emprendieron una fuga vergonzosa.

Huacari reunió su consejo de capitanes, convencióse de la esterilidad de oponer resistencia a tan crecido número de enemigos, y después de dispersar las reducidas tropas que le quedaban, marchó, seguido de sus parientes y

jefes principales, a encerrarse en su palacio. Allí, entregados al duelo y la desesperación, prefirieron morir de hambre antes que rendir vasallaje al conquistador.

Compadecidos los *auquis* o dioses tutelares de la inmensa desventura de príncipe tan joven como virtuoso, y para premiar su patriotismo y la lealtad de sus capitanes, los convirtieron en preciosas estalactitas y estalagmitas que se reproducen, día por día, bajo variadas, fantásticas y siempre bellísimas cristalizaciones. En uno de los pasadizos o galerías que hoy se visitan, sin temor a las mortíferas exhalaciones, vese el pabellón del príncipe Huacari y la figura de éste en actitud que los naturales interpretan, de decir a sus amigos: – Antes la muerte que el oprobio de la servidumbre.

Tal es la leyenda de la gruta maravillosa.

LA *ACHIRANA* DEL INCA

A Teodorico Olachea

En 1412 el Inca Pachacutec, acompañado de su hijo el príncipe imperial Yupanqui y de su hermano Capac-Yupanqui, emprendió la conquista del valle de Ica, cuyos habitantes, si bien de índole pacífica, no carecían de esfuerzos y elementos para la guerra. Comprendiólo así el sagaz monarca, y antes de recurrir a las armas propuso a los iqueños que se sometiesen a su paternal gobierno. Aviniéronse éstos de buen grado, y el inca y sus cuarenta mil guerreros fueron, cordial y espléndidamente, recibidos por los naturales.

Visitando Pachacutec el feraz territorio que acababa de sujetar a su dominio, detúvose una semana en el *pago* llamado Tate. Propietaria del pago era una anciana a quien acompañaba una bellísima doncella, hija suya.

El conquistador de pueblos creyó también de fácil conquista el corazón de la joven; pero ella, que amaba a un galán de la comarca, tuvo la energía, que sólo el verdadero amor inspira, para resistir a los enamorados ruegos del prestigioso y omnipotente soberano.

Al fin, Pachacutec perdió toda esperanza de ser correspondido, y tomando entre sus manos las de la joven, la dijo, no sin ahogar antes un suspiro:

– Quédate en paz, paloma de este valle, y que nunca la niebla del dolor tienda su velo sobre el cielo de tu alma. Pídeme alguna merced que, a ti y a los tuyos, haga recordar siempre el amor que me inspiraste.

– Señor – le contestó la joven, poniéndose de rodillas y besando la orla del manto real –, grande eres y para ti no hay imposible. Venciérasme con tu nobleza, a no tener ya el alma esclava de otro dueño. Nada debo pedirte, que quien dones recibe obligada queda; pero si te satisface la gratitud de mi pueblo, ruégote que des agua a esta comarca. *Siembra beneficios y tendrás cosecha de bendiciones.* Reina, señor, sobre corazones agradecidos más que sobre hombres que, tímidos, se inclinan ante ti, deslumbrados por tu esplendor.

– Discreta eres, doncella de la negra crencha, y así me cautivas con tu palabra como con el fuego de tu mirada. ¡Adiós, ilusorio ensueño de mi vida! Espera diez días, y verás realizado lo que pides. ¡Adiós, y no te olvides de tu rey!

Y el caballero monarca, subiendo al *anda de oro* que llevaban en hombros los nobles del reino, continuó su viaje triunfal.

Durante diez días los cuarenta mil hombres del ejército se ocuparon en abrir el cauce que empieza en los terrenos del Molino y del Trapiche y termina en Tate, heredad o pago donde habitaba la hermosa joven de quien se apasionara Pachacutec.

El agua de la *achirana del Inca* suministra abundante riego a las haciendas que hoy se conocen con los nombres de Chabalina, Belén, San Jerónimo, Tacama, San liarán, Mercedes, Santa Bárbara, Chanchajaya, Santa Elena, Vista-alegre, Sáenz, Parcona, Tayamana, Bongo, Pueblo Nuevo, Sonumpe y, por fin, Tate.

Tal, según la tradición, es el origen de la *achirana*, voz que significa *lo que corre limpiamente hacia lo que es hermoso*.

TRÊS TRADIÇÕES PERUANAS

"Tal, segundo a tradição, é a origem da Achirana, palavra que significa o que corre limpidamente até algo formoso."

RICARDO PALMA

A CAMA MATRIMONIAL[1]

Até pouco depois de consumada a Independência, se tinha em Lima por herege[2], a ser evitado, quem houvesse ousado lançar a ideia de que, na vida íntima da casa, seria lícito ao marido dormir em leito distinto e até habitação diferente daquela do casal. Separação de cama era o mesmo que divórcio.

O quarto destinado para dormitório do senhor e da senhora era sempre um dos mais espaçosos da casa. No centro, ou em um dos pontos extremos do quarto, se colocava a cama matrimonial, mais ou menos luxuosa em ornamentação e cortinados. Quase sempre a cama ficava em cima de um tablado de meia vara[3] de altura, ornado em volta de toda a cama por uma escada de dois ou três degraus. O leito matrimonial tem muito de sagradíssimo altar, diziam as avós, afirmação que não discuto porque me parece um tanto pagã[4].

[1] As *tradições* são sempre datadas pelo ano, exceção desta, que é apontada como sendo do século XIX. (n.t.)
[2] No forte e controlado ambiente católico de Lima, herege era todo aquele que desrespeitasse qualquer das regras impostas pela Igreja, fiscalizadas por quem detinha o poder e reguladas nem sempre por sua noção de verdade, mas também pelos humores, interesses e futricas. (n.t.)
[3] A vara era uma medida que se usava em diferentes regiões da Espanha, com valores distintos, que oscilavam entre 768 e 912 mm. Meia vara, no caso citado por Palma, referia-se a um tablado de cerca de 45 cm de altura. (n.t.)
[4] Irônico, Palma expõe nesse comentário uma das contradições do catolicismo e seus seguidores, do tipo que poderia sujeitar à Inquisição. (n.t.)

Entre marido e mulher as briguinhas duravam pouquíssimas horas. Ninguém da família se preocupava com nuvenzinhas, pois sabia que, ao levantarem-se no dia seguinte, o fariam risonhos e harmonizados. A cama matrimonial era outro abraço de Maquinhuayo (no Peru) ou de Vergara (na Espanha)[5].

Estupidamente grave haveria de ser o motivo da briga para que, forçados a dormir juntos, (pois a separação de leitos haveria de levantar forte escândalo na família e talvez ecoar para as vizinhanças), se dessem mutuamente as costas ou para que a senhora armasse a tabuinha divisória.

Isso da tabuinha exige explicação, que darei muito a voo de pena por escabroso que é o tema. Como nesses tempos de exagerado misticismo marido e mulher tinham padre confessor, este lhes impunha castidade absoluta às Quintas e Sextas-feiras Santas; e para evitar que os cônjuges, pelo roçar dos corpos sob os lençóis, e como estamos revestidos dessa fraca e má carne, incorressem em tentação pecaminosa, armava-se uma tabuinha de polegada e meia que dividia a cama desde os pés até a cabeceira. Demasiado me parece assinalar que no sábado santo, tão logo na paróquia repicavam glória, desaparecia a barreira, que ia depositar-se num quartinho de coisas inúteis até o ano seguinte.

Menos dura me parece a imposição dos antigos confessores crioulos[6] da minha terra do que aquela que os jesuítas implantaram em suas missões do Paraguai. Às cinco em ponto da manhã ressoavam cinco batidas de sino, que em cada casamento equivaliam a autorização para dar uma mordiscada na agridoce maçã do Paraíso. Em sua mania de regulamentação não excluíram os loyolistas[7] nem a dívida conjugal. Meia hora depois se repetiam as batidas do sino e eles e elas se encaminhavam para trabalhar nas plantações e demais tarefas rústicas que lhes houvessem destinado. Parece-me que, com meia horinha, tinham o suficiente para não incorrerem em pecado de gula ou glutonaria. Ignoro se se comprava bula[8] nos casos de infração às regras.

---

[5] Palma exercita aqui outra de suas finas ironias, pois, referindo-se a um fato histórico num país marcado pela beligerância, compara o leito matrimonial a um campo de batalha onde se decidem as guerras. Maquinhuayo é o local onde se deu o abraço, ou seja, o acordo, que pôs fim à primeira guerra civil da história republicana do Peru, quando as tropas rebeldes dirigidas por José Rufino Echenique passaram para o lado do presidente Luis José de Obergoso em 24 de abril de 1834. Quanto ao "Abraço de Vergara", Palma refere-se ao abraço dado perante as tropas rivais de ambos os exércitos, reunidas diante das tumbas de Vergara pelos generais Espartero e Maroto que deu fim à Primeira Guerra Carlista no norte da Espanha contra o Reino de Isabela. (n.t.)

[6] A expressão "crioulo" refere-se às pessoas de ascendência europeia nascidas nas colônias hispânicas da América. (n.t.)

[7] Palma refere-se aos jesuítas ou seguidores do Padre Ignácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, que estabeleceu várias Missões na América. (n.t.)

[8] A bula era um privilégio ou indulgência concedida pela autoridade religiosa. Palma está sendo irônico ao usar o verbo "comprar" para referir-se à Igreja como uma instituição que criava regras para vender perdão. (n.t.)

Diga-se o que se quiser em contrário; porém isso da já desaparecida cama matrimonial despertava na família certa unção respeitosa pela memória dos tempos patriarcais. Já não voltaremos a ver a criançada ou criancices assaltando pela manhã o leito de seus pais, nem a ouvir o coro das crianças dizendo: "Bom dia, papaizinho; bom dia, mamãezinha". Que delícia maior para os pais que a de ver os mais mimados saltando sobre a colcha?

O novelista Balzac foi quem, há pouco mais de meio século, pôs sobre o tapete a separação do leito, e ainda do dormitório, e desde então não se vê já em Lima uma só cama matrimonial daquelas do antigo regime. E quanto ao costume da tabuinha na Semana Santa, sua desaparição implica um triunfo no terreno da liberdade... de consciência.

A GRUTA DAS MARAVILHAS[9]

A poucas quadras do povoado de Levitaca, na província de Chumbivilcas[10], no Peru, existe uma gruta, verdadeiro prodígio da natureza, que é constantemente visitada por homens de ciência e viajantes curiosos, que deixam seu nome gravado nas pedras da entrada. Entre esses figuram os nomes dos generais Castilla, Vivanco, San Román e Pezet, ex-Presidentes do Peru. Desgraçadamente, não é possível passar das primeiras galerias, pois quem se aventurasse a avançar um pouco adentro morreria asfixiado pelos gases que se desprendem do interior da gruta.

Agora lembremos a lenda que conta o povo sobre a gruta das maravilhas.

Mayta-Capac, chamado "o melancólico", quarto Inca de Cusco, depois de vencer os rebeldes de Tihuanaco e de expandir seu império até a laguna de Paria, dirigiu-se à costa e realizou a conquista dos férteis vales de Arequipa e Moquegua. Para o empreendedor monarca não havia obstáculo que não fosse fácil de superar; e, como prova disso, dizem os historiadores que, encontrando-se com seu exército detido em uma de suas campanhas por uma vasta laguna pantanosa, usou todos os soldados para construir um calçamento de pedras, de três léguas[11] de comprimento e seis varas[12] de largura, calçamento do qual ainda se conservam vestígios. O Inca acreditava ser desonroso dar a volta para evitar o pântano.

Lá pelos anos 1180 da Era Cristã, Mayta-Capac empreendeu a conquista do país dos *chumpihuillcas*, que eram governados por um jovem e arrogante príncipe chamado Huacari. Este, à primeira notícia da invasão, se pôs à frente de sete mil homens e dirigiu-se à margem do Rio Apurimac, decidido a impedir a passagem do inimigo.

Mayta-Capac, para o qual, como já dissemos, nada havia de impossível, fez construir com toda rapidez uma grande ponte de juncos, no sistema de pontes suspensas, e passou com trinta mil guerreiros à margem oposta do rio. A invenção da ponte, a primeira de sua espécie que se viu na América, deixou admirados os súditos de Huacari e infundiu em suas almas tão

[9] Datada como sendo de 1180. (n.t.)
[10] Na grafia antiga, Palma a registra como "província de Chumbibilcas", esta também uma variação da palavra de origem indígena "chumpihuillcas", que se refere ao povo que lá morava, originário de uma das linhagens da grande tribo dos quíchuas; a área hoje é ocupada por Abancay, cidade do Peru que também é capital da região de Apurimac. (n.t.)
[11] Cerca de 20 km. (n.t.)
[12] Cerca de 2,5 m. (n.t.)

supersticioso terror que muitos, depondo as armas, empreenderam uma fuga vergonhosa.

Huacari reuniu seu conselho de oficiais, convenceu-se da inutilidade de opor resistência a tão significativo número de inimigos, e depois de dispersar as reduzidas tropas que restavam, marchou, seguido de seus parentes e chefes principais, para trancar-se em seu palácio. Ali, entregues ao combate e ao desespero, preferiram morrer de fome em vez de se subordinar ao conquistador.

Complacentes os *auquis*, deuses protetores, da imensa desventura do príncipe tão jovem quanto virtuoso, e para premiar seu patriotismo e a lealdade de seus oficiais, o converteram em preciosas estalactites e estalagmites que se reproduzem, dia a dia, sob variadas, fantásticas e sempre belíssimas cristalizações. Em uma das passagens ou galerias que hoje se visitam, sem temor às mortíferas exalações, vê-se o pavilhão do príncipe Huacari e a sua figura em atitude, que os nativos interpretam, de dizer aos seus amigos: – Antes a morte que a desonra da escravidão.

Essa é a lenda da gruta maravilhosa.

A *ACHIRANA*[13] DO INCA[14]

Para Teodorico Olachea

Em 1412 o inca Pachacutec, acompanhado de seu filho, o príncipe imperial Yupanqui e de seu irmão Capac-Yupanqui, empreendeu a conquista do Vale de Ica, cujos habitantes, ainda que de índole pacífica, não necessitavam de reforços e meios para a guerra. Compreendendo isso o sagaz monarca, e antes de recorrer às armas propôs aos iquenhos que se submetessem ao seu paternal governo. Concordaram eles de bom grado, e o inca e seus quarenta mil guerreiros foram cordial e esplendidamente recebidos por eles.

Visitando Pachacutec o fértil território que acabava de sujeitar ao seu domínio, deteve-se uma semana na herdade chamada Tate. Sua proprietária era una anciã a quem acompanhava uma belíssima donzela, sua filha.

O conquistador de povos acreditou também de fácil conquista o coração da jovem; porém ela, que amava um galã da comarca, teve a energia, que somente o verdadeiro amor inspira, para resistir aos enamorados rogos do prestigioso e onipotente soberano.

Ao fim, Pachacutec perdeu toda esperança de ser correspondido, e tomando entre suas mãos as da jovem, lhe disse, não sem afogar antes um suspiro:

– Fique em paz, pomba deste vale, e que nunca a névoa da dor estenda seu véu sobre o céu da tua alma. Peça-me alguma dádiva que a ti e aos teus faça recordar sempre o amor que me inspiraste.

– Senhor – lhe respondeu a jovem, colocando-se de joelhos e beijando a borda do manto real –, grande és e para ti não há impossível. Venceste-me com tu nobreza, a não ter já alma escrava de outro dono. Nada devo pedir-te, pois quem dons recebe, obrigada fica; porém se te satisfaz a gratidão de meu povo, rogo-te que dês água a esta comarca. *Semeie benefícios e terás colheita de bênçãos.* Reina, senhor, sobre corações agradecidos mais que sobre homens que, tímidos, se inclinam ante ti, deslumbrados por teu esplendor.

[13] "Achirana" é uma palavra quíchua que significa "o que corre limpidamente até algo formoso". (n.t.)
[14] Datada como sendo de 1412. (n.t.)

– Discreta és, donzela de negra trança, e assim me cativas com tua palavra como com o fogo do teu olhar. Adeus, ilusório sonho da minha vida! Espera dez dias, e verás realizado o que pedes. Adeus, e não te esqueças do teu rei!

E o cavalheiro monarca, subindo na *anda*[15] de ouro que levava sobre ombros os nobres do reino, continuou sua viagem triunfal.

Durante dez dias os quarenta mil homens do exército se ocuparam em abrir o leito que começa nos terrenos do Moinho e do Trapiche e termina em Tate, herdade ou lugar onde habitava a formosa jovem de que se apaixonara Pachacutec.

A água da *Achirana* do Inca provê abundante abastecimento às fazendas que hoje se conhecem pelos nomes de Chabalina, Belén, San Jerónimo, Tacama, San liarán, Mercedes, Santa Bárbara, Chanchajaya, Santa Elena, Vista-alegre, Sáenz, Parcona, Tayamana, Pongo, Pueblo Nuevo, Sonumpe e, por fim, Tate.

Tal, segundo a tradição, é a origem da *Achirana*, palavra que significa *o que corre limpidamente até algo formoso*.

[15] Como a própria frase sugere, trata-se de um tablado que, sustentado por duas varas paralelas e horizontais que, apoiadas sobre os ombros de serviçais, servia para conduzir os nobres. (n.t.)

contos | excertos

(n.t.) | Caracas

Histórias gatonegrescas

Alphonse Allais

O texto: As três narrativas cômicas fazem parte da coletânea *Para se contorcer: histórias gatonegrescas*, título judiciosamente escolhido pelo autor, já que as histórias agrupadas trazem momentos hilários e provocadores. Nelas se fundem fábulas, anedotas picantes e personagens extravagantes para compor um retrato risível das vaidades e fraquezas humanas. O tom jocoso encobre sutilmente um olhar preciso e crítico sobre a moral e os costumes de uma sociedade hipócrita, como nos contos, *Um drama bem parisiense*, em que um casal de conveniência lança mão de jogos de poder e artimanhas para levar adiante sua relação; *Um pequeno fim de século*, onde a óbvia visão de bem e mal é desconstruída sob a forma de uma "historinha de crianças"; e *O cúmulo do Darwinismo*, em que o autor aborda a oposição de forças entre ciência e religião, não sem ironizar a ambas.

Textos traduzidos: Allais. A. "Le comble du Darwinisme", "Un drame bien parisien"et "Un petit fin de siècle". In. Allais, A. *À se tordre: Histoires chatnoiresques.* Paris: Paul Ollendorff Éd., 1891, pp. 77-84, pp. 123-131, pp. 199-203.

O autor: O escritor e humorista Alphonse Allais (1854-1905), nasceu em Honfleur, Baixa-Normandia. Por influência paterna, dedicou-se aos estudos de Farmacologia, mas um interesse maior pela comédia e a literatura o impediu de concluir os cursos. Anos mais tarde, tornou-se presença marcante nos cafés do Quartier Latin de Paris, onde suas anedotas e histórias cômicas eram muito apreciadas. Em seus textos, explora o ridículo, a banalidade nas relações humanas, a ciência e até mesmo a morte. É considerado um "inventor" de situações bizarras, que usa trocadilhos e enredos aparentemente simples como expedientes para realizar críticas agudas à sociedade da *Belle Époque* francesa. Além de *À se tordre* (1891), destacam-se outras obras, como *Deux et deux font cinq* (1895) e *Amours, délices et orgues* (1898).

A tradutora: Fedra Rodríguez Hinojosa é Bacharel em Letras Francês, com Mestrado (UFSC) e Doutorado em Estudos da Tradução pela UFSC/Universidad de Sevilla. Atualmente exerce as atividades de redatora, revisora, consultora editorial, tradutora e pesquisadora acadêmica. Embora seu alvo de estudos seja a cultura e a literatura árabe, dedica-se paralelamente à tradução de textos do galego, francês, inglês e espanhol. Para a (n.t.) já traduziu *Laranjas e giletes em Bagdá*, de Muhsin Al-Ramli, e *O suicídio*, de Xosé Neira Vilas.

HISTOIRES CHATNOIRESQUES

"Alors quoi ? T'as donc pas compris que c'est une histoire ironique ?
Eh bien ! là, vrai ! je ne te croyais pas si daim !"

ALPHONSE ALLAIS

LE COMBLE DU DARWINISME

Je n'ai pas toujours été le vieillard quinteux et cacochyme que vous connaissez aujourd'hui, jeunes gens.

Des temps furent où je scintillais de grâce et de beauté.

Les demoiselles s'écriaient toutes, en me voyant passer : « Oh ! le charmant garçon ! Et comme il doit être *comme il faut* ! » Ce en quoi les demoiselles se trompaient étrangement, car je ne fus jamais *comme il faut*, même aux temps les plus reculés de ma prime jeunesse.

À cette époque, la muse de la Prose n'avait que légèrement effleuré, du bout de son aile vague, mon front d'ivoire.

D'ailleurs, la nature de mes occupations était peu faite pour m'impulser vers d'aériennes fantaisies.

Je me préparais, par un stage pratique dans les meilleures maisons de Paris, à l'exercice de cette profession tant décriée où s'illustrèrent, au XVIIe siècle, M. Fleurant, et, de nos jours, l'espiègle Fenayrou.

Dois-je ajouter que le seul fait de mon entrée dans une pharmacie déterminait les plus imminentes catastrophes et les plus irrémédiables ?

Mon patron devenait rapidement étonné, puis inquiet, et enfin insane, dément parfois.

Quant à la clientèle, une forte partie était fauchée par un trépas prématuré ; l'autre, manifestant de véhémentes méfiances, s'adressait ailleurs.

Bref, je tramais dans les plis de mon veston le spectre de la faillite, la faillite au sourire vert.

Je possédais un scepticisme effroyable à l'égard des matières vénéneuses ; j'éprouvais une horreur instinctive pour les centigrammes et les milligrammes, que j'estimais si misérables ! Ah, parlez-moi des grammes.

Et il m'advint souvent d'ajouter copieusement les plus redoutables toxiques à des préparations réputées anodines jusqu'alors.

J'aimais surtout faire des veuves : une idée à moi.

Dès qu'une cliente un peu gentille se présentait à l'officine, porteuse d'une ordonnance :

– Qui est-ce que vous avez donc de malade, chez vous, madame ?

– C'est mon mari, monsieur… Oh ! ce n'est pas grave… Un petit enrouement.

Alors je me disais : « Ah ! il est enroué, ton mari ? Eh bien ! Je me charge de lui rendre la pureté de son organe. » Et il était bien rare, le surlendemain, de ne pas rencontrer un enterrement dans le quartier.

C'était le bon temps !

Dans une pharmacie où je me trouvais vers cette époque ou à peu près, j'étais doué d'un patron qui aurait pu rendre des points à madame Benoîton. Toujours sorti.

J'aimais autant cela, n'ayant jamais été friand de surveillance incessante.

Chaque jour, dans l'après-midi, une espèce de vieux serin, rentier dans le quartier, ennemi du progrès, clérical enragé, venait tailler avec moi d'interminables bavettes, dont Darwin était le sujet principal.

Mon vieux serin considérait Darwin comme un grand coupable et ne parlait rien moins que de le pendre. (Darwin n'était pas encore mort, à ce moment-là.)

Moi, je lui répondais que Bossuet était un drôle et que, si je savais où se trouvait sa tombe, j'irais la souiller d'excréments.

Et des après-midi entiers s'écoulaient à causer adaptation, sélection, transformisme, hérédité.

– Vous avez beau dire, criait le vieux serin, c'est la Providence qui crée tel ou tel organe pour telle ou telle fonction !

– C'est pas vrai, répliquais-je passionnément, votre Providence est une grande dinde. C'est le milieu qui transforme l'organe, et l'adapte à la fonction.

– Votre Darwin est une canaille !

– Votre Fénelon est un singe !

Pendant nos discussions pseudo scientifiques, je vous laisse à penser comme les prescriptions étaient consciencieusement exécutées.

Je me rappelle notamment un pauvre monsieur qui arriva au moment le plus chaud, avec une ordonnance comportant deux médicaments : 1° une eau quelconque pour se frictionner le cuir chevelu ; 2° un sirop pour se purifier le sang.

Huit jours après, le pauvre monsieur revenait avec son ordonnance et ses bouteilles vides.

– Ça va beaucoup mieux, fit-il, mais, nom d'un chien ! C'est effrayant ce que ça poisse les cheveux, cette cochonnerie-là ! Et ce que ça arrange les chapeaux !

Je jetai un coup d'œil sur les bouteilles.

Horreur ! Je m'étais trompé d'étiquettes.

Le pauvre homme avait bu la lotion et s'était consciencieusement frictionné la tête avec le sirop.

– Ma foi, me dis-je, puisque ça lui a réussi, continuons.

J'appris depuis que ce pauvre monsieur, qui avait une maladie du cuir chevelu réputée incurable, s'était trouvé radicalement guéri, au bout d'un mois de ce traitement à l'envers.

(Je soumets le cas à l'Académie de médecine.)

Le vieux serin dont j'ai parlé plus haut possédait un chien mouton tout blanc dont il était très fier et qu'il appelait *Black*, sans doute parce que *Black* signifie *noir* en anglais.

Un beau jour, Black éprouva des démangeaisons, et le vieux serin me demanda ce qu'on pourrait bien faire contre cet inconvénient.

Je conseillai un bain sulfureux.

Justement, il y avait dans le quartier un vétérinaire qui, un jour par semaine, administrait un bain sulfureux collectif aux chiens de sa clientèle.

Le vieux serin conduisit Black au bain et alla faire un tour pendant l'opération.

Quand il revint, plus de Black.

Mais un chien mouton, d'un noir superbe, de la taille et de la forme de Black, s'obstinant à lui lécher les mains d'un air inquiet.

Le vieux serin s'écriait : « Veux-tu fiche le camp, sale bête ! Black, Black, psst ! »

Et, en effet, c'était bien lui, le Black, mais noirci ; comment ?

Le vétérinaire n'y comprenait rien.

Ce n'était pas la faute du bain, puisque les autres chiens gardaient leur couleur naturelle. Alors quoi ?

Le vieux serin vint me consulter.

Je parus réfléchir, et, subitement, comme inspiré :

– Nierez-vous, maintenant, m'écriai-je, la théorie de Darwin ? Non seulement les animaux s'adaptent à leur fonction, mais encore au nom qu'ils portent. Vous avez baptisé votre chien *Black*, et il était inéluctable qu'il devînt noir.

Le vieux serin me demanda si, par hasard, je ne me fichais pas de lui, et il partit sans attendre la réponse.

Je peux bien vous le dire, à vous, comment la chose s'était passée.

Le matin du jour où Black devait prendre son bain, j'avais attiré le fidèle animal dans le laboratoire et, là, je l'avais amplement arrosé d'acétate de plomb.

Or, on sait que le rapprochement d'un sel de plomb avec un sulfure détermine la formation d'un sulfure de plomb, substance plus noire que les houilles à Taupin.

Je ne revis jamais le vieux serin, mais, à ma grande joie, je ne cessai d'apercevoir Black dans le quartier.

Du beau noir dû à ma chimie, sa toison passa à des gris malpropres, puis à des blancs sales, et ce ne fut que longtemps après qu'elle recouvra son albe immaculation.

UN DRAME BIEN PARISIEN

CHAPITRE PREMIER

Où l'on fait connaissance avec un Monsieur et une Dame
qui auraient pu être heureux, sans leurs éternels malentendus.

O qu'il ha bien sceu choisir, le challan !
RABELAIS.

À l'époque où commence cette histoire, Raoul et Marguerite (un joli nom pour les amours) étaient mariés depuis cinq mois environ.

Mariage d'inclination, bien entendu.

Raoul, un beau soir, en entendant Marguerite chanter la jolie romance du colonel Henry d'Erville :

L'averse, chère à la grenouille,
Parfume le bois rajeuni.
… Le bois, il est comme Nini.
Y sent bon quand y s'débarbouille.

Raoul, dis-je, s'était juré que la divine Marguerite (*diva Margarita*) n'appartiendrait jamais à un autre homme qu'à lui-même.

Le ménage eût été le plus heureux de tous les ménages, sans le fichu caractère des deux conjoints.

Pour un oui, pour un non, crac ! une assiette cassée, une gifle, un coup de pied dans le cul.

À ces bruits, Amour fuyait éploré, attendant, au coin du grand parc, l'heure toujours proche de la réconciliation.

Alors, des baisers sans nombre, des caresses sans fin, tendres et bien informées, des ardeurs d'enfer.

C'était à croire que ces deux cochons-là se disputaient pour s'offrir l'occasion de se raccommoder.

CHAPITRE II

Simple épisode qui, sans se rattacher directement à l'action,
Donnera à la clientèle une idée sur la façon de vivre de nos héros.

Amour en latin faict amor.
Or donc provient d'amour la mort
Et, par avant, soulcy qui mord,
Deuils Plours, Pièges, forfaitz, remord…
(*Blason d'amour*.)

Un jour, pourtant, ce fut plus grave que d'habitude.

Un soir, plutôt.

Ils étaient allés au Théâtre d'Application, où l'on jouait, entre autres pièces, L'*Infidèle*, de M. de Porto-Riche.

– Quand tu auras assez vu Grosclaude, grincha Raoul, tu me le diras.

– Et toi, vitupéra Marguerite, quand tu connaîtras Mlle Moreno par cœur, tu me passeras la lorgnette.

Inaugurée sur ce ton, la conversation ne pouvait se terminer que par les plus regrettables violences réciproques.

Dans le coupé qui les ramenait, Marguerite prit plaisir à gratter sur l'amour-propre de Raoul comme sur une vieille mandoline hors d'usage.

Aussi, pas plutôt rentrés chez eux, les belligérants prirent leurs positions respectives.

La main levée, l'œil dur, la moustache telle celle des chats furibonds, Raoul marcha sur Marguerite, qui commença, dès lors, à n'en pas mener large.

La pauvrette s'enfuit, furtive et rapide, comme fait la biche en les grands bois.

Raoul allait la rattraper.

Alors, l'éclair génial de la suprême angoisse fulgura le petit cerveau de Marguerite.

Se retournant brusquement, elle se jeta dans les bras de Raoul en s'écriant :

– Je t'en prie, mon petit Raoul, défends-moi !

CHAPITRE III

Où nos amis se réconcilient comme je vous souhaite
de vous réconcilier souvent, vous qui faites vos malins.

"*Hold your tongue, please !*"
DARWIN.

. . . . . .

CHAPITRE IV

Comment l'on pourra constater que les gens qui se mêlent de ce
qui ne les regarde pas feraient beaucoup mieux de rester tranquilles.

C'est épatant ce que le monde
devient rosse depuis quelque temps !
(Paroles de ma concierge dans
la matinée de lundi dernier.)

Un matin, Raoul reçut le mot suivant :

« Si vous voulez, une fois par hasard, voir votre femme en belle humeur, allez donc, jeudi, au bal des Incohérents, au Moulin-Rouge. Elle y sera, masquée et déguisée en pirogue congolaise. À bon entendeur, salut ! »

UN AMI.

Le même matin, Marguerite reçut le mot suivant :

« Si vous voulez, une fois par hasard, voir votre mari en belle humeur, allez donc, jeudi, au bal des Incohérents, au Moulin-Rouge. Il y sera, masqué et déguisé en templier fin de siècle. À bonne entendeuse, salut ! »

UNE AMIE.

Ces billets ne tombèrent pas dans l'oreille de deux sourds.

Dissimulant admirablement leurs desseins, quand arriva le fatal jour :

– Ma chère amie, fit Raoul de son air le plus innocent, je vais être forcé de vous quitter jusqu'à demain. Des intérêts de la plus haute importance m'appellent à Dunkerque.

– Ça tombe bien, répondit Marguerite, délicieusement candide, je viens de recevoir un télégramme de ma tante Aspasie, laquelle, fort souffrante, me mande à son chevet.

CHAPITRE V

Où l'on voit la folle jeunesse d'aujourd'hui tournoyer dans le plus chimériques et passagers plaisirs au lieu de songer à l'éternité.

Mai vouéli vièure pamens :
La vida es tant bello !
AUGUSTE MARIN.

Les échos du *Diable Boiteux* ont été unanimes à proclamer que le bal des Incohérents revêtit cette année un éclat inaccoutumé.

Beaucoup d'épaules et pas mal de jambes, sans compter les accessoires.

Deux assistants semblaient ne pas prendre part à la folie générale : un Templier fin de siècle et une Pirogue congolaise, tous deux hermétiquement masqués.

Sur le coup de trois heures du matin, le Templier s'approcha de la Pirogue et l'invita à venir souper avec lui.

Pour toute réponse, la Pirogue appuya sa petite main sur le robuste bras du Templier, et le couple s'éloigna.

CHAPITRE VI

Où la situation s'embrouille.

– I say, don't you think the rajah laughs at us ?
– Perhaps, sir.
HENRY O'MERCIER.

– Laisse-nous un instant, fit le Templier au garçon du restaurant, nous allons faire notre menu et nous vous sonnerons. Le garçon se retira et le Templier verrouilla soigneusement la porte du cabinet.

Puis, d'un mouvement brusque, après s'être débarrassé de son masque, il arracha le loup de la Pirogue.

Tous les deux poussèrent, en même temps, un cri de stupeur, en ne se reconnaissant ni l'un ni l'autre.

Lui, ce n'était pas Raoul.

Elle, ce n'était pas Marguerite.

Ils se présentèrent mutuellement leurs excuses, et ne tardèrent pas à lier connaissance à la faveur d'un petit souper, je ne vous dis que ça.

CHAPITRE VII

Dénouement heureux pour tout le monde, sauf pour les autres.

Buvons le vermouth grenadine,
Espoir de nos vieux bataillons.
GEORGE AURIOL.

Cette petite mésaventure servit de leçon à Raoul et à Marguerite.

À partir de ce moment, ils ne se disputèrent plus jamais et furent parfaitement heureux.

Ils n'ont pas encore beaucoup d'enfants, mais ça viendra.

UN PETIT "FIN DE SIÈCLE"

– **D**is donc, mon oncle ?

– Mon ami…

– Tu sais pas ?… Si t'étais bien gentil ?…

– Si j'étais bien gentil ?

– Oui… Eh ben, tu me ferais mettre un article dans le *Chat noir*.

– Qu'entends-tu par *te faire mettre un article* ?

– Eh bien, me faire imprimer une histoire que j'ai faite, pardi !

– Comment, tu fais de la littérature, toi ?

– Pourquoi pas ?… et pas plus bête que la tienne, tu sais.

– Prétentieux !

– Prétentieux ?… Prétentieux parce qu'on se croit aussi malin que monsieur !… Oh ! la, la, ce que tu te gobes, mon vieux !

– ! ! !… Et alors, tu veux débuter dans la presse ?

– Oui, j'ai écrit une petite histoire, je veux te la donner, tu la feras imprimer. Je ne la signerai pas, parce que maman ferait des histoires à n'en plus finir. Toi, tu la signeras, mais nous partagerons la galette.

– À la bonne heure, tu es pratique !

– Dame, si on n'est pas pratique à sept ans, je me demande un peu à quel âge qu'on le sera.

– Où est-il, ton chef-d'œuvre ?

– Tiens, le voilà :

"HISTOIRE D'UN MECHANT PETIT TROQUET
ET D'UNE BONNE PETITE LAMPISTE

A Mesdemoiselles Manitou et Tonton.

Il y avait une fois, boulevard de Courcelles, un mauvais petit garnement qui était le fils d'un marchand de vins.

Personne ne l'aimait dans le quartier, parce que c'était un sale gosse qui faisait des blagues à tout le monde.

Il avait de vilains cheveux rouges plantés raides, des grandes oreilles détachées de la tête, et un petit nez retroussé comme le museau de ces chiens qui tuent les rats, et puis des taches de rousseur plein la figure.

Il faisait tant de bruit avec son fouet, qu'on aurait dit que c'était un vrai charretier.

À côté de la boutique de son père, il y avait un marchand de lampes qui vendait aussi des seaux, des arrosoirs et des brocs en zinc.

Alors le petit troquet venait s'amuser à taper sur tous ces ustensiles pour faire du bruit et embêter les voisins.

Le lampiste avait une petite fille qui était aussi gentille que le petit garçon était désagréable.

On ne peut pas s'imaginer quelque chose de plus charmant et de plus doux que cette petite fille.

Elle avait des yeux bleus, un beau petit nez, une jolie petite bouche et des cheveux blonds si fins, si fins, que quand il n'y en avait qu'un, on ne le voyait pas.

Quand il faisait beau, elle s'installait sur le trottoir avec son petit pliant, et elle apprenait ses leçons, et, quand elle savait ses leçons, elle faisait de la tapisserie.

À ce moment-là, le petit troquet arrivait par derrière et lui tirait sa natte en faisant dign, dign, dign, comme si sa natte était la corde d'une cloche de bateau à vapeur.

Ça embêtait joliment la petite lampiste. Mais, un jour, elle a eu une idée. Elle a pris des sous dans le comptoir et elle les a donnés au petit apprenti de son papa, qui était très fort et qui a fichu de bons coups de poing sur le nez du petit troquet et de bons coups de pied dans les jambes.

Le petit troquet a dit à ses parents qu'il s'était fichu par terre, et que c'est pour ça qu'il saignait du nez.

Le lendemain, il revint tirer la natte de la pauvre petite lampiste.

Alors, voilà la petite lampiste qui se met en colère et qui se demande comment elle ferait pour faire une bonne blague au mauvais petit troquet.

Voici ce qu'elle a fait :

Elle l'a invité à faire la dînette avec elle, un jeudi, et d'autres petites filles.

On commence par manger des gâteaux, du raisin, de tout, et puis elle dit :

– Maintenant, nous allons boire du vin blanc.

Et elle remplit les verres avec de l'essence qui sert pour les lampes.

Les petites filles, qui étaient averties, n'ont rien bu, mais le mauvais petit troquet a tout avalé.

Il fut malade comme un cheval, et même sa maman croyait bien qu'il en claquerait, mais il était tellement entêté qu'il n'a jamais voulu dire comment ça lui était venu. Heureusement qu'ils avaient un bon médecin qui l'a guéri.

Quand il a été guéri, il a été embrasser la petite lampiste, et lui a demandé pardon de ses méchancetés, et, depuis, il ne lui a jamais tiré sa natte, ni tapé sur les arrosoirs.

Il est devenu très gentil, ses cheveux ont été moins rouges, ses taches de rousseur se sont en allées, ses oreilles se sont recollées et son nez n'a plus ressemblé à un museau de chien de boucher.

Et puis, quand il a été grand, il s'est marié avec la petite lampiste et ils ont eu beaucoup d'enfants.

On a mis tous les garçons à l'École polytechnique.

Signé : TOTO."

– Hein ! mon oncle, qu'est-ce que tu dis de cette histoire-là ?

– Très intéressante, mais ta jeune lampiste me fait l'effet d'être une jolie petite rosse.

– Pour sûr !

– Eh bien ! alors ?

– Alors quoi ? T'as donc pas compris que c'est une histoire ironique ?… Eh bien ! là, vrai ! je ne te croyais pas si daim !

(*Le bruit d'un coup de pied dans le derrière retentit.*)

HISTÓRIAS GATONEGRESCAS

"Então, o quê? Você não compreendeu que é uma história irônica?
Ah, bom! Verdade! Eu não lhe considerava tão idiota!"

ALPHONSE ALLAIS

O CÚMULO DO DARWINISMO

Eu não fui sempre o velho rabugento e caquético que vocês conhecem hoje em dia, jovens.

Foram-se os tempos em que cintilava de graça e beleza.

As moças gritavam todas ao me ver passar: "Oh! O rapaz charmoso! E como ele deve ser bem decoroso!". Era nisso que as moças estranhamente se enganavam, pois nunca fui decoroso, mesmo nos tempos mais remotos da minha terna juventude.

Naquela época, a musa da Prosa tinha roçado ligeiramente, com a ponta de sua asa errante, minha testa de marfim.

Além disso, a natureza das minhas ocupações era pouco adequada para me incentivar em direção a fantasias aéreas.

Eu me preparava, por um estágio prático nas melhores casas de Paris, para o exercício dessa profissão tão difamada, em que se ilustraram, no século XVII, Sr. Fleurant, e, hoje em dia, o travesso Fenayrou.

Devo acrescentar que o único fato de minha entrada numa farmácia determinava as catástrofes mais iminentes e as mais irremediáveis?

Meu patrão ficava rapidamente estupefato, então inquieto, enfim, insano, demente, às vezes.

Quanto à clientela, uma grande parte era ceifada por uma morte prematura; a outra, manifestando desconfianças veementes, dirigia-se a outro lugar.

Em resumo, eu tramava, nas dobras do meu casaco, a falência, a falência de sorriso amarelo.

Possuía um ceticismo apavorante no que diz respeito a matérias venenosas; experimentava um horror instintivo pelos centigramas e miligramas, que eu estimava miseráveis! Ah, fale-me em gramas.

E frequentemente me ocorria de acrescentar copiosamente os tóxicos mais perigosos nas preparações consideradas anódinas até então.

Eu adorava, sobretudo, fazer viúvas: uma ideia minha.

Assim que uma cliente um pouco gentil aparecia na botica, portadora de uma receita:

– Quem está doente em sua casa, senhora?

– É meu marido, senhor...Oh! não é grave...uma pequena rouquidão.

Então dizia a mim mesmo: "Ah, está rouco seu marido? Ah, bem! Eu me encarrego de lhe devolver a pureza de sua voz". E era muito raro, dois dias depois, não encontrar um enterro no bairro.

Eram bons tempos!

Numa farmácia em que me encontrava, mais ou menos nesta época do ano, eu tinha um patrão que teria sido capaz de superar a Senhora Benoîton[1]. Sempre fora.

Eu gostava tanto disso, não sendo jamais ávido por vigilância incessante.

Cada dia, ao meio-dia, uma espécie de velho idiota, rentista no bairro, inimigo do progresso, clérigo raivoso, vinha ter comigo intermináveis conversas, nas quais Darwin era o tema principal.

Meu velho idiota considerava Darwin como um grande culpado, e não falava em nada menos que enforcá-lo (Darwin ainda não estava morto naquele tempo).

Eu lhe respondia que Bossuet[2] era um ridículo e que, se soubesse onde estava seu túmulo, iria sujá-la com excrementos.

[1] No original "Madame Benoîton" faz referência à obra teatral de Victorien Sardou, *La Famille Benoîton* (1865), na qual a personagem (Senhora Benoîton) nunca aparece, pois está sempre fora. (n.t.)

E meios-dias inteiros decorriam a tagarelar sobre adaptação, seleção, transformismo, hereditariedade.

– Você quer dizer, gritava o velho idiota, é a Providência que cria este ou aquele órgão, para esta ou aquela função!

– Não é verdade, replicava apaixonadamente, sua Providência é uma grande tola. É o meio que transforma o órgão e o adapta à função.

– Seu Darwin é um canalha!

– Seu Fénelon[3] é um macaco!

Durante nossas discussões pseudocientíficas, deixo-lhe pensando como as prescrições eram conscienciosamente executadas.

Lembro claramente de um pobre senhor que chegava no momento mais quente, com uma receita comportando dois medicamentos: 1º uma água qualquer para friccionar o couro cabeludo; 2º um xarope para purificar o sangue.

Oito horas depois, o pobre senhor voltava com sua receita e suas garrafas vazias.

– Estou melhor, disse ele, mas, por Deus! É assustador que isto cole os cabelos, esta porcaria aqui! E isso estraga os chapéus!

Dei uma olhada nas garrafas.

Horror! Eu me enganei com as etiquetas.

O pobre homem havia bebido a loção e conscienciosamente havia friccionado a cabeça com o xarope.

– Bom, digo a mim mesmo, já que isso lhe deu resultado, continuemos.

Soube depois que esse pobre senhor, que tinha uma doença no couro cabeludo considerada incurável, encontrou-se radicalmente curado ao cabo de um mês desse tratamento às avessas.

(Submeto o caso à Academia de Medicina)

O velho idiota de quem falei abertamente possuía um cachorro-ovelha, inteiramente branco, do qual ele tinha muito orgulho e chamava de Black, sem dúvida porque *black* quer dizer *preto* em inglês.

---

[2] Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704): bispo e teólogo francês que defendia o absolutismo político, teoria na qual se acreditava que os reis governavam com o poder e a anuência de Deus. (n.t.)

[3] François Fénelon (1651-1715): teólogo e escritor francês conhecido por suas ideias liberais sobre política e educação, que entravam em choque com a Igreja na época. (n.t.)

Um belo dia, Black sentiu umas coceiras, e o velho idiota perguntou-me o que poderia ser feito contra esse inconveniente.

Aconselhei um banho sulfuroso.

Precisamente, havia no bairro um veterinário que, uma vez por semana, administrava um banho sulfuroso coletivo para os cães de seus clientes.

O velho idiota levou Black ao banho e foi dar uma volta durante a operação.

Quando voltou, nada de Black.

Mas um cachorro-ovelha, de um negro maravilhoso, do tamanho e da forma de Black, teimando em lhe lamber as mãos com ar inquieto.

O velho idiota gritava: "Vamos, caia fora, animal sujo! Black, Black, psst!".

E, de fato, era exatamente ele, Black, mas escurecido; como?

O veterinário não entendia nada daquilo.

Não era culpa do banho, já que os outros cães guardavam sua cor natural. Então o que?

O velho idiota veio me consultar.

Dei a impressão de refletir e, subitamente, como inspirado:

– Você negará agora, eu gritava, a teoria de Darwin? Não somente os animais se adaptam às suas funções, como também ao nome que levam. Você batizou seu cão de Black, e era inelutável que ele se tornasse negro.

O velho idiota me perguntou se, por acaso, eu não estava zombando dele, e partiu sem esperar a resposta.

Posso muito bem dizer a vocês como a coisa ocorreu.

Naquela manhã em que Black devia tomar seu banho, eu havia atraído o fiel animal ao laboratório e o havia molhado inteiramente com acetato de chumbo.

Ora, sabe-se que a aproximação de um sal de chumbo com um sulfato determina a formação de um sulfato de chumbo, uma substância mais negra que carvão seco.

Nunca mais revi o velho idiota, mas, para minha grande alegria, não deixei de perceber Black pelo bairro.

Do belo negro devido à minha química, seu tosão passou ao cinza sujo, e depois ao branco encardido, e somente muito tempo depois que ele recobrou sua alva imaculabilidade.

UM DRAMA BEM PARISIENSE

CAPÍTULO PRIMEIRO

Onde se trava conhecimento com um senhor e uma senhora, que teriam conseguido ser felizes, sem seus eternos mal-entendidos.

Oh, como soube escolher bem, esse cara!
RABELAIS

Na época em que começa esta história, Raoul e Marguerite (bonitos nomes para os amantes) estavam casados há mais ou menos cinco meses.

Casamento por conveniência, naturalmente.

Raoul, numa bela noite, ouvindo Marguerite cantar a bonita balada do coronel Henry d'Erville:

O aguaceiro, caro à rã,
Perfuma o bosque rejuvenescido
...O bosque, ele é como Nini...
Cheira bem quando se lava.

Raoul, digo eu, tinha jurado a si mesmo que a divina Marguerite (diva Margarita) nunca pertenceria a outro homem que não fosse ele próprio.

A união teria sido a mais feliz de todas as uniões, sem o caráter desagradável dos dois cônjuges.

Por um sim, por um não, crac! um prato quebrado, um tapa, um chute no traseiro.

Com todo esse barulho, o Amor fugia em prantos, esperando, na esquina de um grande parque, a hora sempre próxima da reconciliação.

Então, inúmeros beijos, carícias sem fim, ternas e bem deliberadas, ardores do inferno.

Era de se acreditar que aqueles dois sujos brigavam para se dar a oportunidade de fazer as pazes.

CAPÍTULO II

Simples episódio que, sem se ligar diretamente à ação, dará à clientela uma ideia sobre o modo de vida de nossos heróis.

Amor em latim diz amor
Por isso provém do amor a morte
E, previamente, preocupação que morde
Lutos, Prantos, Peças, crimes, remorso...
(Poema de amor).

Um dia, entretanto, isso foi mais grave que o de costume.

Ou melhor, uma noite.

Eles haviam ido ao Théâtre d'Application, onde se tocava, entre outras peças, *A Infiel*, do Sr. de Port-Riche.

– Quando você tiver visto Grosclaude o bastante – rangeu Raoul – me avise.

– E você – vituperou Marguerite – quando conhecer a senhorita Moreno de cor, me passe os binóculos.

Inaugurada nesse tom, a conversa só poderia terminar com as mais lamentáveis violências recíprocas.

No cupê que os levava de volta, Marguerite deleitou-se ao arranhar o amor-próprio de Raoul como um velho bandolim fora de uso.

Igualmente, mal chegando em casa, os beligerantes tomaram suas posições respectivas.

A mão levantada, o olhar duro, o bigode tal como o dos gatos furiosos, Raoul vai em direção a Marguerite, que começa, desde então, a ficar com medo.

A coitadinha fugiu, furtiva e rápida, como faz a gazela nos grandes bosques.

Raoul ia agarrá-la.

Então, o lampejo genial da extrema angústia fulgura o pequeno cérebro de Marguerite.

Virando-se bruscamente, ela se atira aos braços de Raoul gritando:

– Eu te peço, meu pequeno Raoul, me defenda!

CAPÍTULO III

Onde nossos amigos se reconciliam como eu desejo que vocês se reconciliem frequentemente, vocês que fazem suas travessuras.

"*Hold your tongue, please !*"
DARWIN.

. . . . . .

. . . . . .

CAPÍTULO IV

Como poderá constatar-se, as pessoas que interferem no que não lhes diz respeito fariam muito melhor se ficassem quietas.

É formidável que o mundo se torne perverso depois de algum tempo!
(Palavras de minha zeladora na manhã da última segunda-feira).

Certa manhã, Raoul recebeu a seguinte mensagem:

"Se quiser, alguma vez por acaso, ver sua mulher de bom humor, vá, então, na quinta-feira, ao Baile dos Incoerentes no Moulin Rouge. Ela estará lá, mascarada e fantasiada de piroga congolesa. Para bom entendedor, meia palavra basta."

UM AMIGO

Na mesma manhã, Marguerite recebeu a seguinte mensagem:

"Se quiser, alguma vez por acaso, ver seu marido de bom humor, vá, então, na quinta-feira, ao Baile dos Incoerentes no Moulin Rouge. Ele estará lá, mascarado e fantasiado como templário de fim de século. Para boa entendedora, meia palavra basta."

UMA AMIGA

Esses recados não passaram em branco.

Dissimulando admiravelmente suas intenções, chegou o dia fatal:

– Minha querida amiga – disse Raoul com seu ar mais inocente – serei obrigado a deixá-la até amanhã. Interesses da mais alta importância me chamam em Dunkerque.

– Está bem – respondeu Marguerite, deliciosamente cândida – acabo de receber um telegrama de minha tia Aspasie, a qual, em grave sofrimento, me chama à cabeceira de sua cama.

CAPÍTULO V

Onde vemos a louca juventude dos dias de hoje rodopiar nos mais quiméricos e passageiros prazeres ao invés de pensar na eternidade.

Mas desejo viver:
a vida é tão bela!
AUGUSTE MARIN

Os ecos do Diabo Coxo haviam sido unânimes ao declarar que o Baile dos Incoerentes revestiu-se este ano de um brilho inabitual.

Muitas costas e não poucas pernas, sem contar os acessórios.

Dois assistentes pareciam não tomar parte na loucura geral: um Templário de fim de século e uma Piroga congolesa, ambos hermeticamente mascarados.

Às três horas da manhã, o Templário aproximou-se da Piroga e a convidou para cear com ele.

Em resposta, a Piroga apoiou sua mãozinha sobre o braço robusto do Templário, e o casal se afastou.

CAPÍTULO VI

Onde a situação se complica.

– I say, don't you think the rajah laughs at us?
– Perhaps, sir.
HENRY O'MERCIER

– Deixe-nos um instante – pediu o Templário ao garçom do restaurante – vamos escolher nosso menu e o chamaremos. O garçom se retirou e o Templário trancou cuidadosamente a porta da cabine.

Todos os dois lançaram, ao mesmo tempo, um grito de estupor, não se reconhecendo, nem um nem outro.

Ele, não era Raoul.

Ela, não era Marguerite.

Apresentaram mutuamente suas desculpas, e não demoraram a se conhecer graças a uma pequena ceia, e não lhes digo mais do que isso.

CAPÍTULO VII

Desenlace feliz para todo mundo, exceto para os outros.

Bebamos o vermute granadino,
Esperança de nossos velhos batalhões.
GEORGE AURIOL

Essa pequena desventura serviu de lição para Raoul e Marguerite.

A partir desse momento, nunca mais brigaram e foram perfeitamente felizes.

Eles ainda não têm filhos, mas isso virá.

UM PEQUENO "FIM DE SÉCULO"

– Diga, então, meu tio!

– Meu amigo...

– Você não sabe? ...Se fosse bem gentil...

– Se eu fosse bem gentil?

– Sim...Eh, bom, você me faria publicar um artigo no *Chat Noir*.

– O que você entende por " te fazer publicar um artigo"?

– Eh, bom, fazer imprimir uma história que fiz, claro!

– O que? Faz literatura?

– Por que não? ...E não mais tola que a sua, você sabe.

– Pretensioso!

– Pretensioso?... Pretensioso por acreditar ser tão esperto quanto o senhor... Ora, ora, como se superestima, meu velho!

– !!!...E então, quer estrear na imprensa?

– Sim, escrevi uma historinha, quero lhe dar, você a fará imprimir. Eu não a assinarei, pois mamãe fará um escândalo sem fim. Você a assinará, mas repartiremos o bolo.

– Muito bem, você é prático.

– Evidente, se não formos prático aos sete anos, eu me pergunto em que idade seremos.

– Onde está sua obra-prima?

– Tome, aqui está:

"HISTÓRIA DE UM PEQUENO BODEGUEIRO MALVADO E UMA PEQUENA LAMPISTA BOA

Para as senhoritas Manitou e Tonton.

Era uma vez, no Boulevard de Courcelles, um moleque malvado, que era o filho de um comerciante de vinhos.

Ninguém gostava dele no bairro, pois era um menino desagradável que fazia piadas com todo mundo.

Tinha cabelos vermelhos feios, lisos, arrepiados, orelhas grandes que se destacavam da cabeça, um nariz pequeno arrebitado como o focinho desses cachorros que matam os ratos, e sardas por todo o corpo.

Fazia tanto barulho com seu chicote, que diriam que era um verdadeiro cocheiro.

Ao lado da loja de seu pai havia um comerciante de candeeiros, que vendia também baldes, regadores e jarros de zinco.

Então, o pequeno bodegueiro vinha se divertir ao bater todos esses utensílios para fazer barulho e incomodar os vizinhos.

O lampista tinha uma filhinha que era tão gentil quanto o menino era desagradável.

Não se pode imaginar qualquer coisa mais charmosa e mais doce que essa menininha.

Tinha os olhos azuis, um belo narizinho, uma boquinha linda e cabelos louros tão finos, tão finos, que quando havia só um, não se via.

Quando fazia um dia bonito, ela se instalava na calçada com sua cadeira dobrável, estudava suas lições, e quando já as havia aprendido, fazia tapeçaria.

Naquele momento, o pequeno bodegueiro chegava por trás e puxava sua trança, fazendo ding, ding, ding, como se sua trança fosse a corda de um sino de barco a vapor.

Isso incomodava demais a pequena lampista. Mas, um dia, ela teve uma ideia. Pegou alguns trocados no balcão e os deu ao pequeno aprendiz de seu pai, que era bem forte e que meteu uns bons socos no nariz do pequeno bodegueiro, e uns bons chutes nas pernas.

O pequeno bodegueiro contou a seus pais, que ele havia caído no chão e que, por isso, seu nariz sangrava.

No dia seguinte, voltou novamente a puxar a trança da pobre pequena lampista.

Então, aí está a pequena lampista que se enfurece e se pergunta como faria para pregar uma boa peça ao malvado pequeno bodegueiro.

Eis o que ela fez:

Convidou-o para um chá de bonecas com ela e outras meninas.

Começam a comer os bolos, a uva, tudo, e depois ela diz:

– Agora vamos beber vinho branco.

E encheu os copos com o combustível que serve para os candeeiros.

As meninas, que haviam sido avisadas, não beberam nada, mas o pequeno bodegueiro malvado engoliu tudo.

Ficou doente pra burro, e sua mãe até pensou que ele ia bater as botas, mas era tão teimoso que nunca quis dizer como isso lhe havia acontecido. Felizmente, eles tinham um bom médico que o curou.

Quando estava curado, foi abraçar a pequena lampista, e lhe pediu perdão por suas maldades e, desde então, nunca mais puxou sua trança nem bateu nos regadores.

Tornou-se muito gentil, seus cabelos ficaram menos vermelhos, suas sardas sumiram, suas orelhas se recompuseram e seu nariz não pareceu mais um focinho de cachorro Rottweiler.

E então, quando ele cresceu, casou-se com a pequena lampista e tiveram muitos filhos.

Colocaram todos os meninos na Escola Politécnica.

Assinado: TOTO"

– Hein, meu tio! O que você acha dessa história aí?

– Muito interessante, mas sua jovem lampista me deu a impressão de ser uma bela pequena perversa.

– É claro!

– Ah, bom! Então?

– Então, o quê? Você não compreendeu que é uma história irônica?...Ah, bom! Verdade! Eu não lhe considerava tão idiota!

(*O barulho de um chute no traseiro ressoou*).

LOCUS SOLUS
(CAPÍTULO V)
RAYMOND ROUSSEL

O TEXTO: *Locus Solus*, publicado em 1914, é um dos principais livros de Raymond Roussel. O narrador, junto com um grupo de convidados do mestre Martial Canterel, passa uma tarde "de começante abril" em *Locus Solus*, a propriedade do sapiente inventor, um verdadeiro parque de maravilhas. Além de estátuas com histórias fabulosas (como a do "Federal com a *semen-contra*"), de máquinas insólitas (como a famosa *demoiselle* de fazer retres com dentes), do gigantesco diamante de *aqua-micans* (onde coabitam uma mulher-ondina, o gato Khóng-děk-lèn, a cabeça de Danton, sete hipocampos e sete ludiões), do inefável frigorífico sobre cujos habitantes atuam, conjuntamente, a *ressurectina* e o *vitalium*, encontra-se, confinado na região mais alta do parque, um estranho personagem...

Edições de referência: Roussel, Raymond. *Locus Solus*. Paris: Libraire Alphonse Lemerre, 1914, e *Locus Solus*. Trad. de Fernand Scheibe. Florianópolis: Ed. Cultura & Barbárie, 2013.

O AUTOR: Raymond Roussel (1877-1933) é "com Lautréamont, o maior magnetizador dos tempos modernos" (André Breton); "Roussel, o admirável, Roussel, o estranho; estranho de uma estranheza que não tergiversa;" (Jean Cocteau). "Que Raymond Roussel nos mostre tudo aquilo que não foi. Somos alguns a quem só essa realidade importa" (Paul Éluard); "Depois [de Roussel], vem toda a literatura dita moderna" (Jean Ferry).

O TRADUTOR: Fernando Scheibe é tradutor e traduz. Traduziu, entre outros, *Divagações*, de Stéphane Mallarmé (Editora da UFSC, 2010); *Lugares para a história*, de Arlette Farge (Editora Autêntica, 2011); *O Erotismo*, de Georges Bataille (Editora Autêntica, 2013); *Os companheiros do crepúsculo,* de François Bourgeon (Editora Nemo, 2013); *Locus Solus*, de Raymond Roussel (Editora Cultura & Barbárie, 2013).

LOCUS SOLUS

"Douloureusement conscient de la danse maudite... Lucius, pris de tremblements convulsifs, poussait des gémissements d'angoisse."

RAYMOND ROUSSEL

CHAPITRE V

Le crépuscule était venu pendant que nous écoutions le maître, qui, à ce moment, nous entraîna dans un sentier escarpé.

Dix minutes de montée nous amenèrent jusqu'à une petite construction de pierres, dont la façade, tournée de haut vers un immense développement de forêts, comprenait exclusivement les deux battants fermés d'une large grille très rouillée à gonds d'or massif. Entre les murs, sans issues ni jours, s'étendait une vaste chambre unique, sommairement meublée.

Sur un chevalet, une toile inachevée présentait, nette allégorie de l'aurore, une femme au corps de lumière qu'entraînait derrière un pâle horizon une foule de liens à bout ailé.

Avec de brefs commentaires, Canterel nous désigna, au milieu de la chambre, un certain Lucius Égroizard, qui, devenu subitement fou en voyant sa fille âgée d'un an odieusement piétinée jusqu'à la mort par un groupe d'assassins dansant la gigue, était depuis plusieurs semaines en traitement à Locus Solus.

Au fond, un gardien se tenait immobile.

Très chauve, Lucius, montrant son côté gauche, était assis de profil devant le bout d'une table de marbre, sur laquelle une sorte d'âtre orienté vers nous comptait deux chenets exempts de saillies, parallèlement vissés,

sans en rien dépasser, sur les bords d'une plaque de tôle carrée garnie de charbons ardents.

Jetant comme un pont sur les chenets un morceau de reps gris long d'un mètre, large de moitié, le fou, évitant bien tout brûlant contact, en glissa face à face les deux extrémités sous la plaque, jusqu'à tension parfaite de l'aire supérieure, bordée devant et derrière, par rapport à nous, d'une étroite marge tombant en pente douce.

Merveilleusement peints et modelés, douze personnages en baudruche, hauts de quelques centimètres, évoquant sur un coin de la table une bande de sinistres rôdeurs, furent déposés par Lucius sur le reps, dont la plate-forme carrée laissait passer l'air chaud par une infinité de trous fins et serrés. Enlevés sans peine, ils se tinrent debout dans l'espace grâce à quelque lest mis dans leurs pieds et, bientôt, circulèrent suivant le caprice du fou, dont les doigts erraient sur le tissu-crible. Privée un instant de tous courants verticaux sauf de ceux qui, lui frôlant le dos ou l'abdomen, la chassaient dès lors loin de leur axe, telle figurine avançait ou reculait en plongeant puis, toute obstruction cessant au-dessous d'elle, rebondissait jusqu'à son premier niveau, empruntant à la répétition de ce manège un alerte sautillement de gigue. Telle autre pivotait sous l'action de certains courants effleurant tangentiellement, après suppression de toutes contreparties, quelque portion saillante, main ou coude. Une fois rangées vis-à-vis sur deux files parallèles de six, dont la plus proche nous tournait le dos, les poupées aériennes dansèrent classiquement l'entraînante gigue célèbre sous le nom de sir Roger de Coverly. Seul Lucius actionnait tout, en promenant ses doigts sur le reps, clavier subtil dont il usait en grand virtuose façonné par de patientes études. Partant des deux bouts d'une même diagonale, deux danseurs sautillaient l'un vers l'autre puis, avant de se toucher, regagnaient leurs places à reculons, strictement imités aussitôt par les détenteurs des deux autres postes extrêmes. Plusieurs fois le manège alternatif recommençait, différencié par un jeu de tournoiements effectués centralement deux à deux au moment de la rencontre. Lucius glissait en biais ses mains sur le reps, en courbant fortement un poignet pour ne pas rompre les courants soutenant les poupées inactives.

Ensuite le fou amenait peu à peu jusqu'à lui les deux plus loin tains vis-à-vis, en les faisant alternativement tourner ensemble sur la ligne médiane du quadrille puis chacun avec un danseur de la file opposée à la sienne, non sans les contraindre chaque fois à gagner un cran de son côté. Tout reprenait dès lors comme avant.

La danse continua ainsi. Grâce à la seconde figure suivant toujours la première, un incessant roulement conférait tour à tour aux douze compagnons le privilège des places d'angles.

Par la sûreté de son talent, exempt de gaucherie, Lucius donnait une vie intense à la gigue sans parquet, dont l'allure calme devint graduellement rapide puis impétueuse.

Soudain les évolutions cessèrent. Retirant ses mains du reps, au-dessus duquel les danseurs flottèrent sans but, Lucius, hagard, l'épouvante aux yeux, s'était tourné de face sans nous voir, tout prêt, nous dit Canterel, à subir une étrange crise capillaire de réflexes hallucinatoires, dus au terrifiant spectacle évocateur qu'il venait de s'offrir en obéissant malgré lui à une cruelle obsession.

Sous l'empire de la frayeur, six cheveux se hérissèrent à la lisière de chacune des deux régions touffues bordant de droite et de gauche la calvitie du fou – puis se déplacèrent d'eux-mêmes en sautant d'un pore à l'autre. Déraciné par quelque relâchement profond des tissus, chaque cheveu, que le pore expulseur semblait lancer en l'air par une compression de ses bords supérieurs, décrivait une minuscule trajectoire en demeurant sans cesse vertical et retombait dans un pore voisin qui, s'ouvrant pour le recevoir, le chassait aussitôt vers un nouvel asile béant prompt à le rejeter à son tour.

Bientôt rangés face à face au brillant sommet du crâne, à force de bonds successifs, sur deux files égales parallèles à l'axe d'une raie imaginaire, les douze cheveux, fidèles à leur mode de locomotion, dansèrent spontanément une gigue identique à celle des figurines de baudruche. Même alternance observée par les quatre occupants des places extrêmes dans de multiples demi-traversées diagonales d'abord simples puis accompagnées de différents tournoiements au centre, même seconde figure d'ensemble, durant laquelle deux vis-à-vis passaient, par d'ondulantes étapes, d'un bout du quadrille à l'autre.

Crispé par la souffrance et pareil à certains nerveux qu'exaspère un tic irréfrénable, Lucius, comme pour arrêter l'odieux manège, portait les mains vers son crâne, qu'une sorte de terreur l'empêchait de toucher. Et, malgré lui, la gigue, sautillante à souhait, se poursuivait, continuelle, implacable, les douze cheveux conquérant tour à tour les quatre postes importants. Canterel nous signala très bas l'énorme intérêt anatomique présenté par cet effet réflexe d'une obsession issue d'un choc mental.

Douloureusement conscient de la danse maudite, qui, toujours aussi précise et impeccable, s'accélérait fougueusement comme celle des légères

poupées, Lucius, pris de tremblements convulsifs, poussait des gémissements d'angoisse.

Après un moment de paroxysme aigu la crise parut enfin décroître, et, pendant que le fou s'apaisait, les cheveux, regagnant de part et d autre leurs gîtes primitifs à la lisière des places garnies, s'affalèrent normalement. Alors Lucius éclata en longs sanglots, la face dans ses mains, versant un flot de larmes amenées par sa détente nerveuse.

Bientôt, se levant avec un rayonnant sourire, il fit quelques pas vers la gauche et s'assit, en face du mur latéral, devant une large table, où plusieurs flacons de cristal sans bouchons, dans chacun desquels un pinceau trempait en un liquide incolore, voisinaient avec maintes pièces de toile taillées d'avance et clairement destinées par leurs dimensions à composer les divers articles d'une layette. Il sortit de sa poche et planta droit dans un imperceptible trou de la table une tige blanche longue d'un décimètre, qui, aussi mince qu'un fragment de fil à coudre, semblait rigide comme de l'acier. Avec un des pinceaux il en humecta le bout supérieur puis, sans attendre, plaça verticalement juste au-dessus d'elle – une main basse, l'autre élevée – les bords confondus de deux morceaux de toile appliqués l'un contre l'autre.

Soudain, grêle serpent de Pharaon, le fil dur, s'allongeant de lui-même avec de rapides ondulations serrées, ne cessa de trouer successivement dans chaque sens les deux épaisseurs de linge, exécutant de bas en haut une couture fine et parfaite, merveilleux point devant achevé en moins d'une seconde sur tout le champ disponible. Le phénomène prit fin, et Lucius cassa le fil, dont la portion prisonnière, formant spontanément au ras du tissu, à chacune de ses deux extrémités, une petite boule rappelant un nœud d'arrêt, acquit sur-le-champ une absolue souplesse.

Canterel nous montra la tige blanche, privée seulement de son minuscule fragment humidifié, qu'une combustion sans flamme, déterminée par certaines propriétés chimiques du liquide incolore, avait transformé en fusée.

Lucius, mouillant le nouveau sommet de la tige avec le pinceau d'une autre fiole, tint debout à la place voulue un bord replié de l'ouvrage en train.

S'élevant en spire étroitement tassée, une rapide fusée blanche effectua un point d'ourlet, en perçant deux fois par tour le linge alternativement simple et double.

La cassure faite, les deux boules-obstacles apparurent et la couture s'amollit.

Le maître nous souligna le joyeux empressement du fou, qui travaillait avec hâte à la layette de sa fille, dont il croyait par moments la naissance

prochaine, grâce à une déviation de sa pensée lancinante ; tous différents, les liquides incolores provoquaient chacun sa fusée propre, génératrice d'un point de couture spécial étiqueté sur le flacon.

Prompte comme l'éclair malgré sa complication relative, la fusée suivante, produite par l'intervention d'un troisième pinceau, exécuta un point arrière, en redescendant sans cesse pour percer un peu au-dessous du dernier trou le double tissu placé sur son par cours — et regrimper aussitôt plus haut qu'avant.

Presque pareille, la quatrième fusée, par l'effet d'un liquide encore inemployé, réussit dans la toile offerte un point piqué, en traversant derechef le premier trou rencontré à chacune de ses descentes, toujours suivies d'une montée de longueur double.

Une cinquième fusée, due à un nouveau flacon, donna un point de surjet, en enfermant de côté sans espace, dans ses spires assez larges, la ligne extérieure marquée par deux bords de toile exactement collés l'un à l'autre.

La formation des deux boules d'arrêt et le phénomène d'assouplissement ne manquaient jamais de s'accomplir.

Le coup d'œil infaillible, Lucius, observant chaque fois de subtiles différences, imbibait le haut de la tige sur une minuscule fraction, en se basant, sans erreur, d'après un calcul de proportions, sur le parcours perforant dévolu à telle fusée plus ou moins directe.

Une fusée issue d'une sixième fiole réalisa dans le linge un point de chausson, en rappelant, par ses prodigieux zigzags, ces folles élucubrations pyrotechniques déroutantes par leurs chaotiques montées largement oscillatoires effectuées dans les airs parmi les détonations. Toutes les fusées, d'ailleurs, ressemblaient, en extrême réduction, à certaines pièces d'artifice compliquées, génératrices de courbes multiples, de spires ou de lignes brisées.

L'instantanéité de chaque couture montrait l'excellence écrasante de cette méthode, qui eût permis à une ouvrière de centupler la besogne quotidienne obtenue avec la meilleure machine à coudre.

Après avoir poursuivi un moment son travail en recourant aux six mêmes flacons, Lucius, pris de lassitude, s'arrêta devant la tige blanche maintenant très raccourcie.

En se tournant par hasard, il sembla nous apercevoir pour la première fois et, s'approchant, dit à travers la grille ce seul mot :

« Chantez. »

Le maître pria aussitôt la cantatrice Malvina, mêlée à notre groupe, d'exécuter une phrase lyrique pour satisfaire le caprice du fou. Créatrice d'un rôle de confidente dans Abimélech, récent opéra biblique, Malvina commença presque au sommet du registre aigu : « Ô Rébecca… »

L'interrompant brusquement, Lucius lui fit longtemps répéter le même fragment, prêtant surtout l'oreille aux vibrations très pures de la dernière note.

Puis il alla s'asseoir à droite, face à nous, devant un guéridon supportant ces divers objets :

1° Une lampe actuellement sans lumière.

2° Un étroit poinçon à aiguille d'or prodigieusement ténue.

3° Une petite règle de quelques centimètres, tout en lard, montrant sur un de ses cotés six divisions principales, qui, marquées par de forts traits numérotés, contenaient chacune douze subdivisions indiquées en lignes plus fines et plus courtes. Raies et chiffres tranchaient par leur couleur rouge vif sur le gris blanchâtre du lard. L'ustensile, délicatement exécuté, reproduisait en miniature l'ancienne toise, divisée en six pieds et soixante-douze pouces.

4° Une mince tablette verte et carrée faite en quelque cire durcie.

5° Un appareil acoustique fort simple consistant en une courte aiguille d'or adaptée à une membrane ronde pourvue d'un cornet.

6° Une petite feuille rectangulaire de carton blanc, dont une ouverture centrale enserrait juste, dans ses bords imperceptible ment dédoublés, un grenat plat et facetté, qui, taillé en losange, donnait à l'ensemble une apparence d'as de carreau.

Lucius appuya sur le milieu de la tablette verte, posée à plat devant lui, la petite toise prise par les deux extrémités entre le pouce et l'index de sa main gauche – et comprimée dans le sens de la longueur de manière à froncer, en les raccourcissant, les divisions et subdivisions, directement offertes à ses regards.

Choisissant avec grand soin, par l'examen des traits rouges, différentes places sur une même ligne, il fit avec le poinçon, tenu verticalement dans sa main droite, sept marques superficielles dans la cire, en accotant l'aiguille contre le lard.

Ces jalons établis, Lucius détendit légèrement la crispation de ses deux doigts, laissant la toise élastique donner, en s'allongeant d'elle-même, un peu plus d'ampleur à ses mesures. Puis il inter posa dans la surface verte de nouvelles marques parmi les premières, en procédant de façon identique.

Longtemps encore, serrant chaque fois à des degrés divers la toise souvent très rapetissée, le fou poursuivit sa tâche, interrogeant les subdivisions rouges pour attaquer faiblement la cire au poinçon en des portions vierges de la même zone rectiligne, non sans variantes subtiles dans les genres d'attouchements.

Finalement la tablette verte présenta une courte et mince raie droite, formée de piqûres minuscules rappelant celles des rouleaux de phonographe impressionnés par une voix.

Sur un désir manifesté par Lucius, prompt à ranger toise et poinçon, le gardien flamba une allumette, en s'approchant de la lampe.

Pendant que la flamme envahissait la mèche, Canterel, le bras glissé entre deux barreaux, prit à gauche contre la paroi, pour le ramener jusqu'à lui, un fourreau de soie fanée, long et plat, dont un coté portait, en vieille broderie, le mot latin « Mens » entouré d'emblèmes religieux et de fleurs. Il en tira un ais fort ancien et nous montra, couvrant les deux faces du bois, le texte complet de la messe finement gravé en caractères coptes.

Bientôt, remis dans sa gaine et repassé à travers la grille, l'ais s'accotait de nouveau contre le mur.

Par un simple déclenchement, le gardien ébranla certain mécanisme dans la lampe allumée, qui dès lors jeta de violents éclats fugitifs, régulièrement séparés par trois secondes de quasi-extinction.

La tablette verte dans sa main gauche, très éloignée, le bas de l'as de carreau entre les doigts de l'autre, plus proche, Lucius, le dos à la lampe, leva les bras, en se tournant un peu vers la droite.

Vu par nous de profil perdu, il dressa parallèlement les deux objets l'un derrière l'autre, l'as formant écran entre la flamme et la tablette.

Au premier éclat, dans le jour baissant, le grenat projeta vers le fond de la chambre de microscopiques points de lumière rouge fort écartés, qui, dus aux facettes et mis en valeur par l'ombre environnante du carton, offraient, grâce à la plus ou moins grande pureté des diverses régions du joyau, de notables différences d'intensité.

Bougeant l'étrange carte, Lucius braqua un de ces points, vite choisi, sur la plus haute marque de la tablette, pour l'y maintenir pendant les trois éclats suivants.

Les points s'escamotaient sans trace entre les éclats. Toutes les marques provenant du poinçon furent ainsi éclairées tour à tour par Lucius, qui, élisant pour chacune tel point lumineux plus ou moins puissant, variait de un

à quinze le nombre d'éclats utilisés. Parfois deux ou plusieurs points servaient successivement pour la même marque.

Canterel commenta la besogne du fou.

Chargé d'un minutieux modelage favorisé par l'amalgame voulu du rouge et du vert, chaque point ardent, par sa légère chaleur, amollissait imperceptiblement la cire de la marque visée, parachevant ainsi le premier travail en perfectionnant la qualité future de sonorités en germe.

Se retournant vers nous pour ranger son as, Lucius, posant la tablette verte à plat sur le guéridon, saisit l'appareil acoustique, dont il promena doucement l'aiguille d'or presque verticale sur la ligne que formaient les marques. La pointe, remuant sur ce chemin rugueux, transmit maintes vibrations à la membrane, et, s'échappant du cornet, une voix de femme, pareille à celle de Malvina, chanta clairement sur les notes demandées : « Ô Rébecca… » Par le procédé soumis à nos yeux, le fou, paraissait-il, créait artificiellement toutes sortes de voix humaines. Cherchant à retrouver celle émise par sa fille dans de premières ébauches oratoires, il multipliait les épreuves, comptant découvrir par hasard quelque timbre qui, se rapprochant de son idéal, l'aiguillerait vers la réussite. C'est pourquoi, prononçant ce mot : « Chantez », il s'était hâté de reproduire le modèle fourni par Malvina.

Pilotant derechef l'aiguille d'or sur la ligne, Lucius fit réentendre plusieurs fois la phrase : « Ô Rébecca… », dont la dernière note le plongeait dans une agitation angoissée. S'en tenant à la fin du parcours, il s'offrit à satiété la seconde moitié du son ultime et, violemment ému, nous chassa d'un signe.

Canterel nous entraîna hors de la vue de Lucius, qui désirait sans nul doute poursuivre attentivement dans la solitude ses recherches obsédantes, en utilisant comme nouvelle base les vibrations ressassées l'instant d'avant.

Voulant rester à portée de la voix du gardien pour le cas d'une alerte rendue plausible par la présente exaltation du fou, le maître, errant avec nous derrière la chambre grillée, narra de pénibles événements.

Une jeune visiteuse, Florine Égroizard, suppliant un jour Canterel d'employer sa science illustre à sauver son mari, qui, devenu fou à la suite d'un malheur brusque, lassait depuis deux ans les plus grands spécialistes, avait fait en pleurant un émouvant récit.

Membre fanatique d'une société italienne vouée exclusivement au culte de Léonard de Vinci, le malade, Lucius Égroizard, s'occupait simultanément jadis d'art et de science, afin de suivre, fût-ce de très loin, l'exemple, unique

dans l'histoire, fourni par son idole. Peintre et sculpteur de talent, il avait, comme savant, fait de précieuses découvertes.

Tendres époux, Florine et Lucius connurent l'absolu bonheur lorsque après dix années de cruelle attente la naissance de leur fille Gillette combla leurs vœux les plus ardents. Négligeant ses travaux, le père, durant des heures, épiait les sourires joyeux et les premiers murmures de l'enfant si longtemps désirée.

Un an plus tard, Lucius emmena Florine et Gillette à Londres, où l'appelait une intéressante commande de portraits et de bustes.

Deux fois la semaine il se rendait dans une somptueuse résidence du comté de Kent, afin de peindre une jeune châtelaine, lady Rashleigh. Un jour, sur un souhait que celle-ci avait gracieusement formulé, il se fit accompagner de Florine portant Gillette qu'elle nourrissait de son propre lait.

Objet d'un affectueux accueil, Florine, guidée par lord Rashleigh, admira en détail le parc et le château, pendant que Lucius travaillait, son modèle sous les yeux.

Retenus à dîner, les visiteurs, qu'une quinzaine de kilomètres séparaient de la plus proche gare de village, montèrent vers dix heures dans un coupé de leurs hôtes.

À mi-route, durant la traversée d'un bois épais, on entendit maintes voix avinées hurler en chœur, à l'apparition de la voiture, le chant de ralliement de la Red-Gang, et les chevaux furent arrêtés par une troupe de rôdeurs plus ou moins ivres.

Impulsif et nerveux, Lucius mit pied à terre en invectivant les assaillants, qui le réduisirent à l'impuissance et firent descendre Florine, occupée à serrer craintivement Gillette endormie.

À ce moment, après avoir blessé deux fois le chef de la bande à coups de revolver, le cocher s'enfonça dans la nuit, en s'efforçant vainement de retenir ses chevaux, emportés au bruit des détonations.

Atteint légèrement, mais exaspéré par la vue de son sang, le chef se jeta sur Lucius pour le dévaliser brutalement puis arracha Gillette des bras de Florine, qu'il fit fouiller par ses hommes.

Voyant le bandit assommer de coups de poing, pour la faire taire, l'enfant qui, éveillée par un contact étranger, s'était mise à pleurer, Lucius se libéra de toute étreinte par un bond d'une telle violence qu'un poignard échappa aux doigts d'un de ses gardiens. Il fondit sur l'arme et en frappa furieusement le

tortionnaire, en visant la figure à défaut de la poitrine garantie par Gillette. Entaillant la joue de bas en haut, la lame pénétra profondément dans l'œil gauche.

Éborgné, sanglant, le chef, en regardant Lucius vite appréhendé de nouveau, eut un cri de bête fauve. Fou de douleur, il avait laissé tomber Gillette, maintenant hurlante sur le sol, et devinait, à mille indices, qu'il fallait s'en prendre à l'enfant pour bien supplicier le couple.

D'une voix étranglée il commanda en désignant Gillette :

« Sir Roger de Coverly. »

Tous les bandits, sauf trois qui maintenaient Florine et Lucius, formèrent deux files se faisant face et commencèrent une gigue infernale dont l'enfant marquait le point central. Quittant deux coins opposés, le chef et un comparse vinrent diagonalement, en sautillant, à la rencontre l'un de l'autre et frappèrent férocement Gillette du talon avant de regagner leurs postes à reculons. Étrennant la diagonale contraire, les titulaires des deux autres places extrêmes accomplirent une manœuvre identique. Les deux mêmes couples alternèrent plusieurs fois, exécutant au milieu divers tournoiements ou saluts, dont le premier donnait un exemple servilement copié par le second ; et les monstres, à chaque voyage, meurtrissaient la victime — ou la piétinaient rageusement en l'écrasant sous le poids entier de leur corps. Par surcroît de cruauté, le chef, avec acharnement, visait à la tête ou au ventre.

Après quoi, deux vis-à-vis, pris chacun dans un des couples précédents, passèrent par étapes d'une extrémité à l'autre du quadrille, grâce à une série de pivotements alternatifs faits en dedans à eux deux puis séparément avec chaque danseur des deux files. Cette seconde figure avait, à certain moment, fourni une nouvelle occasion de fouler aux pieds la martyre.

Tout recommença dès lors comme au début, et l'effrayante gigue se poursuivit longtemps, sous les yeux hagards des parents. À la faveur du roulement établi par le retour périodique de la seconde figure, tous les danseurs occupaient successivement les places de militants et torturaient Gillette à l'envi sous leur sautillement perpétuel.

C'était bien la classique gigue de sir Roger de Coverly, transformée en un célèbre supplice que la Red-Gang inflige à ses traîtres.

Accélérant et enfiévrant leur ballet de cauchemar, les forcenés s'applaudissaient mutuellement quand le sang giclait de quelque nouvelle entaille due aux clous de leurs souliers.

Brusquement, à la vue du cocher ramenant à grands coups de fouet son coupé surchargé d'hommes armés de revolvers, toute la bande s'enfuit. Florine, en se précipitant sur sa fille, ne ramassa, hélas ! qu'un affreux cadavre défiguré, couvert d'ecchymoses et de plaies. Touchant et regardant l'enfant, Lucius, frappé de folie, éclata de rire et imita en divaguant l'allure des odieux danseurs. Atterrée, Florine l'entraîna dans le coupé, qui reprit la route du château pendant que les nouveaux venus suivaient la trace des bandits.

Dévoués et compatissants, les Rashleigh, durant toute la nuit, veillèrent avec Florine le corps de Gillette et firent face aux terribles accès du pauvre dément.

Après l'enterrement de l'enfant, Florine, signant une déposition contre les assassins, habilement capturés, quitta ses hôtes avec de tendres effusions et reconduisit Lucius à Paris, où maints traitements furent tentés.

Se croyant Léonard de Vinci, l'infortuné rattachait à sa fille, dont la pensée l'obsédait, ses universelles spéculations sur l'art et la science.

Pendant deux ans, soigné tour à tour sans résultat dans cinq asiles réputés, Lucius, qu'une recherche assidue eût pu exalter, s'était vu refuser, malgré ses demandes réitérées, toutes fournitures de travail.

Extrayant du récit une certitude de curabilité, Canterel, ennemi en pareil cas de la plus légère contrariété, résolut, au contraire, d'accéder servilement aux plus extravagants désirs du malade.

Pour ménager à Lucius un profond calme silencieux, il fit rapidement construire, en un point surélevé de son parc, une simple chambre à mobilier sommaire, sans nulle autre issue qu'une large grille dont les deux battants, formant façade, regardaient une vaste étendue de forêts, unique et reposant horizon grandiosement vert à perte de vue.

On y transféra l'intéressé, qui, attentivement couvert aux heures nocturnes, devait absorber sans cesse les tonifiants effluves du plein air.

Le lendemain, de nombreux éléments disparates, dont il avait laborieusement dressé une liste, lui furent donnés avec empresse ment.

Non sans traces de son talent passé, il commença un tableau dont le sujet, empreint de démence, comportait maintes ailes déployées, entraînant par des liens une personnification de l'aube. Comme Canterel l'apprit au cours d'une série entamée de conversations curatives, le malade évoquait ainsi Gillette enlevée au matin de la vie.

Avec ses outils de sculpture, il confectionna ensuite de légers petits personnages dans divers fragments d'une mince baudruche, qui, travaillée à rebours comme le métal repoussé, gardait telle forme délicate patiemment obtenue, grâce à son élasticité, par une succession d'efforts précautionneux. Gommant les bords afin de les souder, sans omettre de lester chaque pied avec du sable fin, il soufflait en dernier lieu, avant de le fermer rapidement à son tour, dans un suprême interstice ménagé à bon escient et facile à rouvrir un instant pour un regonflement périodique – puis se livrait à un merveilleux travail de complet coloriage plein de recherche dans l'intensité de l'expression et dans le détail du costume. Il eut bientôt douze sujets presque impondérables, évoquant tous de néfastes rôdeurs.

Établissant alors, sur une table de marbre, une foule de courants de chaleur verticaux – à l'aide d'une plaque de tôle que garnissaient des charbons rouges, de deux chenets sans aspérités et d'un morceau de reps gris judicieusement percé sur place de nombreux trous d'épingles, – il fit exécuter à ses poupées, par un habile manège de ses doigts, une sir Roger aérienne, qui, s'animant progressivement, éclaira l'esprit de Canterel : assiégé par la double idée de son chagrin et de son universalité, le pseudo-Léonard, comme sculpteur et peintre, avait créé de typiques personnages aptes à reproduire la gigue fatale – en imaginant, comme savant, un genre de danse physiquement basé sur la légèreté de l'air chaud.

En réclamant sur sa liste un morceau de reps pour son expérience, non sans spécifier ingénieusement la teinte grise, indifférente aux souillures des cendres voltigeantes, Lucius, faisant preuve d'un curieux bon sens considéré par le maître comme un pas vers la guérison, avait choisi un tissu qui, pouvant braver par sa résistance la chaleur proche des braises, l'emportait sur tout crible de métal – sa souplesse permettant au doigt vagabond d'imprimer à tel courant, par une douce pesée de la chair sur un point voisin du trou d'échappement, une faible et trichante obliquité favorable au déplacement des figurines.

Soudain, lâchant le reps, Lucius subit une crise terrible durant laquelle, par suite d'effets réflexes qu'engendraient de puissantes hallucinations dues à la précédente scène évocatrice, douze de ses cheveux, dressés verticalement, dansèrent sur son crâne dénudé une gigue irréfrénable qui s'enfiévra peu à peu, semblable en tous points à celle des assassins.

Dès lors, à chaque baisser du jour, sous l'influence d'une rêverie causée par l'heure troublante, Lucius, progressant virtuose, voulut de la braise ar-

dente pour une nouvelle gigue dans l'espace, infailliblement suivie de la même crise capillaire.

Un matin le fou exigea, outre une pièce de toile et des ciseaux, un choix complexe de substances chimiques et d'instruments de laboratoire. Se livrant à de nombreuses manipulations, il créa, d'une part, plusieurs mixtures incolores, de l'autre, un rigide et blanc serpent de Pharaon qui, aussi délié qu'un fil et capable d'effectuer, après telles humectations déterminées, des coutures prodigieusement rapides, lui permit de réussir maints féeriques travaux de lingerie.

Habilement questionneur, le maître eut le mot de l'énigme. Croyant parfois à la naissance imminente de sa fille, par le fait d'un trouble établi dans son obsession, Lucius confectionnait une layette avec certaine idée d'indispensable hâte qui, agissant sur le côté scientifique de sa personnalité supposée, avait engendré une invention remarquable.

Provoquant, malgré soins et huilage, un phénomène d'intense oxydation, la continuelle fabrication chimique de fils rigides initiaux, vite usés, rouilla la grille, y compris les gonds, dès lors paralysés.

Essayés tour à tour sous forme de gonds neufs, différents métaux finirent tous par s'altérer, sauf l'or massif, que Canterel adopta vu son fonctionnement parfait.

Lucius reçut, pour tailler sa toile, des ciseaux d'or bien affilés.

Florine venait aux nouvelles sans visiter le malade, sévèrement isolé. Un jour, sur injonction du maître, elle apporta d'étranges ustensiles, qui, revendiqués la veille par Lucius et souvent vus entre ses mains avant le fatal départ pour l'Angleterre, avaient eu pour but une création artificielle de langage ou de chant.

Non satisfait à la réception du ballot, le fou, avec insistance, prononça plusieurs fois le mot « toise ».

Instruite de ce détail, Florine se rappela qu'au temps où il maniait assidûment les fournitures en question Lucius projetait de fabriquer, dans une matière élastique dont le choix l'embarras sait, une mesure de longueur qui, pour certaines subtiles raisons phono-arithmétiques, aurait eu, en très petite réduction, le même sectionnement que l'ancienne toise.

Le lendemain, avec un tranchant de ses ciseaux, le fou tailla dans un morceau de lard gras, apporté sur sa demande et bien asséché, une petite règle qu'il transforma en toise de poupée par des divisions rouges faites au pinceau sur une de ses faces.

Avec cette toise et les derniers articles reçus il se livra laborieusement à des pratiques délicates qui, basées sur d'effrayants calculs de distance et de chaleur, tendaient à imprimer dans certaine cire verte des marques génératrices de verbe déclamatoire ou musical.

Objet d'une préférence judicieuse qui fournissait un nouvel indice d'acheminement vers la raison, le lard, vu son élasticité un peu résistante, possédait, plus que toute autre matière, les qualités présentement souhaitables.

Le seul but de l'infortuné, ainsi qu'en témoignaient ses incohérents soliloques, était de reproduire la voix de sa fille telle que l'avaient révélée à son oreille attentive les efforts qu'aux derniers temps de sa vie elle faisait déjà pour parler. Avec une infinie variété de timbres et d'intonations, il créait toutes sortes d'organes dans des fragments de discours ou de mélodies, espérant trouver fortuitement, parmi tant d'éléments, une sonorité indicatrice apte à le mettre en bon chemin.

Là encore intervenait, en se combinant avec son idée fixe, le génie scientifique du personnage qu'il croyait être.

Comme entre-temps il travaillait à sa layette, le métal rouillé de deux aiguilles dissemblables, ornant respectivement un fin manche de bois et une membrane vibrante, dut faire place à de l'or inaltérable.

Un soir, Lucius décrivit et réclama certain lourd bibelot ancien, associé dans sa pensée au baptême de son enfant.

Jadis, en Égypte, les prêtres coptes, pour officier, avaient, en guise d'aide-mémoire facile à retourner à un moment donné, un ais de sycomore qui, dressé sur le coté de l'autel, portait sur ses deux faces le texte de la messe gravé dans leur langue.

Pieusement considéré comme l'esprit du saint sacrifice parce qu'en puissance il en contenait le verbe, l'ais, après avoir servi, était glissé avec soin dans un fourreau de soie orné du mot « Mens » gracieusement brodé parmi différentes enjolivures.

Lucius avait donné à Florine, en souvenir du baptême de Gillette, un ais de ce genre, découvert, avec son fourreau intact, dans la montre d'un antiquaire.

Ais et fourreau furent remis au malade, qui souvent les mania, souriant à ces objets de prix, évocateurs d'un jour de fête consacré à sa fille.

Glorifiant la méthode de Canterel, des phases de parfait entendement sans cesse plus fréquentes vouaient le fou à une sûre et complète guérison.

À ce moment un cri de Lucius nous attira vers la chambre, et bientôt nous étions tous, derechef, rangés devant la grille rouillée aux gonds d'or.

Sur la tablette verte on voyait une nouvelle ligne de marques, évidemment dues comme les autres, d'après leur aspect et leur fondu, au poinçon et à la petite toise aidés de la lampe et de l'as de carreau.

Très agité, Lucius fit glisser sur la ligne récente la pointe de l'aiguille reproductrice, et de l'extrême fond du cornet sortit sur la voyelle « a » une longue syllabe joviale, qui, rappelant les débuts souriants des très jeunes enfants avides de parler, ressemblait fort au modèle fourni par la fin du motif : « Ô Rébecca… »

Le dément poussa un second cri, pareil à celui qu'avait sans doute provoqué tout à l'heure une première audition du joyeux accent. Éperdu à la pensée d'avoir touché au but, il murmura :

« Sa voix… c'est sa voix… la voix de ma fille !… »

Puis, haletant, il adressa comme à une présente ces paroles de tendresse :

« C'est toi, ma Gillette… Ils ne t'ont pas tuée… Tu es là… près de moi… Dis, ma chérie… »

Et, entre ces phrases entrecoupées, l'ébauche de mot, qu'il reproduisait sans cesse, revenait ainsi qu'une réponse.

Canterel, parlant bas, nous emmena au loin sans bruit pour laisser en paix s'accomplir cette crise salutaire. Il félicita Malvina d'avoir déterminé, par son chant, un heureux événement susceptible de hâter le rétablissement du malade — puis nous fit accomplir, par un nouveau sentier, une assez longue descente.

LOCUS SOLUS

"Dolorosamente consciente da dança maldita... Lucius, tomado por tremores convulsivos, soltava gemidos de angústia."

RAYMOND ROUSSEL

CAPÍTULO V

O crepúsculo chegara enquanto escutávamos o mestre, que, naquele momento, nos conduziu por uma vereda escarpada.

Dez minutos de subida nos levaram até uma pequena construção de pedras, cuja fachada, voltada para um imenso desenvolvimento de florestas, compreendia exclusivamente os dois batentes fechados de uma ampla grade, bastante enferrujada, com gonzos de ouro maciço.

Entre as paredes, sem passagens nem aberturas, estendia-se um vasto quarto único, sumariamente mobiliado.

Sobre um cavalete, uma tela inacabada apresentava, clara alegoria da aurora, uma mulher com corpo de luz arrastada atrás de um pálido horizonte por uma multidão de laços de extremidade alada.

Com breves comentários, Canterel designou-nos, no meio do quarto, um certo Lucius Égroizard, que, tendo ficado subitamente louco ao ver sua filha de um ano odiosamente pisoteada até a morte por um grupo de assassinos dançando a giga, estava havia várias semanas sendo tratado em *Locus Solus*.

No fundo, um guarda mantinha-se imóvel.

Muito calvo, Lucius, mostrando seu lado esquerdo, estava sentado de perfil diante da ponta de uma mesa de mármore, sobre a qual uma espécie de lareira, voltada para nós, contava com dois trasfogueiros isentos de saliências,

paralelamente fixados, sem ultrapassá-las, sobre as bordas de uma chapa metálica quadrada guarnecida de carvões ardentes.

Lançando como uma ponte sobre os trasfogueiros um pedaço de repes cinza de um metro de comprimento e meio de largura, o louco, evitando qualquer contato abrasador, deslizou face a face as duas extremidades sob a placa, até a tensão perfeita da área superior, bordada na frente e atrás, em relação a nós, com uma estreita margem em suave declive.

Maravilhosamente pintados e modelados, doze personagens feitos de bexiga, com alguns centímetros de altura, evocando sobre um canto da mesa um bando de sinistros malfeitores, foram colocados por Lucius sobre o repes, cuja plataforma quadrada deixava passar o ar quente por uma infinidade de furos finos e bem próximos uns dos outros. Elevando-se sem dificuldade, ficaram de pé no espaço graças a algum lastro colocado em seus pés e, logo, circularam de acordo com o capricho do louco, cujos dedos erravam sobre o tecido-peneira.

Privada por um instante de todas as correntes verticais, a não ser daquelas que, roçando-lhe as costas ou o abdome, expulsavam-na para longe de seu eixo, tal figurinha avançava ou recuava mergulhando; depois, toda obstrução cessando abaixo dela, voltava a pular até seu primeiro nível, obtendo da repetição dessa manobra um ágil saltitar de giga. Tal outra girava sob a ação de certas correntes que tocavam tangencialmente, após a supressão de todas as contrapartidas, qualquer porção saliente, mão ou cotovelo.

Uma vez ordenados frente a frente em duas filas paralelas de seis, estando a mais próxima de costas para nós, os bonecos aéreos dançaram classicamente a arrebatadora giga conhecida pelo nome de *sir Roger de Coverly*. Lucius acionava tudo sozinho, passeando seus dedos sobre o repes, teclado sutil que utilizava como um grande virtuose formado por pacientes estudos. Partindo das duas pontas de uma mesma diagonal, dois dançarinos saltitavam um em direção ao outro e, então, antes de se tocarem, recuavam até seus lugares, estritamente imitados logo a seguir pelos detentores dos dois outros postos extremos. Várias vezes o manejo alternativo recomeçava, diferenciado por um jogo de rodopios efetuados centralmente dois a dois no momento do encontro. Lucius deslizava de viés suas mãos sobre o repes, curvando fortemente um pulso para não romper as correntes que sustinham os bonecos inativos.

A seguir, o louco trazia pouco a pouco até si os dois mais longínquos, fazendo-os alternadamente girar juntos sobre a linha mediana da quadrilha e depois cada um com um dançarino da fila oposta à sua, não sem obrigá-los

cada vez a ganhar uma posição de seu lado. Tudo recomeçava então como antes.

A dança continuou assim. Graças à segunda figura que seguia sempre a primeira, um incessante rodízio conferia sucessivamente aos doze companheiros o privilégio de estar nos ângulos.

Pela firmeza de seu talento, isento de qualquer falha, Lucius dava uma vida intensa à giga sem assoalho, cujo ritmo calmo tornou-se gradualmente rápido e depois impetuoso.

De repente, as evoluções cessaram. Retirando suas mãos do repes, em cima do qual os dançarinos flutuaram sem meta, Lucius, desvairado, com o terror nos olhos, virara de lado sem nos ver, prestes, disse-nos Canterel, a sofrer uma estranha crise capilar de reflexos alucinatórios, devidos ao terrificante espetáculo evocatório que acabava de oferecer a si mesmo obedecendo involuntariamente a uma cruel obsessão.

Sob o império do terror, seis cabelos se eriçaram na ourela de cada uma das duas regiões frondosas que margeavam pela direita e pela esquerda a calvície do louco – depois se deslocaram sozinhos saltando de um poro ao outro. Desenraizado por alguma soltura profunda dos tecidos, cada cabelo, que o poro expulsor parecia lançar no ar por uma compressão de suas bordas superiores, descrevia uma minúscula trajetória, permanecendo sempre vertical, e recaía num poro vizinho que, abrindo-se para recebê-lo, expulsava-o em seguida para um novo asilo aberto, pronto para relançá-lo por sua vez.

Logo, ordenados face a face no brilhante topo do crânio, graças a saltos sucessivos, em duas filas igualmente paralelas ao eixo de uma raia imaginária, os doze cabelos, fiéis a seu modo de locomoção, dançaram espontaneamente uma giga idêntica à das figurinhas de bexiga. Mesma alternância observada pelos quatro ocupantes dos lugares extremos em múltiplas semitravessias diagonais inicialmente simples depois acompanhadas de diferentes rodopios no centro; mesma segunda figura de conjunto, durante a qual os dois que estavam de frente um para o outro passavam, por ondulantes etapas, de uma ponta à outra da quadrilha.

Crispado pelo sofrimento e semelhante a alguns nervosos exasperados por um tique irrefreável, Lucius, como que para deter a odiosa dança, levava as mãos à cabeça, que uma espécie de terror o impedia de tocar. E, contra sua vontade, a giga, saltitante a valer, prosseguia, contínua, implacável, com os doze cabelos conquistando sucessivamente os quatro postos importantes. Canterel assinalou bem baixinho o enorme interesse anatômico apresentado por aquele efeito reflexo de uma obsessão originada de um choque mental.

Dolorosamente consciente da dança maldita, que, sempre de forma precisa e implacável, se acelerava fogosamente como a dos leves bonecos, Lucius, tomado por tremores convulsivos, soltava gemidos de angústia.

Depois de um momento de paroxismo agudo, a crise pareceu enfim se aplacar, e, enquanto o louco se acalmava, os cabelos, voltando a seus lugares primitivos na ourela das regiões guarnecidas, arriaram-se normalmente. Então Lucius explodiu em longos soluços, com o rosto nas mãos, derramando uma onda de lágrimas trazidas por sua distensão nervosa.

Logo, levantando-se com um radiante sorriso, deu alguns passos para a esquerda e se sentou, em face da parede lateral, diante de uma grande mesa, onde vários frascos de cristal sem tampas, dentro de cada um dos quais se via um pincel mergulhado num líquido incolor, avizinhavam várias peças de tecido talhadas de antemão e claramente destinadas por suas dimensões a compor os diversos artigos do enxoval de um recém-nascido.

Tirou de seu bolso e enfiou num imperceptível buraco da mesa uma haste branca de um decímetro de comprimento, que, fina como um fragmento de fio de costura, parecia rígida como aço.

Com um dos pincéis umedeceu sua ponta superior e então, sem esperar, colocou verticalmente bem acima dela – com uma mão baixa e a outra elevada – as bordas confundidas de dois pedaços de tecido aplicadas uma contra a outra.

De repente, esbelta serpente de Faraó, o fio duro, alongando-se por si mesmo com rápidas ondulações contínuas, começou a furar sucessiva e ininterruptamente em cada sentido as duas espessuras de pano, executando de baixo para cima uma costura fina e perfeita, maravilhoso *ponto corrido* concluído em menos de um segundo em todo o campo disponível. O fenômeno acabou, e Lucius cortou o fio, cuja porção prisioneira, formando espontaneamente, rente ao tecido, em cada uma de suas extremidades, uma bolinha semelhante a um remate, adquiriu na hora uma absoluta maleabilidade.

Canterel nos mostrou a haste branca, privada apenas de seu minúsculo fragmento umedecido, que uma combustão sem chama, determinada por certas propriedades químicas do líquido incolor, transformara em fuso.

Lucius, molhando a nova ponta da haste com o pincel de um outro frasco, segurou de pé no lugar adequado uma borda dobrada da obra que estava fazendo.

Elevando-se numa espiral cerrada, um rápido fuso branco efetuou um *ponto chuleado*, fazendo dois furos de cada vez no pano alternativamente simples e duplo.

Corte feito, as duas bolas-obstáculos apareceram e a costura amaciou.

O mestre sublinhou-nos a alegre dedicação do louco, que trabalhava com pressa no enxoval de sua filha, cujo nascimento acreditava por vezes próximo, graças a um desvio de seu pensamento lancinante; todos diferentes, os líquidos incolores provocavam cada um seu fuso próprio, gerador de um ponto de costura especial, etiquetado no frasco.

Rápido como o raio, apesar de sua complicação relativa, o fuso seguinte, produzido pela intervenção de um terceiro pincel, executou um *ponto atrás*, descendo sem cessar para furar um pouco abaixo do último furo o duplo tecido colocado em seu percurso – e subir novamente mais alto do que antes.

Quase igual, o quarto fuso, pelo efeito de um líquido que ainda não fora empregado, conseguiu fazer no tecido oferecido um *pesponto*, atravessando de novo o primeiro furo encontrado em cada uma de suas descidas, sempre seguidas de uma subida duas vezes maior.

Um quinto fuso, devido a um novo frasco, deu um *ponto caseado*, encerrando de lado, sem espaço, em suas espiras bastante amplas, a linha exterior marcada por duas bordas de tecido exatamente coladas uma contra a outra.

A formação das duas bolinhas de arremate e o fenômeno de amaciamento nunca deixavam de se realizar.

Com um golpe de vista infalível, Lucius, observando a cada vez sutis diferenças, embebia o alto da haste numa minúscula fração, baseando-se, sem erro, de acordo com um cálculo de proporções, no percurso perfurante adequado a cada fuso, mais ou menos direto.

Um fuso saído de um sexto frasco realizou no pano um *ponto espinho*, evocando, por seus prodigiosos zigue-zagues, aquelas loucas elucubrações pirotécnicas desorientadoras em suas caóticas subidas amplamente oscilatórias efetuadas nos ares entre as detonações. Todos os fusos, aliás, assemelhavam-se, em extrema redução, a certas peças de artifício complicadas, geradoras de curvas múltiplas, de espiras ou de linhas quebradas.

A instantaneidade de cada costura mostrava a excelência esmagadora daquele método, que teria permitido a uma operária centuplicar o rendimento cotidiano obtido com a melhor máquina de costura.

Após ter prosseguido por mais um momento seu trabalho, recorrendo aos seis mesmos frascos, Lucius, lasso, deteve-se diante da haste branca, agora bastante encurtada.

Virando-se por acaso, pareceu nos aperceber pela primeira vez e, aproximando-se, disse através da grade esta única palavra: "Cantem."

O mestre pediu imediatamente à cantora Malvina, participante de nosso grupo, que executasse uma frase lírica para satisfazer o capricho do louco. Criadora de um papel de confidente em *Abimeleque*, recente ópera bíblica, Malvina começou quase no topo do registro agudo: "Ó Rebeca..."

Interrompendo-a bruscamente, Lucius fê-la repetir várias vezes o mesmo fragmento, prestando ouvido sobretudo às vibrações puríssimas da última nota.

Então foi se sentar à direita, de frente para nós, diante de uma mesa de pé de galo com os seguintes objetos:

1º Uma lâmpada atualmente sem luz.

2º Um estreito buril com uma agulha de ouro prodigiosamente tênue.

3º Uma pequena régua de alguns centímetros, toda feita de banha de porco, mostrando sobre um dos seus lados seis divisões principais, que, marcadas por fortes traços numerados, continham cada uma doze subdivisões indicadas em linhas mais finas e mais curtas.

Riscos e cifras contrastavam por sua cor vermelho vivo com o cinza esbranquiçado da banha. O utensílio, delicadamente executado, reproduzia em miniatura a antiga toesa, dividida em seis pés e setenta e duas polegadas.

4º Uma fina tabuleta verde e quadrada feita de alguma cera endurecida.

5º Um aparelho acústico bastante simples, consistindo numa curta agulha de ouro adaptada a uma membrana redonda munida de um corneto.

6º Uma folhinha retangular de papelão branco, com uma abertura central encerrando com precisão, em suas bordas imperceptivelmente desdobradas, uma granada chata e facetada, que, talhada em losango, dava ao conjunto uma aparência de ás de ouros.

Lucius apoiou sobre o meio da tabuleta verde, deitada à sua frente, a pequena toesa pega pelas duas extremidades entre o polegar e o indicador de sua mão esquerda – e comprimida no sentido longitudinal de maneira a franzir, encurtando-as, as divisões e subdivisões, diretamente oferecidas a seu olhar.

Escolhendo com muito cuidado, pelo exame dos traços vermelhos, diferentes pontos numa mesma linha, fez com o buril, segurado verticalmente em sua mão direita, sete marcas superficiais na cera, pressionando a agulha contra a banha.

Estabelecidas essas balizas, Lucius distendeu levemente a crispação de seus dois dedos, deixando a toesa elástica dar, alongando-se por si mesma, um pouco mais de amplitude a suas medidas. Então interpôs na superfície verde novas marcas entre as primeiras, procedendo de maneira idêntica.

Por longo tempo ainda, apertando a cada vez em graus diversos a toesa frequentemente bastante apequenada, o louco prosseguiu sua tarefa, interrogando as subdivisões vermelhas para atacar suavemente a cera com o buril em porções virgens da mesma zona retilínea, não sem variações sutis nos tipos de toques.

Finalmente, a tabuleta verde apresentou um curto e fino risco reto, formado de pespontos minúsculos que lembravam os dos rolos de fonógrafo impressos por uma voz.

A pedido de Lucius, que agilmente colocou no lugar a toesa e o buril, o guardião riscou um fósforo, aproximando-se da lâmpada.

Enquanto a chama invadia a mecha, Canterel, enfiando o braço entre duas grades, pegou à esquerda, contra a parede, para trazê-lo até si, um estojo de seda desbotada, longo e chato, em que se lia, sobre um dos lados, num velho bordado, a palavra latina "*Mens*" cercada de emblemas religiosos e de flores. Tirou dele uma fasquia bastante antiga e nos mostrou, cobrindo as duas faces da madeira, o texto completo da missa gravado em caracteres coptas.

Logo, recolocada em sua bainha e repassada através da grade, a fasquia se apoiava novamente contra a parede.

Por um simples acionamento, o guarda ativou certo mecanismo na lâmpada acesa, que, a partir de então, lançou violentos brilhos fugidios, regularmente separados por três segundos de quase extinção.

Com a tabuleta verde em sua mão esquerda, muito afastada, e a parte de baixo do ás de ouros entre os dedos da outra, mais próxima, Lucius, de costas para a lâmpada, levantou os braços, virando-se um pouco para a direita.

Visto por nós de perfil a três quartos, ergueu paralelamente os dois objetos um atrás do outro, o ás formando uma tela entre a chama e a tabuleta.

Ao primeiro brilho, no lusco-fusco do anoitecer, a granada projetou no fundo do quarto microscópicos pontos de luz vermelha bastante afastados, que, devidos às facetas e realçados pela sombra circunvizinha do papelão, ofereciam, graças à maior ou menor pureza das diversas regiões da joia, notáveis diferenças de intensidade.

Mexendo a estranha carta, Lucius assestou um dos seus pontos, logo escolhido, sobre a marca mais alta da tabuleta, mantendo-o ali durante os três brilhos seguintes.

Os pontos se escamoteavam sem deixar vestígios entre os brilhos.

Todas as marcas provenientes do buril foram assim iluminadas sucessivamente por Lucius, que, elegendo para cada uma tal ponto luminoso mais ou menos poderoso, variava de um a quinze o número de brilhos utilizados. Por vezes, dois ou mais pontos serviam um após outro para a mesma marca.

Canterel comentou o trabalho do louco.

Encarregado de uma minuciosa modelagem favorecida pelo amálgama adequado do vermelho e do verde, cada ponto ardente, por seu leve calor, amolecia imperceptivelmente a cera da marca visada, concluindo assim o primeiro trabalho e aperfeiçoando a qualidade futura das sonoridades em germe.

Voltando-se para nós para guardar seu ás, Lucius, deitando a tabuleta verde sobre a mesa, apanhou o aparelho acústico, cuja agulha de ouro fez passear quase verticalmente sobre a linha formada pelas marcas. A ponta, mexendo-se sobre aquele caminho rugoso, transmitiu diversas vibrações à membrana, e, saindo do corneto, uma voz de mulher, semelhante à de Malvina, cantou claramente as notas solicitadas: “Ó Rebeca...”. Pelo procedimento executado sob nossos olhos, o louco, ao que parecia, criava artificialmente todos os tipos de vozes humanas. Buscando reencontrar aquela emitida por sua filha em seus primeiros esboços oratórios, multiplicava os testes, contando descobrir por acaso algum timbre que, aproximando-se de seu ideal, o impulsionaria ao sucesso. Eis por que, pronunciando a palavra: “Cantem”, ele se apressara em reproduzir o modelo fornecido por Malvina.

Pilotando novamente a agulha de ouro sobre a linha, Lucius voltou a escutar várias vezes a frase: “Ó Rebeca...”, cuja última nota o mergulhava numa agitação angustiada. Atendo-se ao fim do percurso, ofereceu-se à saciedade a segunda metade do som derradeiro e, violentamente emocionado, mandou-nos embora com um sinal.

Canterel nos levou para fora do campo de visão de Lucius, que desejava sem dúvida alguma prosseguir atenta e solitariamente suas pesquisas obsedantes, utilizando como nova base as vibrações exaustivamente repetidas no instante anterior.

Querendo permanecer ao alcance da voz do guarda para o caso de um alerta, tornado plausível pela presente exaltação do louco, o mestre, errando conosco atrás do quarto gradeado, narrou penosos acontecimentos.

*

* *

Uma jovem visitante, Florine Égroizard, suplicando um dia a Canterel que aplicasse sua ciência ilustre para salvar seu marido, que, tendo enlouquecido em consequência de um infortúnio brusco, desencorajava havia dois anos os maiores especialistas, fizera chorando um emocionante relato.

Membro fanático de uma sociedade italiana votada exclusivamente ao culto de Leonardo da Vinci, o doente, Lucius Égroizard, ocupava-se outrora simultaneamente de arte e de ciência, a fim de seguir, ainda que de bastante longe, o exemplo, único na história, fornecido por seu ídolo. Pintor e escultor de talento, fizera, enquanto sábio, preciosas descobertas.

Ternos esposos, Florine e Lucius conheceram a absoluta felicidade quando, após dez anos de cruel espera, o nascimento de sua filha Gillette satisfez seus anseios mais ardentes. Negligenciando seus trabalhos, o pai, por horas a fio, espiava os sorrisos alegres e os primeiros murmúrios da criança por tanto tempo desejada.

Um ano mais tarde, Lucius levou Florine e Gillette a Londres, para onde o atraía uma interessante encomenda de retratos e de bustos.

Duas vezes por semana, ele visitava uma suntuosa residência do condado de Kent, a fim de pintar uma jovem castelã, *lady* Rashleigh.

Um dia, atendendo a um desejo que esta graciosamente formulara, fez-se acompanhar por Florine, levando Gillette que ela alimentava com seu próprio leite.

Objeto de uma afetuosa acolhida, Florine, guiada por lorde Rashleigh, admirou em detalhes o parque e o castelo, enquanto Lucius trabalhava, seu modelo sob os olhos.

Retidos para o jantar, os visitantes, separados da estação mais próxima por uma quinzena de quilômetros, subiram por volta das dez horas num cupê de seus anfitriões.

No meio do caminho, durante a travessia de um bosque denso, escutaram-se várias vozes avinhadas gritar em coro, à aparição do carro, o canto de reunião da *Red-Gang*[1], e os cavalos foram detidos por uma trupe de malfeitores mais ou menos bêbados.

Impulsivo e nervoso, Lucius desceu da carruagem invectivando os assaltantes, que o reduziram à impotência e fizeram descer Florine, ocupada em proteger temerosamente Gillette adormecida.

Nesse momento, depois de ter ferido duas vezes o chefe do bando a tiros de revolver, o cocheiro se enfiou noite adentro, esforçando-se em vão por reter seus cavalos, arrebatados pelo barulho das detonações.

Atingido de raspão, mas exasperado pela visão de seu sangue, o chefe se lançou sobre Lucius para despojá-lo brutalmente, depois arrancou Gillette dos braços de Florine e mandou seus homens revistarem esta.

Vendo o bandido dar socos, para fazer calar a criança que, acordada por um contato estranho, pusera-se a chorar, Lucius se libertou com um pulo de tamanha violência que um punhal caiu dos dedos de um dos seus guardiães. Precipitou-se sobre a arma e golpeou furiosamente com ela o torturador, mirando na cara, já que seu peito estava protegido por Gillette. Talhando a face de baixo a cima, a lâmina penetrou profundamente no olho esquerdo.

Zarolho e ensanguentado, o chefe, olhando para Lucius novamente imobilizado, urrou como uma fera selvagem. Louco de dor, deixara cair Gillette, que agora gritava no chão, e adivinhou, a partir de todos aqueles indícios, que devia tomar a criança como alvo para melhor supliciar o casal.

Com uma voz abafada, ordenou, designando Gillette: "Sir Roger de Coverly."

Todos os bandidos, salvo três que seguravam Florine e Lucius, formaram duas filas fazendo face uma à outra e começaram uma giga infernal cujo ponto central era marcado pela criança. Deixando dois cantos opostos, o chefe e um comparsa vieram diagonalmente, saltitando, ao encontro um do outro e atingiram ferozmente Gillette com o calcanhar antes de recuarem até seus postos. Iniciando a diagonal contrária, os titulares das duas outras posições extremas realizaram uma manobra idêntica. As duas mesmas duplas se alternaram várias vezes, executando no meio diversos rodopios ou

[1] Célebre associação de bandidos que infesta o condado de Kent. (n.t.)

saudações, o primeiro sempre dando um exemplo servilmente copiado pelo segundo; e os monstros, a cada viagem, mortificavam a vítima – ou a pisoteavam furiosamente esmagando-a sob o peso inteiro de seus corpos. Por uma dose extra de crueldade, o chefe, com obstinação, visava a cabeça ou a barriga.

Em seguida, dois outros bandidos, tomados cada um a uma das duplas precedentes, passaram, por etapas, de uma extremidade à outra da quadrilha, graças a uma série de giros alternados feitos entre si e depois separadamente com cada dançarino das duas filas. Essa segunda figura de dança fornecera, em certo momento, uma nova oportunidade de pisotear a mártir.

Tudo recomeçou então como de início, e a pavorosa giga prosseguiu por muito tempo, sob os olhares horrorizados dos pais.

Graças ao rodízio estabelecido pelo retorno periódico da segunda figura, todos os dançarinos ocupavam sucessivamente os lugares ativos e torturavam Gillette à vontade sob seu perpétuo saltitar.

Era de fato a clássica giga de sir Roger de Coverly, transformada num célebre suplício que a *Red-Gang* inflige a seus traidores.

Acelerando febrilmente seu balé de pesadelo, os possessos se aplaudiam mutuamente quando o sangue jorrava de algum novo corte devido aos pregos de seus sapatos.

Bruscamente, à visão do cocheiro reconduzindo a grandes chicotadas seu cupê lotado de homens armados de revólveres, todo o bando fugiu. Florine, precipitando-se sobre sua filha, não recolheu mais, infelizmente, do que um horrível cadáver desfigurado, coberto de equimoses e de chagas. Tocando e olhando a criança, Lucius, atingido pela loucura, explodiu de rir e imitou, divagando, os gestos dos odiosos dançarinos. Aterrada, Florine o arrastou para o cupê, que retomou o caminho do castelo enquanto os recém-chegados seguiam no encalço dos bandidos.

Devotados e compassivos, os Rashleigh, durante toda a noite, velaram com Florine o corpo de Gillette e enfrentaram os terríveis acessos do pobre demente.

Depois do enterro da criança, Florine, assinando uma deposição contra os assassinos, habilmente capturados, deixou seus anfitriões com ternas efusões e levou Lucius de volta a Paris, onde muitos tratamentos foram tentados.

Acreditando ser Leonardo da Vinci, o infortunado ligava à sua filha, cuja imagem o obsedava, suas universais especulações sobre a arte e a ciência.

Por dois anos, tratado sucessivamente sem resultado em cinco asilos reputados, Lucius, que uma pesquisa assídua poderia exaltar, viu serem-lhe recusadas, apesar de suas solicitações reiteradas, todas as oportunidades de trabalho.

Extraindo do relato uma certeza de curabilidade, Canterel, inimigo em semelhante caso da mais leve contrariedade, resolveu, ao contrário, aceder servilmente aos mais extravagantes desejos do doente.

Para oferecer a Lucius uma profunda calma silenciosa, fez construir rapidamente, num ponto sobrelevado de seu parque, um simples quarto com mobília sumária, sem nenhuma outra saída além de uma grande grade cujos dois batentes, formando a fachada, davam para uma vasta extensão de floresta, único e repousante horizonte grandiosamente verde a perder de vista.

Transferiram para lá o interessado, que, atenciosamente coberto nas horas noturnas, devia absorver incessantemente os tonificantes eflúvios do ar livre.

No dia seguinte, numerosos elementos disparatados, dos quais ele laboriosamente fizera uma lista, foram-lhe dados com toda agilidade.

Não sem vestígios de seu talento passado, começou um quadro cujo tema, marcado pela demência, comportava várias asas abertas arrastando através de laços uma personificação da aurora. Como Canterel ficou sabendo ao longo de uma série de conversas curativas, o doente evocava assim Gillette, levada embora na manhã da vida.

Com seus instrumentos de escultura, confeccionou a seguir leves personagenzinhos em diversos fragmentos de uma fina bexiga, que, trabalhada ao inverso como o metal repuxado, guardava tal forma delicada pacientemente obtida, graças a sua elasticidade, por uma sucessão de esforços cuidadosos. Gomando as bordas a fim de soldá-las, sem deixar de lastrear cada pé com um pouco de areia fina, soprava, por fim, antes de fechá-lo rapidamente por sua vez, num supremo interstício habilmente preparado e fácil de reabrir para reenchimentos periódicos – depois se entregava a um maravilhoso trabalho de aplicação de cores, repleto de pesquisas quanto à intensidade da expressão e ao detalhe das roupas. Logo teve doze sujeitos quase imponderáveis, evocando todos os nefastos malfeitores.

Estabelecendo então, sobre uma mesa de mármore, uma quantidade de correntes de calor verticais – com a ajuda de uma chapa metálica guarnecida por carvões em brasa, de dois trasfogueiros sem asperezas e de um pedaço de repes cinza judiciosamente perfurado com numerosos furos de alfinete – fez seus bonecos executarem, com um hábil manejo de seus dedos, uma *sir Roger* aérea, que, animando-se progressivamente, iluminou o espírito de Canterel:

assediado pela dupla ideia de sua mágoa e de sua universalidade, o pseudo-Leonardo, como escultor e pintor, criara típicos personagens capazes de reproduzir a giga fatal – imaginando, como bom cientista, um gênero de dança fisicamente baseado na leveza do ar quente.

Solicitando em sua lista um pedaço de repes para sua experiência, não sem especificar engenhosamente a tonalidade gris, indiferente às sujidades das cinzas esvoaçantes, Lucius, dando provas de um curioso bom senso, considerado pelo mestre como um passo em direção à cura, escolhera um tecido que, podendo enfrentar, dada sua resistência, o calor próximo das brasas, superava qualquer peneira de metal – sua maleabilidade permitindo ao dedo vagabundo imprimir a tal corrente, por um suave apoio sobre um ponto vizinho do furo de escape, uma fraca e equívoca obliquidade favorável ao deslocamento das figurinhas.

Súbito, largando o repes, Lucius sofreu uma crise terrível, durante a qual, em consequência de efeitos reflexos engendrados pelas poderosas alucinações devidas à precedente cena evocativa, doze de seus cabelos, arrepiados verticalmente, dançaram sobre seu crânio nu uma giga irrefreável que se tornou pouco a pouco febril, semelhante em todos os aspectos à dos assassinos.

Desde então, a cada anoitecer, sob a influência de um devaneio causado pela hora perturbadora, Lucius, virtuose sempre em progresso, quis brasa ardente para uma nova giga no espaço, infalivelmente seguida da mesma crise capilar.

*

* *

Uma manhã, o louco exigiu, além de um pedaço de tecido e tesouras, uma seleção complexa de substâncias químicas e de instrumentos de laboratório. Entregando-se a numerosas manipulações, criou, de uma parte, várias misturas incolores, de outra, uma rígida e branca serpente de Faraó que, tão delgada quanto um fio e capaz de efetuar, após determinadas umectações, cortes prodigiosamente rápidos, permitiu-lhe diversos feéricos trabalhos de costura.

Habilmente questionador, o mestre encontrou a solução do enigma. Acreditando às vezes no nascimento iminente de sua filha, por efeito de uma perturbação estabelecida em sua obsessão, Lucius confeccionava um enxoval

com certa ideia de indispensável pressa que, agindo sobre o lado científico de sua personalidade suposta, engendrara uma invenção notável.

Provocando, apesar de cuidados e lubrificação, um fenômeno de intensa oxidação, a contínua fabricação química de fios rígidos iniciais, logo gastos, enferrujou a grade, inclusive os gonzos, paralisados desde então.

Testados um após outro sob a forma de gonzos novos, diferentes metais acabaram todos por se alterar, salvo o ouro maciço, adotado por Canterel dado seu funcionamento perfeito.

Lucius recebeu, para talhar seu tecido, uma tesoura de ouro bem afiada.

*

* *

Florine vinha ter notícias, sem visitar o doente, severamente isolado. Um dia, por injunção do mestre, trouxe estranhos utensílios, que, reivindicados na véspera por Lucius, e muitas vezes vistos em suas mãos antes da fatal partida para a Inglaterra, tinham tido por meta uma criação artificial de linguagem ou de canto.

Não satisfeito ao receber o fardo, o louco, com insistência, pronunciou várias vezes a palavra "toesa".

Instruída deste detalhe, Florine lembrou que, no tempo em que manipulava assiduamente o material em questão, Lucius projetava fabricar, numa matéria elástica cuja escolha o embaraçava, uma medida de comprimento que, por certas sutis razões fonoaritméticas, teria, em miniatura, a mesma subdivisão que a antiga toesa.

No dia seguinte, com a lâmina de sua tesoura, o louco talhou num pedaço de toucinho gordo, trazido a pedido seu e bem seco, uma pequena régua que transformou numa toesa de bonecas através de divisões rubras feitas com um pincel sobre uma de suas faces.

Com essa toesa e os últimos artigos recebidos, entregou-se laboriosamente a práticas delicadas que, baseadas em assustadores cálculos de distância e de calor, tendiam a imprimir, sobre certa cera verde, marcas geradoras de verbo declamatório ou musical.

Objeto de uma preferência judiciosa que fornecia um novo indício de encaminhamento para a razão, o toucinho, dada sua elasticidade um pouco

resistente, possuía, mais do que qualquer outra matéria, as qualidades presentemente desejáveis.

A única meta do infortunado, como testemunhavam seus incoerentes solilóquios, era reproduzir a voz de sua filha tal como a tinham revelado a seu ouvido atento os esforços que nos últimos tempos de sua vida ela já fazia para falar. Com uma infinita variedade de timbres e de entonações, ele criava todos os tipos de órgãos em fragmentos de discursos ou de melodias, esperando encontrar fortuitamente, entre tantos elementos, uma sonoridade indicadora apta a colocá-lo no caminho certo.

Aí também intervinha, combinando-se com sua ideia fixa, o gênio científico do personagem que acreditava ser.

Como, entretempo, ele trabalhava em seu enxoval o metal enferrujado de duas agulhas dessemelhantes, ornando respectivamente um fino cabo de madeira e uma membrana vibrante, teve que dar lugar ao ouro inalterável.

Uma noite, Lucius descreveu e solicitou certo pesado bibelô antigo, associado em seu pensamento ao batismo de sua filha.

Antigamente, no Egito, os padres coptas, para oficiar, tinham, à guisa de memento fácil de virar no momento certo, uma fasquia de sicômoro que, erguida ao lado do altar, trazia nas duas faces o texto da missa gravada em sua língua.

Piedosamente considerada como o *espírito* do santo sacrifício, porque em potência continha seu *verbo*, a fasquia, depois de ter servido, era guardada cuidadosamente num estojo de seda ornado com a palavra "*Mens*" graciosamente bordada entre diferentes enfeites.

Lucius dera a Florine, como lembrança do batismo de Gillette, uma fasquia desse gênero, encontrada, com seu estojo intacto, na vitrine de um antiquário.

Fasquia e estojo foram entregues ao doente, que os manejava frequentemente, sorrindo para aqueles objetos de valor, evocatórios de um dia de festa consagrado a sua filha.

Glorificando o método de Canterel, fases de perfeito entendimento, cada vez mais frequentes, votavam o louco a uma certa e completa cura.

*

* *

Naquele momento, um grito de Lucius nos atraiu para o quarto, e logo estávamos todos, de novo, enfileirados diante da grade enferrujada de gonzos de ouro.

Na tabuleta verde via-se uma nova linha de marcas, evidentemente devidas, como as outras, por seu aspecto e pelo derretimento que apresentavam, ao buril e à pequena toesa ajudados pela lâmpada e pelo ás de ouros.

Muito agitado, Lucius fez deslizar sobre a linha recente a ponta da agulha reprodutora, e das profundezas do corneto saiu a vogal "a" numa longa sílaba jovial, que, lembrando os inícios sorridentes das criancinhas ávidas por falar, se assemelhava muito ao modelo fornecido pelo fim do motivo: "Ó Rebeca..."

O demente soltou um segundo grito, semelhante àquele recentemente provocado, sem dúvida, por uma primeira audição do alegre acento. Perdido no pensamento de ter chegado à meta, murmurou: "Sua voz... é sua voz... a voz de minha filha!..."

Então, ofegante, dirigiu como a alguém presente, estas palavras de ternura: "É você, minha Gillette... Eles não a mataram... Você está aqui...perto de mim... Fale, minha querida..."

E, entre aquelas frases entrecortadas, o esboço de palavra, que ele reproduzia incessantemente, voltava como uma resposta.

Canterel, falando baixo, conduziu-nos para longe sem barulho a fim de deixar acontecer em paz aquela crise salutar. Felicitou Malvina por ter determinado, através de seu canto, um feliz acontecimentocapaz de apressar o restabelecimento do doente – então nos fez realizar, por nova vereda, uma descida bastante longa.

QUANDO AS MAÇÃS ESTÃO MADURAS

THEODOR STORM

O TEXTO: O conto "Quando as maçãs estão maduras" (*Wenn die Äpfel reif sind*) foi escrito em meados do século XIX. Publicado em 1857, narra a peraltice de um jovem garoto que, no meio da noite, invade o terreno de um vizinho para surrupiar maçãs, sendo descoberto por um jovem, com aspecto de caçador, que havia marcado um encontro com uma moça justamente nas proximidades da macieira. O enredo principal se desenvolve em torno desses três personagens. Na narrativa, Theodor Storm concentra-se em descrever a natureza e o cotidiano, focalizando cenas noturnas, como a lua e os movimentos dos animais, além de sublinhar o estilo simples da vida dos habitantes do vilarejo onde a história se desenvolve.

Texto traduzido: Storm, T.; Coler, C. *Sonnenschein und Schatten. Gedichte und kleine Erzählungen.* Berlin: Verlag der Nation, 1955.

O AUTOR: Escritor, poeta e novelista, Hans Theodor Woldsen Storm nasceu em 1817, em Husum, na Alemanha. Integrou o grupo de autores do realismo poético alemão (1848-1890), sendo considerado um dos principais representantes desse período. Suas histórias, apesar de aparentemente trágicas e melancólicas, mas dotadas de fina ironia e humor, se tornaram referência na literatura alemã. Publicou os romances *Immensee* (1849), *Ein Doppelgänger* (1886), *Die Regentrude* (1866) e *Der Schimmelreiter*, levado às telas do cinema.

A TRADUTORA: Greice Bauer é formada em Letras Alemão (2004) e mestre em Estudos da Tradução pela UFSC (2013). Desenvolve estudos sobre o escritor Wilhelm Busch e a tradução de humor. É tradutora e desde 2004 atua no ensino da língua alemã para adultos e crianças. Para a (n.t.) já traduziu *O pequeno Häwelmann*, de Theodor Storm.

WENN DIE ÄPFEL REIF SIND

"Und nach allen Seiten hin prasselten die reifen Früchte durch die Zweige."

THEODOR STORM

Es war mitten in der Nacht. Hinter den Linden, die längs dem Plankenzaun des Gartens standen, kam eben der Mond herauf und leuchtete durch die Spitzen der Obstbäume und drüben auf die Hinterwand des Hauses, bis hinunter auf den schmalen Steinhof, der durch ein Staket von dem Garten getrennt war; die weißen Vorhänge hinter dem niedrigen Fensterchen waren ganz von seinem Licht beschienen. Mitunter war's, als griffe eine kleine Hand hindurch und zöge sie heimlich auseinander; einmal sogar lehnte die Gestalt eines Mädchens an die Fensterbank. Sie hatte ein weißes Tüchlein unters Kinn geknotet und hielt eine kleine Damenuhr gegen das Mondlicht, auf der sie das Rücken des Weisers aufmerksam zu betrachten schien. Draußen vom Kirchturm schlug es eben drei Viertel.

Unten zwischen den Büschen des Gartens auf den Steigen und Rasenplätzen war es dunkel und still; nur der Marder, der in den Zwetschen saß, schmatzte bei seiner Mahlzeit und kratzte mit den Klauen in die Baumrinde. Plötzlich hob er die Schnauze. Es rutschte etwas draußen an der Planke; ein dicker Kopf guckte herüber. Der Marder sprang mit einem Satz zu Boden und verschwand zwischen den Häusern; von drüben aber kletterte ein untersetzter Junge langsam in den Garten hinab.

Dem Zwetschenbaum gegenüber, unweit der Planke, stand ein nicht gar hoher Augustapfelbaum; die Äpfel waren grade reif, die Zweige brechend voll. Der Junge mußte ihn schon kennen; denn er grinste und nickte ihm zu, während er auf den Fußspitzen an allen Seiten um ihn herumging; dann, nachdem er einige Augenblicke still gestanden und gelauscht hatte, band er sich einen großen Sack vom Leibe und fing bedächtig an zu klettern. Bald

knickte es droben zwischen den Zweigen und die Äpfel fielen in den Sack, einer um den andern in kurzen regelrechten Pausen.

Dazwischen drein geschah es, daß ein Apfel nebenbei zur Erde fiel und ein paar Schritte weiter ins Gebüsch rollte, wo ganz versteckt eine Bank vor einem steinernen Gartentischchen stand. An diesem Tische aber – und das hatte der Junge nicht bedacht – saß ein junger Mann mit aufgestütztem Arm und gänzlich regungslos. Als der Apfel seine Füße berührte, sprang er erschrocken auf; einen Augenblick später trat er vorsichtig auf den Steig hinaus. Da sah er droben, wohin der Mond schien, einen Zweig mit roten Äpfeln unmerklich erst und bald immer heftiger hin und her schaukeln; eine Hand fuhr in den Mondschein hinauf und verschwand gleich darauf wieder samt einem Apfel in den tiefen Schatten der Blätter.

Der Untenstehende schlich sich leise unter den Baum, und gewahrte nun endlich auch den Jungen wie eine große schwarze Raupe um den Stamm herumhängen. Ob er ein Jäger war, ist seines kleinen Schnurrbartes und seines ausgeschweiften Jagdrocks unerachtet schwer zu sagen; in diesem Augenblicke aber mußte ihn so etwas wie ein Jagdfieber überkommen; denn atemlos, als habe er die halbe Nacht hier nur gewartet, um die Jungen in den Apfelbäumen zu fangen, griff er durch die Zweige und legte leise, aber fest, seine Hand um den Stiefel, welcher wehrlos an dem Stamme herunterhing. Der Stiefel zuckte, das Apfelpflücken droben hörte auf; aber kein Wort wurde gewechselt. Der Junge zog, der Jäger faßte nach; so ging es eine ganze Weile; endlich legte der Junge sich aufs Bitten.

„Lieber Herr!“

„Spitzbube!“

„Den ganzen Sommer haben sie über den Zaun geguckt!“

„Wart nur, ich werde dir einen Denkzettel machen!“ Und dabei griff er in die Höhe und packte den Jungen in den Hosenspiegel. „Was das für derbes Zeug ist!“ sagte er.

„Manchester, lieber Herr!“

Der Jäger zog ein Messer aus der Tasche und suchte mit der freien Hand die Klinge aufzumachen. Als der Junge das Einschnappen der Feder hörte, machte er Anstalten, hinabzuklettern. Allein der andere wehrte ihm. „Bleib nur!“ sagte er, „du hängst mir eben recht!“

Der Junge schien gänzlich wie verlesen. „Herrjemine!“ sagte er. „Es sind des Meisters seine! – Haben Sie denn gar kein Stöckchen, lieber Herr? Sie

könnten es mit mir alleine abmachen! Es ist mehr Pläsier dabei; es ist eine Motion; der Meister sagt, es ist so gut wie Spazierenreiten!“

Allein – der Jäger schnitt. Der Junge, als er das kalte Messer so dicht an seinem Fleisch heruntergleiten fühlte, ließ den vollen Sack zur Erde fallen; der andere aber steckte den ausgeschnittenen Flecken sorgfältig in die Westentasche. „Nun kannst du allenfalls herunterkommen!“ sagte er.

Er erhielt keine Antwort. Ein Augenblick nach dem andern verging; aber der Junge kam nicht. Von seiner Höhe aus hatte er plötzlich, während ihm von unten her das Leid geschah, im Hause drüben das schmale Fensterchen sich öffnen sehen. Ein kleiner Fuß streckte sich heraus – der Junge sah den weißen Strumpf im Mondschein leuchten – und bald stand ein vollständiges Mädchen draußen auf dem Steinhof. Ein Weilchen hielt sie mit der Hand den offenen Fensterflügel; dann ging sie langsam an das Pförtchen des Staketenzaunes und lehnte sich mit halbem Leibe in den dunklen Garten hinaus.

Der Junge renkte sich fast den Hals aus, um das alles zu betrachten. Dabei schienen ihm allerlei Gedanken zu kommen; denn er verzog den Mund bis an die Ohren und stellte sich breitspurig auf zwei gegenüberstehende Äste, während er mit der einen Hand das geschädigte Kleidungsstück zusammenhielt.

„Nun, wird's bald?“ fragte der andere.

„Es wird schon“, sagte der Junge.

„So komm herunter!“

„Es ist nur“, erwiderte der Junge, und biß in einen Apfel, daß der Jäger es unten knirschen hörte, „es ist nur, daß ich just ein Schuster bin!“

„Was denn, wenn du kein Schuster wärst?“

„Wenn ich ein Schneider wäre, würde ich mir das Loch von selber flicken.“ Und er fuhr fort seinen Apfel zu verspeisen.

Der junge Mann suchte in seiner Tasche nach kleiner Münze, aber er fand nur einen harten Doppeltaler. Schon wollte er die Hand zurückziehen, als er von unten her ganz deutlich ein Klinken an der Gartentür vernahm. Auf dem Kirchturm drüben schlug es eben zwölf. – Er fuhr zusammen. „Dummkopf!“ murmelte er und schlug sich vor die Stirn. Dann griff er wieder in die Tasche und sagte sanft: „Du bist wohl armer Leute Kind?“

„Sie wissen schon“, sagte der Junge, „'s wird alles sauer verdient.“

„So fang und laß dir flicken!“ Damit warf er das Geldstück zu ihm hinauf. Der Junge griff zu, wandte es prüfend im Mondschein hin und wider und schob es schmunzelnd in die Tasche.

Draußen auf dem langen Steige, an dem der Apfelbaum in den Rabatten stand, wurden kleine Schritte vernehmlich und das Rauschen eines Kleides auf dem Sande. Der Jäger biß sich in die Lippen; er wollte den Jungen mit Gewalt herunterreißen; der aber zog sorgsam die Beine in die Höhe, eins ums andere; es war vergebene Mühe. „Hörst du nicht?“ sagte er keuchend. „Du kannst nun gehen!“

„Freilich“, sagte der Junge, „wenn ich den Sack nur hätte!“

„Den Sack?“

„Er ist mir da vorher hinabgefallen.“

„Was geht das mich an?“

„Nun, lieber Herr, Sie stehen just da unten!“

Der andere bückte sich nach dem Sack, hob ihn ein Stück vom Boden und ließ ihn wieder fallen.

„Werfen Sie dreist zu!“ sagte der Junge, „ich werde schon fangen.“

Der Jäger tat einen verzweifelten Blick in den Baum hinauf, wo die dunkle, untersetzte Gestalt zwischen den Zweigen stand, sperrbeinig und bewegungslos. Als aber draußen die kleinen Schritte in kurzen Pausen immer näher kamen, trat er hastig auf den Steig hinaus.

Ehe er sich's versah, hing ein Mädchen an seinem Halse.

„Heinrich!“

„Um Gottes willen!“ Er hielt ihr den Mund zu und zeigte in den Baum hinauf. Sie sah ihn mit verdutzten Augen an; aber er achtete nicht darauf, sondern schob sie mit beiden Händen ins Gebüsch.

„Junge, vermaledeiter! – Aber daß du mir nicht wiederkommst!“ Und er erwischte den schweren Sack am Boden und hob ihn ächzend in den Baum hinauf.

„Ja, ja“, sagte der Junge, indem er dem andern behutsam seine Bürde aus den Händen nahm, „das sind von den roten, die fallen ins Gewicht!“ Hierauf zog er ein Endchen Bindfaden aus der Tasche und schnürte es eine Spanne oberhalb der Äpfel um den Sack, während er mit den Zähnen die Zipfel desselben angezogen hielt; dann lud er ihn auf seine Schulter, sorgsam und regelrecht, so daß die Last gleichmäßig auf Brust und Rücken verteilt wurde. Nachdem dieses Geschäft zu seiner Zufriedenheit beendet war, faßte er

einen ihm zu Häupten ragenden Ast und schüttelte ihn mit beiden Fäusten. „Diebe in den Äpfeln!“ schrie er; und nach allen Seiten hin prasselten die reifen Früchte durch die Zweige.

Unter ihm rauschte es in den Büschen, eine Mädchenstimme kreischte, die Gartenpforte klirrte, und als der Junge noch einmal den Hals ausreckte, sah er soeben das kleine Fenster wieder zuklappen und den weißen Strumpf darin verschwinden.

Einen Augenblick später saß er rittlings auf der Gartenplanke und lugte den Weg entlang, wo sein neuer Bekannter mit langen Beinen in den Mondschein hinauslief. Dabei griff er in die Tasche, befingerte seine Silbermünze und lachte so ingrimmig in sich hinein, daß ihm die Äpfel auf dem Buckel tanzten. Endlich, als schon die ganze Hausgenossenschaft mit Stöcken und Laternen im Garten umherrannte, ließ er sich lautlos an der andern Seite hinuntergleiten und schlenderte über den Weg in den Nachbarsgarten, allwo er zu Haus war.

QUANDO AS MAÇÃS ESTÃO MADURAS

"Entre os galhos, por todos os lados, caiam frutas maduras."

THEODOR STORM

Era tarde da noite. A lua, que surgia atrás das tílias situadas ao longo da cerca de tábuas do jardim, iluminava a copa das árvores frutíferas e a parede detrás da casa até o caminho pavimentado com pedras, delimitado por piquetes, enquanto as cortinas brancas atrás da janelinha se iluminavam à sua luz. Por vezes, era como se uma pequena mão passasse sobre as cortinas e as separasse secretamente, até mesmo um vulto de moça parecia se recostar no parapeito da janela. Ela trazia um lenço branco amarrado sob o queixo e segurava um relógio pequeno contra a luz da lua. Mais longe, na torre da igreja, o relógio batia quinze para meia-noite.

Por baixo, entre os arbustos do jardim e nos gramados, reinava a escuridão e o silêncio; somente uma marta, agachada sob uma ameixeira, fazia sua refeição, arranhando a casca da árvore com suas garras. De repente, o animal ergueu seu focinho. Algo lá fora se movimentava ao longo da cerca; delineava-se a cabeça de um vulto que espreitava. A marta, de sobressalto, pulou para o chão e desapareceu entre as casas; do outro lado, um garoto encorpado iniciava a descida pelo caminho de pedras do jardim.

Em frente da ameixeira, perto da cerca, havia uma macieira não muito alta; as maçãs estavam bem maduras e os galhos fartos estavam arcados com o peso das frutas. O menino já deveria conhecê-la, pois sorriu ironicamente e balançou a cabeça enquanto andava nas pontas dos pés em torno da árvore. Então, depois de ficar parado por um tempo a escutar, amarrou um grande saco ao corpo e começou cautelosamente a subir. Logo estalaram os galhos e as maçãs começaram a ser jogadas dentro do saco, uma após a outra, em curtos e regulares intervalos.

Subitamente, uma maçã caiu no chão e rolou alguns passos à frente entre os arbustos onde ficava um banco bem escondido na frente de uma mesinha de jardim feita de pedras. Mas nesta mesa – e isso o menino não havia percebido ainda – estava um jovem sentado, com os braços apoiados nela, completamente inerte. Quando a maçã roçou seus pés, o homem sobressaltou-se e, assustado, recuou cautelosamente. Lá em cima, por onde o clarão da lua iluminava, o homem observou um galho com maçãs vermelhas balançando. Num primeiro momento a visão era opaca, mas, logo depois, com nitidez, viu uma mão subindo pelo luar e imediatamente sumindo com uma maçã no meio da densa penumbra das folhas.

Silenciosamente, o homem foi até embaixo da árvore e viu o espectro de um garoto, que se aparentava com o de uma grande lagarta preta pendurada em torno do tronco. Quanto ao jovem homem, é difícil afirmar que era um caçador, apesar de seu bigode e vestimentas características. O fato é que, naquela situação, algo como uma febre de caça o envolveu; pois ofegante parecia que havia ficado espreitando metade da noite para flagrar algum moleque roubando frutas. Silenciosa e firmemente, como um verdadeiro caçador, passou a mão entre os galhos e agarrou as botas do menino que, desequilibrado, ficou pendurado no tronco. Suas pernas se contraíram e lá em cima a colheita das maçãs havia cessado. Ambos não pronunciaram nenhuma palavra. Insistentemente, o menino erguia as pernas e o caçador as puxava novamente; por fim, o menino pôs-se a implorar.

– Caro senhor!

– Gatuno!

– O verão inteiro você espiou sobre a cerca!

– Espere só, te darei uma lição! – E nisso, erguendo-se, pegou o menino nas alturas e o agarrou pelas calças. – O que é isto em seu bolso? – perguntou o caçador.

– Manchester[1], caro senhor!

O caçador puxou uma faca do bolso e com a mão livre procurou abrir a lâmina. Quando o menino ouviu o engate da mola, preparou-se para descer. O garoto debatia-se. – Fique onde está! Você está pendurado! – disse o caçador.

O menino permanecia totalmente aturdido.

[1] Tecido ou roupa de algodão proveniente da cidade de Manchester, Inglaterra. A palavra era usada como termo genérico no século XIX para fazer referência a vestimentas feitas desse material. No conto, o garoto parece zombar da pergunta que o caçador lhe faz. (n.t.)

– Meu Deus! Estas maçãs são do mestre! Caro senhor, nem mesmo uma varinha o senhor tem para me ajudar a colhê-las? Poderíamos resolver isso entre nós! Há muito prazer no que estou fazendo; por isso, lhe faço a proposta. Saiba que é tão bom quanto cavalgar!

O caçador corta. E assim que sente a faca fria deslizar tão próxima a seu corpo, o menino deixa o saco com as maçãs cair no chão. O caçador põe com cuidado o retalho cortado no bolso de seu colete. – Agora você pode descer! – disse o caçador.

O caçador foi ignorado. Passaram-se alguns instantes e o garoto insistia em não descer. Na altura que se encontrava, apreensivo, de repente viu na casa ao lado uma estreita janela se abrir. Um pequeno pé mostrou-se e o menino viu uma meia branca brilhar no luar. Era uma moça. Ela que segurou com a mão o batente da janela aberto por um tempo; então, lentamente se dirigiu à portinhola da cerca de piquetes e com a metade do corpo à vista, esquivou-se pelo escuro jardim.

Para conseguir contemplar a cena, o menino quase deslocou seu pescoço. Com isso, surgiram-lhe todos os tipos de pensamento. Abriu um largo sorriso e colocou-se imperiosamente sobre dois galhos que estavam defronte um do outro, com uma mão se apoiava e com a outra mantinha unidas as partes da roupa rasgada.

– Não é hora de você ir embora? – perguntou o caçador.

– Logo irei – respondeu o garoto.

– Então desça!

– É só... – disse o menino, mordendo uma maçã, de modo que o caçador lá embaixo ouviu o rangido dos dentes na fruta – é só... que justo agora me dei conta que sou um sapateiro!

– E o que você faria se não fosse um sapateiro?

– Se eu fosse um alfaiate, por exemplo, poderia costurar o buraco em minha roupa. – E continuou tranquilamente comendo sua maçã.

O jovem homem procurou no seu bolso uma pequena moeda, mas encontrou apenas uma moeda de prata. Queria recuar com a mão, quando lá embaixo ouviu nitidamente o trinco do portão. Na torre da igreja batia neste instante meia-noite. O homem estremeceu. – Imbecil! – murmurou e bateu na testa. Em seguida, colocou a mão no bolso e disse de modo afável: – Você deve ser filho de pessoa pobre!

– O senhor sabe, tudo na vida é obtido com muito suor.

– Então pegue essa moeda e vá costurar sua roupa! – O homem jogou o dinheiro para o alto. O menino segurou, examinou no luar de um lado para o outro e guardou a moeda sorridente.

Ao longo do aclive onde a macieira ficava, ouviram-se pequenos passos e o rastejar de um vestido na areia. O caçador mordiscou os lábios; queria derrubar o menino de lá à força; mas este dobrou cautelosamente as pernas uma em volta da outra para o alto; foi um esforço inútil. – Você não me ouviu? – disse o homem ofegante. – Você pode ir!

– Sim, se ao menos tivesse o saco de maçãs, eu iria! – disse o menino.

– O saco?

– Sim, ele caiu.

– O que eu tenho a ver com isso?

– Ora, o senhor está aí embaixo!

O homem se abaixou e pegou o saco, ergueu-o um pouco, mas o deixou cair ao chão novamente.

– Jogue para cima! Eu o pegarei. – disse o menino.

O caçador olhou desesperado para cima da árvore, onde, entre os galhos, o vulto escuro e baixo permanecia imóvel e com as pernas estendidas. Mas na medida em que os pequenos passos se aproximavam, o caçador saiu às pressas pela subida.

Antes que se desse conta, a moça já estava pendurada em seu pescoço.

– Heinrich! Graças a Deus! – O jovem tapou a boca da moça com a mão, apontando para o alto da árvore. Ela o olhou perplexamente; mas ele nem prestou atenção, empurrou-a com ambas as mãos para dentro dos arbustos.

O caçador volteou a macieira. – Garoto maldito! Que você não volte! – O homem apanhou o saco pesado do chão e, murmurando em protesto, levantou-o para cima na árvore.

– Ótimo – disse o menino, enquanto pegava prudentemente sua carga de maçãs das mãos do caçador, – estas são das vermelhas que caem de madura! – Nisso, o garoto puxou do seu bolso o restinho de um barbante e laçou o saco um palmo acima das maçãs, e enquanto amarrava firmemente, segurou a ponta do fio com os dentes; então, acomodou o saco sobre seus ombros de forma cuidadosa e adequada, de modo que a carga se dividiu uniformemente sobre seu peito e suas costas. Para sua felicidade, depois que a negociação se encerrou, o garoto agarrou um dos galhos principais e sacudiu-o com os dois

punhos. – Gatunos nas maçãs! – gritou alto o menino; entre os galhos, por todos os lados, caiam frutas maduras.

Os arbustos abaixo dele sibilavam, uma voz feminina gritou assustada, o portão do jardim tilintou e o menino mais uma vez esticou o pescoço para, nesse instante, ver novamente a meia branca entrar, sumir pela pequena janela e esta se fechar.

Instantes depois, o garoto sentado, como se estivesse cavalgando uma das tábuas da cerca do jardim, olhava para o caminho onde vira seu novo conhecido surgir com passos largos pela luz do luar. Então, o garoto colocou a mão no bolso, tateou sua moeda e gargalhou de tal maneira que até mesmo as maçãs dançaram dentro no saco sobre seus ombros. Finalmente, enquanto populares corriam com sarrafos e lanternas à frente do jardim, o garoto escapava silencioso na direção oposta, passando para o jardim do vizinho. Ali mesmo, seguro, estava em sua casa.

SŪTRA DO SÁBIO E DO TOLO
(*jātaka*)

O TEXTO: O *Sūtra do Sábio e do Tolo* é um texto canônico budista formado por jātakas, contos sobre as vidas prévias do Buda. É bastante conhecido entre os estudantes de tibetano clássico, embora a história de sua transmissão seja ainda obscura. Foi transmitido oralmente para monges chineses, na Ásia Central, e redigido em chinês no ano de 445. O tradutor *'gos chos-grub*, que viveu no séc. IX, traduziu o texto do chinês para o tibetano, o qual se tornou bastante conhecido. Refere-se, frequentemente, ao sūtra pelo seu título tibetano, *mdzangs-blun*, e não pelo título chinês, *Xian yu jing*. A partir do tibetano foram feitas traduções para o mongol e o calmuco (séc. XVI-XVII). A tradução mongol mais conhecida leva o nome de *üliger-un dalai* (*Oceano de histórias*), gozando de muita popularidade no passado e presente. As diferentes traduções têm números variados de histórias, o que leva a pensar que há várias linhas diferentes de transmissão e tradução. Das 51 histórias presentes na tradução tibetana, o conto da oferta do próprio corpo feita pelo príncipe Mahāsattva a uma tigresa, é a tradução que se segue. Esta história possui, como muitas do *mdzangs-blun*, algumas versões paralelas. É contada de maneira similar no Sūtra da Luz Dourada e numa versão mais literária por Āryaśūra, no seu Jātakamālā, por exemplo.

Texto traduzido: *mdzangs blun*. In. The Tibetan Tripiṭaka: Taipei Edition (Derge), Taipei: SMC Publishing Inc., 1991.

O TRADUTOR: Giuliano Proença é filólogo formado na Universidade de Viena, no curso de Línguas e Culturas do Sul da Ásia e do Tibete, onde estudou sânscrito e tibetano, além de outras línguas relevantes no estudo da literatura budista centro-asiática, como mongol clássico e turco antigo. Também é formado em pedagogia do Piano pela Universidade de Música e Artes Dramáticas de Viena. Atualmente vive em Porto Alegre onde trabalha como professor de línguas, piano e tradutor. Para a (n.t.) já traduziu *Oceano de rios de histórias*, de Somadeva.

༎མཛངས་བླུན་ཞེས་བྱ་བའི་མདོ༎

།ཅི་ཙམ་སྲིད་པ་དང་བཅས་པའི་ཆོས་ནི་མཐར་འཇིག་པར་འོང་ངོ་།
།སྐྱེ་བ་ཡོད་ན་ངེས་པར་འཇིག་གོ།

སྐྱེས་རབས།

།།འདི་སྐད་བདག་གིས་ཐོས་པའི་དུས་གཅིག་ན། བཅོམ་ལྡན་འདས་མཉན་དུ་ཡོད་པ་ན་རྒྱལ་བུ་རྒྱལ་བྱེད་ཀྱི་ཚལ་མགོན་མེད་ཟས་སྦྱིན་གྱི་ཀུན་དགའ་ར་བ་ན་བཞུགས་སོ། །དེའི་ཚེ་བཅོམ་ལྡན་འདས་བསོད་སྙོམས་ཀྱི་དུས་ལ་བབ་ནས། ཤམ་ཐབས་དང་ཆོས་གོས་བགོས་ནས་ལྷུང་བཟེད་བསྣམས་ཏེ། ཀུན་དགའ་བོ་དང་བསོད་སྙོམས་ལ་གཤེགས་སོ།

།དེའི་ཚེ་ན་གྲོང་ཁྱེར་དེ་ན་རྒན་མོ་ཞིག་ལ་བུ་རྟག་ཏུ་རྐུ་བ་གཉིས་ཤིག་ཡོད་དེ། ནོར་བདག་གིས་ཟིན་ནས་ཞལ་ཆེ་བའི་མདུན་དུ་ཁྲིད་དེ། ཁྲིམས་དང་སྦྱར་ནས་བསད་པ་ལ་ཐུག་ནས། རིགས་ངན་སྐྲག་སྟེ་གསོད་པའི་གནས་སུ་ཁྲིད་པ་ལས། བཅོམ་ལྡན་འདས་རྒྱང་མ་ནས་གཤེགས་པ་རྒན་མོ་མ་སྨད་གསུམ་གྱིས་མཐོང་ནས། སངས་རྒྱས་གཤེགས་པའི་ཕྱོགས་སུ་ཕྱག་འཚལ་ནས། ལྷའི་ནང་ན་གཙོ་བོ་ཐུགས་བརྩེ་བར་དགོངས་ཏེ། བདག་གི་བུ་འགུམ་པ་ལ་ཐུག་པ་དིའི་སྐྱབས་མཛད་དུ་གསོལ་ཞེས་སྨྲས་པ། བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་གསན་ནས། དེ་བཞིན་གཤེགས་པ་ཐུགས་རྗེ་ཆེན་པོས་དེ་དག་ལ་ཐུགས་བརྩེ་བར་དགོངས་ཏེ། དེ་དག་གི་སྲོག་བསྐྱབ་པའི་སླད་དུ་བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་ཀུན་དགའ་བོ་ལ་བཀའ་སྩལ་ཏེ། རྒྱལ་པོ་ལ་གསོལ་བ་འདེབས་སུ་བཏང་བ་དང་། རྒྱལ་པོས་ཀྱང་བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱི་བཀའ་བཞིན་དུ་དེ་དག་བཏང་ངོ་།

།དེ་དག་བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱི་བཀའ་དྲིན་དྲན་ཞིང་རབ་ཏུ་དགའ་བསྐྱེས་ནས། བཅོམ་ལྡན་འདས་གང་ན་བ་དེར་སོང་སྟེ་ཕྱིན་པ་དང་། ཞབས་ལ་སྤྱི་བོས་ཕྱག་འཚལ་ནས་ཐལ་མོ་སྦྱར་ཏེ་བཅོམ་ལྡན་འདས་ལ་འདི་སྐད་ཅེས་གསོལ་ཏོ། །བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱི་བཀའ་དྲིན་ཆེན་པོས་བདག་ཅག་གི་ཚེ་སྲོག་ལྷག་མ་ཙམ་ཞིག་ལུས་པར་གྱུར་ན། ལྷའི་གཙོ་བོ་ཐུགས་བརྩེ་བར་དགོངས་ཏེ། བདག་ཅག་ལ་ཆོས་རབ་ཏུ་འབྱུང་བར་ཅི་གནང་ཞེས་གསོལ་པ་དང་། བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་ལེགས་པར་འོངས་སོ་ཞེས་བཀའ་སྩལ་པ་ན། སྐྲ་དང་ཁ་སྤུ་རང་བྱི་སྟེ། གོས་ཀྱང་ངུར་སྨྲིག་ཏུ་གྱུར་ཏོ། །དེ་དག་ཤིན་ཏུ་དད་པའི་སེམས་བརྟན་པར་གྱུར་ནས། བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་ཅི་རིགས་པའི་ཆོས་བསྟན་ནས་རྡུལ་དང་དྲི་མ་ཟད་དེ། དགྲ་བཅོམ་པར་གྱུར་ཏོ། །དེའི་མ་རྒན་མོ་དེ་ཡང་ཆོས་ཐོས་པས་ལན་ཅིག་ཕྱིར་མི་ལྡོག་པར་གྱུར་ཏོ།

།དེའི་ཚེ་ཀུན་དགའ་བོས་དེ་ལྟ་བུའི་དངོས་པོ་ངོ་མཚར་ཆེ་བ་དག་མཐོང་ནས། དེ་བཞིན་གཤེགས་པའི་ཡོན་ཏན་དེ་སྙིང་ཅིག་མངོའོ་ཞེས་བསྔགས་ཏེ། ཡང་འདི་སྙམ་དུ་རྒན་མོ་མ་སྨད་གསུམ་པོ་འདིས་སྔོན་ལེགས་པ་ཅི་ཞིག་བགྱིས་ན། ད་ལྟར་བཅོམ་ལྡན་འདས་དང་ཕྲད་དེ། ཉེས་པ་ཆེན་པོ་ལས་ཀྱང་ཐར་ལ། མྱ་ངན་ལས་འདས་པའི་བདེ་བ་ཐོབ་ནས་ལུས་གཅིག་གིས་ཕན་པ་དང་། བདེ་བའི་དོན་ཐོབ་པ་ལེགས་སོ་སྙམ་དུ་བསམ་པ་དང་། བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་མཁྱེན་ནས་ཀུན་དགའ་བོ་ལ་འདི་སྐད་ཅེས་བཀའ་སྩལ་ཏོ། །མ་སྨད་གསུམ་པོ་འདི་ནི་ངས་ད་ལྟར་འདི་འབའ་ཞིག་གི་དུས་སུ་གསོས་པར་མ་ཟད་ཀྱི། སྔོན་འདས་པའི་དུས་ན་ཡང་ངའི་བཀའ་དྲིན་གྱིས་གསོས་སོ། །ཀུན་དགའ་བོས་གསོལ་པ། བཅོམ་ལྡན་འདས་སྔོན་འདས་པའི་དུས་ན་ཡང་མ་སྨད་གསུམ་པོ་འདི་དག་ཅི་ལྟར་གསོས་པ་བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་བསྟན་དུ་གསོལ། བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་ཀུན་དགའ་བོ་ལ་བཀའ་སྩལ་པ།

སྔོན་འདས་པའི་དུས་བསྐལ་པ་གྲངས་མེད་པའི་ཕ་རོལ་ན། འཛམ་བུའི་གླིང་འདི་ན་རྒྱལ་པོ་ཤིང་རྟ་ཆེན་པོ་ཞེས་བྱ་བ་ཞིག་ཡོད་དེ་རྒྱལ་པོ་དེས་རྒྱལ་ཕྲན་ལྔ་སྟོང་སྙིང་ལ་དབང་བྱེད་དོ། །རྒྱལ་པོ་དེ་ལ་སྲས་གསུམ་མངའ་སྟེ། རབ་ནི་སྒྲ་ཆེན་པོ་ཞེས་བྱའོ། །འབྲིང་པོ་ནི་ལྷ་ཆེན་པོ་ཞེས་བྱའོ། །ཐ་ཆུངས་ནི་སེམས་ཅན་ཆེན་པོ་ཞེས་བྱ་སྟེ། སྲས་ཐ་ཆུངས་དེ་ཆུང་ངུ་ནས་བྱམས་པ་དང་སྙིང་རྗེར་ལྡན་ཏེ། ཐམས་ཅད་ལ་བུ་གཅིག་པ་དང་འདྲའོ།

།དེའི་ཚེ་རྒྱལ་པོ་དེ་བློན་པོ་དང་བཅས། བཙུན་མོ་དང་སྲས་སུ་བཅས་ཏེ། ཕྱི་རོལ་ཏུ་འཆག་ཅིང་དོང་བ་ལས། ཙུང་ཟད་ཅིག་ངལ་བསོ་བའི་བར་དུ་སྲས་གསུམ་པོ་ཚལ་གྱི་ནང་དུ་སོང་བ་ལས། སྟག་མོ་ཞིག་བུ་བྱུང་ནས་ཞག་དུ་མ་ལོན་པ་བཀྲེས་ཤིང་སྐོམ་པས་ཉེན་ཏེ། ཕྱིར་ཡང་བུ་ཟོས་ལ་ཐུག་པ་ཞིག་མཐོང་ནས། རྒྱལ་བུ་ཐ་ཆུངས་ཀྱིས་ཕུ་བོ་གཉིས་ལ་སྨྲས་པ། སྟག་མོ་འདི་ནི་ཤིན་ཏུ་སྡུག་བསྔལ་གྱིས་གཟིར་ཏེ། ཉམ་ཆུང་ལ་རིད་པས་ཤི་ལ་ཐུག་པ་འདི་ལྟ་བུ། བུ་བྱུང་མ་ཐག་པ་ཡང་ཟོས་སུ་འདོད་དོ་ཞེས་སྨྲས་པ་དང་། ཕུ་བོ་གཉིས་ཀྱིས་ཁྱོད་ཟེར་བ་བདེན་ནོ་ཞེས་ཟེར་རོ། །ནུ་བོས་ཡང་ཕུ་བོ་གཉིས་ལ་སྨྲས་པ། སྟག་མོ་འདིས་ཟས་སུ་ཅི་ཟ་ཞེས་དྲིས་ན། ཕུ་བོ་གཉིས་ཀྱིས་སྨྲས་པ། འདི་བསད་མ་ཐག་པའི་ཤ་རློན་པ་དང་། ཁྲག་དྲོན་མོས་དེའི་ཡིད་ཚིམ་པར་འགྱུར་རོ་ཞེས་སྨྲས་སོ། །ཡང་སྨྲས་པ། གང་སུ་ཡང་རུང་སྟེ་དེ་ལྟ་བུའི་དངོས་པོས་འདིའི་སྲོག་སྐྱབས་ཏེ། མི་ཉམས་པར་བྱེད་ནུས་པ་ཡོད་དམ། ཕུ་བོ་གཉིས་ཀྱིས་སྨྲས་པ། དེ་ནི་ཤིན་ཏུ་ཡང་དཀའ་བས་མེད་དོ།

།དེ་ནས་རྒྱལ་བུ་ཐ་ཆུངས་དེས་ཡིད་ལ་འདི་སྙམ་དུ་བསམས་སོ། །བདག་ཡུན་རིང་པོ་ནས་འཁོར་བ་ན་འཁོར་ཞིང་། ལུས་སྲོག་གྲངས་མེད་པ་ཞིག་ཆུད་གསན་ཏེ། བར་འགའ་ནི་འདོད་ཆགས་ཀྱི་ཕྱིར། བར་འགའ་ནི་ཞེ་སྡང་གི་ཕྱིར། བར་འགའ་ནི་གཏི་མུག་གི་ཕྱིར། ལུས་བཏང་ཡང་ཆོས་ཀྱི་ཕྱིར་བསོད་ནམས་ཀྱི་ཞིང་དང་། ལན་འགའ་ཡང་མ་ཕྲད་པའི་ལུས་འདི་ཅི་རུང་སྙམ་བསམས་ནས། གསུམ་ཀར་འགྲོགས་ཏེ་སོང་བ་ལས། རིང་པོར་མ་ཕྱིན་པར་ཕུ་བོ་གཉིས་ལ་འདི་སྐད་ཅེས་སྨྲས་སོ། །མཆེད་གཉིས་སྔར་གཤེགས་ཤིག་དང་། བདག་དོན་ཞིག་གཉེར་ཏེ། སླད་བཞིན་པར་མཆིའོ། །ཞེས་སྨྲས་སོ། ལམ་དེ་ཉིད་དུ་ཞུགས་ཏེ་སྟག་མོའི་ཚང་གང་ན་ཡོད་པར་མྱུར་དུ་སོང་ནས། སྟག་མོའི་དྲུང་དུ་ཉལ་བ་དང་། སྟག་མོ་ཁ་ཐམས་པས་ཟ་མ་នུས་སོ། །དེའི་ཚེ་རྒྱལ་བུས་ཤིང་གི་ཚལ་བ་རྣོན་པོས་ལུས་ལ་ཁྲག་ཕྱུང་ནས། སྟག་མོ་ལ་བལྡག་ཏུ་བཅུག་པ་དང་། ཁ་ཡང་ཕྱེས་ནས་ལུས་ཀྱི་ཤ་མ་ལུས་པར་ཟོས་སོ།

།ཕུ་བོ་གཉིས་ཀྱིས་བལྟས་ན། རིང་ཞིག་ཏུ་མ་འོངས་པས། ཕྱིར་རྗེས་བཞིན་དུ་ཚོལ་དུ་དོང་བ་ལས་སྔར་སྨྲས་པའི་ཚུལ་བརྟགས་ན་གདོན་མི་ཟ་བར་སྟག་མོ་ལྟོགས་པས་བསད་དོ་བསམས་ནས་དེར་ཕྱིན་ཏེ་བལྟས་ན། ནུ་བོ་ཐ་ཆུངས་སྟག་གིས

ཟོས་ཏེ། ཤ་དང་ཁྲག་གིས་ཀུན་ཏུ་བསྒོས་ནས། རྡོག་རྡོག་པ་ལྟར་འདུག་པར་མཐོང་ངོ་། །ལུས་ས་ལ་བརྡབས་ཏེ་བརྒྱལ་ལོ། །རིང་ཞིག་ལོན་པ་དང་། དབུགས་ཕྱིར་ཕྱུང་ནས། ཚོ་ངེས་འདེབས་ཏེ་ས་ལ་འགྲེ་ཞིང་ཁམས་པར་གྱུར་ཏོ། །དེའི་ཚེ་ན་བཙུན་མོ་ཡུམ་མནལ་བའི་རྨི་ལམ་ན། ཕུག་རོན་གསུམ་ཞིག་ཀུན་ཏུ་འཕུར་ཞིང་རྩེ་བ་ལས། ནང་གི་ཆུང་ངུ་གཅིག་ཁྲས་ཁྱེར་བ་སྙམ་རྨིས་མ་ཐག་ཏུ་སད་ནས། སྐྲག་དངངས་ཏེ་རྒྱལ་པོ་ལ་བསྙད་དོ། །བདག་གིས་གཏམ་དུ་ཐོས་ན། ཕུག་རོན་ནི་བུ་ཕོའི་བླ་སྟེ། ཕུག་རོན་ནང་གི་ཆུང་ངུ་ཁྲས་ཁྱེར་བ་ན། བདག་གི་བུ་ནང་གི་སྡུག་པ་ལ་བཀྲ་མི་ཤིས་ངེས་ཀྱིས་ཞེས་དེ་མ་ཐག་ཏུ་ཀུན་ཏུ་ཚོལ་བ་བཏང་བ་ལས། རིང་པོར་མ་ལོན་པར་རྒྱལ་བུ་གཉིས་ནི་འོངས་ཀྱིས། བུ་ནང་གི་སྡུག་པ་ཅང་མ་ཉེས་སམ་ག་རེ་ཞེས་དྲིས་ན། ཕུ་བོ་གཉིས་སྐད་ཀྱིས་བརྣངས་ཏེ། རིང་ཞིག་ཏུ་དབུགས་ཀྱང་མ་ཕྱིན་སྨྲ་ཡང་མ་ནུས་ནས། དེའི་འོག་ཏུ་དབུགས་ཕྱིན་པ་དང་། སྟག་གིས་ཟོས་སོ་ཞེས་སྨྲས་སོ། །ལྷ་མོ་དེས་དེ་སྐད་སྨྲས་པ་ཐོས་ནས་ཁམས་ཏེ། ས་ལ་འགྱེལ་ནས་རིང་ཞིག་ལོན་པ་དང་། དབུགས་ཕྱིན་ཏེ། བུ་གཉིས་དང་བཙུན་མོ་དང་། ཕོ་བྲང་གི་སླས་སུ་བཅས་ཏེ་མྱུར་བར་རྒྱལ་བུ་གང་དུ་ཚེ་འཕོས་པའི་གནས་སུ་སོང་ངོ་། །དེའི་ཚེ་སྟག་མོས་རྒྱལ་བུའི་ཤ་ནི་ཟད་པར་ཟོས་ཟིན་གྱིས། རུས་པ་དང་ཁྲག་འབའ་ཞིག་གིས་ས་ལ་རྡོག་རྡོག་པ་ལྟར་འདུག་པ་མཐོང་ངོ་། །བཙུན་མོས་ནི་མགོ་ནས་བཟུང་ངོ་། །རྒྱལ་པོས་ནི་ལག་པ་ནས་བཟུང་སྟེ། ཆོས་ངེས་བཏབ་ནས་ངུས་པ་དང་། དེར་ཡང་ཁམས་ནས་རིང་ཞིག་ལོན་ཏེ། ཕྱིར་སངས་སོ།

།རྒྱལ་བུ་སེམས་ཅན་ཆེན་པོ་དེ་དེར་ཚེ་འཕོས་ནས། དགའ་ལྡན་ལྷའི་གནས་སུ་སྐྱེས་སོ། །དེ་ཅིའི་ཕྱིར་བདག་ཅི་སྤྱད་པས་འདིར་སྐྱེས་སྙམ་བསམས་ཏེ། ལྷའི་མིག་གིས་རྒྱུད་ལྔ་ཀུན་ཏུ་བལྟས་ན། བདག་ཚེ་འཕོས་པའི་རུས་བུ་ཚལ་ན་འདུག་པ་ལ་ཕ་མས་བསྐོར་ཏེ། ཤིན་ཏུ་ཡིད་ལ་གཅགས་པས། མྱ་ངན་གྱི་ཟུག་རྔུས་སྡུག་བསྔལ་ཞིང་ཚོ་ངེས་འདེབས་པ་མཐོང་ནས། ལྷས་བསམས་པ། བདག་གི་ཕ་མ་འདི་ལྟར་མི་དགའ་བའི་རྐྱེན་གྱིས་གལ་ཏེ་ན་ལུས་དང་སྲོག་གི་བར་ཆད་དུ་འགྱུར་གྱིས། དེ་ལ་སྤྲོ་བ་བསྐྱེད་ཅིང་གདམས་བྱར་འགྲོའོ་སྙམ་བསམས་ནས། ནམ་མཁའ་ལས་བབས་ཏེ་སྟེང་གི་ནམ་མཁའ་ལས་ཚིག་སྙན་པ་རྣམ་པ་སྣ་ཚོགས་ཀྱིས་ཕ་མ་གཉིས་ལ་སྤྲོ་བ་བསྐྱེད་དོ། །ཕ་མ་གཉིས་ཀྱིས་ནམ་མཁའ་ལ་བལྟས་ནས། ལྷ་ཁྱོད་སུ་ཞིག་ལགས་པ་བདག་ལ་སྨོས་ཤིག་ཅེས་སྨྲས་པ་དང་། ལྷས་སྨྲས་པ། བདག་ནི་རྒྱལ་བུ་སེམས་ཅན་ཆེན་པོ་ཞེས་བྱ་བ་ཡིན་ཏེ། བདག་གི་ལུས་སྟག་མོ་ལྟོགས་པ་བསྙོད་པས་དགའ་ལྡན་གྱི་ལྷའི་གནས་སུ་སྐྱེས་སོ། །རྒྱལ་པོ་ཆེན་པོ་འདི་ལྟར་མཁྱེན་པར་མཛོད་ཅིག །ཅི་ཙམ་སྲིད་པ་དང་བཅས་པའི་ཆོས་ནི་མཐར་འཇིག་པར་འོང་ངོ་། །སྐྱེ་བ་ཡོད་ན་ངེས་པར་འཇིག་གོ། །སྡིག་པ་བྱས་ན་སེམས་ཅན་དམྱལ་བར་ལྟུང་ངོ་། །དགེ་བ་བྱས་ན་མཐོ་རིས་སུ་སྐྱེ་སྟེ། སྐྱེ་བ་དང་འཇིག་པ་ཀུན་ལ་སྲིད་ན། ཅིའི་སླད་དུ་དགའ་བ་འབའ་ཞིག་གི་ཕྱིར་མྱ་ངན་གྱི་རྒྱ་མཚོར་ལྟུང་བ་མི་ཚོར་རམ། དགེ་བའི་ཆོས་ལ་བརྩོན་འགྲུས་མཛོད་ཅེས་པ་དང་། དེའི་ཕ་མས་སྨྲས་པ། ཁྱོད་ནི་སྙིང་རྗེ་ཆེན་པོས་སྟག་མོ་བསྙོད་དེ་ཐམས་ཅད་ལ་སྙིང་བརྩེ་བ་ཡིན་ན། བདག་ཅག་བཏང་སྟེ། ཚེའི་དུས་བྱས་པས། དེང་ནི་ཁྱོད་དྲན་པའི་ཕྱིར་ཤ་ཡང་དུམ་བུ་དུམ་བུར་ཆད་པ་ཙམ་དུ་སྡུག་བསྔལ་གྱིས་གདུངས་ཏེ། སྙིང་རྗེ་ཆེན་པོ་སྤྱོད་པ་ཁྱོད་འདི་ལྟར་བྱ་བའི་རིགས་སམ། དེ་ནས་ཡང་ལྷ་དེས་ཚིག་སྙན་པ་རྣམ་པ་སྣ་ཚོགས་ཀྱི་སྒོ་ནས་བཞམས་ཏེ། སྤྲོ་བ་བསྐྱེད་པས་དེའི་ཕ་མ་ཡང་སྤྲོ་བ་ཅུང་ཟད་སྐྱེས་ནས། རིན་པོ་ཆེ་སྣ་བདུན་གྱི་སྒྲོམ་བྱས་ཏེ། རུས་བུ་དེའི་ནང་དུ་བཅུགས་ཏེ་སྦས་པའི་སྟེང་དུ་མཆོད་རྟེན་བྱས་སོ། །ལྷ་ཡང་ཕྱིར་གནས་སུ་སོང་ངོ་། །རྒྱལ་པོ་དང་འཁོར་མང་པོ་རྣམས་ཀྱང་ཕྱིར་ཕོ་བྲང་དུ་སོང་ངོ་།

།བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་ཀུན་དགའ་བོ་ལ་བཀའ་སྩལ་པ། ཁྱོད་ཀྱི་ཡིད་ལ་ཅི་སྙམ་དུ་སེམས། དེའི་ཚེ་དེའི་དུས་ན་རྒྱལ་པོ་ཤིང་རྟ་ཆེན་པོ་དེ་སུ་ཡིན་སྙམ་དུ་སེམས། དེ་ནི་ད་ལྟར་ངའི་ཡབ་རྒྱལ་པོ་ཟས་གཙང་མ་ཡིན་ནོ། །དེའི་ཚེ་དེའི་དུས་ན་རྒྱལ་པོ་དེའི་བཙུན་མོ་དེ་ནི་ད་ལྟར་ངའི་ཡུམ་སྒྱུ་མ་ལྷ་མཛེས་ཡིན་ནོ། །དེའི་དུས་ན་སྲས་རབ་སྒྲ་ཆེན་པོ་དེ་ནི་བྱམས་པ་ཡིན་

ནོ། །སྲས་འབྲིང་པོ་ལྷ་ཆེན་པོ་ནི་བ་སུ་མི་ཏྲ་ཡིན་ནོ། །དེའི་ཚེ་དེའི་དུས་ན་རྒྱལ་བུ་ཐ་ཆུངས་སེམས་ཅན་ཆེན་པོ་ནི་དེ་གཞན་དུ་མ་སེམས་ཤིག །ད་ལྟར་ང་ཡོན་ནོ། །དེའི་ཚེ་དེའི་དུས་ན་སྟག་ཕྲུག་ནི་མི་འདི་གཉིས་ཡིན་ཏེ། ངས་སྔོན་ཡང་ཡུན་རིང་པོ་ནས་བགེགས་ལས་ཐར་བར་བྱས་ཏེ་སྲོག་བསྐྱབས་ནས་བདེ་བར་བྱས་སོ། །ད་མངོན་པར་སངས་རྒྱས་ནས་ཀྱང་བགེགས་ལས་ཐར་བར་མཛད་ནས། འཁོར་བའི་སྡུག་བསྔལ་ཆེན་པོ་ལས་ཡོངས་སུ་གྲོལ་ལོ། །དེའི་ཚེ་ན་ཀུན་དགའ་བོ་དང་། འཁོར་མང་པོ་ཐམས་ཅད་བཅོམ་ལྡན་འདས་ཀྱིས་གསུངས་པ་ལ་ཡི་རངས་ཏེ་མངོན་པར་བསྟོད་དོ། །སེམས་ཅན་ཆེན་པོས་སྟག་མོ་ལ་ལུས་བྱིན་པའི་ལེའུ་སྟེ་གཉིས་པའོ།།

SŪTRA DO SÁBIO E DO TOLO

"Qualquer fenômeno que surja, por fim, vem a perecer.
Se algo nasce, inevitavelmente perece."

(*jātaka*)

Assim eu escutei uma vez: o Venerável se encontrava em Śrāvastī, no bosque do príncipe Jeta, no parque de Anāthapiṇḍada. Então, tendo chegado a hora do Venerável mendigar, ele vestiu a peça interna do manto e o hábito religioso, tomou a tigela de mendicante e foi mendigar junto com Ānanda[1].

Naquela época, naquela cidade, havia uma mulher idosa, que tinha dois filhos. Eles estavam sempre roubando, e certo dia, um homem rico os apanhou e os levou perante um juiz. Eles estavam prestes a ser mortos, como mandava a lei, e desse modo, o carrasco foi chamado e eles foram levados até o lugar onde seriam executados. A velha mãe e seus dois filhos viram o Venerável vindo de longe e, curvando-se na direção que vinha o Buda, a mãe disse:

– Ó senhor entre as deidades! Eu peço que, pensando neles amorosamente, salveis os meus filhos, que estão prestes a ser mortos!

O Venerável a escutou e pensou amorosamente neles, com a grande compaixão de um Tathāgata[2]. A fim de salvar-lhes a vida, o Venerável falou a Ānanda e mandou-o fazer um pedido ao rei. O rei, por sua vez, de acordo com a instrução do Venerável, os liberou. Eles ficaram extremamente felizes, pensando na bondade do Venerável, e foram ao seu paradeiro. E tendo lá chegado, adoraram seus pés com a cabeça, e juntando as mãos em gesto de

[1] Um dos principais discípulos de Buda. (n.t.)
[2] Tathāgata (sânscrito) é aquele que vai, ou que chegou, da mesma maneira (que outros budas, até a verdade absoluta). Epíteto para um buda. (n.t.)

reverência, falaram assim ao Venerável:

– Devido à grande bondade do Venerável, sobrou-nos ainda algum tempo restante de vida. Ó senhor entre as deidades! Pensando amorosamente em nós, permitis que entremos na comunidade monástica, tendo o Dharma[3] como finalidade?

O Venerável respondeu:

– Bem vindos! – e assim, seus cabelos e barba caíram por si só e suas vestes tornaram-se vermelho amarelado. Sua fé se tornou muito firme e visto que o Venerável lhes ensinou o Dharma apropriado, as falhas e impurezas desapareceram, tornando-se Arhats[4]. Também a mãe deles se tornou uma Anāgāmin[5].

Naquele momento, tendo visto tais coisas bastante admiráveis, Ānanda elogiou: – o Tathāgata tem tantas qualidades! – disse, e a seguir, pensou: – o que estes três, mãe e filhos, fizeram de bom, no passado, para que tivessem, agora, se encontrado com o Venerável, se liberado de grandes faltas, e atingido a felicidade do nirvana? Que bom é alcançar um objetivo útil e deleitável!

Consciente disso, o Venerável falou a Ānanda:

– Eu não só amparei os três, mãe e filhos, agora somente, mas também antes, num tempo passado, devido à minha bondade, eu os amparei.

Ānanda disse:

– Ó Venerável! Peço-vos que expliqueis como salvastes outrora, em tempos passados, esta mãe e seus dois filhos.

O Venerável falou para Ānanda:

– Outrora, em tempos passados, incontáveis eras atrás, neste continente chamado Jambudvīpa[6], havia um rei de nome Mahāratha, aquele que guia uma grande carruagem. Esse rei reinava sobre cinco mil reinos menores. O rei tinha três filhos: o primeiro se chamava Mahāpraṇāda, aquele de voz sonora. O do meio, Mahādeva, o grande deus. O mais novo, Mahāsattva, o grande ser. O filho mais novo era dotado de amor e compaixão desde pe-queno. Ele era para todos como um filho único.

Naquele tempo, o rei, acompanhado dos ministros, da rainha e dos filhos,

[3] Dharma (sânscrito) refere-se, neste caso, aos ensinamentos do Buda. (n.t.)
[4] Arhat (sânscrito): aquela ou aquele que alcançou o nível mais alto, o quarto, do caminho da liberação, de acordo com o budismo hīnayāna. (n.t.)
[5] Anāgāmin (sânscrito): aquela ou aquele que não volta mais, aquele/aquela que alcançou o terceiro nível do caminho da liberação, de acordo com o budismo hīnayāna. (n.t.)
[6] É um dos continentes da cosmologia indiana, corresponde ao planeta Terra. (n.t.)

foi passear. Eles caminhavam do lado de fora do palácio e, enquanto descansavam um pouco, os três filhos foram bosque adentro. Então, eles viram uma tigresa. Muitos dias haviam se passado desde o nascimento dos filhotes e ela estava aflita pela fome e sede, prestes a devorá-los. Naquele momento, o príncipe mais novo falou para os dois irmãos mais velhos:

– Essa tigresa está muito atormentada pelo sofrimento, e assim, prestes a morrer devido à fraqueza e ao cansaço, quer até mesmo devorar seus filhotes recém-nascidos.

Os dois irmãos mais velhos disseram:

– O que tu disseste é verdadeiro.

O irmão mais novo falou de novo aos dois irmãos mais velhos. Ele perguntou:

– O que esta tigresa come como alimento? – e depois os dois irmãos mais velhos disseram: – ela se satisfaz com carne fresca e sangue quente, de seres recém-mortos.

O irmão mais novo disse a seguir:

– Há alguém que possa salvar a vida dela com tal coisa, sem sair prejudicado?

Os dois irmãos mais velhos disseram:

– Não há ninguém assim pois é muito difícil fazê-lo.

Então, o príncipe mais novo pensou consigo:

– Desde muito tempo eu vagueio na existência cíclica e desperdicei incontáveis vidas e corpos. O que vale este corpo, que nunca, pelo Dharma, se encontrou com um campo de mérito, embora eu tenha abandonado meus corpos algumas vezes devido ao apego, algumas vezes devido à aversão, algumas vezes devido à confusão?

Os três andaram juntos e, sem que houvessem ido longe, Mahāsattva disse aos dois irmãos mais velhos:

– Irmãos! Ide na frente, que eu vou tratar de uma coisa e vou depois.

Trilhando o mesmo caminho, andou rapidamente em direção ao lugar de morada da tigresa, deitando-se próximo a ela. A tigresa, com a boca fechada, não pôde comer. Portanto, o príncipe fez sair sangue do corpo com um pedaço cortante de madeira, levou a tigresa a lamber seu sangue, e ela, abrindo a boca, comeu sua carne sem deixar restos.

Os dois irmãos mais velhos olharam ao redor e como ele, depois de um bom tempo, ainda não havia voltado, voltaram para procurá-lo, seguindo suas

pegadas. Refletiram no modo como o irmão tinha falado antes e pensaram:

– A tigresa faminta certamente o matou.

Eles foram até lá e quando olharam, viram que a tigresa havia comido o irmão mais novo, o caçula, e que ela tinha ficado muito suja, se lambuzando por inteira com carne e sangue. Eles jogaram seus corpos ao solo e desmaiaram. Um longo tempo se passou e, voltando a si, soltaram um grito de dor, rolaram pelo chão e ficaram novamente inconscientes.

Naquele momento, a rainha, a mãe, dormia e sonhava que três pombos voavam por todo lugar e brincavam, até que um falcão levou o menor deles. Logo após o sonho, ela despertou e, tendo muito medo, contou ao rei:

– Eu escutei num conto que os pombos são um símbolo dos filhos. O menor deles ser levado por um falcão será certamente um sinal adverso relativo ao meu filho amado.

Logo depois, mandou-se procurar por eles, em todos os lugares, e depois de pouco tempo, os dois príncipes vieram. Ela perguntou:

– Meu filho amado não se machucou? Onde ele está?

Os dois irmãos mais velhos ficaram com a voz presa, além de ficar um bom tempo sem poder respirar e falar. Depois disso, eles respiraram e disseram:

– O tigre o comeu.

Assim que escutou estas palavras, a rainha desmaiou e caiu no chão. Depois que um tempo havia passado, ela voltou a respirar, e junto com os dois filhos e o séquito, foi rapidamente até o lugar de passamento do príncipe. Embora neste momento a tigresa tivesse comido a carne do príncipe por completo, eles viram como o chão estava muito sujo, somente com ossos e sangue. A rainha pegou o corpo pela cabeça, o rei pegou-o pela mão. Eles deram um grito de dor, choraram e lá também desmaiaram. Depois de um tempo, recobraram a consciência.

O príncipe Mahāsattva havia, tendo lá morrido, renascido no reino Tuṣita[7]. Ele pensou:

– Por que, e devido a qual ação, eu renasci aqui?

Depois de olhar em todo lugar dos cinco reinos[8] com seu olho divino, ele viu que seus pais rodeavam os ossinhos do seu corpo, no bosque, e que, comovidos, afligiam-se com as dores do sofrimento, dando gritos de dor.

[7] Uma das seis esferas onde vivem os deuses do reino do desejo. (n.t.)
[8] Reinos dos infernos, dos fantasmas famintos, dos animais, dos deuses e dos humanos. (n.t.)

Então, a deidade pensou:

– Talvez surjam obstáculos para o corpo e a vida de meus pais, devido a circunstâncias desagradáveis como essa. Por isso, eu vou animá-los e dar-lhes um conselho.

Desse modo, ele desceu do céu e, do alto, animou seus pais com diversas palavras agradáveis.

Os pais olharam para o céu, e falaram:

– Ó deidade! Diga-nos quem tu és!

E a deidade falou:

– Eu sou o príncipe chamado Mahāsattva. Dado que eu alimentei uma tigresa faminta com o meu corpo, renasci no reino Tuṣita. Ó grande rei! Tome conhecimento disto: qualquer fenômeno que surja, por fim, vem a perecer. Se algo nasce, inevitavelmente perece. Se fazem ações negativas, os seres renascem nos infernos; se fazem ações virtuosas, renascem nos reinos superiores. Se o surgir e extinguir-se cabem a tudo, por que vocês, por causa de um mero deleite, não querem sentir a queda no oceano de sofrimento? Esforcem-se para praticar o Dharma virtuoso!

Então, os pais dele disseram:

– É apropriado agir assim, se tu, agindo com grande compaixão, alimentaste a tigresa e és compassivo com todos, se nos deixaste e, por causa da tua morte, hoje, pensando em ti, estamos aflitos pelo sofrimento, como se até mesmo nossa carne tivesse sido cortada em pedaços?

Então, a deidade os consolou novamente, com a ajuda de diversas palavras agradáveis, e visto que ele se alegrou, os pais dele também sentiram um pouco de alegria. Mais tarde, eles fizeram um recipiente com sete tipos de pedras preciosas, colocaram os ossinhos dentro dele e construíram uma estupa em cima do que tinha sido oculto. A deidade voltou para o seu reino e o rei e seu numeroso séquito também voltaram ao palácio.

O Venerável falou para Ānanda:

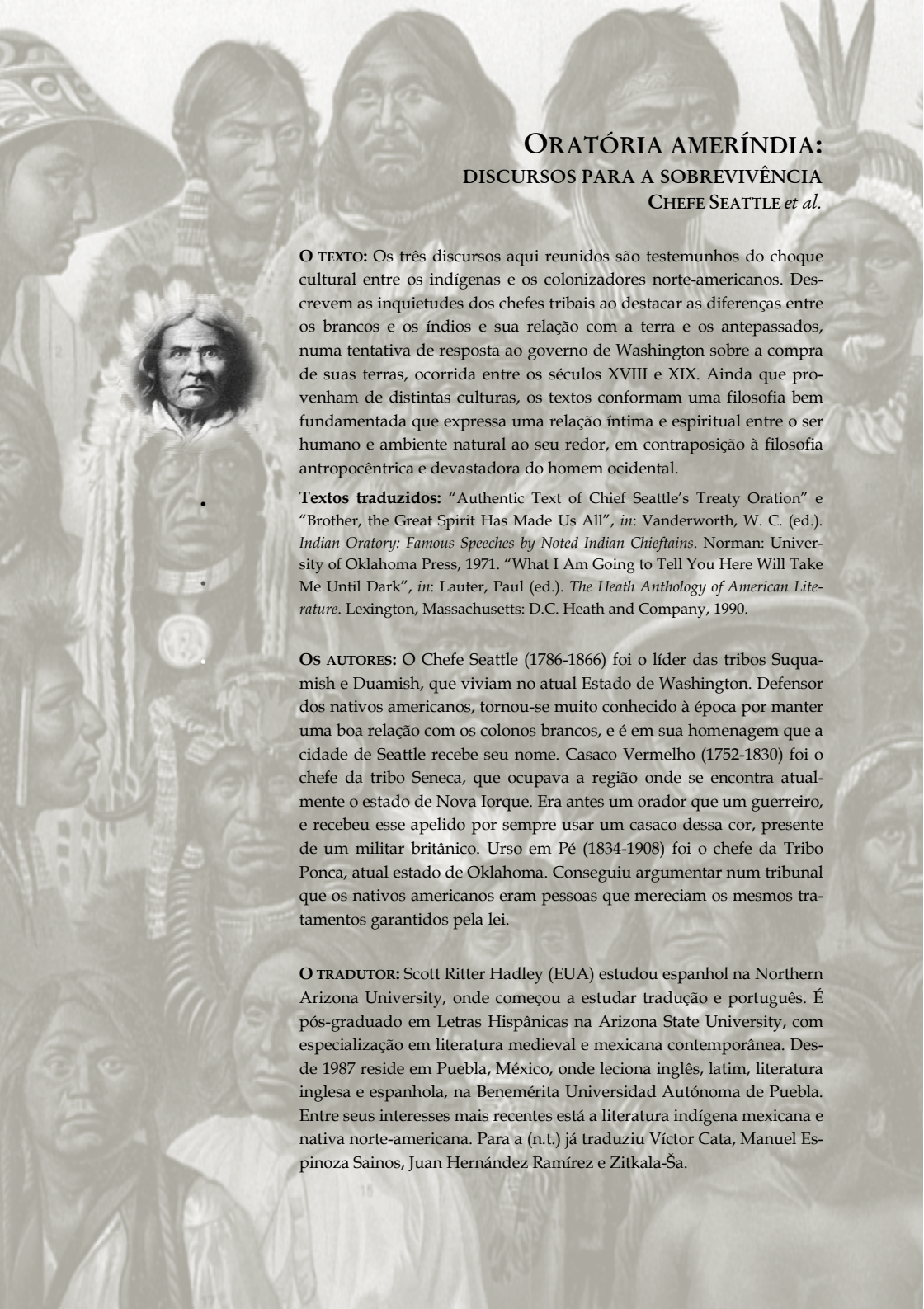
– O que pensas contigo em teu coração? Naquele tempo, naquela época, quem era o rei Mahāratha? Ele é agora meu pai, o rei Śuddhodana. Naquele tempo, naquela época, a esposa do rei, agora, é minha mãe, a rainha Māyā. Naquele tempo, o primeiro filho, Mahāpraṇāda, é Maitreya[9]. O filho do meio, Mahādeva, é Vasumitra[10]. Não pense no príncipe mais novo, Mahā-

[9] Maitreya é o Buda que está por vir. (n.t.)
[10] Nome de um professor. (n.t.)

sattva, naquele tempo, naquela época, como um outro: agora, ele é eu. Naquele tempo, naquela época, os filhotes de tigre são estes dois homens. Também anteriormente, muito tempo atrás, eu fiz com que eles fossem liberados de obstáculos e, salvando a vida deles, deixei-os felizes. Agora, também depois de atingir a iluminação completa, liberei-os de obstáculos e libertei-os completamente do grande sofrimento da existência cíclica.

Então, Ānanda e todo o numeroso séquito do Buda se regozijaram com o que foi dito pelo Venerável e o louvaram.

Segundo Capítulo: a oferta do corpo feita por Mahāsattva à tigresa



ORATÓRIA AMERÍNDIA:
DISCURSOS PARA A SOBREVIVÊNCIA
CHEFE SEATTLE *et al.*

O TEXTO: Os três discursos aqui reunidos são testemunhos do choque cultural entre os indígenas e os colonizadores norte-americanos. Descrevem as inquietudes dos chefes tribais ao destacar as diferenças entre os brancos e os índios e sua relação com a terra e os antepassados, numa tentativa de resposta ao governo de Washington sobre a compra de suas terras, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX. Ainda que provenham de distintas culturas, os textos conformam uma filosofia bem fundamentada que expressa uma relação íntima e espiritual entre o ser humano e ambiente natural ao seu redor, em contraposição à filosofia antropocêntrica e devastadora do homem ocidental.

Textos traduzidos: "Authentic Text of Chief Seattle's Treaty Oration" e "Brother, the Great Spirit Has Made Us All", *in*: Vanderworth, W. C. (ed.). *Indian Oratory: Famous Speeches by Noted Indian Chieftains*. Norman: University of Oklahoma Press, 1971. "What I Am Going to Tell You Here Will Take Me Until Dark", *in*: Lauter, Paul (ed.). *The Heath Anthology of American Literature*. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company, 1990.

OS AUTORES: O Chefe Seattle (1786-1866) foi o líder das tribos Suquamish e Duamish, que viviam no atual Estado de Washington. Defensor dos nativos americanos, tornou-se muito conhecido à época por manter uma boa relação com os colonos brancos, e é em sua homenagem que a cidade de Seattle recebe seu nome. Casaco Vermelho (1752-1830) foi o chefe da tribo Seneca, que ocupava a região onde se encontra atualmente o estado de Nova Iorque. Era antes um orador que um guerreiro, e recebeu esse apelido por sempre usar um casaco dessa cor, presente de um militar britânico. Urso em Pé (1834-1908) foi o chefe da Tribo Ponca, atual estado de Oklahoma. Conseguiu argumentar num tribunal que os nativos americanos eram pessoas que mereciam os mesmos tratamentos garantidos pela lei.

O TRADUTOR: Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. É pós-graduado em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México, onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana e nativa norte-americana. Para a (n.t.) já traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez e Zitkala-Ša.

AMERINDIAN ORATORY:
SPEECHES FOR SURVIVAL

"There was a time when our people covered the land
as the waves of a wind-ruffled sea."

CHIEF SEATTLE *et al.*

Authentic Text of Chief Seattle's Treaty Oration
Chief Seattle
(1854)

Yonder sky that has wept tears of compassion upon my people for centuries untold, and which to us appears changeless and eternal, may change. Today is fair. Tomorrow it may be overcast with clouds. My words are like the stars that never change. Whatever Seattle says, the great chief at Washington can rely upon with as much certainty as he can upon the return of the sun or the seasons. The white chief says that Big Chief at Washington sends us greetings of friendship and goodwill. This is kind of him for we know he has little need of our friendship in return. His people are many. They are like the grass that covers vast prairies. My people are few. They resemble the scattering trees of a storm-swept plain. The great, and I presume – good White Chief sends us word that he wishes to buy our lands but is willing to allow us enough to live comfortably. This indeed appears just, even generous, for the Red Man no longer has rights that he need respect, and the offer may be wise also, as we are no longer in need of an extensive country.

There was a time when our people covered the land as the waves of a wind-ruffled sea cover its shell-paved floor, but that time long since passed

away with the greatness of tribes that are now but a mournful memory. I will not dwell on, nor mourn over, our untimely decay, nor reproach my paleface brothers with hastening it as we too may have been somewhat to blame.

Youth is impulsive. When our young men grow angry at some real or imaginary wrong, and disfigure their faces with black paint, it denotes that their hearts are black, and that they are often cruel and relentless, and our old men and old women are unable to restrain them. Thus it has ever been. Thus it was when the white man began to push our forefathers westward. But let us hope that the hostilities between us may never return. We would have everything to lose and nothing to gain. Revenge by young men is considered gain, even at the cost of their own lives, but old men who stay at home in times of war, and mothers who have sons to lose, know better.

Our good father in Washington – for I presume he is now our father as well as yours, since King George has moved his boundaries further north – our great and good father, I say, sends us word that if we do as he desires he will protect us. His brave warriors will be to us a bristling wall of strength, and his wonderful ships of war will fill our harbors so that our ancient enemies far to the northward – the Hydas [sic] and Tsimpsians – will cease to frighten our women, children and old men. Then in reality will he be our father and we his children. But can that ever be? Your God is not our God! Your God loves your people and hates mine. He folds his strong protecting arms lovingly about the paleface and leads him by the hand as a father leads an infant son – but, He has forsaken His Red children – if they really are His. Our God, the Great Spirit, seems also to have forsaken us. Your God makes your people wax stronger every day. Soon they will fill all the land. Our people are ebbing away like a rapidly receding tide that will never return. The white man's God cannot love our people or He would protect them. They seem to be orphans who can look nowhere for help. How then can we be brothers? How can your God become our God and renew our prosperity and awaken in us dreams of returning greatness? If we have a common heavenly father He must be partial – for He came to His paleface children. We never saw Him. He gave you laws but had no word for His red children whose teeming multitudes once filled this vast continent as stars fill the firmament. No; we are two distinct races with separate origins and separate destinies. There is little in common between us.

To us the ashes of our ancestors are sacred and their resting place is hallowed ground. You wander far from the graves of your ancestors and seemingly without regret. Your religion was written upon tables of stone by the iron finger of your God so that you could not forget. The Red Man

could never comprehend or remember it. Our religion is the traditions of our ancestors — the dreams of our old men, given them in solemn hours of the night by the Great Spirit; and the visions of our sachems, and is written in the hearts of our people.

Your dead cease to love you and the land of their nativity as soon as they pass the portals of the tomb and wander away beyond the stars. They are soon forgotten and never return. Our dead never forget the beautiful world that gave them being. They still love its verdant valleys, its murmuring rivers, its magnificent mountains, sequestered vales and verdant lined lakes and bays, and ever yearn in tender, fond affection over the lonely hearted living, and often return from the Happy Hunting Ground to visit, guide, console and comfort them.

Day and night cannot dwell together. The Red Man has ever fled the approach of the White Man, as the morning mist flees before the morning sun.

However, your proposition seems fair and I think that my people will accept it and will retire to the reservation you offer them. Then we will dwell in peace, for the words of the Great White Chief seem to be the words of nature speaking to my people out of dense darkness.

It matters little where we pass the remnant of our days. They will not be many. The Indian's night promises to be dark. Not a single star of hope hovers above his horizon. Sad-voiced winds moan in the distance. Grim fate seems to be on the Red Man's trail, and wherever he goes he will hear the approaching footsteps of his fell destroyer and prepare stolidly to meet his doom, as does the wounded doe that hears the approaching footsteps of the hunter.

A few more moons. A few more winters — and not one of the descendants of the mighty hosts that once moved over this broad land or lived in happy homes, protected by the Great Spirit, will remain to mourn over the graves of a people — once more powerful and hopeful than yours. But why should I mourn at the untimely fate of my people? Tribe follows tribe, and nation follows nation, like the waves of the sea. It is the order of nature, and regret is useless. Your time of decay may be distant, but it will surely come, for even the White Man whose God walked and talked with him as friend with friend, cannot be exempt from the common destiny. We may be brothers after all. We will see.

We will ponder your proposition and when we decide we will let you know. But should we accept it, I here and now make this condition that we

will not be denied the privilege without molestation of visiting at any time the tombs of our ancestors, friends and children. Every part of this soil is sacred in the estimation of my people. Every hillside, every valley, every plain and grove, has been hallowed by some sad or happy event in days long vanished. Even the rocks, which seem to be dumb and dead as they swelter in the sun along the silent shore, thrill with memories of stirring events connected with the lives of my people, and the very dust upon which you now stand responds more lovingly to their footsteps than yours, because it is rich with the blood of our ancestors, and our bare feet are conscious of the sympathetic touch. Our departed braves, fond mothers, glad, happy hearted maidens, and even the little children who lived here and rejoiced here for a brief season, will love these somber solitudes and at eventide they greet shadowy returning spirits. And when the last Red Man shall have perished, and the memory of my tribe shall have become a myth among the White Men, these shores will swarm with the invisible dead of my tribe, and when your children's children think themselves alone in the field, the store, the shop, upon the highway, or in the silence of the pathless woods, they will not be alone. In all the earth there is no place dedicated to solitude. At night when the streets of your cities and villages are silent and you think them deserted, they will throng with the returning hosts that once filled them and still love this beautiful land. The White Man will never be alone.

Let him be just and deal kindly with my people, for the dead are not powerless. Dead, did I say? There is no death, only a change of worlds.

"Brother, the Great Spirit Has Made Us All"
Red Jacket
(1792)

Friend and Brother! It was the will of the Great Spirit that we should meet together this day. He orders all things, and he has given us a fine day for our council. He has taken his garment from before the sun and has caused the bright orb to shine with brightness upon us. Our eyes are opened so that we see clearly. Our ears are unstopped so that we have been able to hear distinctly the words which you have spoken. For all these favors we thank the Great Spirit; and him only.

Brother! This council fire was kindled by you. It was at your request that we came together at this time. We have listened with attention to what you have said. You have requested us to speak our minds freely. This gives us great joy, for we now consider that we stand upright before you, and can speak what we think. All have heard your voice, and all speak to you now as one man. Our minds are agreed.

Brother! You say you want an answer to your talk before you leave this place. It is right you should have one, as you are a great distance from home, and we do not wish to detain you. But we will first look back a little, and tell you what our fathers have told us, and what we have heard from the white people.

Brother! Listen to what we say. There was a time when our forefathers owned this great island (meaning the continent of North America – a common belief among the Indians). Their seats extended from the rising to the setting of the sun. The Great Spirit had made it for the use of the Indians. He had created the buffalo, the deer, and other animals for food. He made the bear and the deer [sic], and their skins served us for clothing. He had scattered them over the country, and had taught us how to take them. He had caused the earth to produce corn for bread. All this he had done for his red children, because he loved them. If we had any disputes about hunting grounds, they were generally settled without the shedding of much blood. But an evil day came upon us. Your forefathers crossed the great waters and landed on this island. Their numbers were small. They found friends and not enemies. They told us they had fled from their own country for fear of wicked men, and had come here to enjoy their religion. They asked for a small seat. We took pity on them, granted their request and they

sat down amongst us. We gave them corn and meat. They gave us poison (spiritous liquor) in return. The white people had now found our country. Tidings were carried back, and more came amongst us. Yet we did not fear them. We took them to be friends. They called us brothers. We believed them and gave them a large seat. At length their numbers had greatly increased. They wanted more land. They wanted our country. Our eyes were opened, and our minds became uneasy. Wars took place. Indians were hired to fight against Indians, and many of our people were destroyed. They also brought strong liquors among us. It was strong and powerful and has slain thousands.

Brother! Our seats were once large, and yours very small. You have now become a great people, and we have scarcely a place left to spread our blankets. You have got our country, but you are not satisfied. You want to force your religion upon us.

Brother! Continue to listen. You say that you are sent to instruct us how to worship the Great Spirit agreeably to his mind; and if we do not take hold of the religion which you white people teach, we shall be unhappy hereafter. You say that you are right, and we are lost. How do you know this to be true? We understand that your religion is written in a book. If it was intended for us as well as for you, why has not the Great Spirit given it to us; and not only to us, but why did he not give to our forefathers the knowledge of that book, with the means of understanding it rightly? We only know what you tell us about it. How shall we know when to believe, being so often deceived by the white people?

Brother! You say there is but one way to worship and serve the Great Spirit. If there is but one religion, why do you white people differ so much about it? Why not all agree, as you can all read the book?

Brother! We do not understand these things. We are told that your religion was given to your forefathers and has been handed down, father to son. We also have a religion which was given to our forefathers, and has been handed down to us, their children. We worship that way. It teaches us to be thankful for all the favors we receive, to love each other, and to be united. We never quarrel about religion.

Brother! the Great Spirit has made us all. But he has made a great difference between his white and red children. He has given us a different complexion and different customs. To you he has given the arts; to these he has not opened our eyes. We know these things to be true. Since he has made so great a difference between us in other things, why may we not

conclude that he has given us a different religion, according to our understanding? The Great Spirit does right. He knows what is best for his children. We are satisfied.

Brother! We do not wish to destroy your religion, or to take it from you. We only want to enjoy our own.

Brother! You say you have not come to get our land or our money, but to enlighten our minds. I will now tell you that I have been at your meetings and saw you collecting money from the meeting. I cannot tell what this money was intended for, but suppose it was for your minister; and if we should conform to your way of thinking, perhaps you may want some from us.

Brother! We are told that you have been preaching to the white people in this place. These people are our neighbors. We are acquainted with them. We will wait a little while, and see what effect your preaching has upon them. If we find it does them good and makes them honest and less disposed to cheat Indians, we will then consider again what you have said.

Brother! You have now heard our answer to your talk, and this is all we have to say at present. As we are going to part, we will come and take you by the hand, and hope the Great Spirit will protect you on your journey, and return you safe to your friends.

"What I Am Going to Tell You Here Will Take Me Until Dark"
Standing Bear
(1881)

I do not think we have made this day, but I think that God has caused it, and my heart is glad to see you all here. Why should I tell you a different word? I have told to God my troubles, and why should I deceive Him? I have told my troubles to Him. Whatever God does is good, I think; even if a thing happens which may not suit us or which may be unfortunate, still God causes it, I think. If a man gets by accident or puts himself into a bad place, or gets frightened, he remembers God and asks Him to help him. You have seen that land, my friends. God made us there, my friends, and He made you, too, but I have been very weak. You have driven me from the East to this place, and I have been here two thousand years or more.

I don't know how it came about that I encountered misfortunes. My friends, they spoke of carrying me away. I was unwilling. My friends, if you took me away from this land it would be very hard for me. I wish to die in this land. I wish to be an old man here. As I was unwilling, the fastened me and made a prisoner of me and carried me to the fort. When I came back, the soldiers came with their guns and bayonets; they aimed their guns at us, and our people and our children were crying. This was a very different thing that was done to me; I had hoped the Great Father had not done this thing to me – forcing me to leave this land. They took me and carried me without stopping; they traveled all day until night came, and they carried me down to Baxter Springs –.

I reached that place, and that while I was there fully 150 of my people died. The land was truly bad, and so I came back again. One of the employees of the President – a commissioner – came to see me, and I said to him: "I am going back to my own land. I have never given it to you – I have never sold it to you. You have not paid for it. I am going back to my own land. The lawyers, ministers, and those who are with them – those who control the land, and God Himself, if He desire it – all will help me." I came back, and there was some talk about this affair; they took pity on me, just as you here take pity on me, and there was a suit brought about it in the courts, and the affair was settled, and I came back successful. Some of my people have gone to my Great Father in Washington. Are they there now? –

– My friends, I haven't got much brain, but you whites have a great deal of brain. The Indians do not know much, but the Great Father has caused you to come to look into our affairs. I refer to this land, not knowing about it. The Indians are ignorant about it. When they went from Indian Territory to sell their lands they didn't know all about it, and the Great Father should have told them correctly. Which of the Great Fathers was it? He should have released me – let me alone. Was it the Secretary of the Interior? What I am going to tell you here will take me until dark. Since I got from the Territory up to this time I have not wished to give even a part of it to the Great Father. Though he were to give me a million dollars I would not give him the land. Even if the Great Father should wish to buy a part of the land from me the Indians up the river would hear of it and would be unwilling. My friends, I have been in your lands – to Omaha, Chicago, New York, Boston, Philadelphia, Washington, all these cities, and I've been to the Dakotas, and they've given me my land back. –

– I wish to take back my own people from the Indian Territory. I wish them to live. I hadn't heard what you've done with regard to them. If the Secretary is sick or foolish, I hope you'll act as physicians and heal him – I mean the one who speaks German. If one man cheats another, tries to make sport of him, or to kill him, and the other party finds out his danger, he don't [sic] have anything more to do with him – he lets him go to one side. I refer to the land. When they went to the Great Father to sell the land, which land did they mean? They live in Indian Territory. Did they want to sell that land or to sell this where I live, and which is mine? One thing I forgot. The land in which you dwell, my friends, is your own. Who would come from another quarter to take it away from you? Your land is your own, and so are your things, and you wouldn't like anybody to come and try to take them away from you. If men want to trade, they say, How [sic] much do you want for that piece of property? What price do you put upon it? But nothing of that kind was said; they came and took me away without saying a word.

ORATÓRIA AMERÍNDIA:
DISCURSOS PARA A SOBREVIVÊNCIA

"Houve um tempo em que o nosso povo cobria a terra,
como as ondas dum mar agitado pelo vento."

CHEFE SEATTLE *et al.*

O texto autêntico da oração do tratado do Chefe Seattle
Chefe Seattle
(1854)

O céu tem chorado lágrimas de compaixão por meu povo durante incontáveis séculos, e o que para nós parece imutável e eterno, pode mudar. Hoje está tranquilo. Amanhã pode haver nuvens. Minhas palavras são como as estrelas que nunca mudam. O que disser Seattle, o grande chefe em Washington pode confiar com a mesma certeza que o retorno do sol ou as estações do ano. O chefe branco diz que o Grande Chefe em Washington nos envia saudações de amizade e boa vontade. Isto é amável de sua parte porque ele não precisa muito de nossa amizade como recompensa. Seu povo é grande. É como a relva que cobre vastas pradarias. Meu povo é pequeno. É como as árvores dispersas numa planície varrida pela tempestade. O grande, e eu presumo bom, Chefe Branco, nos manda dizer que quer comprar nossas terras, mas está disposto a nos permitir o suficiente para viver de modo confortável. Isso parece realmente justo, e até mesmo generoso, já que o Homem Vermelho não tem mais direitos que precisam ser respeitados, e a oferta parece ser sábia também, pois não precisamos de um território mais amplo.

Houve um tempo em que o nosso povo cobria a terra, como as ondas dum mar agitado pelo vento cobrem o fundo pavimentado pelas conchas, mas esse tempo há muito passou, e a grandeza das tribos agora não passa de uma triste lembrança. Eu não vou insistir sobre isso, nem lamentar nossa decadência prematura, nem censurar meus irmãos caras-pálidas por apressá-la, já que também somos, em parte, culpados.

A juventude é impulsiva. Quando nossos jovens se zangam por alguma injustiça real ou imaginária, e desfiguram o rosto com tinta preta, isso significa que seus corações são negros, e por vezes, cruéis e implacáveis, e nossos anciãos e anciãs são incapazes de detê-los. Assim tem sido sempre. Assim foi quando o homem branco começou a empurrar nossos antepassados para o oeste. Mas esperemos que as hostilidades entre nós jamais regressem. Teríamos tudo a perder e nada a ganhar. A vingança dos jovens é considerada uma vantagem, mesmo à custa de suas próprias vidas, mas os anciãos que ficam em casa em tempos de guerra, e as mães que têm filhos a perder, sabem melhor.

Nosso bom pai em Washington – porque eu presumo que ele agora é nosso pai, bem como o seu, desde que o rei George mudou suas fronteiras mais ao norte – o nosso grande e bom pai, eu digo, nos manda dizer que se fizermos o que ele deseja, ele nos protegerá. Seus bravos guerreiros serão para nós um eriçado muro de fortaleza, e seus maravilhosos navios de guerra encherão nossos portos para que nossos antigos inimigos ao norte – os Haida e os Tsimshian – deixem de assustar nossas mulheres, crianças e anciãos. Então, na realidade, ele será nosso pai e nós seus filhos. Mas, isso pode ocorrer? O seu Deus não é o nosso Deus! O seu Deus ama o seu povo e odeia o meu. Abraça fortemente e protege com amor os caras-pálidas, guiando-os pela mão como um pai que guia seu pequeno filho – mas Ele abandonou seus Filhos Vermelhos – se realmente lhe pertencem. O nosso Deus, o Grande Espírito, também parece ter nos abandonado. O seu Deus fortalece seu povo a cada dia. Logo encherão toda a terra. O nosso povo está desaparecendo como a maré que se retira rapidamente para jamais voltar. O Deus do homem branco não pode amar o nosso povo; se fosse assim, nos protegeria. Parecem órfãos que não podem encontrar ajuda em lugar algum. Como, então, poderíamos ser irmãos? Como pode o seu Deus tornar-se o nosso Deus, renovar nossa prosperidade e despertar em nós sonhos de uma grandeza restituída? Se temos o mesmo Pai Celestial, Ele deve ser parcial – pois Ele veio para seus filhos cara-pálida. Nunca o vimos. Ele lhes deu leis, mas não tinha nenhuma palavra aos seus filhos vermelhos cujas multidões enchiam este vasto continente como as estrelas enchem o firmamento. Não,

somos duas raças distintas, com origens distintas e destinos diferentes. Há pouco em comum entre nós.

Para nós, as cinzas de nossos ancestrais são sagradas e seu lugar de descanso é solo sagrado. Vocês vagam longe das tumbas de seus ancestrais e, aparentemente, sem qualquer pesar. Sua religião foi escrita em tábuas de pedra pelo dedo de ferro de seu Deus, para que não esquecessem. O Homem Vermelho nunca poderia compreender ou lembrá-lo. Nossa religião são as tradições de nossos ancestrais – os sonhos de nossos anciãos, recebidos nas horas solenes da noite pelo Grande Espírito, e as visões de nossos *sachems*[1], e está escrita nos corações de nosso povo.

Seus mortos deixam de amá-los e, logo, sua terra natal, assim que passam pelos portais da tumba e se afastam além das estrelas. Logo se esquecem e jamais retornam. Nossos mortos nunca esquecem o belo mundo que o ser lhes deu. Eles ainda amam seus vales verdejantes, seus rios murmurantes, suas montanhas magníficas, seus vales afastados, os lagos e as baías guarnecidos de verde, e sempre sentem ternas saudades dos vivos de coração solitário, e muitas vezes voltam da Terra da Caçada Feliz para visitar, guiar, consolar e confortá-los.

O dia e a noite não podem viver juntos. O Homem Vermelho sempre fugiu da chegada do Homem Branco, como a névoa da manhã foge antes do sol matutino.

No entanto, a proposta de vocês parece justa e acho que meu povo a aceitará e se retirará à reserva que vocês lhe oferecem. Então, viveremos em paz, pois as palavras do Grande Chefe Branco parecem ser as palavras da natureza que fala com meu povo desde a densa escuridão.

Pouco importa onde passaremos o resto dos nossos dias. Não haverá muitos. A noite do Índio promete ser escura. Nenhuma estrela da esperança paira sobre seu horizonte. Ventos com voz triste lamentam desde longe. Um destino terrível parece estar no rastro do Homem Vermelho, e onde quer que vá, ele escutará os passos de seu destruidor a preparar impassivelmente seu destino, assim como a corça ferida que escuta os passos do caçador se aproximar.

Mais algumas luas. Mais alguns invernos – e nenhum descendente das poderosas hostes que percorriam estas vastas terras ou que viviam em lares felizes, protegido pelo Grande Espírito, permanecerá para chorar junto ao túmulo de todo um povo – uma vez mais poderoso e esperançoso que o seu.

[1] Segundo o *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary* (1990), o termo "sachem", que indica o chefe indígena da tribo, sobretudo norte-americano, provém da palavra *sachima*, da língua da tribo Narragansett. (n.t.)

Mas por que eu lamentaria o destino inesperado do meu povo? Uma tribo segue a outra e uma nação segue a outra como as ondas do mar. É a ordem da natureza, e é inútil arrepender-se. O momento de sua queda pode estar distante, mas certamente virá, e mesmo o Homem Branco, cujo Deus caminhava e falava com ele, como entre amigos, não poderá isentar-se desse destino comum. Pode ser que sejamos irmãos, afinal. Veremos.

Vamos refletir acerca de sua proposta e quando decidirmos algo, informaremos. E se aceitarmos, exijo, aqui e agora, a condição de que não nos será negado o privilégio de visitar, sem restrições, e em qualquer momento, as tumbas de nossos ancestrais, amigos e crianças. Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada colina, cada vale, cada planície e bosque foi consagrado por algum acontecimento triste ou feliz em dias já remotos. Até as pedras, que parecem mudas e mortas enquanto sufocam sob o sol ao longo da costa silenciosa, estremecem com as lembranças dos eventos excitantes relacionados com as vidas de meu povo, e o mesmo pó sobre o qual você está agora responde com mais amor aos passos deles que de vocês, porque está cheio do sangue de nossos ancestrais e nossos pés descalços são conscientes desse toque compassivo. Nossos guerreiros ausentes, nossas mães queridas, alegres, nossas donzelas de coração feliz, e até as crianças que viveram aqui e desfrutaram uma breve temporada, vão adorar estes retiros sombrios e ao anoitecer saudarão os espíritos obscuros que retornam. E quando o último Homem Vermelho desaparecer e a memória de minha tribo se converter num mito entre os Homens Brancos, estas costas abundarão com os mortos invisíveis de minha tribo, e quando os filhos de seus filhos acreditarem estar sozinhos no campo, na loja, na mercearia, na estrada, ou no silêncio dos bosques sem caminhos, não estarão a sós. Em toda a terra não há nenhum lugar dedicado à solidão. À noite, quando as ruas de suas cidades e aldeias estiverem silenciosas e vocês acharem que estão desertas, estarão cheias das hostes que retornam e que alguma vez as enchiam e ainda amam esta terra formosa. O Homem Branco nunca estará sozinho.

Que ele seja justo e trate amavelmente o meu povo, já que os mortos não são impotentes. Eu disse "mortos"? A morte não existe, apenas a mudança de mundos.

"Irmão, o Grande Espírito nos fez a todos"
Casaco Vermelho
(1792)

Amigo e irmão! Foi a vontade do Grande Espírito que nos reuníssemos neste dia. Ele ordena todas as coisas, e nos deu um belo dia para o nosso conselho. Ele tirou sua roupa diante do sol e fez com que a esfera brilhante resplandecesse com brilho sobre nós. Nossos olhos estão abertos para que possamos ver com mais clareza. Nossos ouvidos abrirão para que possamos ouvir claramente cada palavra que você falou. Por todos estes favores, agradecemos ao Grande Espírito; e só a ele.

Irmão! O fogo deste conselho se acendeu por sua causa. Foi a seu que nos reunimos neste momento. Ouvimos com atenção o que você disse. Você nos pediu para falar o que pensamos livremente. Isto nos alegra muito, pois sabemos que não temos que nos curvar ante você e que podemos dizer o que pensamos. Todos ouvimos a sua voz, e todos falam de você agora como um só homem. Nossas mentes estão de acordo.

Irmão! Você diz que quer uma resposta à sua conversa, antes de deixar este lugar. É justo que você tenha uma, já que está muito longe da casa, e não queremos detê-lo. Mas antes vamos olhar um pouco para trás, e dizer a você o que os nossos pais nos disseram e o que ouvimos dizer das pessoas brancas.

Irmão! Ouça o que dizemos. Houve um tempo em que nossos ancestrais possuíam esta grande ilha[2]. Suas terras se estendiam desde o sol nascente até o sol poente. O Grande Espírito a fez para o uso dos índios. Ele criou o búfalo, o veado e os outros animais para alimento. Criou o urso e o cervo, e suas peles nos serviram como roupa. Ele os espalhou por todo o país, e nos ensinou como domá-los. Ele fez a terra para produzir milho para pão. Tudo isso ele fez para seus filhos vermelhos, porque os amava. Se tivéssemos qualquer disputa nas terras utilizadas para caça, isso geralmente se resolvia sem muito derramamento de sangue. Mas um dia o mal veio sobre nós. Seus ancestrais cruzaram as grandes águas e desembarcaram nesta ilha. Não era um grupo numeroso. Encontraram amigos e não inimigos. Disseram-nos que haviam fugido de seu próprio país por temor de homens malévolos, e que vieram aqui para desfrutar de sua religião. Pediram uma terra pequena. Ficamos compadecidos deles, aceitamos seu pedido e estabeleceram-se entre

[2] Refere-se ao continente da América do Norte, uma crença comum entre os índios. (n.e.)

nós. Demos-lhes milho e carne. Eles, em troca, deram-nos veneno[3]. Os brancos já haviam encontrado nosso país. As notícias foram levadas de volta, e mais deles vieram. No entanto, não os temíamos. Consideramo-los amigos. Chamaram-nos irmãos. Acreditamos neles e lhes demos uma terra maior. Por fim, seu número aumentou bastante. Eles queriam mais terra. Queriam nosso país. Nossos olhos se abriram e nossas mentes tornaram-se inquietas. Houve guerras. Índios foram contratados para lutar contra índios, e muitos do nosso povo foram destruídos. Eles também trouxeram um forte licor. Era forte e poderoso, e matou milhares.

Irmão! Uma vez nossas terras eram vastas, e as suas pequenas. Agora, seu povo se tornou grande, e nós temos apenas um lugar para estender nossas mantas. Você tem o nosso país, mas não está satisfeito. Você quer nos impor sua religião.

Irmão! Continue escutando. Você diz que foi enviado para nos ensinar como adorar ao Grande Espírito, de modo que lhe agrade, mas que se não aceitarmos a religião que vocês brancos ensinam, seremos infelizes depois. Você diz que tem razão e que nós estamos perdidos. Como tem certeza disso? Entendemos que sua religião está escrita num livro. Mas se foi destinada para nós, assim como para vocês, porque o Grande Espírito não nos deu o livro, e não só para nós, mas também por que não deu a nossos ancestrais tal conhecimento, já que tinham a habilidade para compreendê-lo melhor? Só sabemos o que você nos diz acerca dele. Como vamos saber quando é preciso crer, se os brancos nos enganam seguidamente?

Irmão! Você diz que há só uma maneira de adorar e servir ao Grande Espírito. Se há apenas uma religião, por que os brancos discrepam tanto dele? Por que nem todos concordam, já que todos podem ler o livro?

Irmão! Não entendemos essas coisas. Você diz que sua religião foi dada a seus ancestrais e logo transmitida de pai para filho. Nós também temos uma religião que foi dada a nossos ancestrais, e que foi herdada por nós, seus filhos. Adoramos dessa maneira. Ensina-nos a agradecer todos os favores que recebemos, amar uns aos outros, e ser unidos. Nunca discutimos sobre religião.

Irmão! O Grande Espírito nos fez a todos. Mas estabeleceu uma grande diferença entre seus filhos brancos e vermelhos. Deu-nos uma aparência diferente e costumes distintos. A vocês, deu as artes, mas não abriu nossos olhos para vê-las. Sabemos que estas coisas são verdadeiras. Já que estabeleceu uma diferença tão grande entre nós, em outros aspectos, por que não

[3] Licor espirituoso. (n.e.)

podemos concluir que nos deu uma religião diferente, de acordo com o nosso entendimento? O Grande Espírito atua corretamente. Ele sabe o que é melhor para seus filhos. Estamos satisfeitos.

Irmão! Não queremos destruir a sua religião, ou tirá-la de você. Só queremos usufruir a nossa própria.

Irmão! Você diz que não veio por causa de nossa terra ou dinheiro, mas para iluminar nossas mentes. Mas preciso dizer que estive em suas reuniões e vi como você coletava o dinheiro da reunião. Não sei qual era o propósito desse dinheiro, mas suponho que era para o seu pregador, e se devemos ajustar-nos a seu modo de pensar, talvez você possa querer algo de nós.

Irmão! Disseram-nos que você está pregando aos brancos deste lugar. Essas pessoas são nossos vizinhos. Estamos familiarizados com eles. Vamos esperar um tempo e ver o efeito que sua pregação tem sobre eles. Se acharmos que lhes faz bem e que os torna honestos e menos dispostos a enganar os índios, então, vamos reconsiderar o que você nos disse.

Irmão! Agora você já sabe nossa resposta ao seu discurso, e isso é tudo o que temos a dizer neste momento. Como vamos partir, viemos e lhe tomamos pela mão, esperando que o Grande Espírito possa protegê-lo em sua jornada, retornando-o a salvo para seus amigos.

"O que vou lhes dizer aqui tardará até a noite"
Urso em Pé
(1881)

Creio que não fizemos o dia de hoje, mas creio que Deus o fez, e meu coração está feliz ao vê-los aqui. Por que deveria dizer outra palavra? Falei a Deus sobre meus problemas, e por que eu deveria enganá-Lo? Falei sobre meus problemas com ele. Tudo o que Deus faz é bom, eu acho, mesmo quando alguma coisa acontece que não nos agrada, ou mesmo um infortúnio, é Deus que os causa, eu acho. Se um homem sofre um acidente ou se encontra num lugar ruim, ou se assusta, ele se lembra de Deus e pede auxílio. Já viram, meus amigos, aquela terra? Deus nos criou nela, meus amigos, e Ele o criou também, mas eu tenho estado muito fraco. Você me conduziu do Oriente a este lugar, e há dois mil anos ou mais que eu estou aqui.

Eu não sei como comecei a sofrer desgraças. Meus amigos diziam que me levariam embora. Eu me opus. Meus amigos, se me tirassem desta terra, seria muito difícil para mim. Eu prefiro morrer nela. Prefiro ser um ancião aqui. Como me opus, amarraram-me, prenderam-me e me levaram ao forte. Quando voltei, os soldados vieram com suas armas e baionetas, apontaram-nas para nós, enquanto nosso povo e nossos filhos choravam. Isso foi uma coisa muito diferente, feita comigo, e eu esperava que o Grande Pai não tivesse feito isso comigo – obrigar-me a deixar esta terra. Pegaram-me e me levaram sem parar, viajando durante todo o dia até a noite, e me levaram a Baxter Springs.

Cheguei naquele lugar, e enquanto estava lá, 150 do meu povo haviam morrido. A terra está muito ruim, e por isso voltei. Uns dos funcionários do Presidente – um comissário – veio me ver e eu lhe disse: "Vou voltar à minha terra que eu jamais dei a você – e jamais vendi. Vocês não me pagaram nada. Eu vou voltar à minha terra. Os advogados, ministros e os que estão com eles – aqueles que controlam a terra, até mesmo Deus, se Ele o quer, todos me ajudarão". Voltei, e havia alguns rumores sobre este assunto. Tiveram pena de mim, assim como você também se compadeceu, e havia um processo aberto sobre isso nos tribunais, e o caso foi resolvido, e eu voltei exitoso. Algumas pessoas do meu povo foram visitar o Grande Pai em Washington. Estão lá agora? –

Meus amigos, eu não tenho muito cérebro, mas os brancos têm muito cérebro. Os índios não sabem muito, mas o Grande Pai fez com que vocês

intervissem em nossos assuntos. Refiro-me a esta terra, sem saber nada dela. Os índios são ignorantes sobre isso. Quando saíram do Território indígena para vender suas terras não sabiam disso, pensando que o Grande Pai lhes havia aconselhado corretamente. Qual dos Grandes Pais era? Deveria ter me arrebatado – deixado em paz. Por acaso, foi o Secretário do Interior? O que vou lhes dizer aqui tardará até a noite. Desde que eu parti do Território até agora eu não queria dar nenhuma parte dela ao Grande Pai. E mesmo que me desse um milhão de dólares, eu não lhe daria a terra. E mesmo que o Grande Pai me quisesse comprar uma parte da terra, os índios rio acima se inteirariam e não estariam de acordo. Meus amigos, eu estive em suas terras – Omaha, Chicago, Nova Iorque, Boston, Filadélfia, Washington, todas estas cidades, e também estive nas Dakotas, e me deram minha terra de volta–.

Eu gostaria de tirar meu próprio povo do Território Indígena. Eu quero que vivam. Eu não havia escutado o que fizeram com eles. Se o Secretário está doente ou aturdido, espero que vocês atuem como médicos e o curem – refiro-me ao homem que fala alemão. Se um homem engana a outro, ou se tenta burlá-lo, ou matá-lo, e o outro se inteira do perigo, já não vai querer tratar com ele – deixa-o de lado. Refiro-me a terra. Quando foram ao Grande Pai para vender a terra, em qual terra estavam pensando? Vivem no Território Indígena. Eles querem vender a terra ou este lugar onde vivo, e que é minha? Esqueci uma coisa. A terra que vocês habitam, meus amigos, é sua. Quem viria de outro lado para tirá-la de vocês? A terra é sua, assim como são suas coisas, e você não gostaria que alguém viesse e as tirasse de você. Se os homens querem negociar, dizem: "Quanto você quer por esse pedaço da propriedade"? Qual é o preço dela? Mas nada disso foi dito, só chegaram e me levaram sem dizer uma palavra.

memória

(n.t.)|El Djem

TRADUÇÕES DE ESPUMAS FLUTUANTES

BYRON, HUGO e LOZANO

O TEXTO: Considerada uma das obras mais representativas da poesia condoreira, *Espumas Fluctuantes* (1870), de Castro Alves, reúne 53 poemas, entre os quais figuram 4 traduções que acabaram sendo incorporadas ao repertório autoral do próprio poeta, em vista de seu contínuo desejo de imitar, ou mesmo superar, os bardos do velho continente. Assim, a obra, que sintetiza todas as características da lírica do "poeta dos escravos", evidencia também seu contato, embora breve, com a tradução, mostrando que a influência estrangeira em sua obra não foi somente literária, mas linguística. O volume, ao mesmo tempo que inclui poemas célebres como "O livro e a América", "Ahasverus e o gênio" e "Mocidade e morte", traz igualmente traduções inéditas de Byron, "Trevas" e "A uma taça feita de um crânio humano", de Victor Hugo, "Perseverando", e de Abigaíl Lozano, "Oitavas a Napoleão". A seguinte seleção reúne todas as traduções de *Espumas Fluctuantes*, conforme o português da edição de 1870, bem como os originais de Byron, Hugo e Lozano.

Edição de referência: Alves, Castro. *Espumas Fluctuantes*. Bahia: Typ. Canillo de Lellis Masson, 1870.

Textos consultados: Para Lord Byron: "Cup Formed from a Skull" e "Darkness" In. *The Works of Lord Byron - Poetry*. Vol. I and IV. London: J. Murray; New York: C. Scribner's, 1903-1905, p. 276 (I), pp. 42-45 (IV); para Victor Hugo: "A mon ami S. B." In. *Oeuvres complètes de Victor Hugo*. Tome 1. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1837, p. 217; para Lozano: Caicedo, J. M. T. "Don Abigaíl Lozano". In. *Ensayos biográficos y de crítica literaria sobre los principales poetas y literatos hispano-americanos*. Paris: Guillaumin y Cia, 1863, pp. 248-249.

OS AUTORES: Lord Byron (1788-1824), poeta inglês, um dos mais influentes do Romantismo, célebre por suas obras-primas, entre as quais *Don Juan*; Victor Hugo (1802-1885), escritor romântico francês de grande atuação política, autor de *Les Misérables* e *Notre-Dame de Paris*; Abigaíl Lozano (1821-1866), poeta e escritor venezuelano, de tom sentimental e patriótico, autor de *Tristezas del alma* (1845) e *Cantos a la patria* (1858).

O TRADUTOR: Castro Alves (1847-1871), poeta e dramaturgo da 3ª geração romântica no Brasil, nasceu na antiga Muritiva (atual Castro Alves), na Bahia. Em seus versos, de tom abolicionista, denunciou a escravidão e clamou pela liberdade, dando ao romantismo um sentido social e revolucionário, que lhe valeu a alcunha de o "poeta dos escravos". Traduziu, além de Byron, Hugo e Lozano, versos de Alfred de Musset.

ESPUMAS FLUCTUANTES.

POESIAS

DE

CASTRO ALVES,

ESTUDANTE DO QUARTO ANNO DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO.

BAHIA

1870

TRANSLATIONS
OF ESPUMAS FLUTUANTES

"I had a dream, which was not all a dream."

BYRON, HUGO & LOZANO

DARKNESS

Lord Byron

I had a dream, which was not all a dream.
The bright sun was extinguished, and the stars
Did wander darkling in the eternal space,
Rayless, and pathless, and the icy Earth
Swung blind and blackening in the moonless air;
Morn came and went – and came, and brought no day,
And men forgot their passions in the dread
Of this their desolation; and all hearts
Were chilled into a selfish prayer for light:
And they did live by watchfires – and the thrones,
The palaces of crownéd kings – the huts,
The habitations of all things which dwell,
Were burnt for beacons; cities were consumed,
And men were gathered round their blazing homes
To look once more into each other's face;
Happy were those who dwelt within the eye
Of the volcanos, and their mountain-torch:
A fearful hope was all the World contained;

Forests were set on fire — but hour by hour
They fell and faded — and the crackling trunks
Extinguished with a crash — and all was black.
The brows of men by the despairing light
Wore an unearthly aspect, as by fits
The flashes fell upon them; some lay down
And hid their eyes and wept; and some did rest
Their chins upon their clenchéd hands, and smiled;
And others hurried to and fro, and fed
Their funeral piles with fuel, and looked up
With mad disquietude on the dull sky,
The pall of a past World; and then again
With curses cast them down upon the dust,
And gnashed their teeth and howled: the wild birds shrieked,
And, terrified, did flutter on the ground,
And flap their useless wings; the wildest brutes
Came tame and tremulous; and vipers crawled
And twined themselves among the multitude,
Hissing, but stingless — they were slain for food:
And War, which for a moment was no more,
Did glut himself again: — a meal was bought
With blood, and each sate sullenly apart
Gorging himself in gloom: no Love was left;
All earth was but one thought — and that was Death,
Immediate and inglorious; and the pang
Of famine fed upon all entrails — men
Died, and their bones were tombless as their flesh;
The meagre by the meagre were devoured,
Even dogs assailed their masters, all save one,
And he was faithful to a corse, and kept
The birds and beasts and famished men at bay,
Till hunger clung them, or the dropping dead
Lured their lank jaws; himself sought out no food,
But with a piteous and perpetual moan,
And a quick desolate cry, licking the hand
Which answered not with a caress — he died.
The crowd was famished by degrees; but two
Of an enormous city did survive,

And they were enemies: they met beside
The dying embers of an altar-place
Where had been heaped a mass of holy things
For an unholy usage; they raked up,
And shivering scraped with their cold skeleton hands
The feeble ashes, and their feeble breath
Blew for a little life, and made a flame
Which was a mockery; then they lifted up
Their eyes as it grew lighter, and beheld
Each other's aspects – saw, and shrieked, and died –
Even of their mutual hideousness they died,
Unknowing who he was upon whose brow
Famine had written Fiend. The World was void,
The populous and the powerful was a lump,
Seasonless, herbless, treeless, manless, lifeless –
A lump of death – a chaos of hard clay.
The rivers, lakes, and ocean all stood still,
And nothing stirred within their silent depths;
Ships sailorless lay rotting on the sea,
And their masts fell down piecemeal: as they dropped
They slept on the abyss without a surge –
The waves were dead; the tides were in their grave,
The Moon, their mistress, had expired before;
The winds were withered in the stagnant air,
And the clouds perished; Darkness had no need
Of aid from them – She was the Universe.

Diodati, July, 1816.
[First published, *Prisoner of Chillon*, 1816.]

LINES INSCRIBED UPON A CUP FORMED FROM A SKULL

Lord Byron

1.

Start not — nor deem my spirit fled:
In me behold the only skull,
From which, unlike a living head,
Whatever flows is never dull.

2.

I lived, I loved, I quaff'd, like thee:
I died: let earth my bones resign;
Fill up — thou canst not injure me;
The worm hath fouler lips than thine.

3.

Better to hold the sparkling grape,
Than nurse the earth-worm's slimy brood;
And circle in the goblet's shape
The drink of Gods, than reptile's food.

4.

Where once my wit, perchance, hath shone,
In aid of others' let me shine;
And when, alas! our brains are gone,
What nobler substitute than wine?

5.

Quaif while thou canst: another race,
When thou and thine, like me, are sped,
May rescue thee from earth's embrace,
And rhyme and revel with the dead.

6.

Why not? since through life's little day
Our heads such sad effects produce;
Redeem'd from worms and wasting clay,
This chance is theirs, to be of use.

Newstead Abbey, 1808.
[First published, *Childe Harold* n. 7, 1814]

A MON AMI S. B.

Victor Hugo

Perseverando
Devise des Ducie.

L'Aigle, c'est le génie ! oiseau de la tempête,
Qui des monts les plus hauts cherche les plus haut faîte;
Dont le cri fier, du jour chante l'ardent réveil;
Qui ne souille jamais sa serre dans la fange,
Et dont l'œil flamboyant incessamment échange
Des éclairs avec le soleil.

Son nid n'est pas un nid de mousse; c'est une aire,
Quelque rocher, creusé par un coup de tonnerre,
Quelque brèche d'un pic, épouvantable aux yeux,
Quelque croulant asile, aux flancs des monts sublimes
Qu'on voit, battu des vents, pendre entre deux abîmes,
Le noir précipice et les cieux !

Ce n'est pas l'humble ver, les abeilles dorées,
La verte demoiselle, aux ailes bigarrées,
Qu'attendent ses petits, béants, de faim pressés;
Non ! c'est l'oiseau douteux, qui dans la nuit végète,
C'est l'immonde lézard, c'est le serpent qu'il jette,
Hideux, aux aiglons hérissés.

Nid royal ! palais sombre, et que d'un flot de neige
La roulante avalanche en bondissant assiège!
Le génie y nourrit ses fils avec amour,
Et, tournant au soleil leurs yeux remplis de flammes,
Sous son aile de feu couve de jeunes âmes,
Qui prendront des ailes un jour !

Pourquoi donc s'étonner, Ami, si sur ta tête,
Lourd de foudres, déjà le nuage s'arrête?
Si quelque impur reptile en ton nid se débat?

Ce sont tes premiers jeux, c'est ta première fête;
Pour vous autres aiglons chaque heure a sa tempête,
    Chaque festîn est un combat.

Rayonne, il en est temps ! et s'il vient un orage,
En prisme éblouissant change le noir nuage.
Que ta haute pensée accomplisse sa loi.
Viens, joins ta main de frère à ma main fraternelle.
Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;
    Étoile, étoile, lève-toi.

La brume de ton aube, Ami, va se dissoudre.
Fais-toi connaître, aiglon, du soleil, de la foudre.
Viens arracher un nom par tes chants inspirés;
Viens; cette gloire, en butte à tant de traits vulgaires,
Ressemble aux fiers drapeaux qu'on rapporte des guerres,
    Plus beaux quand ils sont déchirés !

Vois l'astre chevelu qui, royal météore,
Roule, en se grossissant des ondes qu'il dévore;
Tel, ô jeune géant, qui t'accrois tous les jours,
Tel ton génie ardent, loin des routes tracées,
Entraînant dans son cours des mondes de pensées,
    Toujours marche et grandit toujours !

Décembre, 1827.

OCTAVAS Á NAPOLEON

Abigail Lozano

Águila del desierto, cuyo nido
Fueran las borroscosas tempestades,
Flamígero cometa suspendido
Sobre el cielo sin fin de las edades;
Tú que en el lago inmenso del olvido
Has lanzado tus régias claridades,
Dios caído del trono de los dioses...
¿Quién recibió tus últimos adioses?...

No fueron las pirámides que oyeron
De tus pasos el ruido, y se inclinaron,
Ni las aguas del Nilo que te vieron
Y en sus ondas tu nombre murmuraron;
No fueron las ciudades que encendieron
Sus torres y en la noche te alumbraron...
¿Quién fué?... ¡Silencio!... Trémula mi boca,
Nombra apénas el mar,... nombra una roca...

La tierra, el mar, los cielos, orbe estrecho
Eran para tu planta de gigante:
De tu imperial palacio el regio techo
Fué el firmamento colosal, flotante;
Tu diadema los soles,... y tu lecho
El antártico polo de diamante...
¿Tu féretro? ¿Es verdad? ¡Titan del Sena!
El peñasco fatal de Santa Helena...

Mortaja del coloso de la guerra
Tú sola fuiste, Albion, del mar señora,
¿Por qué? — ¡Porque un pedazo de tu tierra
Fué á pedirte el coloso en mala hora!
¡Y le diste un peñasco!... En él se encierra
Tu mas horrenda página, ¡traidora!

En él su espectro arrastra sus crespones
Y te cubre de horrendas maldiciones.

Tuviste miedo al leon y le enjaulaste;
Y de léjos oyendo su rugido,
Tú, de la mar señora... ¡tú... temblaste!
Por el puñal de la traicion herido
Cayó á tus piés... Entonces respiraste,
Cobarde vencedora del vencido...
El Océano mismo no podría
Borrar ese padron de cobardía...

Tú no eres tan culpable... ¿En dónde estaba
La poderosa Francia, la temida?
¿Por qué no le salvó?... ¡Le contemplaba
Desde sus blancos Alpes sonreída!
¡Y él que la hizo tan grande!... Ella danzaba
Sobre sus mil banderas... Y su vida,
Como un volcan antiguo, moribundo,
Lenta espiraba en ese mar profundo.

TRADUÇÕES
DE ESPUMAS FLUTUANTES

"Tive um sonho que em tudo não foi sonho!"

BYRON, HUGO E LOZANO

AS TREVAS

(Traduzido do Lord Byron)

A' meu amigo, o Dr. Franco Meireles,
inspirado traductor das Melodias Hebraicas.

Tive um sonho que em tudo não foi sonho!...

O sol brilhante se apagara: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava cega
E tetrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia, vinha... e regressava...
Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror d'essas ruinas
Suas paixões: E as almas conglobadas
Gelavam-se n'um grito de egoismo
Que demandava "luz". Junto ás fogueiras
Abrigavam-se... e os thronos e os palacios,
Os palacios dos reis, o albergue e a choça
Ardiam por fanaes. Tinham nas chammas

As cidades morrido. Em torno ás brasas
Dos seus lares os homens se grupavam,
P'ra á vez extrema se fitarem junctos.
Feliz de quem vivia juncto ás lavas
Dos volcões sob a tocha alcantilada!

Horrida esp'rança acalentava o mundo!
As florestas ardiam!... de hora em hora
Cahindo se apagavam; crepitando,
Lascado o tronco desabava em cinzas.
E tudo... tudo as trevas envolviam.
As frontes ao clarão da luz doente
Tinham do inferno o aspecto... quando as vezes
As faiscas das chammas borrifavam-nas.
Uns, de bruços no chão, tapando os olhos
Choravam. Sobre as mãos crusadas — outros —
Firmando a barba, desvairados riam.
Outros correndo á toa procuravam
O ardente pasto p'ra funereas pyras.
Inquietos, no esgar do desvario,
Os olhos levantavam p'ra o céu torvo,
Vasto sudario do universo — espectro —,
E após em terra se atirando em raivas,
Rangendo os dentes, blasphemos, uivavam!

Lugubre grito os passaros selvagens
Soltavam, revoando espavoridos
N'um vôo tonto co'as inuteis azas!
As feras 'stavam mansas e medrosas!
As viboras rojando s'enroscavam
Pelos membros dos homens, sibilantes,
Mas sem veneno... a fome lhes matavam!
E a guerra, que um momento s'extinguira,
De novo se fartava. Só com sangue
Comprava-se o alimento, e após á parte
Cada um se sentava taciturno,
P'ra fartar-se nas trevas infinitas!
Já não havia amor!... O mundo inteiro

Era um só pensamento, e o pensamento
Era a morte sem gloria e sem detença!
O estertor da fome apascentava-se
Nas entranhas... Ossada ou carne putrida
Resupino, insepulto era o cadaver.

Mordiam-se entre si os moribundos:
Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,
Todos excepto um só... que defendia
O cadaver do seu, contra os ataques
Dos passaros, das feras e dos homens,
Até que a fome os extinguisse, ou fossem
Os dentes frouxos saciar algures!
Elle mesmo alimento não buscava...
Mas, gemendo n'um uivo longo e triste,
Morreu lambendo a mão, que inanimada
Já não podia lhe pagar o affecto.

Faminta a multidão morrera aos poucos.
Escaparam dous homens tão somente
De uma grande cidade. E se odiavam.
...Foi juncto dos tições quasi apagados
De um altar, sobre o qual se amontoaram
Sacros objectos p'ra um profano uso,
Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas
Reunindo n'as mãos frias de espectros,
De seus sopros exhaustos ao bafejo
Uma chamma irrisoria produziram!...
Ao clarão que tremia sobre as cinzas
Olharam-se e morreram dando um grito.
Mesmo da propria hediondez morreram,
Desconhecendo aquelle em cuja fronte
Traçara a fome o nome de Duende!

O mundo fez-se um vacuo. A terra esplendida,
Populosa tornou-se n'uma massa
Sem estações, sem arvores, sem herva.
Sem verdura, sem homens e sem vida,

Caos de morte, inanimada argila!
Calaram-se o Oceano, o rio, os lagos!
Nada turbava a solidão profunda!
Os navios no mar apodreciam
Sem marujos! os mastros desabando
Dormiam sobre o abysmo, sem que ao menos
Uma vaga na queda alevantassem,
Tinham morrido as vagas! e jaziam
As marés no seu tumulo... antes d'ellas
A lua que as guiava era já morta!
No estagnado céu murchara o vento;
Esvairam-se as nuvens. E nas trevas
Era só trevas o universo inteiro.

Bahia, 23 de Dezembro.

A' UMA TAÇA FEITA DE UM CRANEO HUMANO

Trad. de Byron

Não recues! De mim não foi-se o espirito...
Em mim verás — pobre caveira fria —
Unico craneo, que ao emvez dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
— Taça — levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espirito brilhava,
Vá nos outros o espirito acender.
Ai! Quando um craneo já não tem mais cerebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, emquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fóssos,
Póde do abraço te livrar da terra,
E ebria folgando profanar teus ossos.

E porque não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dôr ahi repousa?
É bom fugindo á podridão do lodo
Servir na morte emfim p'ra alguma cousa!...

Bahia 15 de Dezembro 1869.

PERSEVERANDO

(Traducção de V. Hugo)

A' Regueira Costa

A aguia é o gênio... Da tormenta o passaro,
Que do monte arremette o altivo pincaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jamais se pêa em lodo,
E cujo olhar de fogo troca raios
— Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro
—Rocha talhada ao martellar do raio,
—Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremeu...
No flanco da montanha — asylo tremulo,
Que sacode o tufão entre os abysmos
— O precipicio e o céu.

Nem pobre verme, nem dourada abelha
Nem asul borboleta... sua prole
Faminta, boquiaberta espera ter...
Não! São aves da noite, são serpentes,
São lagartos immundos, que ella arroja
Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palacio tenebroso,
Que a avalanche á saltar cerca tombando!...
O genio ahi enseiba a geração...
E ao céu lhe erguendo os olhos flammejantes
Sob as azas de fogo aquenta as almas
Que um dia voarão.

———

Porque espantas-te, amigo, se tua fronte
Já de raios pejada, choca a nuvem?...

Se o reptil em seu ninho se debate?...
É teu folgar primeiro... é tua festa!...
Aguias! P'ra vós cad'hora é uma tormenta,
Cada festa um combate!...

Radia!... É tempo!... E se a lufada erguer-se
Muda a noite feral em prisma fulgido!
De teu alto pensar completa a lei!...
Irmão! — Prende esta mão de irmão na minha!...
Toma a lyra — Poeta! Aguia! — esvoaça!
Sobe, sobe, astro rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se
Aguia! faz-te mirar do sol, do raio;
Arranca um nome no febril cantar.
Vem! A gloria, que é o alvo de vis settas,
É bandeira arrogante, que o combate
Embelleza ao rasgar.

O meteoro real — de coma fulgida —
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! Cresces todo o dia assim!...
Tal teu genio, arrastando em novos trilhos
No curso audaz constellações de idéas,
Marcha e recresce no marchar sem fim!...

Pernambuco, Santo Amaro - 1867

OITAVAS A NAPOLEÃO

(Traducção do Hespanhol de Lozano)

Aguia das solidões!... Ninho atrevido
Foram-te as borrascosas tempestades,
Flammigero cometa suspendido
Sobre o céu infinito das edades.
Tu que, no lago intermino do olvido,
Lançaste tuas regias claridades...
Deus caido do trhono dos mais deuses...
Quem recebeu teus ultimos adeuses?...

Não foram as Pyramides, que ouviram
De teus passos o som e se inclinaram...
Nem as aguas do Nilo, que te viram,
E co'as ondas teu nome murmuraram...
Não foram as cidades, que brandiram
As torres como facho... e te aclararam..
Quem foi? Silencio!... tremulo de medo
Vejo apenas — um mar... vejo — um rochedo...

A terra, o mar, os céus... espaço estreito
Eram p'ra tua planta de gigante.
Para tecto dos paços teus foi feito
O firmamento colossal, fluctuante
Como diadema — os sóes... E como leito
O antarctico pólo de diamante...
Teu feretro qual foi?... Titão do Sena,
O penhasco fatal de Sancta-Helena...

Assassina do Encelado da guerra
Só tu foste, Albion... do mar senhora..
Porque? Porque um pedaço ahi de terra
Foi pedir-te o gigante em negra hora...
E lhe deste um penhasco... Oh! Lá s'encerra
Tua lenda mais horrida... Traidora!

Lá seu spectro envolto na mortalha
Aos quatro céus a maldição espalha...

Ao leão, que temias, enjaulaste;
E de longe escutando seu rugido,
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!
Pelo punhal traidor elle ferido
Caiu-te aos pés... Então tu respiraste,
Cobarde vencedora do vencido...
Nem mesmo todo o oceano poderia
Lavar este padrão de covardia...

Tu não és tão culpada!... Aonde estava
A França tão potente e tão temida?...
Oh! porque o não salvou?... se o contemplava
Lá dos gelos dos Alpes – soerguida!?...
E elle que a fez tão grande?... Ella folgava!...
Enquanto ao longe do colosso a vida
Como um vulcão antigo e moribundo
Lento expirava nesse mar profundo.

S. Paulo

LA GIORNATA DI UN NEVRASTENICO

DINO CAMPANA A BOLOGNA

La vecchia città dotta e sacerdotale era avvolta di nebbie nel pomeriggio di dicembre. I colli trasparivano più lontani sulla pianura percossa di strepiti. Sulla linea ferroviaria si scorgeva vicino, in uno scorcio falso di luce plumbea lo scalo delle merci. Lungo la linea di circonvallazione passavano pomposamente sfumate figure femminili, avvolte in pellicce, i cappelli copiosamente romantici, avvicinandosi a piccole scosse automatiche, rialzando la gorgiera carnosa come volatili di bassa corte. Dei colpi sordi, dei fischi dallo scalo accentuavano la monotonia diffusa nell'aria. Il vapore delle macchine si confondeva colla nebbia: i fili si appendevano e si riappendevano ai grappoli di campanelle dei pali telegrafici che si susseguivano automaticamente.

* * *

Dalla breccia dei bastioni rossi corrosi nella nebbia si aprono silenziosamente le lunghe vie. Il malvagio vapore della nebbia intristisce tra i palazzi velando la cima delle torri, le lunghe vie silenziose deserte come dopo il saccheggio. Delle ragazze tutte piccole, tutte scure, artifiziosamente avvolte nella sciarpa traversano saltellando le vie, rendendole più vuote ancora. E nell'incubo della nebbia, in quel cimitero, esse mi sembrano a un tratto tanti piccoli animali, tutte uguali, saltellanti, tutte nere, che vadano a covare in un lungo letargo un loro malefico sogno.

* * *

Numerose le studentesse sotto i portici. Si vede subito che siamo in un centro di cultura. Guardano a volte coll'ingenuità di Ofelia, tre a tre, parlando a fior di labbra. Formano sotto i portici il corteo pallido e interessante delle grazie moderne, le mie colleghe, che vanno a lezione! Non hanno l'arduo sorriso d'Annunziano palpitante nella gola come le letterate, ma più raro un sorriso e più severo, intento e masticato, di prognosi riservata, le scienziate.

* * *

→

(**C**affè) È passata la Russa. La piaga delle sue labbra ardeva nel suo viso pallido. È venuta ed è passata portando il fiore e la piaga delle sue labbra. Con un passo elegante, troppo semplice troppo conscio è passata. La neve seguita a cadere e si scioglie indifferente nel fango della via. La sartina e l'avvocato ridono e chiacchierano. I cocchieri imbacuccati tirano fuori la testa dal bavero come bestie stupite. Tutto mi è indifferente. Oggi risalta tutto il grigio monotono e sporco della città. Tutto fonde come la neve in questo pantano: e in fondo sento che è dolce questo dileguarsi di tutto quello che ci ha fatto soffrire. Tanto più dolce che presto la neve si stenderà ineluttabilmente in un lenzuolo bianco e allora potremo riposare in sogni bianchi ancora.

C'è uno specchio avanti a me e l'orologio batte: la luce mi giunge dai portici a traverso le cortine della vetrata. Prendo la penna: Scrivo: cosa, non so: ho il sangue alle dita: scrivo: «l'amante nella penombra si aggraffia al viso dell'amante per scarnificare il suo sogno... ecc.»

(**A**ncora per la via) Tristezza acuta. Mi ferma il mio antico compagno di scuola, già allora bravissimo ed ora di già in belle lettere guercio professor purulento: mi tenta, mi confessa con un sorriso sempre più lercio. Conclude: potresti provare a mandare qualcosa all'*Amore Illustrato* (Via). Ecco inevitabile sotto i portici lo sciame aereoplanante delle signorine intellettuali, che ride e fa glu glu mostrando i denti, in caccia, sembra, di tutti i nemici della scienza e della cultura, che va a frangere ai piedi della cattedra. Già è l'ora! vado a infangarmi in mezzo alla via; l'ora che l'illustre somiero rampa con il suo carico di nera scienza catalogale. . . . . .

. . . .

. . . .

Sull'uscio di casa mi volgo e vedo il classico, baffuto, colossale emissario. . . . .
. . . .

Ah! i diritti della vecchiezza! Ah! quanti maramaldi!

* * *

(**N**otte) Davanti al fuoco lo specchio. Nella fantasmagoria profonda dello specchio i corpi ignudi avvicendano muti: e i corpi lassi e vinti nelle fiamme inestinte e mute, e come fuori del tempo i corpi bianchi stupiti inerti nella fornace opaca: bianca, dal mio spirito esausto silenziosa si sciolse, Eva si sciolse e mi risvegliò.

Passeggio sotto l'incubo dei portici. Una goccia di luce sanguigna, poi l'ombra, poi una goccia di luce sanguigna, la dolcezza dei seppelliti. Scompaio in un vicolo ma dall'ombra sotto un lampione s'imbianca un'ombra che ha le labbra tinte. O Satana, tu che le troie notturne metti in fondo ai quadrivii, o tu che dall'ombra mostri l'infame cadavere di Ofelia, o Satana abbi pietà della mia lunga miseria!

"La giornata di un nevrastenico". In. *Canti Orfici*.
Torino: Einaudi: 2003, pp. 83-86.

A JORNADA DE UM NEURASTÊNICO

DINO CAMPANA EM BOLONHA

A velha cidade douta e sacerdotal estava envolta em névoas na tarde de dezembro. Os coles transpareciam distantes demais na planície percorrida de estrépitos. Sobre a linha férrea avistava-se próximo, em um escorço falso de luz plúmbea, o cais de mercadorias. Ao longo da linha de circunvalação passavam pomposamente esfumadas figuras femininas, envoltas em peliças, os chapéus copiosamente românticos, aproximando-se em pequenos saltos automáticos, levantando o pescoço carnoso como voláteis de baixa corte. Golpes surdos, silvos do cais acentuavam a monotonia difusa no ar. O vapor das máquinas se confundia com a névoa: os fios se apendiam e se reapendiam aos cachos de campainhas dos postes telegráficos que se sucediam automaticamente.

* * *

Pela brecha dos bastiões vermelhos corroídos na névoa abrem-se silenciosamente as longas ruas. O malvado vapor da névoa estiola-se entre os palácios velando o cume das torres, as longas ruas silenciosas desertas como após a pilhagem. As moças, todas pequenas, todas confusas, artificiosamente envoltas em echarpe, saltitando atravessam as ruas, tornando-as ainda mais vazias. E no íncubo da névoa, naquele cemitério, elas me parecem de repente pequenos animais, todas iguais, saltitantes, todas negras, que vão incubar em uma longa letargia um maléfico sonho.

* * *

Numerosas as estudantes sob os pórticos. Vê-se logo que estamos em um centro de cultura. Olham às vezes com a ingenuidade de Ofélia, três a três, falando à flor dos lábios. Formam sob os pórticos o cortejo pálido e interessante da graça moderna, as minhas colegas, que vão à aula. Não têm o árduo sorriso d'annunziano palpitante na garganta como as literatas, mas um sorriso mais raro e mais severo, atento e ponderado, de prognóstico reservado, as cientistas.

* * *

→

(Café) Foi-se a Russa. A chaga dos seus lábios ardia no seu rosto pálido. Veio e foi-se levando a flor e a chaga dos seus lábios. Com um passo elegante, simples demais e cônscio demais, foi-se. A neve continua a cair e se dissolve indiferente na lama da rua. A modista e o advogado riem e cacarejam. Os cocheiros encapotados tiram o capuz da cabeça como animais estúpidos. Tudo me é indiferente. Hoje sobressai todo o gris monótono e sujo da cidade. Tudo se funde como a neve neste pântano: e no fundo sinto que é doce este dissipar-se de tudo aquilo que nos fez sofrer. Tanto mais doce que logo a neve estender-se-á inevitavelmente em um lençol branco e então poderemos descansar em sonhos brancos ainda.

Há um espelho diante de mim e o relógio bate: a luz dos pórticos chega-me através das cortinas da vidraça. Pego a pena: Escrevo: qualquer coisa, não sei: tenho sangue nos dedos: escrevo: "A amante na penumbra arranha o rosto do amante para escarnar o seu sonho. . . . . .etc."

(Ainda pela rua) Tristeza aguda. Para-me um antigo companheiro de escola, desde já insigne e agora estrábico professor purulento em belas-letras: tenta-me, confessa-me com um sorriso sempre mais asqueroso. Conclui: poderias tentar mandar alguma coisa ao *Amore Illustrato* (Rua). Eis inevitável sob os pórticos o enxame aeroplanante das senhoritas intelectuais, que ri e faz gluglu mostrando os dentes, à caça, parece, de todos os inimigos da ciência e da cultura, para cair aos pés da cátedra. Já é hora! vou enlamear-me no meio da rua: a hora em que o ilustre asno sobe com a sua carga de negra ciência catalogal. . . . . .

. . . .

. . . .

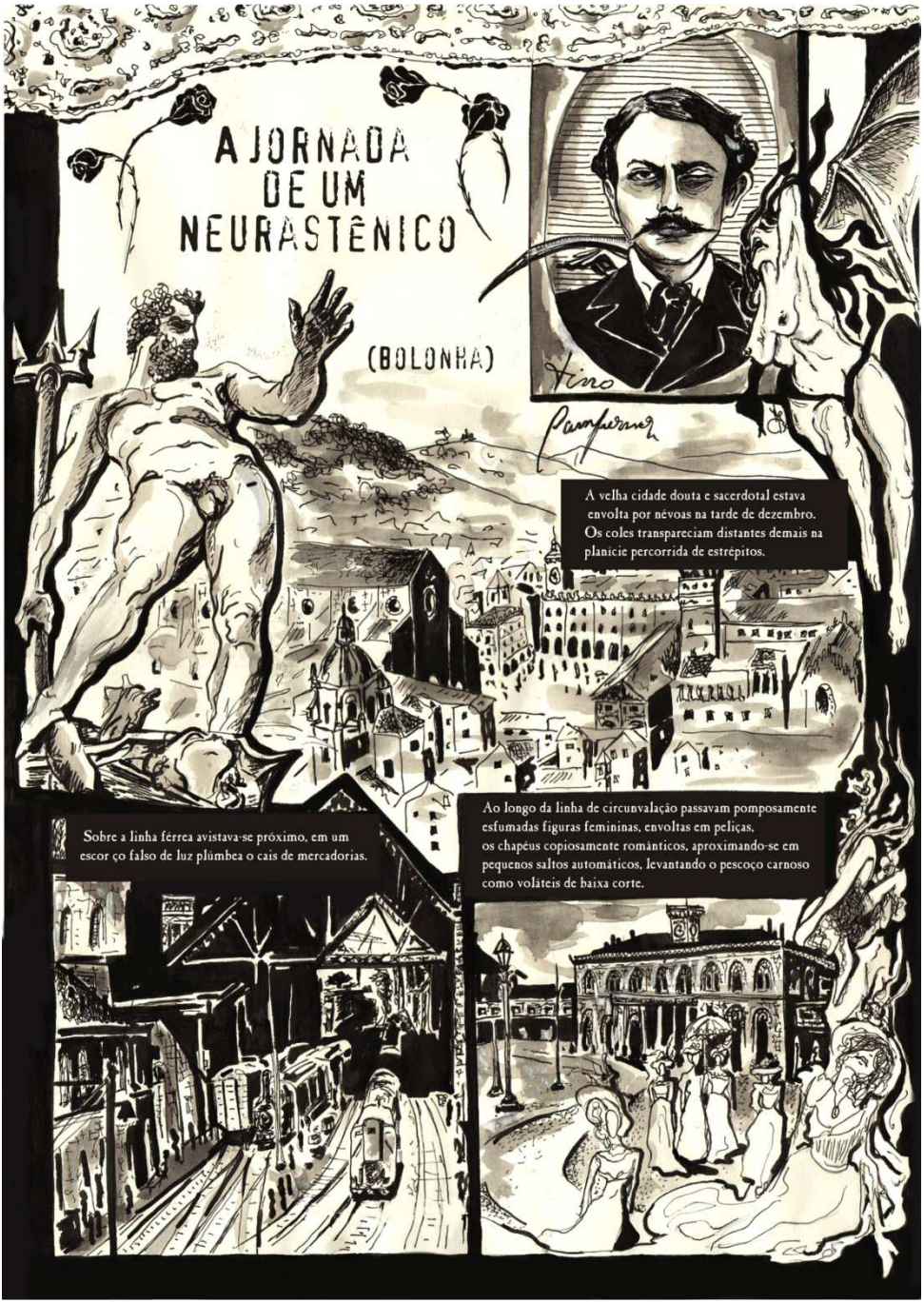
Na porta de casa viro-me e vejo o clássico, bigodudo, colossal emissário. . . . .

Ah! os direitos da velhice! Ah! quantos insidiosos!

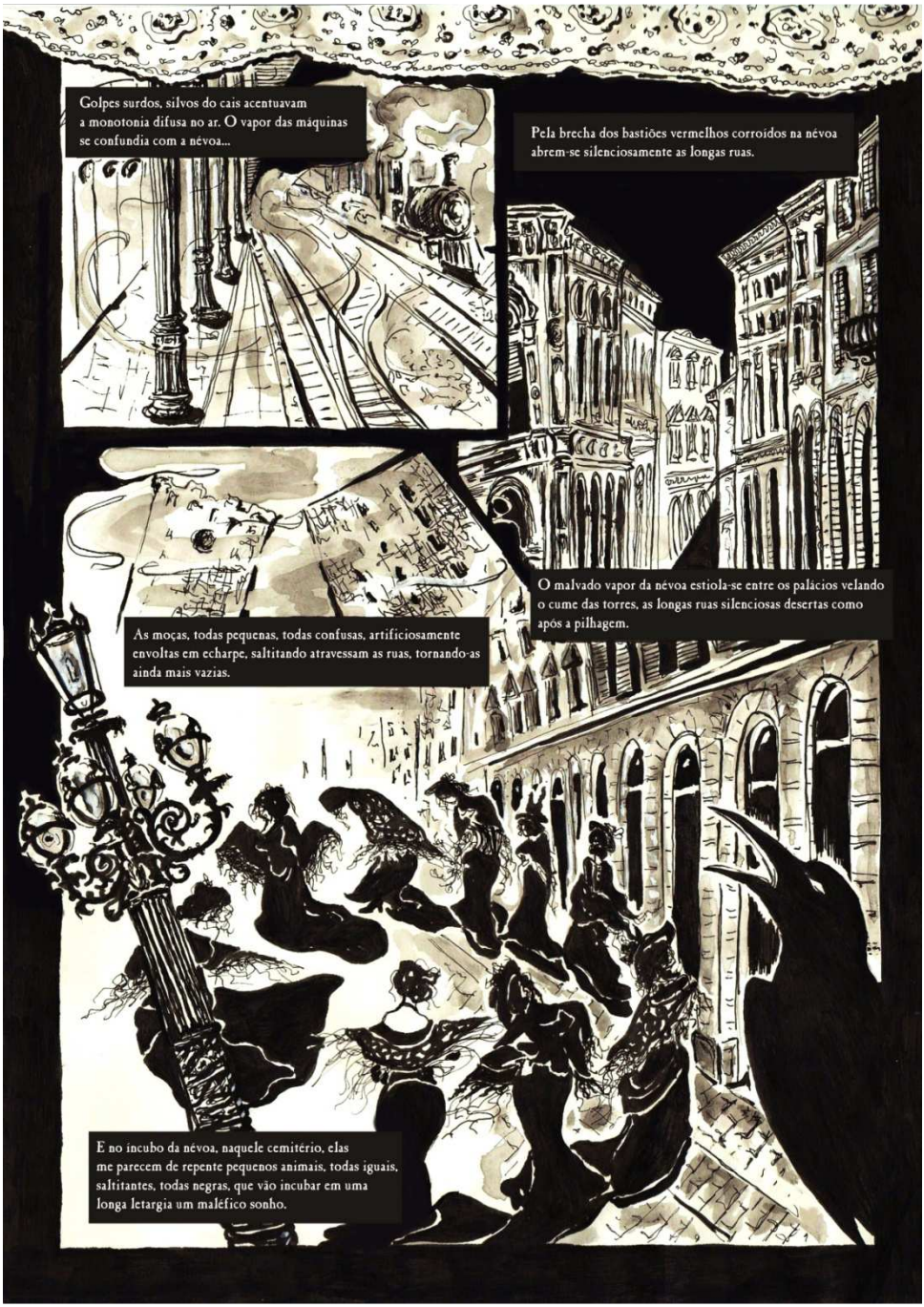
* * *

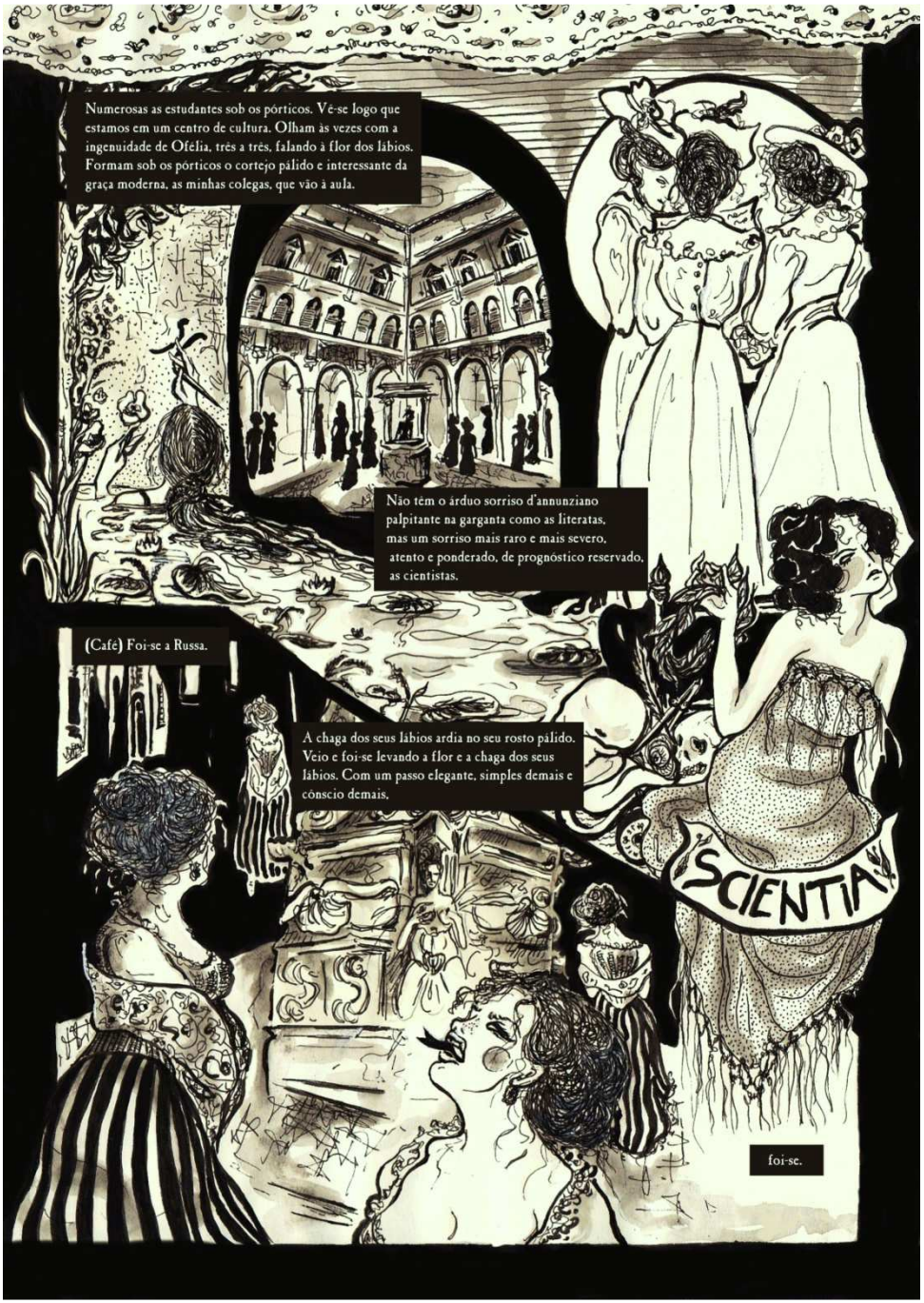
(Noite) Diante do fogo o espelho. Na fantasmagórica profundeza do espelho os corpos nus alternam-se mudos: e os corpos lassos e vencidos nas chamas inextintas e mudas, e como se fora do tempo os corpos brancos estupefatos inertes na fornalha opaca: branca, do meu espírito exausto silenciosa se desprendeu, Eva se desprendeu e me despertou.

Passeio sob o íncubo dos pórticos. Uma gota de luz sanguínea, depois a sombra, depois uma gota de luz sanguínea, a doçura dos sepultados. Desapareço em uma viela mas da sombra sob um lampião se embranca uma sombra que tem os lábios tintos. Ó Satã, tu que as prostitutas noturnas pões no fundo dos quadrívios, ó tu que da sombra expões o infame cadáver de Ofélia, ó Satã tem piedade da minha longa miséria!


A JORNADA DE UM NEURASTÊNICO
(BOLONHA)
A velha cidade douta e sacerdotal estava envolta por névoas na tarde de dezembro. Os coles transpareciam distantes demais na planície percorrida de estrépitos.
Sobre a linha férrea avistava-se próximo, em um escor ço falso de luz plúmbea o cais de mercadorias.
Ao longo da linha de circunvalação passavam pomposamente esfumadas figuras femininas, envoltas em peliças, os chapéus copiosamente românticos, aproximando-se em pequenos saltos automáticos, levantando o pescoço carnoso como voláteis de baixa corte.

[aline daka]


Golpes surdos, silvos do cais acentuavam a monotonia difusa no ar. O vapor das máquinas se confundia com a névoa...
Pela brecha dos bastiões vermelhos corroídos na névoa abrem-se silenciosamente as longas ruas.
O malvado vapor da névoa estiola-se entre os palácios velando o cume das torres, as longas ruas silenciosas desertas como após a pilhagem.
As moças, todas pequenas, todas confusas, artificiosamente envoltas em echarpe, saltitando atravessam as ruas, tornando-as ainda mais vazias.
E no incubo da névoa, naquele cemitério, elas me parecem de repente pequenos animais, todas iguais, saltitantes, todas negras, que vão incubar em uma longa letargia um maléfico sonho.


Numerosas as estudantes sob os pórticos. Vê-se logo que estamos em um centro de cultura. Olham às vezes com a ingenuidade de Ofélia, três a três, falando à flor dos lábios. Formam sob os pórticos o cortejo pálido e interessante da graça moderna, as minhas colegas, que vão à aula.
Não têm o árduo sorriso d'annunziano palpitante na garganta como as literatas, mas um sorriso mais raro e mais severo, atento e ponderado, de prognóstico reservado, as cientistas.
(Café) Foi-se a Russa.
A chaga dos seus lábios ardia no seu rosto pálido. Veio e foi-se levando a flor e a chaga dos seus lábios. Com um passo elegante, simples demais e cônscio demais,
SCIENTIA
foi-se.

[aline daka]

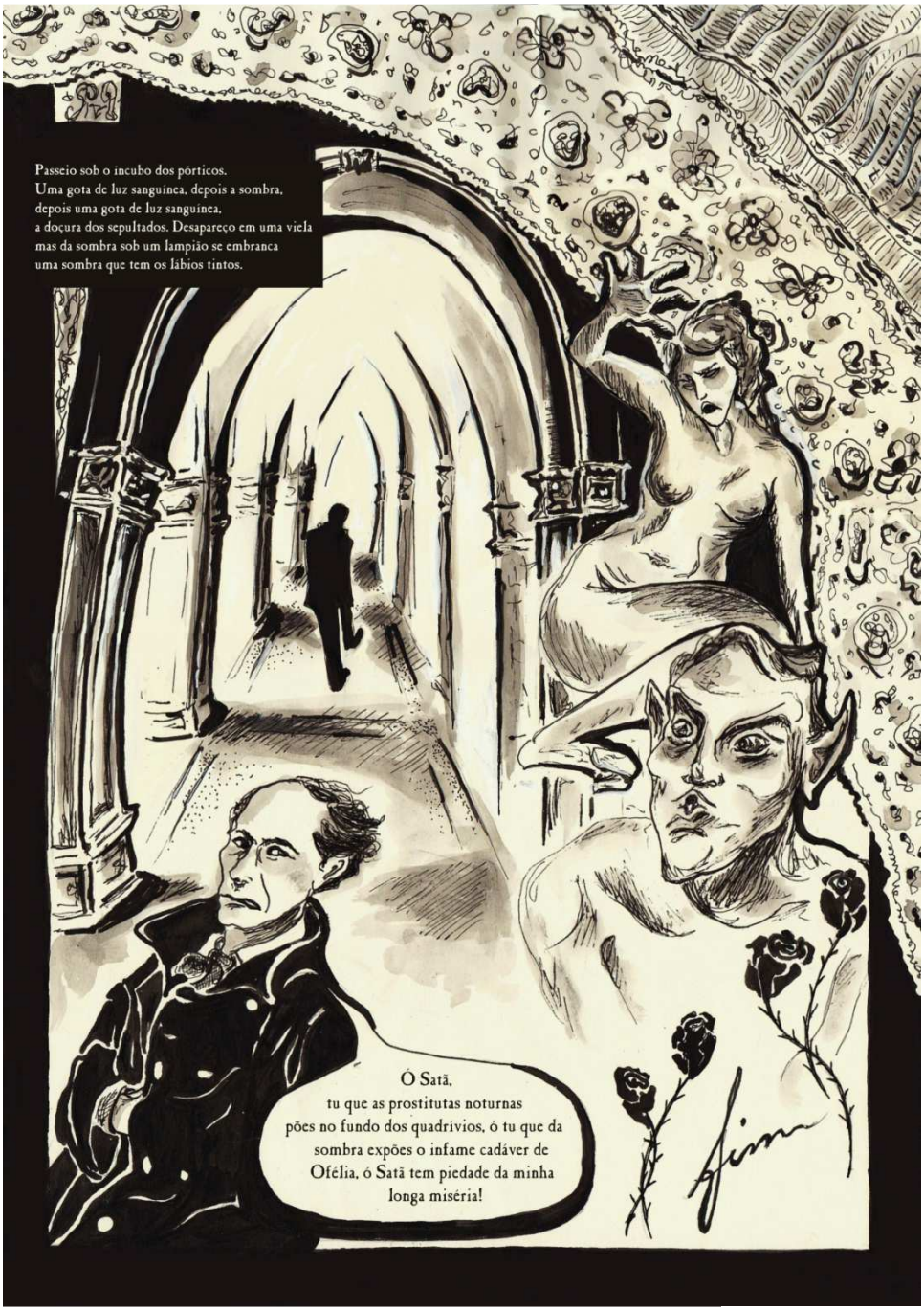
A neve continua a cair e se dissolve indiferente na lama da rua.
A modista e o advogado riem e cacarejam.
Os cocheiros encapotados tiram o capuz da cabeça como animais estúpidos. Tudo me é indiferente.
Hoje sobressai todo o gris monótono e sujo da cidade.
Tudo se funde como a neve neste pântano: e no fundo sinto que é doce este dissipar-se de tudo aquilo que nos fez sofrer. Tanto mais doce que logo a neve estender-se-á inevitavelmente em um lençol branco e então poderemos descansar em sonhos brancos ainda.

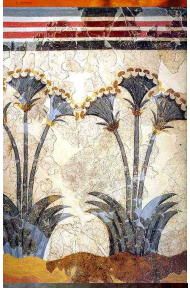
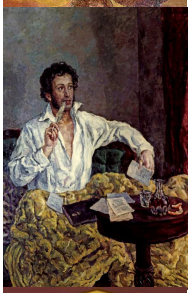
Há um espelho diante de mim e o relógio bate: a luz dos pórticos chega-me através das cortinas da vidraça.
Pego a pena: Escrevo: qualquer coisa, não sei: tenho sangue nos dedos: escrevo: "A amante na penumbra arranha o rosto do amante para escarnar o seu sonho. . . . . .etc."
(Ainda pela rua) Tristeza aguda. Para-me um antigo companheiro de escola, desde já insigne e agora estrábico professor purulento em belas-letras: tenta-me, confessa-me com um sorriso sempre mais asqueroso. Conclui:
poderias tentar mandar alguma coisa ao Amore Illustrato

[aline daka]

[dino campana]

(Noite)
Diante do fogo o espelho.
Na fantasmagórica profundeza do espelho os corpos nus alternam-se mudos: e os corpos lassos e vencidos nas chamas inextintas e mudas, e como se fora do tempo os corpos brancos estupefatos inertes na fornalha opaca:
branca, do meu espírito exausto silenciosa se desprendeu, Eva se desprendeu e me despertou.


Passeio sob o incubo dos pórticos.
Uma gota de luz sanguínea, depois a sombra,
depois uma gota de luz sanguínea,
a doçura dos sepultados. Desapareço em uma viela
mas da sombra sob um lampião se embranca
uma sombra que tem os lábios tintos.
Ó Satã,
tu que as prostitutas noturnas
pões no fundo dos quadrívios, ó tu que da
sombra expões o infame cadáver de
Ofélia, ó Satã tem piedade da minha
longa miséria!

INDEX

CAPA:

Ruínas Ágora Grega – Atenas
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Chamas, 2013
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Fotos de:
Gleiton Lentz
(pp. 8, 140, 180, 200, 215 e 317)
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Eduardo Rapimán (p. 9)
Chemamul, 2007
Acrílico sobre tela
EDUARDO-RAPIMAN-ART.BLOGSPOT.COM.BR

Akrotini (p. 49)
Detalhe de *Afresco dos Papiros*, c. 1500 a.C.
Afresco minoico
NATIONAL ARCHAEOLOGICAL MUSEUM, ATENAS

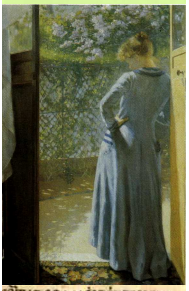
Pyotr Konchalovskyn (p. 78)
Pushkin no Mikhailovsky, c. 1932
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

Engelbert Mveng (p. 87)
Detalhe de *Réssurrection*, [s.d.]
Pintura a óleo
CHAPELLE DE HEKIMA COLLEGE, NAIRÓBI

Wojciech Kossak (p. 98)
Retrato da filha do artista, M. Pawlikowska-Jasnorzewska, 1934
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

Dimitrie Paciurea (p. 127)
Quimera, c. 1900
Tinta e caneta sobre papel
MUZEUL NAȚIONAL DE ARTĂ AL ROMÂNIEI, BUCARESTE

Tydeus (p. 141)
Tydeus e Ismene, c. 560-550 a.C.
Ânfora coríntia
MUSÉE DU LOUVRE, PARIS

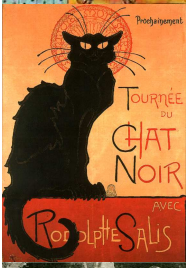


Dolfi Trost (p. 181)
Grafomania #7, 1945
Ilustração para *Vision dans le cristal*
LES EDITIONS DE L'OUBLI, BUCARESTE

Eva Bonnier (p. 190)
À porta do estúdio, 1885
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

Felipe Guamán Poma de Ayala (p. 201)
Quipucamayoc, c. 1615
Ilustração para *Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno*
ROYAL LIBRARY, COPENHAGUE

Théophile Alexandre Steinlen (p. 216)
Jornadas do Chat Noir, de Rodolphe Salis, 1896
Litografia
AFFICHES CHARLES VERNEAU, PARIS

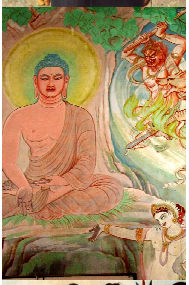


Le Gaulois du dimanche nº 213 (p. 243)
Detalhe de *Locus Solus*, 1913-14
Ilustração para "Quelques heures à Bougival", de Roussel
LE GAULOIS DU DIMANCHE, PARIS

René Magritte (p. 275)
O filho do homem, 1964
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

Kosetsu Nosu (p. 286)
Mulagandha Kuti Vihar, 1931
Afresco em templo budista
MULAGANDHA KUTI VIHAR, SARNATH

G. Mülzel (p. 297)
Detalhe de *Amerikanska Folk*, c. 1904
Ilustração para *Nordisk Familjebok*, v. 1
BIBLIOGRAPHISCHES INSTITUT, LEIPZIG



Pasquale de Chirico (p. 317)
Castro Alves, 1922
Estátua de bronze, Salvador
ARQUIVO (n.t.)

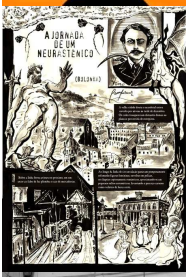
MEMÓRIA:

Espumas Fluctuantes (p. 318)
Capa de *Espumas Fluctuantes*, de Castro Alves
1ª edição, 1870
TYP. CANILLO DE LELLIS MASSON, BAHIA

QUADRINHOS:

Aline Daka (pp. 341-348)
A jornada de um neurastênico, 2013
Sobre poema homônimo de Dino Campana
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Adis Abeba (Escritório de tradução)
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)



A (n.t.) | 7º acabou-se de editar em 15 de novembro de 2013.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego: **Palatino Linotype, Garamond**
Russo e romeno: **Palatino** Tibetano: Hymalaya

(n.t.) | Adis Abeba/Etiópia

COSMOPOLIZE-SE